

NÃO OLHE PARA TRÁS

JENNIFER L. ARMENTROUT

FAROL
LITERÁRIO



Não Olhe Para Trás

Jennifer L. Armentrout

Sinopse

Samantha é uma jovem de 17 anos rica e popular que, depois de passar quatro dias desaparecida, retorna ferida e desmemoriada. A nova Samantha não se reconhece no retrato de menina má e mimada que todos à sua volta começam a pintar. E logo descobrirá que foi a última a ver Cassie, a garota com quem mantinha uma relação confusa de amizade e rivalidade e que desapareceu no mesmo dia que ela. O que aconteceu na noite fatídica em que as duas sumiram? E por que Samantha foi a única a reaparecer? Não olhe para trás é um daqueles suspenses que só paramos de ler para tentar nos antecipar à autora e descobrir qual é o mistério.

Não reconheci o nome na placa de sinalização. Não havia nada familiar nem simpático naquela estrada. As árvores imponentes e o mato alto sufocavam a entrada da casa arruinada. Tábuas cobriam as janelas. A porta da frente era um buraco escancarado. Fiquei arrepiada e só queria estar bem longe dali, onde quer que ali fosse.

Caminhar parecia mais difícil do que deveria, e eu tropecei no calçamento frio. Fiz uma careta quando o cascalho pontiagudo se cravou nos meus pés.

Meus pés *descalços*?

Parei e olhei para baixo. No meio da sujeira, entrevi meu esmalte, rosa e descascado... e sangue. Havia lama nas pernas das minhas calças, e as barras estavam duras. Fazia sentido, já que eu não usava sapatos, mas o sangue... Não entendi por que havia sangue nos joelhos do jeans que eu vestia...

Minha visão se anuviou, ficou escura, como se tivessem passado uma película cinzenta sobre meus olhos. Fitando o asfalto erodido a meus pés, vi as pedrinhas miúdas darem lugar a pedras grandes e lisas. Uma coisa escura e oleosa escorria pela rocha, desaparecendo nas rachaduras.

Inspirando forte, eu pisquei e a imagem sumiu.

Ergui as mãos trêmulas. Também estavam cobertas de terra e arranhões. As unhas estavam quebradas, ensanguentadas. Um anel de prata circundava meu polegar, emoldurado em sujeira. O ar congelou no meu peito quando estudei atentamente meus braços. As mangas do suéter estavam rasgadas, deixando ver a pele branca, coberta de hematomas e cortes. Minhas pernas começaram a tremer a cada passo vacilante. Tentei lembrar como aquilo havia acontecido, mas minha cabeça era um vazio, um vácuo negro onde nada existia.

Passou um carro, que foi desacelerando e, com o motor já desligado, parou alguns metros mais adiante. Em algum lugar nas trincheiras do meu inconsciente, reconheci o pisca-pisca azul e vermelho como algo que trazia segurança. Desenhadas com elegância por toda a lateral preta e cinzenta da viatura estavam as palavras: “Departamento do Xerife do Condado de Adams”

Condado de Adams? Tive um vislumbre de familiaridade, que logo passou.

A porta do motorista se abriu, e um policial saiu do carro. Disse alguma coisa ao microfone que trazia no ombro antes de olhar para mim.

— Moça?

Ele começou a contornar a viatura, experimentando alguns passos. Parecia jovem para um policial. Recém-saído do ensino médio e já podia portar uma arma de fogo — não parecia certo. Será que eu estava no ensino médio? Não sabia.

- A gente recebeu umas chamadas na central por sua causa - ele falou com delicadeza. — Você está legal?

Tentei responder, mas só saiu um chiado rouco. Limpei a garganta e fiz uma careta ao sentir o repuxo e o arranhão do pigarro.

— Eu... eu não sei.

— Tudo bem.

O policial ergueu as mãos ao se aproximar de mim, como se eu fosse uma corça assustada, prestes a sair correndo.

—Eu sou o policial Rhode. Vou ajudá-la. Sabe o que está fazendo aqui?

— Não.

Comecei a sentir um aperto no estômago. Eu nem sequer sabia onde era aqui.

Ele forçou o sorriso.

— Qual é seu nome?

Meu nome? Todo mundo sabia o próprio nome, mas, olhando para o policial, não consegui responder. O aperto no estômago começou a piorar.

— Eu não... não sei meu nome.

Ele piscou, e o sorriso desapareceu de vez.

— Não se lembra de nada?

Tentei mais uma vez, me concentrando no espaço vazio entre minhas orelhas. Era essa a sensação que eu tinha. E sabia que não era nada bom. Meus olhos começaram a marejar.

— Moça, está tudo bem. Vamos cuidar de você. — Ele estendeu a mão e me segurou de leve pelo braço. — Vamos dar um jeito nisso.

O policial Rhode me fez contornar a traseira da viatura. Eu não queria me sentar atrás do vidro, pois sabia que não era bom. Só os malvados se sentavam atrás do vidro nas viaturas da polícia. Quis protestar, mas, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele me acomodou no banco e jogou um cobertor áspero sobre meus ombros.

Antes de me trancar ali na parte do carro reservada aos malvados, ele se ajoelhou e sorriu para me confortar.

— Vai ficar tudo bem.

Mas eu sabia que ele estava mentindo, tentando fazer com que eu me sentisse melhor. Não funcionou. Como é que tudo poderia ficar bem se eu não sabia meu próprio nome?

Não sabia meu nome, mas sabia que detestava hospitais. Eram frios e estéreis, cheiravam a desinfetante e desespero. O policial Rhode foi embora tão logo os médicos começaram uma série de exames. Verificaram minhas pupilas, fizeram radiografias, tiraram meu sangue. Fizeram um curativo na lateral da minha cabeça e limparam vários ferimentos. Deram-me um quarto particular, me enfiaram um cateter intravenoso, que passou a injetar em mim “fluidos para eu me sentir melhor”, e saíram.

Por fim, entrou uma enfermeira com um carrinho repleto de instrumentos sinistros e uma câmera. Para que a câmera?

Calada, ela me deu uma camisola áspera de hospital para eu vestir e ensacou minhas roupas. Sorriu ao olhar para mim, exatamente como fizera o policial. Um sorriso falso e bem adestrado.

Descobri que não gostava daqueles sorrisos. Eram de arrepiar.

- Precisamos fazer mais alguns exames enquanto espera as radiografias ficarem prontas, meu bem.

— Ela me segurou delicadamente pelos ombros e me fez deitar no colchão duro, — Também precisamos fotografar suas lesões.

Olhando para o teto branco, era difícil encher os pulmões de ar. Piorou quando ela me posicionou com as pernas quase para fora da cama. Fiquei escandalizada, tamanha a vergonha.

É tão constrangedor. Prendi a respiração. O pensamento não era daquele momento, e sim de antes... Antes do quê?

— Relaxe, meu bem. — A enfermeira foi se colocar ao lado do carrinho. — A polícia está contatando os condados vizinhos para ver se há informes de desaparecidos. Logo vão encontrar sua família.

Ela pegou uma coisa comprida e fina que cintilava à luz intensa e impessoal do quarto.

Alguns minutos depois, lágrimas corriam pelo meu rosto. A enfermeira parecia acostumada com aquilo, porque ela fez o que tinha de fazer e saiu sem dizer uma palavra. Eu me encolhi sob o cobertor fino, trazendo os joelhos para junto do peito. Fiquei ali, com meus pensamentos vazios, até adormecer.

Sonhei que caía, caía sem parar, no escuro, repetidas vezes. Ouvi gritos, sons estridentes que deixaram meu corpo todo arrepiado; em seguida, nada, a não ser um som baixo e acalentador que achei reconfortante.

Ao acordar na manhã seguinte, decidi começar com as pequenas coisas. Qual era meu nome? Eu devia ter um, mas não achei nada. Rolei até ficar de costas na cama e berrei quando o cateter repuxou minha mão. A meu lado, havia um copo plástico com água. Fui me sentando devagar e peguei o copo, que tremeu em minha mão, borrifando água no cobertor.

Água... Tinha algo a ver com água. Água escura e oleosa.

A porta se abriu; a enfermeira estava de volta, acompanhada do médico que me examinara na noite anterior. Gostei dele.

Seu sorriso era genuíno e paternal.

- Lembra-se do meu nome?

Não respondi na hora, e o sorriso dele não vacilou.

- Sou o doutor Weston. Só queria fazer umas perguntas.

As mesmas perguntas que todo mundo já tinham feito. Qual era meu nome? Eu sabia como tinha ido parar na estrada ou o que estava fazendo antes de o policial me achar? A resposta para todas aquelas perguntas era a mesma; não.

Mas, quando ele passou para outras perguntas, eu tinha as respostas.

- Você já leu *O sol é para todos*?

Meus lábios ressecados racharam quando sorri. Eu sabia a resposta!

- Li. Fala de injustiça racial e tipos diferentes de coragem.

O doutor Weston aprovou com a cabeça.

- Ótimo. Sabe em que ano estamos?

Arqueei uma sobrancelha.

- 2014.

- Sabe em que mês?

- Março. - Umedeci os lábios, começando a ficar nervosa. - Mas não sei qual é o dia.

— Hoje é 10 de março. Quarta-feira. Qual é o último dia em que de que se lembra?

Torci a barra do cobertor entre os dedos e arrisquei um chute.

— Terça?

A boca do doutor Weston voltou a formar um sorriso.

—Tem de ser há mais tempo. Você estava desidratada quando a trouxeram. Pode tentar de novo?

Poder, eu podia, mas de que adiantava?

— Não sei.

Ele perguntou mais algumas coisas e, quando a auxiliar de enfermagem trouxe o almoço, descobri que eu detestava purê de batata. Arrastando cateter, equipo e suporte como se fossem bagagem, olhei para uma completa estranha no espelho.

Nunca tinha visto aquele rosto antes.

Mas era meu. Eu me inclinei, inspecionando a imagem refletida. Cabelos acobreados pendiam em grumos, emoldurando um queixo ligeiramente afilado. Maçãs altas e olhos de uma cor híbrida, entre o verde e o castanho. Nariz pequeno.

Boa notícia. E imaginei que seria bonita, não fosse o hematoma arroxeadado que surgia dos contornos do couro cabeludo e cobria todo o olho direito. A pele do queixo estava esfolada. Feito uma gigantesca mancha de framboesa.

Afastei-me da pia e fui puxando o equipamento intravenoso de volta ao quarto minúsculo. As vozes alteradas lá fora, diante da porta fechada, interromperam minhas tentativas de voltar para a cama.

- Como assim ela não se lembra de nada? — indagou a voz aguda de uma mulher.

- Ela sofreu uma concussão complexa que afetou a memória — explicou pacientemente o doutor Weston. — A perda de memória deve ser temporária, mas...

-Mas o quê, doutor? — perguntou um homem.

Ao som da voz daquele estranho, uma conversa saiu dos recessos nebulosos dos meus pensamentos, como um programa de televisão distante que a gente consegue ouvir, mas não ver.

Eu queria muito que você não passasse tanto tempo com aquela menina. Ela só causa problemas e não gosto da maneira como você se comporta perto dela.

Era a voz dele, o homem lá fora, mas não identifiquei o timbre de tenor e não fiz nenhuma outra associação.

- A perda de memória *pode* ser permanente. Essas coisas são difíceis de prever. Neste exato momento, simplesmente não temos como saber. — O doutor Weston limpou a garganta. — A boa notícia é que as outras lesões são superficiais. E, pelo que se pode deduzir a partir dos exames, não parece ter ocorrido nenhum outro tipo de violência.

- Ah, meu Deus — a mulher gritou. — Violência? Você quer dizer...

- Joanna, o médico disse que ela não foi violentada. Você precisa se acalmar.

- Tenho todo o direito de ficar transtornada — ela retrucou. — Steven, ela está desaparecida há quatro dias.

- A polícia do condado a recolheu na entrada do parque estadual, a Michaux State Forest. — O doutor Weston fez uma pausa. — Sabem por que ela estaria lá?

- Temos uma casa de veraneio ali perto, mas está fechada desde setembro. E procuramos lá. Não é, Steven?

- Mas ela está bem, certo? — o homem perguntou. — O único problema é a memória?

- Sim, mas não se trata de um simples caso de amnésia — disse o médico.

Eu me afastei da porta e subi na cama. Meu coração batia forte outra vez. Quem eram aquelas pessoas e por que estavam ali? Puxei o cobertor até os ombros. Ouvi fragmentos do que o médico dizia. Algo a ver com trauma severo combinado a desidratação e concussão: o equivalente clínico de uma série catastrófica de coincidências que havia dissociado meu cérebro da minha identidade pessoal. Parecia complicado.

- Não estou entendendo — ouvi a mulher dizer.

- É como escrever alguma coisa no computador e salvar o arquivo, só que você não lembra onde foi que o salvou — explicou o médico. — O arquivo ainda está lá, você só precisa encontrá-lo. Ela ainda tem as lembranças pessoais. Estão lá, mas ela não consegue acessá-las. Pode ser que nunca as encontre.

Eu me recostei na cama, consternada. Onde foi que coloquei o arquivo?

Aí a porta se abriu, e me encolhi toda quando aquela mulher, uma força a ser respeitada, entrou intempestivamente em meu quarto. Seus cabelos de um castanho-avermelhado intenso davam forma a um elegante coque francês, expondo um rosto anguloso, mas belo.

Ela estacou, e seus olhos me examinaram rapidamente.

- Ah, Samantha...

Nem pisquei. Samantha? O nome não me dizia nada. Olhei de relance para o médico. Ele acenou afirmativamente com a cabeça para me tranquilizar. Sa-man-tha... Não, nada ainda.

A mulher se aproximou. Não havia nem um amassadinho sequer em suas calças de linho ou na blusa branca. Braceletes dourados pendiam de seus pulsos esguios, e ela se esticou para me abraçar. Cheirava a frésia.

- Minha menininha — ela falou, acariciando meus cabelos e me olhando nos olhos. — Meu Deus, que bom que você está bem.

Eu me afastei, pregando os braços junto ao corpo.

A mulher olhou por cima do ombro. O homem desconhecido parecia pálido, abalado. Estava todo despenteado. A barba cerrada e por fazer cobria seu rosto bonito. Comparado à mulher, ele era um completo desastre. Fiquei olhando até ele se virar para o outro lado, passando uma das mãos trêmulas pelos cabelos.

O doutor Weston veio se colocar ao lado da cama.

- Esta é Joanna Franco, sua mãe. E este é Steven Franco, seu pai.

Meu peito começou a ficar apertado.

- Meu... meu nome é Samantha?

- Sim. Samantha *Jo* Franco — a mulher respondeu.

Meu nome do meio era *Jo*⁷. Sério? Meu olhar foi mente de um para outro dos presentes. Inspirei fundo, mas o ar ficou entalado, Joanna — *minha mãe* ou quem quer que fosse — tapou a boca com uma das mãos ao olhar de relance para o homem desleixado que, pelo jeito, era meu pai. Aí seu olhar recaiu sobre mim.

— Não está mesmo reconhecendo a gente?

Sacudi a cabeça.

— Não. Eu... sinto muito.

Ela endireitou o corpo e se afastou da cama, olhando para o doutor Weston.

- Como *é possível* que ela não nos reconheça?

- Senhora Franco, é preciso dar tempo ao tempo — ele faiou e, em seguida, dirigindo-se a mim: — Você está indo muito bem.

Não parecia.

Ele já havia se virado para os dois... Para meus pais.

— *Queremos* mantê-la em observação mais um dia. O que ela precisa agora é de muito descanso e segurança.

Voltei a olhar para o homem. Ele estava me encarando, com um ar meio aturdido. Papai. Pai. Completo desconhecido.

- Acha mesmo que pode ser permanente? — ele perguntou, *esfregando o* queixo.

— Ainda é muito *cedo* para dizer — o doutor Weston respondeu. — Mas ela é jovem e, no geral, saudável, portanto as *perspectivas* são ótimas.

Ele fez menção de sair do quarto, mas se deteve junto à porta.

- Lembrem-se: ela precisa ir devagar.

Minha mãe voltou para perto da cama, visivelmente se recompondo ao se sentar na beirada e segurar minha mão. Ela a virou para cima e afagou meu pulso com seus dedos.

- Lembro-me da primeira e última vez que tivemos de levar você ao hospital. Você tinha dez anos. Está vendo isto?

Olhei para meu pulso. Uma cicatriz branca e apagada corria logo abaixo da palma da minha mão. Hã, não tinha visto aquilo antes.

- Você quebrou o pulso no treino de ginástica.

Ela engoliu em seco e olhou para cima. Nada naqueles olhos castanho-claros — tão parecidos com os meus — ou nos lábios perfeitamente maquiados despertava alguma coisa dentro de mim. Havia apenas um buraco enorme e vazio onde todas as minhas lembranças e emoções deveriam estar.

- Foi uma fratura bem feia. Você precisou passar por cirurgia. Quase nos matou de susto.

- Você estava se exibindo na trave de equilíbrio — meu pai acrescentou rispidamente. — O treinador disse para você não fazer... O que era mesmo?

- Um flic-flac para trás — minha mãe falou baixinho, sem olhar para ele.

- Isso — ele completou, com um aceno da cabeça. — Mas você tentou assim mesmo. — Olhou-me nos olhos. — Anjo, não se lembra de nada?

O peso passou do peito para a barriga.

— Eu quero *lembrar*, quero mesmo. Mas... — Minha voz falhou. Soltei a mão e a levei ao peito. — Não lembro.

Minha mãe se *obrigou a sorrir*, unindo as mãos às coxas.

— Tudo *bem*. *Scott está tão* preocupado com você...

Ao me ver sem *expressão* alguma, ela acrescentou:

- Seu irmão. *Ele* está em casa no momento.

Eu tinha um irmão?

— *E todas* as suas *amigas* ajudaram o grupo de buscas, pregando cartazes e organizando vigílias à luz de velas — ela continuou. — Não é mesmo, Steven?

Meu pai fez que sim, mas sua cara era de quem estava a quilômetros de distância dali. Talvez no mesmo lugar onde a tal Samantha Jo se encontrava.

- Del anda fora de si, noite e dia procurando você. — Ela devolveu ao lugar uma mecha de cabelo que escapara do coque. — Queria ter vindo com a gente, mas achamos melhor ele ficar.

- Del? — perguntei, franzindo o cenho.

Meu pai limpou a garganta, voltando a dar atenção para nós.

- Del Leonard. Seu namorado, anjo.

- Meu namorado?

Ai, meu Jesus Cristinho! Pais. Irmão. E agora um namorado?

Minha mãe confirmou com a cabeça.

Sim. Vocês estão juntos desde... Bom, desde sempre, parece. Você planejava ir para Yale com Del no outono, como fizeram seus pais.

- Yale — murmurei. Eu sabia que Yale era uma universidade importante. — Parece legal.

Ela se virou para meu pai, implorando com os olhos. Ele deu um passo à frente, mas dois policiais entraram no quarto. Minha mãe se levantou, alisando as calças.

- Cavalheiros?

Reconheci o policial Rhode, mas o mais velho era novidade. Até aí, nenhuma grande surpresa. Ele se adiantou, cumprimentando meus pais com um gesto de cabeça.

- Precisamos fazer algumas perguntas para Samantha.

— Não pode esperar? — perguntou meu pai, endireitando de repente as costas. Havia em volta dele um ar inconfundível de autoridade. — Uma outra hora seria melhor.

O policial mais velho sorriu sem mostrar os dentes.

- Ficamos contentes em saber que sua Filha, pelo jeito, está bem e inteira, mas, infelizmente, outra família também espera notícias de uma filha.

Ainda sentada na cama, eu me empertiguei toda e olhei alternadamente para meus pais.

- O quê?

Minha mãe se colocou a meu lado e voltou a segurar minha mão.

- Estão falando da Cassie, amor.

- Cassie?

Ela sorriu, mas parecia mais uma careta.

- Cassie Winchester é sua melhor amiga. Ela desapareceu junto com você.

Cassie Winchester. Melhor amiga. O título era importante, mas, exatamente como “mãe” ou “pai”, não havia lembranças nem emoções associadas a ele. Olhei para os policiais, sentindo que seria de bom tom demonstrar algum tipo de emoção, mas eu não conhecia a tal garota, a tal Cassie.

O policial mais velho se apresentou como investigador Ramirez e passou a me fazer as mesmas perguntas que todo mundo já tinha feito.

- Sabe o que aconteceu?

- Não.

Observei o líquido do cateter entrar lentamente na minha mão.

- Qual é a última coisa de que se lembra? – perguntou o policial Rhode.

Erguei os olhos. Ele trazia as mãos unidas atrás das costas e acenou com a cabeça quando meus olhos cruzaram com os deles. Era uma pergunta tão simples, e eu queria mesmo responder corretamente. Eu precisava. Olhei de relance para minha mãe. A fachada de calma começava a desmoronar. Os olhos dela cintilavam, o lábio inferior estava esticado e tremia.

Meu pai pigarreou e disse:

- Cavalheiros, por favor, isso não pode esperar? Ela passou por muita coisa. E, se soubesse de algo neste exato momento, ela contaria.

- Qualquer coisa – disse o investigador Ramirez, ignorando meu pai. – Qual é a última coisa de que se lembra?

Fechei os olhos bem fechados. Tinha de haver alguma coisa. Eu sabia que tinha lido *O sol é para todos*. Era bem provável que o tivesse feito em sala de aula, mas não conseguia formar uma imagem mental da escola, nem da professora. Eu não sabia sequer em que ano estava na escola. Que saco.

O policial Rhode se aproximou, o que lhe rendeu um olhar desgosto do colega. Ele enfiou a mão no bolso da camisa e de lá tirou uma foto para me mostrar. Era uma garota. Na verdade, ela era parecida comigo. Só que os cabelos não eram ruivos como os meus. Eram acastanhados, e os olhos

eram de um verde lindo e surpreendente, muito mais estonteantes que os meus...Mas poderíamos passar por irmãs.

- Você a conhece?

Frustrada, balancei a cabeça.

- Tudo bem, o médico nos disse que sua memória pode levar um tempo para voltar, e quando...

- Ei!

Eu me joguei para a frente, me esquecendo do maldito cateter, que repuxou minha mão e quase se soltou.

- Espera, eu me lembro de uma coisa.

Meu pai deu passo à frente, mas o investigador fez sinal para que ele não se aproximasse.

- Do quê?

Tentei engolir saliva, com a garganta subitamente seca. Não era nada, mas eu tinha a sensação de que era uma espécie de grande conquista.

- Lembro-me de pedras... rochas, e eram bem lisas. Chatas. Cor de areia.

E tinha o sangue, mas isso eu não disse, porque não sabia ao certo se era verdade.

Meus pais se entreolhavam, e o investigador Ramirez suspirou. Meus ombros caíram. Obviamente, não era a resposta certa.

O policial mais jovem bateu de leve em meu braço.

- Ótimo. Muito bom mesmo. Achamos que esteve na Michaux State Forest, e isso faria sentido.

Não parecia algo ótimo. Fitei minhas unhas sujas, desejando que todos eles fossem embora. Mas os policiais ficaram e conversaram com meus pais como se eu não fosse capaz de compreender nada do que diziam. O fato de Cassie continuar desaparecida era grave, isso eu entendi, e *realmente* me senti mal. Queria ajudá-los a encontrá-la, mas não sabia como.

Arrisquei uma espiadela na direção deles. O investigador Ramirez me observava de olhos semicerrados, com vigor e desconfiança. Um calafrio me desceu pela espinha e desviei os olhos

depressa, com a impressão de que eu merecia o olhar que ele me lançava.

Como se eu fosse culpada de algo... algo terrível.

Fui tomada por um formigamento de medo e confusão quando os desconhecidos... hã... quando meus pais me tiraram do hospital no dia seguinte. Era inacreditável que as autoridades me deixassem simplesmente ir embora com eles. E se não fossem de fato meus pais? E se fossem psicopatas tentando me raptar?

Eu estava fazendo papel de ridícula.

Até parece que as pessoas, assim do nada, sem motivo algum, iriam querer ficar com uma garota de dezessete anos, que era exatamente a minha idade. Descobri isso naquela manhã ao dar uma olhada no prontuário ao pé da cama.

Meu olhar encontrou os cabelos escuros do meu pai. Ele tinha um ar de pessoa influente, era algo que impregnava tudo que ele tocava. Eu não precisava saber nada a respeito dele para perceber que era poderoso.

Árvores altas e colinas verdes e suaves, tão bem cuidadas quanto o campo de golfe que eu vira na televisão do meu quarto no hospital, cercavam a estrada que levava à minha casa. Passamos por um declive e eu vi um amontoado de casinhas aconchegantes.

Passamos por elas... em nosso Bentley.

Não demorei a descobrir que eles eram ricos. Estupidamente ricos. Era engraçado: eu não lembrava nadica de nada, mas sabia qual era a *cor* do dinheiro.

Eu não parava de esfregar a palma da mão no couro macio. O carro devia ser novo, porque tinha aquele cheiro fresco de algo que acabou de sair da fábrica.

Aí eu vi nossa casa. Putz, era quase do tamanho de um hotel. Um edifício intimidador, com robustas colunas de mármore na fachada e quatro ou cinco andares, e a garagem, do lado esquerdo, era do tamanho das casas pelas quais tínhamos acabado de passar.

- É a nossa casa? – perguntei ao ver o carro contornar uma fonte um tanto espalhafatosa e cercada por verde bem no meio da entrada de automóveis em rotatória.

Minha mãe olhou para trás, sorrindo apertado.

- Claro que é, amoreco. Você morou aqui a vida toda. Eu também. Era a casa dos meus pais.

- Era? – perguntei, curiosa.

- Eles se mudaram para Coral Gables. – Ela fez uma pausa para respirar de leve. – Estão na Flórida, docinho. Esta é a herdade da família deles.

Herdade. Palavra sofisticada. Meu olhar migrou para meu pai, e percebi que mamãe dissera “deles”, e não “nossa”. Como se a casa não fosse do meu, e sim da família *dela*.

Deixando esse pensamento de lado, inspirei fundo e voltei a enfiar a cara no vidro. Meu Deus, eu morava naquele lugar. Entrei no *foyer* opulento e vi o lustre de cristal que provavelmente valia mais que minha vida e, de repente, não quis mais sair do lugar. Coisas caras para todo lado. O tapete perto da escadaria adornava as paredes cor de creme. E havia tantas portas, tantos cômodos.

Minha respiração saía em soluços breves e ásperos. Não conseguia me mexer.

Meu pai colocou uma das mãos no meu ombro, apertando-o delicadamente.

- Está tudo bem, Sammy. Vá com calma.

Encarei o homem que eu deveria conhecer. Seus olhos escuros, o sorriso simpático, o queixo duro e firme... Nada. Meu pai era um desconhecido.

- Onde fica meu quarto?

Ele deixou cair a mão.

- Joana, que tal levá-la para cima?

Minha mãe se adiantou com seus passos lentos e calculados, envolvendo meu braço com sua mão fria. Ela me levou para o andar de cima, falando sem parar das pessoas que ajudaram nas buscas. O prefeito participou, o que aparentemente não era pouca coisa para ela, e o governador mandara avisar que estaria rezando por mim.

- Governador? – murmurei.

Ela fez que sim, e um leve sorriso lhe repuxou os lábios.

- Seu bisavô foi senador. O governador Anderson é amigo da família.

Eu não fazia ideia do que dizer.

Meu quarto ficava no terceiro andar, no fim de um corredor comprido iluminado por várias arandelas. Ela se deteve diante de uma porta na qual alguém havia colocado um adesivo com os dizeres: “Cuidado, eu morde”.

Comecei a sorrir, mas aí ela abriu a porta e deu um passo para o lado. Cautelosa, entrei no quarto desconhecido que cheirava a pêssgo e parei a menos de um metro da porta.

- Vou dar a você alguns minutos – ela disse, limpando a garganta. – Pedi a Scott para separar alguns dos seus anuários da escola. Estão sobre a escrivaninha, esperando você. O doutor Weston disse que poderiam ajudar.

Ajudar a encontrar meu arquivo de lembranças. Assenti com a cabeça e apertei os lábios ao examinar o quarto. Era grande. Umas vinte vezes maior que o do hospital. Havia uma cama no meio do quarto, coberta caprichosamente por um branco e imaculado edredom de pena de ganso. Vários travesseiros com filetes dourados formavam a cabeceira. Um ursinho de pelúcia marrom descansava em cima deles e parecia fora de lugar naquele quarto sofisticado.

Mamãe pigarreou. Tinha me esquecido dela. Eu me virei e esperei. Seu sorriso era aflito, constrangido.

- Estarei lá embaixo se precisar de mim.

- Beleza.

Com um aceno lacônico da cabeça, ela saiu, e eu comecei a investigar o quarto. Os anuários estavam sobre a escrivaninha, mas passei bem longe deles. Parte de mim não estava pronta para encarar o estranho passeio pela alameda da memória. Havia um *notebook* Apple ao lado de vários aparelhos menores. Reconheci um iPod. Uma tevê de tela plana pendia da parede logo acima da escrivaninha. Imaginei que o controle remoto era para ligá-la.

Fui até o *closet* e escancarei as portas duplas. Dava para entrar entro dele. Uma parte bem pequenininha de mim estava curiosa. Eu não ligava muito para roupas. *Sabia* disso. Aí vi as prateleiras e armações lá no fundo e quase soltei um gritinho.

Eu ligava *muito* para sapatos e bolsas.

Seria um lance do meu antigo eu ou era só porque eu era mulher? Fiquei sem saber ao certo, passando os dedos pelos vestidos. Pareciam roupas boas.

De volta a meu quarto, descobri que havia uma sacada, e eu tinha meu próprio banheiro, repleto de produtos que eu não via a hora de experimentar. Perto da cama, havia um quadro de cortiça cheio de fotografias. Hum, eu tinha um bocado de amigas, e elas estavam... todas vestidas como eu. Franzindo o cenho, inspecionei mais de perto o mural de fotos.

Numa delas, havia cinco garotas. Eu estava no meio, e todas nós usávamos o mesmo vestido tubinho, só que de cores diferentes. Ah, meu Deus. Vestidos combinando? Sorri com afetação ao passar os olhos pelos retratos. Num deles estávamos eu e mais duas garotas, num campo de golfe, sorrindo. Num outro, o mesmo grupo da primeira foto reunido num embarcadouro, podando em frente a um barco chamado *Anjo*, todas enfiadas em trajes de banho pequetíticos. O meu era preto. Eu começava a enxergar um padrão.

Passei as mãos pelos quadris e a barriguinha, feliz de saber que o corpo na fotografia era realmente meu. Havia mais algumas fotos na fotografia tiradas na escola, o grupo de amigas reunido em volta de uma mesa descomunal, cercadas por garotos.

Eu estava sempre sorrindo nas fotos, mas o sorriso tinha... algo de errado, o que me fez lembrar da maneira como todos sorriram para mim no hospital. Como o sorriso de uma boneca, falso, pintado, mas meu sorriso também era frio. Calculista.

E, em todas as fotografias, a mesma garota estava sempre a meu lado. Em algumas delas, estávamos abraçadas ou fazendo beicinho para a câmera. Ela estava sempre de vermelho... Vermelho, como sangue fresco.

O sorriso dela era como o meu, e ela era a garota que o policial havia me mostrado no hospital. Comecei a sentir uma queimação no estômago. Inveja? Eu tinha inveja dela? Não podia ser. Era minha amiga. Minha *melhor amiga*, se é que estavam me dizendo a verdade.

Eu queria saber mais a respeito dela.

Com cuidado, tirei do quadro uma foto em que estávamos juntas e a segurei bem perto do meu rosto. O sorriso dela me deu calafrios e ergui os olhos. As cores desapareceram do quarto, substituídas por tons foscos de cinza. Fiquei toda arrepiada. *Frio. Fazia tanto frio ali, e estava tão escuro, só o som de correnteza... indo e vindo, indo e vindo...*

Fechei os olhos e sacudi a cabeça para me livrar da sensação de terra úmida que havia surgido do

nada. Obriguei meus olhos a se abrirem, e o quarto recuperou suas cores vividas. Meu olhar foi pousar novamente sobre os retratos pregados no quadro. As imagens se embaçaram, e vi um clarão, um rápido vislumbre. Uma menina alta e loira, de sorriso amplo e chapéu de aba larga, todo vermelho, estendia os braços para mim.

A imagem da menina sumiu como se nunca tivesse existido. Confusa, examinei as fotos, esperando encontrar a garota em uma delas. Na minha cabeça, ela parecia ter só uns dez anos, mas não havia nenhuma criança como ela no quadro de cortiça, nem uma versão mais velha. Deixei cair os ombros e dei um passo para trás. Estava decepcionada.

A menina sorridente tinha algo de caloroso e verdadeiro, ao contrário do resto. Eu teria adorado vê-la no meu mural de amigas.

- Vejam só quem voltou.

Surpresa, pulei ao ouvir aquela voz grave e deixei a foto cair no chão. Tremula e desorientada, eu me virei.

Havia um garoto na porta, alto e esbelto. Os cabelos castanhos-avermelhados e em desalinho deixavam entrever os olhos verdes, bem claros. Tinha uma carinha travessa e peculiar. Dava para deduzir que era meu irmão. Tínhamos alguns traços em comum. Era o ... Scott. Éramos gêmeos fraternos. Pelo menos foi o que minha mãe me explicou no caminho para casa.

Ele inclinou a cabeça para trás, me observando com curiosidade.

- Vai parar com a palhaçada e abrir o jogo comigo?

Empurrando a foto para baixo da cama com a ponta do pé, passei as mãos úmidas pelos quadris.

- Como... Como... assim?

Ele entrou sossegadamente no quarto e parou a poucos centímetros de mim. Éramos da mesma altura.

- Por onde foi que realmente andou, Sam?

- Não sei.

- Não sabe? – Ele deu risada, e formaram-se rugas em volta de seus olhos. – Deixa disso. No que foi que você e Cassie se meteram desta vez?

- Cassie está desaparecida – murmurei, olhando para o chão. Era a Cassie naquelas fotografias? Na verdade, ela não se parecia muito com a garota que o policial tinha me mostrado. Eu me abaixei para pegar o retrato sob a cama.

- Está é a Cassie, certo?

Ele franziu o cenho ao olhar para a foto.

- Sim, é a Cassie.

Coloquei rapidamente o retrato no criado-mudo.

- Não sei onde ela está.

- Eu tenho minhas teorias.

Despertada a minha curiosidade, apoiei todo o meu peso nos calcanhares.

- Tem?

Scott se jogou na minha cama e se espreguiçou.

_ Mas que merda, você provavelmente matou a Cassei e escondeu o corpo em algum lugar. – Ele riu. _ É minha principal teoria.

O sangue se esvaiu do meu rosto, e fiquei sem ar.

O sorriso estampado na cara ele foi desaparecendo enquanto ele me observava.

- Caramba, Sam, eu estava *brincando*.

- Ah.

Um alívio delicioso percorreu meu corpo e me sentei na beirada da cama, fitando minhas unhas lascadas. Num instante, tudo ficou cinza e branco. E única cor era o vermelho, um vermelho vivo e berrante sob minhas unhas, *gemidos baixos... alguém chorava*.

Scott agarrou meu braço.

- Ei, tudo bem com você?

Pisquei, a visão e os sons desapareceram. Enfiaram as mãos sob as coxas, fiz que sim.

- É, tudo bem.

Ele se sentou na cama, olhando fixamente para mim.

- Puta merda, você não está fingindo.

- Fingindo o quê?

- Essa coisa toda de amnésia... Porque eu apostei uma grana que vocês duas tinham ido para alguma balada, ficaram muito doidas e só voltariam quando estivessem sóbrias.

Droga.

- Eu costumava fazer essas coisas?

Scott soltou uma risada curta.

- Ô! Que esquisito. Você não está mesmo fingindo.

Agora eu estava ainda mais confusa.

- Como sabe?

- Bom, para começar, você ainda não me chutou para fora do quarto nem ameaçou acabar com a vida.

- Eu faria uma coisa dessas?

Ele me encarou, de olhos arregalados.

- Ô. E às vezes até me batia. Um dia eu devolvi o tapa e, enfim, não acabou muito bem. Papai ficou puto. Mamãe ficou *consternada*.

Minhas sobrancelhas se aproximaram.

- A gente... bate um no outro?

Balançando a cabeça, Scott voltou a se deitar.

- Cara, que bizarro.

Sem dúvida. Tirei as mãos de baixo das pernas e suspirei.

– Vamos voltar àquela história de eu ter matado Cassie e escondido o corpo. Por que disse isso?

- Eu estava brincando. Vocês duas eram amigas pra toda a vida. – Ele sorriu com afetação. – Na verdade, eram mais “inimigas do peito” nos últimos dois anos. Tinham uma espécie de rivalidade não declarada. Começou quando você foi eleita rainha da semana de boas-vindas no segundo ano, e ela ficou entre as finalistas. Pelo menos é o que você conta pra todo mundo, mas acho que a coisa desandou ainda no primeiro ano, quando você começou a sair com o Del, o Grande.

- Del, o Grande? – Empurrei um fio de cabelo para trás da orelha. – É o meu namorado.

- pra você, só existe *ele* no mundo.

Não gostei nada daquela história e fiz uma careta.

- Não me lembro nem... dele.

- Isso vai abalar a confiança do cara. – Aí ele sorriu. Como se estivesse adorando aquilo. – Sabe, talvez tenha sido a melhor coisa que já aconteceu.

- Eu perder a memória e não saber o que houve comigo? – A raiva se acendeu dentro de mim, familiar e intensa. – Fico feliz em saber que isso é tão bacana para você.

- Não foi isso que eu quis dizer.

Scott se sentou, olhando-me diretamente nos olhos.

- Você era o terror de todo mundo. E isto... é um avanço – disse, fazendo um gesto para abarcar tudo a meu redor.

A sensação desagradável voltou, enrodilhou-se nas minhas entranhas, seria pavor? Mordi o lábio, frustrada por não ter nada na cabeça que confirmasse ou contestasse o que ele dizia.

Alguém limpou a garganta.

Nós nos viramos e ... Uau, simplesmente uau. Meu queixo foi parar no edredom da cama. Havia um *garoto* alto na porta do *meu* quarto. Cabelos castanhos-escuros cobriam-lhe a testa e se encaracolavam em volta de suas orelhas. A pele tinha uma cor carregada, quase azeitonada – em comparação com a minha, mais branca -, o que indicava ascendência indígena ou hispânica. Os ossos da face eram largos, o que lhe dava uma aparência exótica, e a mandíbula era forte, cercada com força. A camisa de mangas compridas ficava toda esticada sobre os ombros largos e os bíceps. Seu

corpo era escultural, esguio e musculoso.

Um boné pendia das pontas de seus dedos esquecido. Nossos olhares se encontraram, e senti meu peito se agitar. Os olhos dele eram de um azul intenso e magnético. A cor do céu pouco antes do dia acabar e a noite cair: a cor do crepúsculo. Havia um nítido alívio em seu olhar, e também uma cautela que não fazia sentido para mim.

- Esse aí é meu namorado? – murmurei, esperançosa e ao mesmo tempo apavorada.

Se fosse meu namorado, eu não tinha ideia do que fazer com ele. Bem, tinha, sim... De repente me veio um monte de ideias que envolviam beijar, tocar e fazer todo tipo de coisas divertidas, mas ele era... *deslumbrante* a ponto de dar água na boca, e isso me intimidava que era um inferno.

Scott engasgou de tanto rir.

O garoto na porta olhou para meu irmão e depois para mim. Um calor foi se insinuando em meu rosto. O alívio continuava em seus olhos, e meus lábios se abriram num sorriso hesitante. Ele estava feliz em me ver, mas... Mas aí os olhos ficaram frios como lascas de gelo.

- Namorado? Ah, claro – ele disse sem pressa, com sua voz grave e serena – Mas nem que você pagasse minha faculdade na Penn State.

Ofendida e envergonhada, eu me retraí, e a pergunta saiu antes que eu conseguisse impedi-la.

- E por que não?

Ele me encarou como se um braço tivesse brotado da minha cabeça e agora acenasse feito louco. Ele se virou para meu irmão, com as sobrancelhas em pé.

- Vou esperar lá fora.

- Na boa. Me dá só um segundo, Car.

- O nome dele é Car? – perguntei, cruzando os braços.

O garoto parou e deu meia-volta.

- Car, de Carson Ortiz.

Ah. Agora sim. Baixei os braços, sentindo-me uma completa idiota.

Carson estreitou os olhos.

- Ela realmente não tem ideia... de nada?

- Não – respondeu Scott, mordiscando o lábio.

Ele fez menção de nos dar as costas outra vez, mas voltou a parar. Murmurando bem baixinho, ele olhou para mim.

- Que bom que você está bem, Sam.

Antes que eu conseguisse reagir àquilo, ele foi embora. Eu me virei para o Scott.

- Ele não gosta de mim.

Scott parecia com vontade de rir novamente.

- É, não gosta, não.

Uma sensação esquisita e confusa brotou em meu peito.

- Por quê?

Pulando fora da cama, ele suspirou.

- Você não gosta dele.

Não? Eu não tinha bom gosto? Era o cara que eu queria para pai dos meus filhos. Aí eu franzi o cenho. Como eu poderia saber quem eu queria para pai dos meus filhos?

- Não entendo.

- Você tratou o cara muito mal... nos últimos dois cansando de tanto eu perguntar por quê.

- Porque o pai dele é um dos “auxiliares”, e você não curte muito essa gente. Nem os filhos deles ou quem anda com eles.

Deixei as mãos caírem sobre minhas coxas, sem saber ao certo como responder àquilo. Devia ser uma brincadeira.

- Temos auxiliares?

Scott revirou os olhos.

- Nossos pais têm, o que é engraçado, porque a mãe nunca trabalhou na vida. – Ao ver minha cara, ele xingou. – Nossa, é como conversar com uma criança de dois anos.

A raiva alfinetou minha pele, e isso doeu.

- Desculpe. Pode ir conversar com Car, que pelo jeito não tem QI reduzido como eu.

O arrependimento passou ligeiro pelos olhos de Scott, e ele suspirou uma vez.

- Olha desculpa. Não foi minha intenção, mas, Sam... É tão esquisito. Parece *Os invasores de corpos* ou algo do gênero.

Era esquisito mesmo. Ansiosa e até mesmo um pouco assustada, olhei para a porta livre. Percebi de repente que não queria ficar sozinha.

- Aonde vocês vão?

Ele olhou de relance para as calças de moletom que usava, com uma sobrancelha erguida.

- Ao treino de beisebol.

- Posso ir?

A surpresa iluminou o rosto dele.

- Você detesta ir aos jogos de beisebol. Só faz isso por causa do Del.

- Eu não sei quem é Del! – Meus punhos se cerraram inutilmente. – Não sei o que detesto. Ou do que gosto. Ou o que esperam que eu faça ou diga. Não reconheço *nada* disso. E, para piorar, ainda descubro que, pelo jeito, todo mundo me odeia... até mesmo minha melhor amiga, que desapareceu junto comigo... E não me lembro nem mesmo *por quê*. – Dei uma olhada no quarto, preste a chorar. – E meu nome do meio é Jo. Quem dá à própria filha um nome *desses*?

Scott nada disse durante vários segundos, aí se ajoelhou diante de mim. Era estranho olhar para a cara dele e ver meu próprio rosto retribuir o gesto, só que mais masculino e firme.

- Sam, vai ficar tudo bem.

Meu lábio inferior começou a tremer.

- As pessoas não param de me dizer isso, mas e se não ficar tudo bem?

Ele não respondeu.

Porque nada estava bem, e nunca ficaria. Eu estava presa àquela vida da qual não me lembrava, presa no corpo daquela garota, a tal Samantha *Jo* Franco, e, quanto mais eu descobria a respeito dela, mais eu começava a detestá-la.

No sábado, encontrei minhas amigas... Pela primeira vez. Elas falavam. Um bocado. E todas soavam e pareciam iguais. Cabelos loiros, com fios mais claros posicionados estrategicamente. Todas com cara de que precisavam comer alguns dos sonhos que eu devorava.

Eles me cercaram, abraçaram e choraram. Minha mãe ficou ali pela cozinha, bebericando vinho às onze da manhã. Uma das garotas se destacava do resto. O nome dela, eu o aprendi bem rápido.

Verônica Hodges.

Loira. Bronzeada. Magrela. Perfeita. O tipo de garota que poderia fazer propaganda de bronzeamento artificial e ser coroada rainha da semana de boas-vindas se usasse um biquíni.

Alisando o suéter branco de caxemira com as mãos de unhas bem feitas, Verônica retorceu os lábios pintados de vermelho ao ver a caixa de sonhos e *croissants*, como se a tal caixa estivesse infestada de baratas.

- É bom saber que você está bem, Sammy. Estávamos tão preocupadas.

Limpei as migalhas brancas das minhas mãos.

- Obrigada.

Verônica olhou por cima do ombro, para minha mãe, depois se inclinou para frente e falou baixinho:

- Estamos torcendo para que Cassie também apareça.

Curiosa para saber por que ela estava cochichando, olhei para as outras garotas. Todas concordaram, fazendo que sim com a cabeça, como bons cachorrinhos que eram. Peguei um *croissant*.

- Eu também.

- Mas... sua mãe falou que você não se lembra dela – Verônica comentou, franzindo o cenho.

- Nem de nós – intrometeu-se Candy Alderman, que também olhava feio para a caixa de

guloseimas. – É bom ver que seu apetite continua o mesmo.

Parei, com o *croissant* a meio caminho da boca.

- É?

- Você sempre comeu feito homem – disse Candy, acenando afirmativamente com a cabeça.

- Verdade – murmurou minha mãe, com a borda da taça de vinho quase nos lábios e os olhos voltados para o teto.

Baixando o *croissant*, fiquei sem saber se era bom ou ruim eu não ter perdido meu apetite masculino. Olhei rapidamente ao redor e só consegui pensar na garota que aparecera em minha mente, a loira natural e feliz, tão verdadeira. Queria saber quem era ela.

- Mas então... – Candy resolveu perguntar o que todas queriam saber. – Não se lembra de nada?

E, simples assim, perdi a fome. Joguei o *croissant* de volta à caixa e olhei para minha mãe. Agora ela prestava atenção.

- Não lembro, mas o médico acha que minha memória logo vai voltar.

As garotas pareceram aliviadas, aí passaram a falar da escola, da temporada de beisebol que estava para começar – e que, pelo jeito, era um acontecimento e tanto para aquelas bandas – e aonde iriam naquela noite. Fui convidada, mas minha mãe avisou delicadamente que eu não colocaria os pés fora de casa tão cedo. Fabuloso. Passaram a falar de namorado que eu ainda nem conhecia.

- Ele é tudo de bom – Candy disse, esganiçando a voz. – E tão, tão perfeito.

- É mesmo – Verônica concordou com as mãos unidas à altura do peito. – Vocês têm o namorado perfeito.

Olhei para a garota calada, de cabelos castanhos e luzes douradas. Não falava nada, só retorcia um pequeno guardanapo entre os dedos.

- Ele está preocupado com você – falou Candy, indicando a cabeça de lado e abrindo um grande sorriso. – Você tem mais sorte do que imagina.

Sorte por estar viva ou por ter um namorado tão espetacular?

O estranho era que, a não ser pelo comentário da Verônica, ninguém falava da Cassie. Eu tinha

certeza que estavam fugindo do assunto, para que eu não surtasse. Dei graças por isso – particularmente considerando que eu tenha levado boa parte da noite anterior repassando todas as coisas terríveis que poderiam ter acontecido com a gente – mas eu queria saber mais a respeito dela.

Quando a conversa sossegou, limpei a garganta.

- Cassie disse alguma coisa antes de nós... antes de desaparecemos? Ela mencionou o que tínhamos em mente?

Verônica olhou para baixo, chupando o próprio lábio.

- Ela não...

- Acho que por hoje já basta, meninas. – Minha mãe apareceu atrás de Verônica, sorrindo sem mostrar os dentes. – Samantha precisa descansar.

- Mãe – eu reagi, constrangida por ser tratada feito criancinha.

Empurrei a bancada para tomar impulso e me levantar, acabei derrubando o banco alto e fiquei de pé. Meus joelhos tremiam e, quando saiu, minha voz era um mero sussurro:

- Mãe...

Ela olhou de relance para as meninas, que haviam empalidecido sob as camadas de autobronzeador, e segurou minhas mãos, de olhos arregalados.

- Que foi?

Meu coração batia forte e irregularmente. Como explicar? Eu sabia que já tinha respondido daquele jeito para minha mãe. Já tinha me *sentido* daquela maneira: frustrada, irritada e com raiva *dela*. A enxurrada de familiaridade, onde antes não havia quase nada, foi vertiginosa. Para qualquer outra pessoa, não seria nada demais, mas, para meu cérebro vazio, era um feito épico.

- Samantha?

Todo mundo olhava para mim. E cada rosto pertencia a uma pessoa virtualmente desconhecida. Nenhuma torrente de lembranças, nem mesmo uma faísca de familiaridade, como o Google e os médicos *online* disseram que haveria. Na noite anterior, eu tinha vasculhado a internet em busca de informações a respeito da amnésia dissociativa e, tirando o fato de que estava relacionada a acontecimentos traumáticos e doenças mentais – que *maravilha* -, havia pouca coisa que me indicasse

como se a minha memória voltaria.

Puxei minhas mãos trêmulas, soltando-as, e tirei os cabelos do rosto em chamas.

- Não é nada. Só estou cansada.

Minha reunião de boas-vindas extraoficial estava cancelada. As garotas me deram abraços rápidos e beijinhos no rosto antes de sair em fila indiana, a caminho de seus respectivos BMW. Fiquei me perguntado que tipo de carro eu dirigia.

- O que realmente aconteceu? – minha mãe perguntou, me seguindo pelos muitos cômodos, até o menorzinho no andar de baixo, a sala de estar da família. – Samantha, responda.

Eu me sentei no sofá megafofo.

- Não foi nada demais. Eu só me lembrei de ter... me irritado com vocês antes, de ter respondido com raiva. A coisa me apanhou desprevenida.

Ela me fitou por um momento, aí se ajoelhou diante de mim. Fiquei surpresa ao vê-la disposta a sujar sua calça de linho, mas aí ela segurou as maçãs do meu rosto. Suas mãos tremiam. Seus olhos começaram a marejar.

- Nunca pensei que ficaria feliz em saber que você se lembrou de ter se irritado comigo.

Meu sorriso saiu vacilante.

- Chato, né?

_ Não, não é chato, amor. É um avanço. – Ela se levantou, limpando as calças. – Mas realmente acho melhor você ir com calma este fim de semana.

Arqueei uma sobrancelha.

- Andei lendo a respeito ontem à noite, e os artigos diziam que o melhor é eu me cercar de coisas familiares. Vai estimular minha memória.

- Não sei, não. É muita coisa de uma só vez.

Inspirei fundo, já sabendo que seria um problema.

- Quero ir para a escola na segunda-feira. Tenho que ir. Preciso ir.

- É muito cedo.

- Tenho que fazer algo normal. Talvez isso ajude minha memória.

Ela pareceu ficar ainda mais preocupada.

- O doutor Weston disse que você precisava ir devagar. Pode ser um pouco demais.

- Que mal faria? – Joguei os braços para cima, frustrada até os ossos. – Vou esquecer mais alguma coisa? Não sobrou nada para eu esquecer!

- Eu não sei. – Minha mãe se virou, mexendo nas pulseiras douradas. – Já falei com a escola. Disseram que não seria um problema você ficar em casa uma ou duas semanas.

Naquele momento, descobri algo novo ao meu respeito. Eu não tinha a menor paciência. Levantando-me de uma vez, levei as mãos aos quadris.

- Vou para a escola na segunda.

- Samantha, eu realmente...

- O que está acontecendo? – Meu pai entrou na sala, tirou as luvas de golfe e se inclinou para me beijar no rosto. – Parecem até os velhos tempos.

Fiz força para não sentir aversão ao beijo casto. Ele era meu pai. Não havia razão para eu surtar. Minha mãe se virou e o sangue desapareceu de seu rosto bonito. Tudo bem, talvez eu devesse sentir aversão. Dei um passo para o lado, nervosa e insegura.

- O que está fazendo com esses sapatos dentro de casa? – A voz dela era estridente, machucava os ouvidos. – Vai arranhar o piso. De novo!

Meu pai deu risada.

- O piso vai ficar muito bem, obrigado. Ninguém liga se está riscado ou não.

- Eu ligo! – protestou minha mãe. O que nossos amigos pensariam se o vissem nesse estado?

Ele revirou os olhos.

- Você deve ser a única pessoa que conheço que teria vergonha do estado do assoalho. Mas, então, o que está acontecendo?

Ela bufou e olhou feio para ele.

- Sua filha quer ir para a escola na segunda-feira.

Ele bateu numa das mãos com as luvas, e isso me fez pular de leve.

- Joanna, se é o que ela quer fazer, não devemos impedir.

- Mas...

- Então posso ir? – eu me intrometi, toda esperançosa. Ela olhou alternadamente para nós dois e suspirou forte.

- Dois contra um, já vi tudo. Certas coisas não mudam. E, com isso, ela girou nos calcanhares e saiu intempestivamente da sala.

- Não ligue, amor. Sua mãe se preocupa com tudo. Ele se sentou e deu dois tapinhas no espaço vago a seu lado. Segui o exemplo, juntando as mãos.

- Ela andava fora de si de preocupação. Pensamos que...

- Que eu tivesse morrido?

Ele ficou branco e engoliu em seco.

- No começo, sua mãe pensou que você tivesse fugido, e ficou muito chateada. Sabe como ela é. – Um ar de perplexidade passou por seu rosto e ele sacudiu a cabeça. – Na verdade, não sabe. Ela receava que Cassie tivesse convencido você a fazer algo do gênero e, se tivesse sido isso mesmo, a notícia iria se espalhar. Eu só queria minha menininha de volta, principalmente depois que começamos a imaginar o pior.

Minha mãe estava mais preocupada com o que os amigos dela pensariam? De qualquer maneira, eu não conseguia imaginar o que teria passado pela cabeça deles.

- Eu quero me lembrar.

- Eu sei – ele disse, batendo de leve no meu joelho.

- Não. Veja só. – Tirei do bolso das calças a foto que Cassie aparecia ao meu lado. – Eu *preciso* me lembrar.

Meu pai voltou a engolir em seco.

- Você... se lembra dela?

Balancei a cabeça. Não havia nada de familiar naquele rosto ou na maneira como ela me abraçava os ombros. Droga, minha cara na foto e até mesmo as sardas no meu nariz pertenciam a uma desconhecida. Cassie também tinha sardas, mas nas maçãs do rosto.

- Mas pode ser que ela esteja por aí, no mesmo lugar onde estive. Talvez esteja machucada ou... – Virei a foto, ergui os olhos e cruzei com os dele. – Se eu me lembrasse, poderia encontrá-la.

- Amor, a polícia vasculhou boa parte estadual e não encontrou nada.

- Talvez ela esteja em outro lugar. Ninguém sabe se eu... fui andando até lá. É a primeira coisa de que me lembro. Andar. Pode ser que eu tenha saído de outro lugar e tenha chegado lá andando.

- É um bom argumento, mas não se esforce demais. – Ele sorriu ao se levantar, com as luvas pendendo de uma das mãos. – E, se você não se lembra, não é culpa sua. Certo?

Concordei distraidamente com a cabeça. Meu pai saiu depois disso. Subi um lance da escada e deixei a fotografia em cima da minha escrivaninha. Entrando no banheiro, estendi a mão para abrir a torneira, mas percebi que eram daquele modelo com sensor de movimento. Revirando os olhos, passei a mão sob a torneira e a água começou a cair. Depois de lavar o rosto, voltei a examiná-lo. Eu vinha fazendo muito aquilo, esperando com alguma coisa entrasse nos eixos. Nada ainda.

Fechando os olhos, inspirei fundo várias vezes e me obriguei a reabri-los. Pisquei duas vezes. A luz do banheiro estava apagada. Eu a tinha apagado acidentalmente? Não me lembrava de ter acionado o interruptor na parede. Retrocedi, olhei para dentro do quarto e senti um nó na garganta.

Eu estava tensa, e a tensão podia levar a pessoa a fazer as coisas sem perceber. Parecia uma boa teoria, e eu ia ficar com ela.

Com o coração batendo forte dentro do peito, eu me joguei na cama e olhei para as estrelas de plástico que recobriam o teto. Na noite anterior, eu havia descoberto que elas brilhavam no escuro.

Gostei daquilo.

Será que já gostava delas antes ou achava que eram idiotas? Sem resposta. Nada tinha resposta. Deitei de lado e puxei as pernas, acomodando-as junto ao peito. Cassie. O nome dela me assombrava feito uma melodia estranha e triste desde que os policiais saíram do quarto de hospital. Ela ainda

estaria por aí, sem saber quem era, num hospital diferente? Scott tinha dito que brigávamos muito, mas era isso que as amigas faziam... ou pelo menos pensei que fizessem. E, pelo jeito, eu era uma verdadeira tirana... tão má que nem mesmo Carson gostava de mim. Droga, até meu irmão parecia ter medo de mim.

De olhos bem fechados, obriguei minha mente a se esvaziar. O que não deveria ter sido tão difícil, mas eu continuava vendo dois olhos de um azul vivo, delineados em preto. Ridículo. Inspirei fundo para me acalmar e visualizei o rosto da Cassie. Ela era, obviamente, a última pessoa com quem eu havia estado. O que tínhamos feito? Cinema? Balada? Só companhia e bate papo?

Não sei ao certo quanto tempo fiquei ali, olhando fixamente para a delicada caixa de música com a pequena bailarina inclinada e uma das pernas dobrada num ângulo de noventa graus. Eu era bailarina? Algo me dizia que não. Suspirando, rolei para o outro lado e enfiei a cara no travesseiro.

Debaixo dele, alguma coisa foi amarrotada.

Erguendo-me, afastei o travesseiro. Meio enfiado sob o cobertor estava um pedaço de papel amarelo, dobrado em triângulo. Com a absoluta certeza de que a coisa não estava lá de manhã, puxei o papelzinho e o desdobrei sem pressa.

Fiquei sem ar e deixei cair o bilhete, refugiando-me novamente na cama. Com a pulsação acelerada, fechei os olhos, mais ainda podia ver as palavras.

Não olhe para trás. Não vai gostar do que encontrará.

Pulei fora da cama, disparei para o corredor e trombei com meu irmão.

- Ooô!

Scott agarrou meus ombros e me segurou para eu não cair.

Abriu um sorriso.

- Devagar.

Ofeguei ao olhar para ele, tentando recuperar o fôlego.

- Tem um... tem um...

O sorriso desapareceu do rosto dele.

- Tem o quê, Sam? – Como eu não respondi, ele me sacudiu de leve. – O que está tentando dizer?

Deixando o pânico para trás, eu me desvencilhei de Scott.

- Tem um bilhete debaixo do meu travesseiro!

- O quê?

Ele passou por mim, seguindo na direção do meu quarto. Fui atrás dele e parei na porta. Scott se aproximou da minha cama e apanhou o bilhete como se fosse uma serpente peçonhenta.

- “Não olhe para trás. Não vai gostar do que encontrará”. Está de sacanagem comigo? – ele se virou, segurando o bilhete. – Quem esteve aqui em cima, Sam?

- Não sei. Ninguém que eu conheça...

Não completei a frase. Eu não conhecia ninguém.

- Ninguém passou aqui para ver você hoje? Talvez tenha dado uma escapadinha ou algo assim?

Uma ideia horrível me ocorreu.

- Minhas... minhas amigas estiveram aqui hoje de manhã. Algumas saíram da cozinha para usar o banheiro. – Franzi o cenho. – Verônica saiu, umas três vezes.

- Tem que ser uma delas. Foram as únicas a entrar aqui em casa. – Ele fitava o bilhete, e um músculo pulava em sua mandíbula. – Tem que ser uma delas.

Não gostei nada daquilo. Elas deviam ser minhas amigas e, mesmo que eu não me lembrasse das garotas, não queria acreditar que uma delas me deixaria aquele bilhete.

Mas, pensando assim, você também estava em casa. Poderia ter sido você.

Ele revirou os olhos.

- O argumento é bom, mas, qual é? É um trote idiota.

Caminhando a passos largos até a escrivaninha, ele fez uma bolinha com o papel.

- O que está fazendo? – Fiz menção de interceptá-lo, mas ele jogou o papel no cesto de lixo. – Por que jogou fora? É... uma prova.

- Prova? Alguém está zoando você. – Ele cruzou os braços e fechou a cara. – E aposto que foi uma das suas amigas idiotas.

- Minhas amigas não são idiotas.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

- Você não se lembra das suas amigas.

- Tem razão. Larguei o corpo e me sentei na beirada da cama. – Mas por que alguém deixaria um bilhete desses? Quer dizer, não tem nada de engraçado. Parece... parece mais um aviso.

Scott hesitou.

- Sam... É um trote.

Olhei para o cesto de lixo. Não parecia um trote. Senti um calafrio. Do meu ponto de vista, era um aviso claro. Uma ameaça, cochichou uma voz no fundo da minha mente.

- Escute, você passou por um bocado de coisas. – Scott limpou a garganta e desviou os olhos quando eu me virei para ele. – Sinceramente, não consigo imaginar como é não ter a mínima ideia de

quem sou, mas não deixe as meninas sacanearem você.

- Não vou.

Achei necessário me defender.

- E não acho que seja bom contar para os nossos pais o que aconteceu. Eles surtariam e nunca mais deixariam você sair de casa.

Ah, droga, ele tinha razão mais uma vez.

- Mas e se uma delas souber o que aconteceu? Cassie ainda está desaparecida e...

- E o quê, Sam? Você vai interroga-las só porque encontrou um bilhete? Amarrá-las na cadeira e exigir respostas?

- Pode ser – retruquei, cruzando os braços.

Balançando a cabeça, ele andou até a porta.

- Deixe para lá, Sam. É um trote. E, para ser sincero, em se tratando de Cassie, longe dos olhos, longe do coração.

Girando nos calcanhares, eu o encarei.

- O que quer dizer com isso?

Ele contraiu os músculos da mandíbula.

- Só estou dizendo que... Ainda bem que não foi uma pessoa legal que desapareceu. Como a Julie.

- Julie?

Scott suspirou.

- Minha namorada... Vocês eram amigas, mas ela vestiu roxo no dia errado ou outra bobagem desse tipo.

- Eu não deixaria de ser amiga de alguém só porque ela vestiu roxo no dia errado!

Ele arqueou uma sobrancelha; passou-se um segundo.

- Mas, então, a Cassie era pior... muito pior que você. E olhe que não é pouca coisa. Você mudou quando começou a andar com ela. Muitas pessoas que conheciam a Cassie... Provavelmente ficaram felizes quando ela sumiu. Até mesmo as amigas dela.

As palavras do meu irmão me assombraram o resto do sábado e o domingo também. Uma coisa era descobrir que você tratava mal a maioria das pessoas, mas saber que sua amiga desaparecida era ainda pior foi avassalador. Se éramos tão babacas, por que as pessoas se deram o trabalho de nos procurar?

- Medo e popularidade andam de mãos dadas – resmunguei, desligando o secador de cabelos.

Fiquei paralisada, olhando para meu reflexo no espelho. De onde tinha saído aquilo? Do “Manual de sobrevivência no ensino médio para patricinhas malvadas”? debruçando-me, passei um pouco de brilho nos lábios e inspirei fundo.

Não ia ter constrangimento nenhum.

Ao sair do banheiro, peguei o celular novinho em folha que meu pai tinha comprado na noite anterior. Meu antigo telefone estava no mesmo lugar que minha memória.

Não ia ter constrangimento nenhum.

Enfiei minha foto com a Cassie no bolso de trás do meu jeans superapertado e desci a escada. Minha pulsação estava fora de controle. Eu ia encontrar Del... meu namorado.

Ia ser um constrangimento só.

Comecei a andar a esmo pelos imensos cômodos do andar de baixo e, acidentalmente, sempre acabava na despensa, mesmo depois de seguir três itinerários diferentes, até que minha mãe berrou meu nome.

Ele tinha chegado.

Ao caminhar lentamente até o *foyer*, que poderia abrigar uma pequena tribo, não pensei mais no estranho bilhete que havia encontrado. Parei pouco antes de chegar à passagem em arco e, escondida pela parede, dei uma olhada no cômodo contíguo.

Del estava ao lado da minha mãe: era mais alto que ela, mas reparei que era menor que o Carson. Magrelo, cabelos castanhos, com alguns fios levemente loiros, despenteados de propósito. Pele bronzeada, olhos cor de chocolate ao leite. Era bonito. Nada mal, pensei. O suéter de gola V tinha as mangas arregaçadas até os cotovelos, deixando à mostra os antebraços fortes. As mãos estavam enfiadas no jeans desbotado.

- Sammy – ele falou.

Del tinha um sorriso eletrizante, do tipo que se vê em revistas de celebridade: perfeito, perfeito em demasia. Ele olhou para minha mãe, que assentiu com a cabeça, e veio em minha direção.

- É tão bom ver você, gata. Não faz ideia.

Fiquei paralisada.

As feições dele perderam a cor, e foi como se me jogassem para fora da sala e eu caísse num estranho circuito fechado de tempo. Tudo ficou cinza e branco. *Del insistia comigo, implorando como os olhos ao vir na minha direção. Era puro desespero, mas também estava zangado... tão zangado. Meu coração batia forte, e a fúria ia crescendo dentro da mim, igualmente e ofuscando a raiva dele.*

Ofegante, pisquei e dei um passo para trás. A fisionomia – a visão – desaparecera. Eu não sabia dizer se era uma lembrança ou se estava apenas vendo coisas.

- Você está legal, Sammy? – Del perguntou, detendo-se de repente.

Senti uma tontura. Minha mãe estava fazendo aquela cara, a mesma do dia anterior. Aflita. Preocupada.

- Estou.

O sorriso voltou ao rosto de Del, e ele percorreu a distância que nos separava, abraçando-me e erguendo-me no ar. Uma pontada de pânico me atingiu quando ele me apertou contra seu corpo. Cravei os dedos em seus ombros e tentei desesperadamente encontrar algo de familiar naquele abraço asfixiante.

Del produziu um som gutural ao enterrar a cabeça nos meus cabelos.

- Droga, Sammy, nunca mais me dê outro susto desses.

Eu não conseguia responder nem respirar. Meus pensamentos se repetiam. *Não conheço você. Não*

conheço você. Vez após vez... não conheço você.

Quando ele me pôs no chão, tive de resistir à vontade de sair correndo. Por cima do ombro dele, minha mãe nos observava, apertando as pulseiras de ouro.

A posta da frente se abriu atrás dela e meu irmão entrou. Tinha os cabelos grudados no rosto por causa do suor. Um toca-MP3 pendia se seus dedos. Atrás dele vinha Carson. Meu peito de um pulo esquisito e recuei um passo, tropeçando nos meus próprios pés.

Del agarrou me braço, segurando-me olhando feio para nós.

O boné, enfiado na cabeça até onde era possível, escondia os olhos extraordinários de Carson. Só consegui ver o sorriso apertado que ele dirigiu à minha mãe.

- Oi, Del - Carson falou.

Del o cumprimentou com um aceno breve de cabeça.

-Meninos, por que não descem para o porão? – Minha mãe os enxotou na direção da escada. – Lá embaixo vocês podem suar em cima do que quiserem que eu não vou me importar.

Meu olhar continuou fixo em Carson, mesmo quando Del passou um braço pelos meus ombros. Scott deu um encontrão em seu melhor amigo quando os dois passaram por nós. Baixei os olhos, incapaz de me livrar da sensação de que haviam me flagrado fazendo algo errado.

- Carson, pode dizer ao se pai que preciso falar com ele logo cedo na segunda-feira? – A voz da minha mãe chegava a todos os cantos da casa enorme. – As árvores em volta da edícula precisam de uma poda...

- Não sei por que seu irmão anda com o Carson – Del comentou depois de uma gargalhada, balançando a cabeça.

- Vai ver que é porque gosta dele – respondi, erguendo a cabeça e de cenho franzido.

- Não têm nada em comum.

Del pegou minha mão e me levou através da passagem em arco para a pequena sala de recreação da qual eu gostava. Talvez eu já gostasse daquela sala antes e ele soubesse disso. Uma esperança se acendeu. Ele me mandou um sorriso malicioso por cima do ombro.

Comecei a retribuir o gesto e me ocorreu que o sorriso me agradava.

- Carson tem vindo muito aqui? – Del perguntou, puxando-me para o assento ao lado dele no sofá e segurando minha mão.

- Não sei dizer. – Olhei para nossas mãos unidas. A dele era muito maior. – Ele estava aqui na sexta, mas...

- Você não lembra. Certo. – ele apertou minha mão. – Estou sempre esquecendo. Ah, quase me esqueci *disto*.

Ele soltou minha mão e ficou de pé para pegar uma coisa no bolso. Tirou dali uma caixinha de um azul flagrante.

- Queria devolver isto.

- Devolver? – perguntei, pegando a caixa de presente e enfiando um dedo por baixo da tampa.

- É, você... Você deixou isso na minha casa antes de... Bem, antes de tudo acontecer. – Ele desviou os olhos e engoliu em seco. – Eu coloquei de volta na caixa para você.

Removendo a tampa, puxei o pedacinho de algodão. Entrevi uma corrente de prata com um pingente em forma de coração assimétrico. Da Tiffany's. Eu reconhecia a droga de um colar da Tiffany's, mas não o garoto que o tinha dado para mim.

- Eu usava isto?

Del fez que sim, pegando a caixa para coloca-la de lado.

- Essa corrente não faz você se lembrar de nada?

Chacoalhei a cabeça.

- Por que eu o tirei?

Ele baixou as pálpebras, escondendo os olhos. Um segundo interminável se passou antes de ele responder:

- Você queria... tomar um banho.

- Por que eu ia querer tomar banho na sua casa?

Del contraiu as sobancelhas e corou.

- Você não queria voltar para casa sem tomar banho, por que a gente...

Baixei o olhar para o pingente e, aos poucos, comecei a entender.

- A gente fez... sexo?

Ele coçou o nariz e fez que sim.

Meu rosto ficou quente e o calo desceu pelo pescoço. Tínhamos feito sexo, e eu nem se quer me lembrava.

- Foi minha primeira vez?

Del sacudiu a cabeça, bufando de leve.

- Não. Namoramos a anos, Sammy.

Eu não sabia o que era pior: aquela conversa absurdamente constrangedora ou nem sequer me lembrar da minha primeira vez com ele. Com as mãos trêmulas, passei a corrente de prata pelo pescoço e acionei o fecho. O peso delicado do calor parecia insuportável por algum motivo. Fui atropelado por uma onda e frustração que chegou a me dar coceira. Como era possível eu não me lembrar de nada daquilo? Meus olhos começaram a arejar e a vontade de correr me acertou em cheio na barriga mais uma vez.

- Tudo bem. – Del abriu um sorriso forçado. – Seus pais me avisaram que você não se lembra de nada. É isso mesmo, né? Nem mesmo da noite em que desapareceu?

Meus joelhos pareciam bambos quando eu me levantei.

- Não me lembro de nada. Ontem tive de perguntar à minha mãe quando era *meu aniversário*. – Deixei escapar uma risada engasgada ao encará-lo. – Mas o médico disse que ainda posso recuperar a memória.

Ele se mexeu no sofá, e seus olhos foram escurecendo até ficarem quase tão negros quanto as pupilas.

- Algo que eu possa fazer para ajudar? – A voz dele ficou séria. – Porque eu sempre lhe dei cobertura. Sammy, e sempre vou dar.

Franzi o cenho, pensando que era uma maneira estranha de colocar as coisas.

- Algo que possa fazer? – ele voltou a insistir.

Eu duvidava, mas, quanto mais olhava para ele, mais eu começava a entender que talvez ele pudesse me ajudar.

- Eu vi você na noite em que desapareci?

Quando ele confirmou, fiquei tão animada que isso me fez lembrar o veloz bater das asas de um beija-flor. Era um começo.

- O que fizemos, além de...

- Era um sábado à noite, e estávamos juntos, conversando. Entre outras coisas – ele acrescentou com um sorriso. – Assistimos a uns vídeos antigos dos meus jogos de beisebol.

Emocionante.

- Sabe a que horas fui embora?

- Umas nove. Eu queria que a gente saísse com o Trey, mas você recebeu um torpedo.

- Espera. Quem é Trey?

Del se recostou e colocou os pés sobre a mesinha de centro. Eu não precisava me lembrar da minha mãe para saber que ela surtaria se visse aquilo.

- Trey é um grande amigo meu. Era o namorado da Cassie, mas eles terminaram alguns dias antes de... ela sumir.

- Ela tinha namorado?

Sentei-me ao lado dele, ávida por mais informações. Ele assentiu com a cabeça.

- Eles brigavam. Bastante. As discussões dos dois eram a diversão da turma.

- Nós brigávamos?

- Não. *Nunca* – ele disse sem demora. – Nós tínhamos... Temos um relacionamento perfeito. – Ele se inclinou, roçando os lábios no meu rosto. – Como nossos pais.

Alarmes dispararam. Até onde eu sabia, meus pais *não* tinham um relacionamento perfeito. Desde que eu havia voltado para... casa, nunca os vi encostar um dedo que fosse um no outro, nem permanecer os dois na mesma sala mais do que alguns minutos. Brinquei com o coração de prata.

- Mas então... Eu recebi um torpedo e fui embora?

- É.

Ele se recostou. A decepção repuxava-lhe a boca e fiquei com a impressão de que tinha feito algo errado.

- Acho que era da Cassie, mas você não falou nada. Saiu lá de casa danada da vida.

- Com a Cassie?

Ele balançou a cabeça.

- Não sei. Você e a Cassie tinham uma certa...

- Rivalidade? Foi o que meu irmão me disse.

- E ele não mentiu. Cassie... Uau, como dizer isso sem parecer um escroto? – Ele expirou devagar. – Cassie queria ser igual a você. Sempre quis. Aos olhos dela, você tinha tudo. Ela copiava *tudo* que você fazia. Se você não gostava de alguém, ela também não gostava. Se você quisesse alguém, ela queria a mesma pessoa. Todo mundo sabia disso.

Arqueei uma sobrancelha.

- Sei...

- Eu não queria falar mal dela, principalmente nas atuais circunstâncias. Meus Deus, ela pode estar morta. – Ele viu a careta que fiz e se desculpou imediatamente. – Sinto muito, mas você sabe o que quero dizer. Cassie era encrênqueira. Até mesmo com a gente.

- Pensei que a gente nunca brigasse.

A inquietação começava a dar nós no meu estômago.

- Não era brigar, brigar – ele disse, desviando os olhos. – Como eu falei, sempre lhe dou cobertura. Mas, às vezes, a Cassie agia... de maneira inadequada quando você não estava por perto.

- Como assim?

Ele me olhou brevemente nos olhos, mas, em seguida, concentrou-se na enorme cabeça de gamo pendurada na parede.

- Ela dava em cima de mim, mesmo sabendo que nós dois namorávamos e que o Trey era meu amigo.

Eu esperava sentir uma pontada de ciúme, mas não senti nada.

- Você gostava da Cassie?

A surpresa iluminou o rosto dele.

- Sim, quer dizer, ela era legal quando queria. – Ai seus olhos se estreitaram e ele apertou os lábios.
– Por que pergunta?

Minha boca se abriu, mas nada saiu de dentro dela. Eu tinha a impressão de já ter feito aquela mesma pergunta, só que com muito mais emoção. Um pouco de raiva. Decepção também. Mas não havia nada mais ligado a essas emoções. Era como se meus sentimentos fossem balões flutuando para longe, sem nada que os prendesse ao chão.

- Da maneira como fala, parece que você não gostava dela – comentei, encolhendo os ombros. – E acho que Scott também não gostava.

- Não era fácil lidar com a Cassie.

Ele se aproximou e colocou uma das mãos sobre meu joelho flexionado. No mesmo instante, meus músculos travaram.

- Não sei o que aconteceu na noite em que vocês duas desapareceram. Não sei se estavam realmente juntas. E não quero falar dela. Quero falar da gente.

- Da gente? – perguntei, esganiçando a voz.

- Fica juntinho – ele convidou, estendendo-me a mão livre.

Minha pulsação disparou, e eu não queria *ficar juntinho*. Mas ele esperava com aquele sorriso paciente estampado no rosto bonito, e eu não queria magoá-lo. Devia ser difícil para ele. Eu era sua namorada e não conseguia lembrar um único detalhe a respeito dele ou do nosso namoro. Cheguei

mais perto até minhas pernas ficarem prensadas de encontro às dele.

Del levou a mão à minha nuca e puxou minha cabeça até seu peito. Solto um suspiro entrecortado, roçando minha testa com seus lábios.

- Não achei que voltaria a fazer isto. É como ter uma segunda chance.

- É? – sussurrei confusa.

- É – ele respondeu, estampando um beijo na minha têmpora.

Passamos a tarde toda conversando, o que me ajudou a voltar a conhecê-lo. Evidentemente, tínhamos começado a namorar no início do primeiro ano e, de acordo com Del, todas as minhas amigas eram invejosas. Nossos pais tinham negócios juntos e trabalhavam na Filadélfia, enquanto nossas mães ficavam em casa. Havia supostamente um grande acordo entre as firmas de nossos pais. Algo a ver com bolsa de valores e transferência de ações, nada que eu entendesse.

Passávamos as festas de fim de ano nas montanhas Catskill com nossas famílias, e também várias férias de verão. No ano anterior, fomos o rei e a rainha do baile de encerramento da escola, e a expectativa era que voltássemos a ganhar naquele ano, algo de que Del se orgulhava. Na escola, saíamos quando bem entendíamos. Almoçávamos fora, matávamos aula juntos e, pelo jeito, ninguém nos impedia. A universidade de Yale era nosso futuro e fiquei com a sensação de que as pessoas esperavam que continuássemos juntos. Do tipo “para sempre”. Segunda ou terceira geração de adolescentes ricos, exatamente com a realeza. Foi a impressão que tive.

Havia toda uma vida ao lado dele que em nada me interessava. Por mais que tentasse, eu não visualizava nem sentia nada daquilo. Portanto, deixei que falasse de si mesmo, e ele era *muito bom* nisso. Era o interbase na equipe de beisebol da escola, dirigia seu segundo BMW, e seu time do coração era os Yankees. Em casa, tinha alguns primos e um avô que administrava uma das maiores corretoras de valores de Nova York.

- Meu pai e o seu poderiam comprar e vender esta cidade – ele disse, enrolando um fio dos meus cabelos em seu dedo. – Bem, na verdade, sua mãe.

- Por quê? – eu perguntei, provavelmente pela centésima vez.

- O dinheiro vem da família do meu pai – ele explicou com orgulho. – E da família da sua mãe. A minha família dela investiu na ferrovia antes de o negócio decolar ou algo assim. Ela não é bilionária, não chega nem perto do tipo de capital gerado por meu pai, mas é herdeira de uma fortuna

antiga.

Eu fiz força para não revirar os olhos.

- Você sabe o que meu pai fazia antes de conhecer minha mãe.

Ele deu de ombros

- Cursava Yale, claro, com uma bolsa de estudos. Acho que a mãe dele era professora do fundamental, e o pai, peão de obra. Os dois faleceram há alguns anos. Sinto muito.

Parei um segundo para digerir a morte dos avós dos quais não me lembrava. Que droga.

- Bom, então acho que ele deu sorte ao conhecer minha mãe.

- Uma sorte do caramba – Del gargalhou. – Ele não tinha nada antes de conhecê-la. O pai dela o colocou no negócio. Não fosse sua mãe, não sei se seu pai teria chegado muito longe. Mas meu pai foi criado para dirigir a firma, exatamente como eu fui. – Ele voltou a beijar meu rosto. – E como meu filho será.

Arregalei os olhos. *Seu filho?* Ugh, a ideia me deixou enjoada, me deu alergia.

A conversa sossegou, e meu braço formigava, prensado como estava entre nossos corpos. Pensei por um instante em contar a ele a respeito do bilhete, mas decidi não fazer isso.

- Do que eu gostava?

Del afastou a cabeça, vasculhando meus olhos.

- Além de mim?

Certo, nada engraçado. Com os olhos semicerrados, fiz que sim.

- Você gosta de fazer compras. – Del riu, afagando meu rosto. – sua bebida predileta é qualquer coisa que misture frutas com vodca. Cair na farra com você é o máximo. Você é doida. – Dessa vez, quando ele se inclinou, seus lábios tocaram os meus. Foi um beijo breve. – geralmente bem mais doida que isso.

- Desculpe. – Corei. – O que eu quis dizer foi: eu tinha algum passatempo?

Seus olhos demonstraram certa confusão.

- Ir às compras conta como passatempo?

- Acho que não.

- Você sempre gostava de visitar o Parque Militar de Gettysburg – ele disse depois de alguns segundos. – Você costumava ir com aquela menina, a Julie, e passavam o dia todo lá. Acho que você era fissurada nessas coisas históricas. Ou talvez só em coisas macabras.

Uau. A única coisa que eu fazia que não era uma futilidade era visitar um cemitério gigantesco com uma garota que nem sequer era mais minha amiga. Eu estava mesmo começando a me detestar. Del passou algum tempo falando da temporada de beisebol que estava para começar, reclamando dos arremessos do Carson. Apparently, ele era o arremessador, e os dois não se davam bem.

Minha mãe apareceu e perguntou se Del jantaria conosco, mas ele recusou educadamente o convite. Sua família estava na cidade. Antes de Del sair, eu tirei a foto do bolso e a mostrei para ele.

- Sabe onde foi que tiraram esta foto?

Del fitou o retrato durante alguns segundos e virou a cara. Um ar de distanciamento se insinuou em seus olhos, endurecendo lhe o olhar.

- Na verdade, foi há alguns meses, na véspera do Ano Novo. Vocês estavam morrendo de frio com aqueles vestidos. Gostosas, mas geladas feito picolés. – Ele soltou uma risada breve. – Estávamos na Filadélfia. Você apagou antes da meia-noite.

Quanto mais eu ouvia falar de mim, mais eu queria bater a cabeça na mesa de centro.

- Quem estava lá com a gente?

- Trey, mas ele também apagou.

- Então sobraram só você e a Cassie?

Os lábios dele ficaram finos.

- Foi. Droga de noite.

O que me parecia estranho era que ele dava a entender que não suportava a Cassie, mas era óbvio que nós três ou quatro andávamos um bocado juntos. Será que ele a tolerava porque era minha amiga? Suspirei.

- Queria me lembrar de alguma coisa. Ela ainda está por aí, e tenho a impressão de que sou a única capaz de encontrá-la.

Del recolheu o braço e se levantou.

- Vai parecer crueldade minha, mas ela não é problema seu.

Droga, *foi* crueldade.

- Mas...

- Mas você precisa se concentrar em melhorar e tocar a vida. – Ele passou uma das mãos pelos meus cabelos, franzindo o cenho. – Acho melhor deixar isso pra lá agora. Estão procurando por ela. Você precisa se cuidar.

Meu olhar foi para na foto em que Cassie e eu aparecíamos juntas. Eu cheguei a pensar que parecíamos tão felizes no retrato, como melhores amigas de verdade, mas, quanto mais eu o examinava, mais eu via: o gume afiado de nossos sorrisos, a frieza de nossas feições idêntica.

Todos queriam que eu a esquecesse, que seguisse em frente. Como se a menina não tivesse desaparecido. Como se ela nunca tivesse existido. Passando o polegar pelo lado da foto em que ela aparecia, percebi que não poderia fazer aquilo. Assim como não poderia ser a pessoa que tinha sido antes. Aquela Samantha ainda estava sumida, presa onde quer que Cassie estivesse, e talvez ela fosse capaz de deixar Cassie para lá, mas eu não.

Voltar tão cedo para a escola tinha parecido uma ótima ideia alguns dias antes, mas, andando pelo meu quarto na manhã da segunda-feira, eu estava apavorada. Os anuários continuavam fechados em cima da minha escrivaninha e, apesar de recomendações para que eu voltasse a me familiarizar com os nomes e as caras dos meus colegas, perdi um bocado de tempo tentando acessar minhas contas de e-mail e Facebook. Não tive muita sorte. Os dois sites alegavam ter havido muitas tentativas fracassadas de registro e eu não soube responder nenhuma das perguntas pessoais para recuperar meus dados. Seria possível que outra pessoa tivesse tentado acessar as contas? Provavelmente enquanto estive desaparecida. Fazia sentido. Scott apareceu no meu quarto e me entregou uma folha impressa com os horários das minhas aulas. Agradecida, eu disse obrigada.

- Vai usar isso aí?

Confusa, olhei para baixo. Eu vestia calças jeans e um cardigã cinza por cima da blusa.

- O que tem de errado?

- Nada. Ele arqueou as sobrancelhas - É que você geralmente se veste como se fosse a um desfile de moda, e não à escola. Bem, nem sempre. Quer dizer, antes da Cassie, você se vestia como agora, mas, depois dela, não mais.

- Ah.

Nada à vontade, olhei para o closet. De acordo com Del, Cassie fazia tudo que eu fazia, mas às vezes parecia ser o contrário.

- É melhor eu mudar de roupa?

- Que nada. Vamos. A gente vai chegar tarde se não correr

Peguei minha bolsa-carteiro e segui Scott pela casa toda até a garagem. O Bentley não estava lá, mas havia um Porsche vermelho e um Audi mais ou menos novo estacionado ao lado da vaga livre.

- Mamãe me pediu para falar que você vai ver a orientadora educacional na aula introdutória - Scott falou, parando em frente ao Audi. Ele abriu a porta de trás, jogando a mochila lá dentro. - Acho que ela mencionou algo sobre você ver a fulana três vezes por semana.

- O quê? — perguntei boquiaberta.

Ele fez uma careta.

- É. Ao chegar lá, vá para a diretoria.

Eu me sentei no banco do carona, apertando minha bolsa junto ao peito.

-Sério? Todo mundo já vai ficar me olhando como se eu fosse uma aberração. E agora tenho que falar com uma terapeuta?

- Não acho que ela seja uma terapeuta de verdade, Sam.

Ele apertou um botão no quebra-sol. Um segundo depois, a porta da garagem gemeu, matraqueou e se abriu. A luz intensa do sol entrou pelas janelas do carro.

- E antes você sempre gostava quando as pessoas não paravam de olhar para você. Por bons ou maus motivos.

- Bom. Não sou a mesma pessoa — retruquei.

- É, percebe-se — ele disse, olhando de relance para mim.

Suspirei e fiquei olhando para a frente enquanto ele saía de ré.

- Eu não tenho um carro?

Scott riu ao esterçar o volante.

- Tinha. E era um belo carro, mas você acabou com ele.

- Acabei?

Ele fez que sim, descendo devagar nossa extensa entrada de automóveis.

Você e a Cassie ficaram bêbadas uma noite dessas. Meteram o carro numa árvore e nosso pai teve de mexer todos os pauzinhos para que a polícia registrasse a coisa como um acidente causado pelas condições da via. Ele ficou fulo por um tempo.

Meu queixo caiu. Foram vários segundos até eu consegui pensar em alguma coisa para dizer.

- Acho que não quero saber mais nada a meu respeito.

Mais um olhar estranho para mim, aí ele balançou a cabeça.

- É tão esquisito.

Eu não disse nada até perceber que ele diminuiu a velocidade pouco antes de chegar à entrada e parou no acostamento.

- Por que estamos parando?

- Sempre dou uma carona pro Car. Ele tem moto, mas não querem que ele a use para ir à escola.

Carson de motocicleta? Sério, o que poderia ser mais sensual? Estiquei o pescoço e vi um sobrado de tijolinho à vista, a terceira casa. Uma moto coberta estava estacionada na pequena entrada de automóveis.

- Ele morta em nossa propriedade?

- Ele e o pai moram numa de nossas casas de hóspedes - Scott explicou. - O pai dele trabalha em troca de moradia e de qualquer merreca que nosso pai lhe ofereça. Coisa que você adorava não deixar o Carson esquecer.

Fiz careta.

- E a mãe dele?

- Morta. Câncer. Sem convênio médico. A merdíssima trindade da saúde americana.

Antes que eu conseguisse responder ao comentário, vi Carson cruzar rapidamente a entrada de automóveis, com uma mochila pendurada num dos ombros e uma bolsa esportiva no outro. Molhei os lábios, nervosa, ao vê-lo se aproximar do carro. Ele vestia calças jeans desbotadas e uma camisa de mangas curtas por cima de uma térmica branca. Os cabelos ainda estavam úmidos e encaracolavam-se em sua testa.

Estava lindo... realmente lindo.

Carson parou diante da porta do carona e percebeu que eu já estava sentada ali, olhando para ele de boca aberta feito uma idiota Franzindo o cenho, ele contornou rapidamente a frente do carro e se sentou atrás de Scott. Não olhou para mim.

- O que ela está fazendo aqui?

Scott olhou de relance para o retrovisor.

- Cara, ela sempre ia com a Cassie.

- Ah, sei - Seu olhar ultra límpido roçou meu rosto por um segundo e senti minha pele arder de uma maneira agradável e inebriante. Ele se acomodou e passou o braço por cima do encosto do banco traseiro, se espalhando com indolência e arrogância.

O carro já estava em movimento, e eu ainda fitava Carson. Seus olhos azuis, escuros e insondáveis finalmente reencontraram os meus. Olhou para baixo e percebi que ele fitava meu colar. Um sorrisinho afetado repuxou-lhe os lábios.

- Que foi, Sam?

- Nada — falei atabalhoadamente.

Por que não conseguia tirar os olhos de cima dele? Era como se uma parte antiga de mim fosse atrevida, soubesse que estava diante de algo que lhe agradava e se recusasse a me deixar olhar para outra coisa.

Scott limpou a garganta, mas não disse nada.

Um músculo começou a latejar na mandíbula de Carson.

- É cedo e não estou nada a fim de bater boca com você, portanto vamos logo ao que interessa? É, eu não tenho. Que chato. Eu não tive que deixar de pagar a prestação da casa para comprar minhas roupas e meu pai trabalha pro seu. Pronto, magoei.

Arregalei os olhos e corei ao mesmo tempo.

- Eu falava esse tipo de coisa?

Ele me lançou um olhar mordaz.

Sentindo me a maior idiota de todos os tempos, eu me virei e fiquei olhando pelo vidro. Voltei a ficar de estômago revirado enquanto brincava com a alça da bolsa. Sentia uma queimação no fundo da garganta. Não conseguia me imaginar dizendo aquelas coisas para alguém, mas eu tinha feito isso. Depois de vários minutos constrangedores. Scott convenceu Carson a falar dos treinos de beisebol e eu fiquei na minha. Os dois pareceram me agradecer por isso.

Paramos para tomar café, pois, pelo jeito, não estávamos tão atrasados assim e, a qualquer momento, Scott ia apagar atrás do volante e dar uma de Samantha. Carson pediu café preto, Scott se debruçou sobre o balcão para encher seu copo plástico com mais leite que café. E eu fiquei ali, com as mãos trêmulas junto ao corpo, fitando o cardápio. A mulher de meia-idade atrás do balcão suspirou alto.

Mordendo o lábio, li o cardápio inteiro três vezes. O café — ou meu pedido, pelo menos — devia ser algo simples, mas não era. Eu me senti... perdida.

- Ei — Carson falou atrás de mim. Aquecendo meu rosto com seu hálito, o que me fez dar um pulo. — Tudo bem aí?

Sentindo o rosto queimar, fiz que sim.

Um homem atrás de mim suspirou e resmungou. Ouvi as palavras “idiota” e “rica” jogadas ao vento. Fiquei ainda mais mortificada do que já estava.

Carson me tirou da fila, lançando um olhar de advertência tenebroso para o cara.

- O que vai querer? — ele perguntou.

Olhei para a mão dele em volta da minha. Como é que um simples contato podia ser tão arrebatador? Provavelmente não era a melhor coisa para eu pensar naquele momento, dado que não conseguia pedir um café.

- Sam - ele disse impaciente.

Erguendo o olhar, fiquei horrorizada ao perceber as lágrimas aflorando.

- Não sei o que pedir. - Minha voz falhou. - Não sei.... Do que gosto.

Ele entendeu, relaxou a mandíbula e acenou afirmativamente com a cabeça.

- Você geralmente pede com leite, sabor baunilha. - Ele fez uma pausa e deixou a mão cair. - Já vi você beber isso. Fique aqui. Eu vou lá pedir.

Esperei de lado enquanto ele fazia o pedido. As pessoas estavam olhando para mim. Senti-me uma criança, incapaz de dar conta de uma tarefa simples. Queria me enfiar num buraco. Na minha cabeça, não restava a menor dúvida de que Carson me achava uma idiota.

Ele voltou com a bebida e destampou o copo.

- Cuidado. Está quente.

- Obrigada.

Envolvi o copo com as mãos, acolhendo com prazer o calor que atravessava sorrateiramente o anel de isolamento térmico.

Não disse mais nada o resto do caminho até a escola, mas assimilei a paisagem desconhecida. Uma série de colinas suaves, propriedades antigas e raras subdivisões bem no meio das placas que indicavam o caminho para o parque militar. A cidadezinha era antiga e, pelo jeito, viviam ali muitos herdeiros de velhas fortunas.

Não reconheci nada ao botar os olhos na escola de ensino médio Gettysburg High. Era um prédio grande e de tijolos à vista que me lembrava vários dormitórios enfileirados, cercado por árvores e um extenso pavilhão.

Com o coração na garganta, segui os garotos e atravessamos o estacionamento. Uma flâmula branca e grená pairava sobre a entrada principal. SEDE DOS BATTLERS, dizia. Trazia também o desenho de um coelhinho da Páscoa com cara de louco.

Os corredores ainda não estavam lotados, mas todo mundo parou ao me ver. Simplesmente paravam para olhar. Em questão de segundos, os cochichos começaram. Baixando a cabeça, deixei os cabelos tombarem e esconderam. Baixando a cabeça, deixei os cabelos tombarem e esconderem meu rosto, mas eu ainda os sentia: olhos cheios de curiosidade e fascinação mórbida.

Meu coração batia forte e apertei o copo de café. Não ia conseguir. Não com todo mundo olhando. Só ia piorar as coisas. Será que sabiam que eu não me lembrava de nada? Talvez minha mãe tivesse razão. Eu devia ter esperado.

Scott se colocou ao meu lado, todo empertigado, acompanhando meus passos. Arrisquei olhar para ele e vi que meu irmão lançava olhares fulminantes para todos. A garotada se virava na mesma hora, mas isso não impedia aquele pessoal de falar. Do meu outro lado, Carson vigiava calado. Eu não fazia ideia do que passava por sua cabeça. Estaria constrangido por ser visto comigo? Não poderia culpá-lo.

Eles me deixaram num saguão cercado por janelas de vidro. O sorriso da secretária rechonchuda se encheu de pena quando ela me mandou sentar numa das cadeiras desconfortáveis. Toda vez que eu

olhava de relance por cima do ombro, parecia que o grupo de adolescentes que se juntava lá fora estava maior. Eu era um medonho acidente automobilístico, e todo mundo tinha de parar para ver.

Uma mulher bem vestida apareceu no corredor estreito e finalmente acabou com o meu tormento. Ela ajeitou os óculos,

- Senhorita Franco, está pronta?

Levantando-me, peguei a bolsa e segui a mulher até um escritório apertado. A primeira coisa que fiz ao me sentar foi procurar o nome dela. Judith Messer, uma orientadora especial.

Ela tirou os óculos, fechando-os e colocando-os de lado. A luz da luminária sobre a escrivaninha refletia em sua aliança de casamento, incrustada com diamantes.

- Como se sente, Samantha?

Pareceu-me uma pergunta absurdamente idiota.

- Bem.

- Admito que ficamos um tanto surpresos ao saber que você voltaria para cá tão cedo — a senhora Messer disse, sorrindo. — Pensamos que você levaria algum tempo para... se recuperar de tudo o que aconteceu.

Apertei ainda mais o copo e, por mim, a coisa teria terminado ali.

-Sinto-me perfeitamente bem.

- Tenho certeza de que, fisicamente, sim. Mas, emocional e mentalmente, você passou por uma experiência terrível e traumática e, juntando isso à perda da memória, deve estar sendo bem difícil.

- Bom. Não tem sido fácil. - Ergui os ombros e a peguei me examinando com toda a atenção. Suspirei. - Ok, está um saco. Não consegui nem pedir o café hoje de manhã, mas preciso voltar a fazer as coisas. Não posso me esconder em casa para sempre.

Ela inclinou a cabeça de lado.

- Quando o diretor me informou que você voltaria hoje, falei com um colega que trabalha com pessoas que sofrem de amnésia. Ele me disse que, realmente, o melhor a fazer é você se cercar de coisas familiares. Voltar para a escola não é má ideia. Mas, emocionalmente, pode ser que o preço a

pagar seja muito alto.

- E se for, o que vai acontecer?

Ela sorriu sem mostrar os dentes e não desenvolveu o raciocínio, o que me deixou irritada.

- Não acredito que seu desempenho escolar será prejudicado. A amnésia dissociativa raramente afeta esse tipo de coisa, mas vamos monitorar seu progresso para ter certeza de que nosso programa curricular ainda é a melhor alternativa para você.

Rangi os dentes diante da ameaça que ficou por dizer. Se minhas notas fossem ruins, eu sairia da escola, ótimo. Nada de me pressionar ou algo do gênero, dado o meu frágil estado emocional.

- Conseguiu lembrar alguma coisa?

Ela se recostou e cruzou as pernas. Cogitei mentir, mas isso não ajudaria em nada.

- Às vezes penso ou sinto coisas que me parecem familiares, mas não fazem sentido.

Ela concordou com a cabeça e eu inspirei fundo.

- Às vezes vejo coisas, vislumbres, mas... também não fazem sentido.

Ela fez que sim.

- Suas lembranças podem voltar como imagens desconexas ou todas de uma vez. Basta alguma coisa servir de gatilho para a memória.

A internet já tinha me dado essa informação. Pensei no bilhete, mas fiquei com medo de que ela contasse aos meus pais.

- Não me lembro de mais nada. É como se eu fosse uma, folha em branco. Quando encontrei minhas amigas, meu namorado. Eu não... senti nada por eles, como se não estivesse nem aí. - Eu me senti mal ao dizer aquilo, mas a pressão no meu peito aliviou um pouco. - Horrível, né?

- Não. Não é horrível. Neste exato momento, você não tem laços com eles. Ela sorriu para me tranquilizar. — Não se espante se começar a fazer novos amigos ou experimentar coisas que venham a surpreender as pessoas a seu redor. É quase como nascer de novo, só que com as habilidades necessárias para a sobrevivência já firmadas.

Bela maneira de ver as coisas. A senhora Messer fez mais algumas perguntas e então tocou

brevemente no assunto da Cassie.

- Como está lidando com isso? Saber que uma amiga sua está desaparecida?

Hesitei.

- Não sei. É esquisito. Não me lembro dela e pelo que todos me dizem, não éramos grandes amigas, mas, se ela estava comigo, então me sinto responsável. Preciso me lembrar do que aconteceu para que possam encontrar a Cassie, mas ninguém quer falar dela.

A senhora Messer voltou a fazer que sim.

-Você entende que, mesmo se nunca recuperasse a memória, encontrá-la não seria responsabilidade sua?

A culpa que me remoía o estômago discordava. Se eu conseguisse botar meu cérebro para funcionar, aposto que levaria todo mundo direitinho até a Cassie. A senhora Messer me passou um pedaço de papel. Nossa pequena sessão de orientação terminara.

Levei uma eternidade absurda para encontrar meu armário. Eu tinha de consultar minha grade de horários para descobrir quais livros enfiar na bolsa e, ao mesmo tempo, ignorar os olhares e cochichos das pessoas ao meu redor. Fechei a porta do armário, inspirei fundo e encarei um corredor tomado por adolescentes a caminho da primeira aula.

Fui recebida por uma onda de rostos desconhecidos. Nenhum deles parecia familiar. Apertando a alça da minha bolsa, atravessei a multidão. Podia ser pior, aquela coisa toda da memória. Eu podia ainda estar desaparecida.

Ou morta, sussurrou urna voz no fundo da minha mente.

Em todas as aulas, tive que esperar o professor ou a professora me dizer onde sentar. Passado o susto inicial ao ver a minha cara, todos puxavam conversa comigo. Perguntavam coisas do tipo "corno vai?" e diziam coisas como "que bom que você voltou".

Só metade deles parecia sincera.

No fim das contas, a escola não foi um problema. Levei alguns minutos para deduzir em que ponto se encontravam as aulas, mas a matéria não estava fora do alcance da minha compreensão. Verônica estava na minha turma de inglês, e ela me puxou para a carteira ao lado dela.

Com meu corpo pairando sobre o corredor minúsculo, ela puxou a manga do meu cardigã.

— Acordou tarde hoje?

— Não, porquê?

Seus olhos me percorreram inteira.

— É só que isso aí que está vestindo não é exatamente... — Gracinha — sugeriu Candy, jogando os cabelos platinados por cima do ombro. — Quer dizer, é ótimo para o fim de semana, mas eu sei que você tem roupas mais gracinhas que esse aí no seu closet.

- Na verdade, queremos um closet como o seu. — Verônica deu uma risadinha e tamborilou as unhas na carteira. — Certo, também queremos o Del.

— Menina, nem me fale — Candy abanou as bochechas. — Ele disse que daria um pulo na sua casa ontem. Ele foi?

— Sim, ele deu uma passada lá. — Mostrei o colar. — Me devolveu isto. Eu tinha deixado na casa dele.

Os lábios de Verônica tremeram antes de ela estampar um enorme sorriso no rosto.

— Foi difícil? Vê-lo sem se... lembrar dele?

Fiz que sim.

— Foi diferente, mas nós... tiramos o atraso.

Candy lançou um olhar de cumplicidade para Verônica.

— Aposto que sim.

— Não nesse sentido. Nossa, de é um desconhecido para mim — eu disse, erguendo as sobrancelhas.

Verônica não perdeu tempo.

— Eu falei com o Trey hoje de manhã, e ele disse que o Del estava bem contente depois de ver você. É bom, não é?

— É. Falando do... Trey, como ele anda?

Como se alguém tivesse acionado um interruptor, as duas garotas ficaram sem expressão.

— Como assim? — perguntou Verônica.

— Ele namorava a Cassie, certo? Ele está bem?

Duas carteiras adiante, um garoto de cabelos pretos bufou e olhou para trás. Seu rosto era de uma palidez medonha. Um delineador preto e grosso contornava seus olhinhos puxados.

— Trey está ótimo. Ele praticamente limpou a garganta dela com a língua na aula introdutória — ele apontou Candy com uma unha pintada de preto. — Deve ser assim que ele lida com o problema.

A face bronzeada de Candy assumiu um tom de vermelho, mas Verônica se inclinou para a frente. Seus peitos quase pularam para fora do suéter decotado, mas isso em nada impressionou o gótico.

— Escute aqui, Pham, Ching Ling ou seja lá qual for seu nome, pode ir se virando para o outro lado que a conversa não chegou no galinheiro. E você deve estar é com ciúme. — Os olhos dela travaram no alvo feito lasers programados para destruir. — Você queria que o Trey limpasse a sua garganta com a língua.

— Verônica — falei boquiaberta e envergonhada pelo menino e por ela.

Sem dizer uma palavra, o garoto girou em sua carteira. Sua nuca ficou cor de sangue.

Eu me virei para Verônica, mas ela sorria para a Candy.

— E eu lá tenho culpa se ele quer jogar no meu time? — ela disse, piscando um olho.

Candy soltou uma risadinha.

Senti uma pontada de raiva, mas a professora entrou e começou a aula. Eu podia não saber quem eu era, mas sabia que aquilo era errado. Quando a campainha soou, apanhei minhas coisas e corri para fora da sala, ignorando Verônica e Candy, que ficaram berrando meu nome.

Alcansei o garoto e segurei o braço dele.

— Escute, sinto muito mesmo pelo que aconteceu.

O gótico era mais baixo que eu, e ele teve de levantar o queixo para me olhar nos olhos. Mesmo assim, mal consegui ver os olhos dele no meio dos cabelos tingidos.

—Como?

— Eu disse que sinto muito pela maneira como elas se comportaram. Não foi bonito.

Suas bochechas roliças ficaram coradas e ele soltou o braço com um tranco.

— Sêrio?

Ele deu risada. Algumas pessoas passaram por nós e houve quem parasse para olhar, de boca aberta.

— Não tem preço. A Rainha das Patricinhas se desculpando pelas filhotas. Não dou a mínima. Não fale comigo.

Ele me deixou plantada no meio do corredor, boquiaberta. Uma risadinha aguda desfez meu espanto. Tão logo me dei conta do que era, um calafrio me desceu pela espinha. Eu me virei para a direita, e a origem do som foi bloqueada por um coro de corpos irrequietos em movimento.

Vislumbrando um vestido vermelho e acetinado, meias calças pretas e cabelos de um castanho avermelhado intenso, senti meu coração vacilar dentro do peito. Uma risada zombeteira deixou meus braços arrepiados.

Foi aí que eu a vi. Estava de pé ao lado do bebedouro, o batom nos lábios carnudos combinava com o vestido... mas não o mesmo vestido da fotografia que eu trazia comigo. Havia algo... algo errado com o vestido.

Avancei um passo e cortei o caminho de um cara grande. Ele deu risada, segurando-me pelos ombros antes que eu caísse para trás.

— Cuidado, Sammy. Não quero mandar você de volta para o hospital.

— Foi mal — murmurei, contornando-o rapidamente.

Não havia ninguém ao lado do bebedouro.

Passando a mão pela testa e os cabelos, girei nos calcanhares e corri para a aula de biologia. Dirigindo-me a uma bancada nos fundos, eu me sentei e comecei a fuçar minha bolsa, com a respiração entrecortada.

Eu tinha mesmo acabado de ver a Cassie? A... visão em nada se parecia com as anteriores. Com as mãos trêmulas, coloquei o caderno sobre a mesa e fui procurar uma caneta. Fechei os olhos durante alguns segundos, controlei a respiração e voltei a abri-los.

Um papelzinho dobrado em triângulo estava bem na frente da minha bolsa aberta.

Talvez tivesse caído de dentro dela ou...

Dei uma rápida olhada ao redor, mas não havia ninguém por perto.

Parte de mim não queria ler o bilhete, não queria sequer começar a entender como foi que aquilo tinha ido parar dentro da minha bolsa ou se tinha caído do céu. Oportunidades não faltaram nas três primeiras aulas. Alguém poderia ter enfiado o papel lá. Respirei rapidamente e desdobrei o papelzinho.

Havia sangue nas pedras. O dela. O seu.

Fitei as palavras até virarem um borrão no papel amarelo. O sangue da Cassie... Meu sangue nas pedras? Fui tomada por ondas de náusea.

— O que é que você tanto olha aí?

Sobressaltada com a voz que surgiu do nada, bati a mão sobre o bilhete e olhei para cima. Dois olhos de um azul vivo, de safiras lapidadas, encontraram os meus. Carson estava se sentando na cadeira ao meu lado.

— Por que vai se sentar aqui? perguntei, dobrando rapidamente o papel.

— É aqui que eu me sento — ele respondeu, arqueando uma sobrancelha.

Enfiei o bilhete na bolsa.

— É?

— É, sou seu colega de laboratório. Foi assim o ano inteira, Sam. — Carson apoiou o cotovelo na mesa, descansando o queixo sobre o punho fechado. E aí, o que está fazendo?

— Estou... Não encontro minha caneta.

Ofereceu-me a dele.

Sorriu de leve com um lado só da boca.

— Tenho muitas, muitas outras. Tenho fetiche por canetas. Não paro de colecioná-las.

Eu não soube dizer se ele estava brincando, mas sorri e peguei a caneta. Nossos dedos se tocaram, e uma descarga elétrica subiu pela minha mão. Ergui os olhos e encontrei os dele. Carson ainda segurava a caneta, mas havia apreensão em seu olhar.

— Obrigada? - falei, puxando delicadamente a caneta.

Carson a soltou.

— Como foi seu primeiro dia até agora?

— Ótimo — respondi depois de rir baixinho.

— Dá para ser mais específica?

— Que surpresa. Você está curioso.

Ele me observou por um momento e aí recuou, cruzando os braços à altura do peito largo.

— Bom, eu só estava tentando ser legal e puxar conversa. Normalmente, a gente só olha feio um pro outro e bate boca. Podemos voltar a fazer isso, se quiser.

— Não. — Minha voz saiu triste. — Não quero isso.

Carson tentou esconder as piscadelas surpresas com uma risada breve, mas eu vi.

—Ah, bem...

Emoções vertiginosas vieram à tona: mágoa, raiva, confusão. — Sinto muito por ter pegado tanto no seu pé desde... bom, desde sei lá quando. Sério, sinto mesmo. Não podemos começar do zero?

Ele me encarou de olhos arregalados e pupilas dilatadas. Sua expressão era indecifrável.

Balançando a cabeça, eu me virei para a frente da sala de aula. Por que linha me dado o trabalho? Um simples pedido de desculpas não remendaria anos de maldade. E, ao me socorrer naquela manhã, na cafeteria, Carson não tinha acenado com a bandeira branca da amizade.

Acho que não.

— Sam...

— Esqueça — resmunguei.

Abri o caderno e tentei ler as anotações de biologia que, pelo jeito, eu não me lembrava de ter feito, quando vi Candy na frente da sala de aula.

Ela também me viu, e seu olhar se alternou rapidamente entre mim e Carson. Quando os olhos dela encontraram os meus, suas sobrancelhas se ergueram. Dei de ombros e voltei a ler as anotações que eu obviamente não tinha me esforçado muito para registrar. Não olhei sequer uma vez para Carson durante toda a aula, mas a presença dele era avassaladora. Cada parte do meu corpo registrava os movimentos dele: rabiscando alguma coisa, passando a mão no peito ou flexionando o pulso direito. Meus nervos estavam à flor da pele quando a campainha soou. Disparei para fora da sala feito um bichinho assustado e engaiolado.

O almoço não foi muito diferente.

Tive de encarar a fila sozinha e nada parecia comestível. Contentando-me com pizza, peguei uma garrafa de água e passei os olhos pelas mesas. Verônica estava nos fundos, acenando com a mão feito um controlador de tráfego. Começando a me acostumar com os olhares, fui em direção dela.

— Ouvi falar que ela não se lembra de nada — uma garota cochichou. — Até tiveram de contar para ela como ela se chamava. Não é doido?

— Bom, com certeza ela se esqueceu de quem era amiga — retrucou uma outra garota, muito mais alto. — Eu a vi falando com o Louis no corredor hoje. Nevou no inferno.

Passando por outra mesa, ouvi um cara dizer:

— Não sei bem qual delas eu queria que voltasse. As duas tinham tudo durinho lá...

Andei mais depressa para não escutar o resto da frase. Passei por meu irmão, sentado ao lado de uma loira bonita. Pelo jeito, não repararam em mim, porque estavam de bocas grudadas.

Sentando-me ao lado de Verônica, obriguei meus músculos a relaxar. As garotas falavam do que tinha acontece numa série de tevê na noite anterior e consegui comer metade do pedaço de pizza em silêncio. Alguns minutos depois, um cara supermusculoso e de cabelos pretos e curtos se juntou a nós. Ele se sentou ao lado de Candy.

— Trey — ele disse, estendendo bruscamente a mão e sorrindo. Tinha um leve sotaque... britânico?
— Prazer em conhecê-la.

Verônica afastou a mão dele com um tapa.

— Não seja idiota.

— Que foi? — Ele piscou para mim. — Del me disse que ela não se lembra de nada. Achei melhor me apresentar.

— Samantha.

Estendi a mão, entrando na brincadeira. Ele deu risada apertou minha mão e se recostou, passando um braço pelo espaldar da cadeira de Candy.

— Droga, você não se lembra mesmo de nada?

Droga, eu estava ficando cansada de tanto dizerem aquilo.

— Nadica.

— Então, não faz ideia do que aconteceu com a Cassie? — ele perguntou, estreitando os olhos.

O silêncio baixou sobre a mesa feito um cobertor grosso e comichento. Quando meus olhos encontraram os de Trey, a inquietação que se formara abaixo das minhas costelas era do tamanho de um punho fechado.

— Não. Você faz?

— Não — gargalhou Trey. — Nem vi a cara dela naquele fim de semana. Terminamos o namoro.

Verônica limpou a garganta.

— Pessoal, podemos falar de outra coisa? Esse assunto é sinistro.

Ele a ignorou.

— Perguntou ao Del se ele a viu naquele fim de semana?

A inquietação aumentou, ganhou peso. Se eu tinha perguntado ao Del? Eu achava que não, pelo menos não com aquelas palavras.

— Ele não mencionou nada nesse sentido.

O olhar de inocência de Trey não me enganava.

— Era bom perguntar de novo. Fica a dica.

— O que quer dizer com isso? — eu quis saber.

— Nada — falou Verônica, cutucando uma folha de alface sobre o prato. — Trey só tem dois neurônios. Mas então, Lauren e eu estávamos planejando ir à Filadélfia neste fim de semana e comprar vestidos novos para a festa que Del vai dar no fim do mês.

Lauren era a garota de cabelos escuros e mechas loiras, a mais calada da turma. Ela sorriu para mim.

— Del vai dar uma festa? — perguntei.

Ela me respondeu sacudindo a cabeça e gargalhando.

— Ah, sim. Que burrice a minha. Ele dá uma festa todos os anos na estreia da temporada. Todo mundo vai. E algumas pessoas que não deveriam estar lá também, mas não dá para controlar a população.

— Tipo assim, se ela aparecer, vamos ter de esconder comida — Candy falou, retorcendo o lábio. — E trancar a geladeira.

As palavras saíram tão alto que eu não precisei adivinhar de quem ela estava falando. A garota estava sentada à mesa bem na nossa frente. Os cabelos cacheados estavam presos no alto da cabeça e

sua nuca estava vermelha feito uma beterraba.

— Óínc, óínc — fez Verônica, unindo as sobrancelhas.

Encarei as duas.

— A menina nem é gorda — eu disse em voz baixa.

Não era magra como elas, mas, até aí os habitantes de países de terceiro mundo eram mais pesados que aquelas duas.

Candy olhou de relance por cima do ombro e riu com desdém, dizendo:

— Qual tamanho ela usa? Quarenta e quatro?

Fiquei de queixo caído.

— É, uau, chamem os Vigilantes do Peso. Vocês estão brincando, né?

Trey se inclinou ainda mais para trás, achando tudo muito engraçado. As garotas da mesa olhavam fixamente para mim, como se eu estivesse dançando pelada. Peguei minha garrafa, com vontade de jogá-la na cabeça de uma delas.

— Nossa, é tanta grosseria que eu nem sei por onde começar.

Verônica atirou a cabeça para trás.

— Ah, sei, vindo de você?

— Que é que tem? — falei.

Ela mordeu o lábio inferior e passou os olhos pela lanchonete.

— Beleza. Está vendo aquela ali? — disse, apontando uma garota bonita, cor de chocolate e com botas arrasadoras nos pés. — Na quarta passada, você a chamou de... — baixou a voz. — " Piranha gorda da periquita quente". Daí, que você não tem moral para falar.

Meu queixo bateu no chão.

—Eu... Eu não diria uma coisa dessas.

Lauren balançou lentamente a cabeça, os olhos focados no prato.

— Disse, sim.

— E uma semana antes, você chegou a oferecer salada para uma fulana aí e sugeriu que ela trocasse a pizza por folhas, — Trey gargalhou. Achei que você fosse apanhar naquele dia.

Uma sensação horrível percorreu-me as veias quando encarei minhas amigas: o mesmo misto de vergonha e confusão que senti ao tentar me desculpar com o garoto no corredor. Não sabia o que era pior: O que eu tivesse dito e feito coisas daquele tipo ou o fato de que todo mundo achava normal. Com nojo daquelas pessoas e de mim mesma, pequei a bandeja e fiquei de pé.

— A gente se vê.

Verônica escancarou a boca.

— Sammy!

Eu a ignorei, piscando os olhos para conter a enxurrada furiosa de lágrimas. Mais do que tudo, eu queria fugir de mim mesma... e de qualquer coisa que me fizesse lembrar o que eu costumava ser. E eu sabia exatamente onde sentar.

Parei diante da mesa de meu irmão, com os olhos fixos nele.

— Posso me sentar aqui?

Ele pareceu surpreso, mas concordou.

— Claro. Puxe uma cadeira.

Com o rosto ardendo e um soluço preso na garganta, eu me sentei. Vários segundos se passaram antes de eu perceber que Carson estava à mesa, e ele me observava com os olhos semicerrados. Quando ergui a cabeça, meus olhos encontraram os da garota sentada ao lado do meu irmão.

Soube quem era ela no mesmo instante: a garota da qual eu me lembrava vagamente, a tal do chapéu vermelho e de aba larga. Fiquei toda empolgada ao perceber que conhecia alguém.

— Você é a Julie!

Ela olhou de relance para meu irmão e voltou a me fitar, piscando rapidinho. Scott baixou o garfo.

— Você se lembra dela, Sam? — ele perguntou.

Eu fiz que sim, toda animada, parecendo o cachorrinho que eu tinha visto no comercial de ração um dia antes.

— Sim. Quer dizer, eu me lembro de uma versão mais jovem dela. Você usava um chapéu vermelho. Eu não encontrei uma foto sua no meu mural, mas acho que éramos amigas...

Olhei rapidamente para Scott, que me fitava de olhos esbugalhados. Na verdade, metade da mesa estava embasbacada comigo. Meu rosto corou e minha voz foi se apagando no meio da frase.

Julie pigarreou.

— Eu costumava usar um chapéu bem grande quando era mais nova. Foi da minha mãe. Nós, você e eu, achávamos aquele chapéu a coisa mais bacana de todos os tempos, mas isso foi há séculos.

Antes de eu me tornar a patricinha-mor ou desenvolver a capacidade de deixar a mesa inteira pasma pelos motivos errados. Enfieei um pedaço de pizza na boca.

— Tem razão, Scott. É bizarro — Carson falou, chacoalhando a cabeça.

Apertei os lábios e corri os olhos por toda a lanchonete. Não vou surtar. Não vou surtar. O nó estava quase na minha boca, travando o pedaço de pizza. Del entrou pelas portas duplas, conversando com um garoto de camisa polo verde neon.

Que camisa horrorosa.

O olhar de Del passou por mim e voltou em seguida. Ele arregalou os olhos. Sua expressão era quase cômica. Falou alguma coisa para o amigo e aí veio na minha direção.

— Ótimo — resmungou Carson, voltando a rosquear a tampa da sua bebida. — Ela sentada aqui, eu consigo aguentar, mas não o escroto do Del.

O riso foi crescendo dentro de mim antes que eu conseguisse contê-lo, e comecei a me virar para Carson quando uma coisa vermelha chamou minha atenção.

No mesmo instante, tudo congelou a meu redor. Um segundo depois, o refeitório desmoronou, desfazendo-se em montinhos de cinzas e pedras moídas. A barulheira de pessoas falando, rindo e comendo desapareceu. Uma película cobriu meus olhos, fazendo tudo se apagar e assumir um tom cinzento e sem vida, com a exceção de uma cor.

Vermelho.

A única cor em todo o recinto era o vestido vermelho e rasgado que pendia do corpo dela.

Cassie estava ali parada, na outra ponta da mesa.

Ela olhava fixamente para mim, de olhos apertados e punhos cerrados, junto ao corpo. Estava descabelada, e as mechas eram mais escuras no alto da cabeça, os fios todos grudados. Uma mancha negra se espalhava pelos contornos de seu couro cabeludo, escorrendo por seu rosto feito um rio pavoroso e traiçoeiro.

- Você se acha tão perfeita – ela disse com uma voz soturna e monótona, e o sangue entrava em seus olhos imóveis. – Mas não é! Você não faz ideia! Sua vida é um caos, e você não faz ideia.

Voltei a mim com uma sacudidela.

- Cassie?

A mão cálida de alguém envolveu a minha, e Cassie desapareceu. Aturdida com o olhar preocupado de Scott.

- O que disse? – ele perguntou.

- Você não viu...

- Vi o quê? – Scott apertou-me a mão.

- Nada.

Soltei minha mão, com o coração disparado.

- Você mencionou a Cassie – disse Julie, branca e visivelmente abalada. - Meu Deus, Sam, você parecia ter visto um fantasma.

Eu estava começando a achar que sim. Ou então era doente mental. Todos olhavam para mim. Os olhos de Carson estavam arregalados e tinham aquele aspecto dilatado de novo. Não entrava ar suficiente nos meus pulmões, que se contraíram dolorosamente. Com as pernas trêmulas, eu me levantei e apanhei minha bolsa.

- Tenho que ir – falei com a voz rouca.

- Sam – disse Scott, levantando-se.

Eu me afastei depressa da mesa. Del, confuso, tentou me segurar, mas eu me esquivei. No corredor, comecei a correr e não parei para abrir as portas que levavam para fora. Meus pés bateram no cimento e depois no asfalto. Chegando ao carro do meu irmão, desabei ao lado dele e levei os joelhos ao peito, arfando dolorosamente.

Agora eu entendia o que as pessoas queriam dizer com tantos alertas: era muita coisa.

Minha mãe veio me buscar mais cedo. O percurso até em casa foi tenso, e eu não conseguia me livrar da impressão de que ela queria me dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. E, sinceramente, o que ela poderia dizer? Era algo que não se resolvia com meras palavras.

- Amoreco – ela disse ao pegarmos a entrada de automóveis. – Tem um médico que seu pai conhece...

- Que tipo de médico? – perguntei ao me virar para ela, abraçada à minha bolsa.

Ela fez uma careta e desligou o motor.

- Ele é psicólogo.

A raiva e a vergonha se digladiaram dentro de mim. Eu não devia ter contado pelo telefone o que acontecera.

- Não sou louca.

- Amor, não estou dizendo que você é... louca. – Ela olhou para mim, com um sorriso agoniado. – Mas você disse que viu a Cassie no refeitório e...

- Não significa que eu precise de um terapeuta. Você já está me obrigando a ver a orientadora educacional. – Saí do carro e bati a porta. – Não quero ver uma terapeuta.

- Pode ser que não tenha escolha – ela disse baixinho.

Girei nos calcanhares e as palavras seguintes saíram de algum lugar bem escondido dentro de mim.

- O que seus amigos iam pensar, mãe? Uma filha que precisa de terapia?

Minha mãe ficou branca.

- A mesma coisa que pensaram quando a minha filha ficou bêbada e meteu o carro *novinho em folha* numa árvore. Ou quando minha filha apareceu naquelas fotografias, para todo mundo ver! Ou quando...

- Ei! Que fotografias?

Ela me lançou um olhar mordaz, como se dissesse que não se rebaixaria tanto a ponto de repetir o que eram *aquelas fotografias*.

- Que fotografias? – gritei.

Minha mãe não respondeu.

Tão logo em casa, ela foi direto até o bar e se serviu de uísque. Engoliu tudo de um trago só e voltou a se servir.

- Amor, quero que você melhore. Não por causa do que pensam meus amigos, e sim porque você é minha filha. Fazer terapia não é...

- Não – eu a interrompi. – Não vou fazer terapia.

Ela desviou os olhos, tomando um belo gole de uísque. Saí da sala, sem ter mais o que dizer.

Passei uma ou duas horas no meu quarto, andando para lá e para cá. De vez em quando, eu me detinha e olhava para a caixa de música e a foto da Cassie. Quando ouvi a porta da garagem se abrir, entrei em pânico. Não queria estar na mesma casa com a mulher que eu empurrava para a bebida e o irmão que certamente me achava uma louca. Saindo sorrateiramente pelas portas dos fundos, passei pela piscina e o pequeno bangalô cercado de árvores. Um homem cuidava delas, carregando galhos grossos para a caçamba de uma picape. O suor cintilava em sua pele escura.

Ele nem sequer ergueu os olhos. Para ele, eu era invisível, e gostei disso.

Dirigindo-me a um dos cantos da propriedade, subi no muro de pedra que cercava o quintal. Havia uma trilha aberta na relva e no solo pedregoso, um caminho que se bifurcava entre as árvores. Mais adiante ficava uma casa na árvore, aninhada no alto de um grande bordo.

Parei embaixo da árvore, imaginando se meu inconsciente tinha me levado até lá. Devia haver um motivo para eu ter encontrado aquele lugar.

A casa da árvore não tinha nada especial. Era mais uma cabana, mas tinha um mirante maneiro, com dois metros e meio de largura. Subir numa árvore era bem mais difícil do que parecia. Foram várias tentativas até eu chegar à parte do tronco que interessava. De lá, me esgueirei por uma porta recortada na madeira tratada e entrei num espaço amplo o bastante para eu me deitar ali, mas não grande o suficiente para eu ficar de pé. Torci para que a madeira não estivesse podre.

Consegui chegar ao mirante sem me matar e me espreguicei. Uma brisa fresca levantou alguns fios do meu cabelo, jogando-se sobre meu rosto. Fiquei arrepiada e me encolhi dentro do suéter.

Não sou louca.

A senhora Messer não tinha dito que as lembranças poderiam voltar como imagens desconexas? Imagens que gritavam na minha cara... *que sangravam?* Ocorreu-me uma coisa horrível. E se a imagem de Cassie sangrando fosse uma recordação de algo que eu tinha visto naquela noite? Mas por que ela berraria aquelas coisas para mim? Não havia resposta para isso, porque eu não sabia como tinha sido minha vida antes da última quarta- feira. E havia também os dois bilhetes. O mais recente falava de sangue... Aí eu via a Cassie sangrando? Eu sabia que os bilhetes não eram imaginários. Scott lera um deles. Era óbvio que alguém os deixaria. Para me assustar? Me alertar?

Que fotos?

Cercada pelo canto dos pássaros e o farfalhar arrastado de galhos nus roçando uns nos outros, eu me dei conta de mais uma coisa terrível. Minha suposta melhor amiga podia estar desaparecida, mas eu não queria minha antiga vida de volta de jeito nenhum. Não queria relembrar as coisas horríveis que eu havia dito ou feito, mas imagino que isso não tivesse a menor importância. Mesmo se eu não lembrasse quem era, o resto do mundo jamais esqueceria. Por mais que eu quisesse ignorar a pessoa que eu fora um dia, não havia como escapar de um passado do qual eu não me lembrava.

Devo ter pegado no sono em algum momento, porque, quando abri os olhos, o céu estava escuro; meu nariz, gelado; e havia alguém deitado ao meu lado.

Meu coração foi parar na garganta e deixou de bater por um segundo quando me virei e cabelos macios roçaram minha face.

- Carson?

Ele abriu um olho.

- Sabe que você podia ter escolhido um lugar mais confortável para tirar uma soneca? Isto aqui

acaba com as costas.

Vários segundos se passaram até eu conseguir dizer alguma outra coisa fora o nome dele.

- Não era minha intenção pegar no sono.

- Foi o que imaginei.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, e as sombras esconderam seus olhos. Esfreguei os meus, livrando-me dos últimos vestígios da soneca acidental.

Que horas são?

- Quase nove e meia. – Carson fez uma pausa. – Estão todos procurando você. Seus pais, Scott e Del. Estão passando um pente fino na cidade.

- E você me encontrou?

Carson deu risada. O som agradável, grave e acolhedor. Fiquei com a impressão de que não o ouvia rir com frequência.

- Eu sei. Assustador, né? Foi meio que uma surpresa para mim você estar aqui na casa de árvore. Ninguém teria pensado em procurar aqui. E, na verdade, foi minha última tentativa.

Comecei a sentir um calorzinho ao fitar o rosto dele, parcialmente encoberto pelas sombras. Nossos olhos se encontraram, e a onda inebriante de calor desceu e se espalhou.

- Por que estava me procurando? Você nem sequer...

- “Gosta de mim”? – ele completou, sorrindo.

- Você me detesta.

Ele ergueu as sobrancelhas.

- Não detesto, não. Nunca detestei você. É que... Às vezes era muito difícil gostar de você. – Ele voltou a se virar para o céu noturno, deixando escapar um suspiro baixo. – Por que veio pra cá? Lembrou-se do lugar?

Retorci sode dos gelados, contente em saber que, pelo menos, ele nunca tinha me detestado. Era provavelmente a melhor notícia do dia.

- Não sei. Não me lembro deste lugar, mas vim parar aqui assim mesmo.

- Nós três costumávamos brincar aqui quando éramos pequenos – ele explicou. – E, para não levar bronca por faltar na aula de piano ou na aula de balé, você se escondia aqui. Mas aposto que você não pisava na casa da árvore desde que tinha uns onze anos.

Aulas de piano e balé? Isso explicava a caixa de música, mas não importava agora. Pensei em nossa visita à cafeteira naquela manhã.

- Você sabe um bocado a meu respeito.

- Crescemos juntos. – Ele ficou quieto por um instante. – Você passava muito tempo aqui. Scott costumava balançar você ali da beirada.

- Parece divertido – ri.

Carson me cutucou.

- Você adorava. Tinha fissura por voar. Teve um dia que você chegou a pular do mirante. Seu irmão amorteceu a queda. E quebrou o braço.

Minha boca foi se espichando conforme eu esticava as pernas e mexia os dedos dos pés dentro do tênis.

- Ele ficou bravo comigo?

- Não – Carson gargalhou. – Ele ficou morrendo de medo de você quebrar o pescoço. Nem vou falar das coisas que você costumava fazer em cima da edícula da piscina. Como eu já disse, você tinha fissura por voar e era atrevida. Na verdade, ainda tem. Scott me contou, umas semanas atrás, que vocês foram fazer *bungee jumping* e, pelo jeito, Del quase se borrou todo.

Em vez do riso, uma sensação de peso apertou meu peito. Eu me sentei e cruzei as pernas. O céu estava escuro, uma tela virgem. Sem estrelas, só um fiapo de lua.

Carson se sentou, apoiando o ombro nas minhas costas.

- Que foi?

Olhei por cima do ombro e descobri que nossos rostos estavam a poucos centímetros um do outro. Fui consumida por uma curiosidade absurda e repentina. Queria saber se os lábios dele eram tão

macios quanto aparentavam ser. Apostei que seriam firmes, sensuais. Suprimindo o desejo, baixei o olhar. Ele não me detestava, mas isso não significava que quisesse dar uns pegos comigo.

- Perguntei ao Del como eu era.

- E?

Seu hálito roçou minha face, morno e torturante.

- E ele só conseguia me dizer que eu gostava de compras e farras – suspirei. – Mas, depois de dez minutos com você, agora sei que eu era uma espécie de viciada em adrenalina. Melhor do que ser baladeira, né?

Ele se inclinou para trás, guardando uma certa distância.

- Você é mais do que uma baladeira, Sam. É inteligente, incrivelmente inteligente. E não passaria em biologia se você não fosse minha colega de laboratório. E não posso ser reprovado porque quero a bolsa de estudos para a universidade. Mas, voltando ao assunto, você também é forte. Quer dizer, qual é? Quantas pessoas que perderam completamente a memória retomariam na mesma hora a antiga vida? Você é tenaz.

- Tenaz? – perguntei corando.

- É. Minha palavra do dia.

Contorcendo o corpo, sorri para ele.

- Bolsa de estudos? Para onde quer ir?

- Penn State – ele respondeu. – Se eu conseguir manter as minhas notas altas, vou ganhar a bolsa integral.

- Uau.

Carson olhou para mim, riu e balançou a cabeça.

- Você planeja ir para Yale. Isso, sim é *uau*.

Meu sorriso se apagou.

- E se eu não quiser mais ir para Yale?

Ele voltou a rir.

- Seus pais surtariam, Sam. E, fala sério, é uma oportunidade que você não pode deixar passar só porque as coisas... agora mudaram.

Trouxe os pés para baixo do corpo e voltei a me recostar. Ele tinha razão, mas me perguntei se Yale era realmente um sonho meu ou só expectativa de que eu seguisse os passos dos meus pais.

- Você ainda vem aqui, na casa da árvore?

- Venho, é um bom lugar para ficar longe de tudo e pensar.

- Talvez tenha sido por isso que eu vim para cá – comentei, encolhendo os ombros.

- Posso perguntar uma coisa?

Quando ergui os olhos, vi que ele voltara a se aproximar. Assenti, e ele estendeu a mão, apanhando uma mecha de cabelo que o vento soprara sobre meu rosto e empurrando-a novamente para trás da minha orelha. Sua mão se demorou ali durante um segundo, talvez, mas foi algo que senti com todas as células do meu corpo.

- O que aconteceu no almoço?

Desfeito o encanto, eu me arrastei até a beirada do mirante.

- Nada.

Carson também avançou e fiquei sem ter para onde ir.

- Alguma coisa aconteceu, sim.

De jeito nenhum que eu contaria a ele o que tinha visto. Uma coisa era minha mãe pensar que eu estava louca, mas aquele gatinho absurdamente tudo de bom? Ah, não mesmo. Balancei a cabeça.

- Não aconteceu nada. Eu estava... cansada.

Ele não pareceu se convencer.

- Só estou tentando ajudar, Sam.

Eu ia dizer que não precisava da ajuda dele, mas aí tive uma ideia. E, depois que se tornou uma

ideia fixa, não consegui mais me livrar dela.

- Você quer realmente me ajudar?

- Não teria oferecido se não quisesse.

- Beleza. – Inspirei fundo. – Sabe onde a Cassie mora?

- Sei – ele disse, apoiando seu peso mais uma vez nos calcanhares. – Por quê?

- Acho que ver as coisas dela talvez me ajude a lembrar. – Era um tiro no escuro, mas já era alguma coisa. – Você pode me levar lá?

Carson me fitou durante um bom tempo e concordou com a cabeça.

- Posso. No próximo sábado, se você aguentar esperar tanto. Tenho treino quase todos os dias daqui até lá.

Eu não queria esperar tanto, mas tampouco queria pedir para outra pessoa.

- Eu espero.

Meus pais me deram um sermão quando voltei para casa, e eu realmente me senti mal. Considerando que eu passara quatro dias desaparecida, a última coisa que eu deveria ter feito era sumir sem avisar ninguém. Pedi desculpas e foram sinceras.

Meu pai pareceu tão surpreso que fiquei com medo de que ele tivesse um ataque cardíaco.

Havia várias chamadas perdidas e torpedos das minhas amigas e do Del. Respondi todos, dizendo-lhes que eu estava bem. Quando Del ligou de volta, eu me senti horrível por ter sumido do mapa. A preocupação em sua voz me encheu de pena.

- Quero dar um pulo aí – ele disse, e ouvi uma porta se fechar atrás dele. – Preciso ver você.

Eu me sentei na beirada da cama, fitando a caixa de música.

- Não sei se é uma boa ideia. Meus pais estão danados comigo.

Um suspiro forte saiu do telefone.

- Mas seus pais me adoram.

- Não tenho certeza se eles gostam muito de mim no momento. – Mastiguei o lábio. – Você pode vir amanhã, depois da escola?

- Sim, claro. – Fez-se uma pausa e, em seguida, ouvi o som de uma latinha se abrindo. O que aconteceu hoje no almoço? Verônica disse que você estava muito esquisita, aí você se levantou e foi se sentar com seu irmão. Minutos depois você simplesmente saiu correndo de lá, sem dizer nada.

- Eu só estava cansada. – Joguei-me de costas na cama. As estrelas começavam a brilhar. – Minhas amigas me odeiam agora?

- Não. – Del gargalhou. – Não seja idiota, Sammy. Elas sabem que você está passando por muita coisa.

Não seja idiota? Fechei a cara.

- E você vai voltar a ser o que era já, já. Elas entendem – ele falou, e outra porta se fechou. – Escute, tenho que desligar. Vejo você na escola amanhã.

- Ei, espera. – Voltei a me sentar, girei as pernas no ar e as coloquei para fora da cama. – Hoje minha mãe falou alguma coisa a respeito de umas fotos minhas. Sabe do que se trata?

Ele ficou tanto tempo calado que achei que tivesse desligado.

- Vai saber... Provavelmente você não estava usando maquiagem ou coisa parecida. Sabe como é sua mãe.

Não sabia, mas soava como algo que ela faria. Liberei o Del depois disso e, apesar de ser tarde, abri o *notebook* e tentei acessar meu e-mail outra vez. Tinha de haver coisas pessoais ali. Algo que me ajudasse a lembrar. A senhora Messer disse que haveria gatilhos.

Eu precisava de um gatilho.

Mas não sabia responder à droga da pergunta pessoal de verificação. Quem é seu amigo ou amiga de infância? Eu já tinha digitado Cassie. Não funcionou. Verônica. Nada. Lauren. Sem chance.

Frustrada, eu levantei e fui até a porta do quarto do meu irmão. Bati.

Ouvi um farfalhar de colchas, seguido pelo som de roupas às pressas. *Ah, não...* Comecei a me afastar da porta, mas ela se abriu.

Scott estava acabando de vestir a camisa, cobrindo a barriga lisa feito uma tábua. Por cima do ombro dele, vi que Julie estava sentada na cama, segurando um livro sobre as coxas. O livro estava de ponta-cabeça, e eu sorri. Ele limpou a garganta, vermelho.

- Tudo bem, Sam?

- Hã, sim. – Desviei o olhar para o cartaz acima da cama. Era dos Phillies, a equipe de beisebol da Filadélfia. – Queria saber se você poderia me responder uma pergunta.

Julie ergueu os olhos, com uma expressão curiosa no rosto bonito. Sorri, e ela respondeu com um sorriso hesitante.

- Claro. – Scott se recostou no batente da porta, cruzando os braços. – Eu sou uma fonte de sabedoria. Manda.

Eu me senti uma perfeita idiota ao perguntar aquilo.

- Quem era meu amigo ou amiga de infância?

Scott me encarou.

Meu rosto ardia.

- Estou tentando mudar a senha para poder acessar meu e-mail.

- Ah, faz sentido. Tente Carson.

O espanto me deixou paralisada.

- Carson?

Scott fez que sim.

- Quando a gente era criança, vocês dois eram mais próximos do que ele e eu hoje em dia. Eu apostaria nele.

Carson era meu melhor amigo de infância? Não dava para acreditar, considerando-se a animosidade com que ele havia me tratado no começo.

- Por que não somos mais amigos?

- Cassie e Del – Julie responder, fechando o livro didático que segurava. – Você começou a sair com eles e, bom, seus antigos amigos simplesmente não prestavam mais.

- Nem mesmo você? – perguntei, lembrando o que Scott dissera.

- Ah, meu Deus – Scott murmurou, cobrindo a cara com a mão. – Sam, depois de hoje, talvez devesse...

- Eu devesse o quê?

Julie colocou o livro de lado.

- Fomos amigas até o começo do terceiro ano.

- E o que aconteceu então?

Ela hesitou.

- Eu queria namorar seu irmão, e você me disse que não poderíamos ser amigas se eu fizesse isso. E resolvi pagar para ver. Você não estava de brincadeira.

Uau. Sério, eu começava acreditar que era o anticristo.

- Sinto muito.

Girei nos calcanhares e parto depressa corredor afora. Cheguei à metade do caminho e ouvi a voz de Julie.

- Sam, espera.

Eu me virei para a garota alta e me preparei para o pior. Fosse lá o que ela tivesse a me dizer seria decididamente algo que eu merecia ouvir.

Ela parou diante de mim, alisando com as mãos o conto tachado que trazia nos quadris.

- Eu queria ter conversado mais com você hoje, mas...

Surpresa diante do fato de que ela não estava acabando comigo, percebi, que os músculos das minhas costas relaxaram um pouco.

- Meu eu saí correndo feito uma doida.

- Eu não diria que foi feito uma doida. – Ela me deu um sorriso hesitante. – Você está bem?

Por um momento, tive vontade de contar tudo que eu andava vendo, porque uma parte de mim, bem lá no fundo, reconhecia Julie, mas a última coisa que eu queria era parecer maluca.

- Sim, eu estou bem, É que... foram coisas demais para um dia.

- Posso imaginar. – Uma expressão solidária se insinuou em seu rosto e ela inspirou fundo. – Você se lembrou mesmo de mim hoje? Só um pouquinho?

Fiz que sim.

- Não foi grande coisa. Eu só me lembrei de você quando tínhamos...

- Provavelmente uns dez anos – ela me interrompeu, mordendo o lábio inferior. – Andávamos sempre juntas, depois da escola e nos fins de semana. Éramos praticamente inseparáveis.

Senti uma vontade louca de voltar para aquela época.

- Eu parei mesmo de falar com você só por causa do namoro com o Scott? Porque ele me disse que eu tinha parado de falar com você por causa de uma roupa sua de que não gostei, mas eu... Não acho que moda fosse algo tão importante para mim.

- Você sempre teve roupas boas e se vestiu como uma socialite, mas nunca ligou para isso. Não como as outras garotas. – Julie mordeu o lábio e tirou um fio de cabelo da testa. – Não sei qual foi o verdadeiro motivo. Será que foi mesmo o Scott? Foi o que você me disse, mas não fazia sentido. E a Cassie não gostava de mim. Ela tinha um ciúme absurdo da nossa amizade, e tenho absoluta certeza de que ela teve algo a ver com isso.

Tudo levava de volta à Cassie. A garota tinha todo aquele controle sobre a minha vida? Ou era algo mais?

- É melhor eu voltar. Estamos ocupados, estudando. – Ela fingiu não ver a expressão que passou rapidamente pelo meu rosto. – Se você topar, eu gostaria muito de passar um tempo com você.

- Seria legal – falei sem demora. – Quer dizer, eu gostaria muito que a gente fizesse isso.

- Entendi – ela riu baixinho. – Até mais, então?

Acenei rápido, completamente constrangida, e me dirigi ao meu quarto. Fechando a porta atrás de mim, deixei escapar uma expiração entrecortada e me sentei diante do *notebook*. Bem devagar, quase com relutância, digitei o nome do Carson. Ao clicar em AVANÇAR, fechei os olhos com força.

Abri um dos olhos.

Fui saudada pelo campo onde eu deveria entrar com minha nova senha.

Fui atropelada pela confusão, mas, por trás da pergunta de por que eu o teria escolhido como a resposta secreta quando aparentemente eu o detestava, havia certo entusiasmo que me deixava arrepiada, me dava vontade de cantarolar e estampou um sorriso bonito bobo na minha cara. Um sorriso que eu não entendia, porque eu tinha um namorado de quem aparentemente gostava muito.

Mas Carson ficara tão perto de mim na casa da árvore.

Parei de pensar em Carson, escolhi uma nova senha e finalmente entrei na minha conta. Todos os e-mails da minha caixa de entrada posteriores à última quarta-feira haviam sido apagados.

Hã... Aquilo era estranho. A menos que não tivesse recebido nenhum e-mail desde o dia em que tinha voltado, o que parecia improvável. Não havia uma única mensagem da Cassie. Nada na pasta de mensagens salvas, nem mesmo na de e-mails enviados. Nada. Alguém tinha entrado na minha conta de e-mail. Isso explicava por que a senha estava bagunçada, mas eu ficava paranoica só de pensar naquilo.

Abrindo uma das mensagens da Verônica, li que ela sentia muito pelo que tinha acontecido no almoço e que ainda gostava de mim. Revirando os olhos, fiz menção de apagá-la, mas acabei enviando uma resposta, dizendo à Verônica que estava tudo bem. Minhas amigas podiam ser umas manés de marca maior, mas eu tinha de lhes dar uma chance. Antes de desligar, abri uma nova mensagem e digitei C no campo “Para”.

O autopreenchimento completou: cassieblively@live.com.

Ao ver o endereço eletrônico, fiquei sem ar. Li “Cassie, esteja viva, viva”. Não sei por que fiz o que fiz em seguida, mas digitei duas frases curtas. *Cadê você?* E depois... *Quem é você?*

Cliquei em enviar.

A semana seguinte foi, digamos, normal. Voltei para a escola e tentei me enquadrar mais uma vez naquela vida que era tão desconhecida para mim. Aprendi bem rápido como funcionava a hierarquia da escola. Havia três grupos, pelo jeito: a cúpula, aqueles que davam um jeito de ficar amigos do pessoal da cúpula e todo o resto.

Minhas amigas claramente faziam parte do primeiro grupo. Nossas famílias tinham raízes profundas em Gettysburg ou nas cidades vizinhas. Todas as grandes propriedades pelas quais passávamos no caminho de casa a escola pertenciam a uma delas ou a seus parentes próximos.

E nossas famílias mandavam no condado.

O pai da Lauren estava no ramo de investimentos, como o meu. O pai da Candy era dono da maior de todas as imobiliárias. O pai da Verônica era desembargador do Tribunal de Justiça da Pensilvânia. E nós éramos como nossos pais: mandávamos na escola.

Logo percebi que nossos atos raras vezes eram questionados, principalmente por causa de nossos pais. Famílias antigas. Fortunas antigas. Eu tinha a impressão de que não era bem assim em outros lugares. Certo, havia sempre um grupo que mandava na escola, mas ali era tudo tão estratificado. Achei que talvez tivesse algo haver com o fato de ser uma comunidade muito unida. Bom, pelo menos os ricos eram. Eles... hã...Nós éramos muito unidos. As outras pessoas não passavam de intrusos ou sei lá o quê.

Mas uma coisa não se encaixava, e era a Cassei. Não sei dizer como eu sabia disso ou se era uma das sensações esquisitas que eu tinha e que certamente estavam relacionadas à minha vida anterior e, por causa disso, eu a protegia com unhas e dentes.

Nada fazia sentido. Droga, minha vida não fazia muito sentido.

No almoço, eu comia junto as meninas. Convidaram-me duas vezes para ir comprar vestidos com elas, mas recusei. Diante de tudo que acontecera, não parecia certo fazer planos para o baile de formatura. E, por mais que eu tentasse fazer com as coisas parecessem normais, havia esse abismo imenso entre mim e minhas amigas. Eu não me juntava a elas quando zoavam as pessoas, nem ria de suas piadas. A cada dia que passava, seus olhares tornavam-se mais demorados e perversos, e seus comentários, mais falsos. Era impossível não ficar com a impressão de que eu não era mais especial

para elas.

Eu passava algum tempo com Del depois do treino de beisebol. Certo dia, fui à casa dele que fazia a meu parecer um daquele sórdidos motéis de beira de estrada. O dinheiro era nitidamente um fator importantíssimo na vida da família dele, como na minha também. Ele tinha paciência comigo e toda aquela história de voltarmos a nos conhecer, mas era visível que ele esperava que eu parasse com aquilo, que me tornasse a garota por quem ele tinha se apaixonado, e acontecia a mesma coisa comigo. Todas essas expectativas – as dos meus pais, amigos e as de Del – eram um fardo nas minhas costas, e eu sempre acabava sentindo como se... me faltasse *alguma coisa*. A única parte do dia que eu curti de verdade era o percurso até a escola pela manhã e a aula de biologia.

Nos dois casos, Carson estava envolvido.

Eu não havia tido mais alucinações nem encontrado bilhetes.

E Cassie continuava desaparecida.

A esperança de que ela reaparecesse de repente, como tinha acontecido comigo, diminuía dia a dia. Não havia como entender mal os olhares que me lançavam na sala de aula ou no corredor. Olhares desconfiados e acusadores. Quando toquei no assunto naquela manhã, a caminho da escola, Scott e Carson me disseram que eu estava ficando paranoica.

Eu não tinha a mesma certeza.

Era possível que minha reputação fosse tão assustadora que as pessoas acreditassem que eu era capaz de fazer algo horrível com a Cassie. Eu não queria pensar nisso, mas uma parte bem pequenininha de mim tinha medo.

O investigador Ramirez aparecera no dia anterior, depois da escola. Deviam ter entrado em contato com meu pai primeiro, porque ele ficou em casa e não saiu do meu lado enquanto me interrogavam. O investigador me fez as mesmas perguntas repetidas vezes. Infelizmente, minhas respostas não mudaram. Depois de meia hora andando em círculos, Ramirez desistiu e foi embora, de mãos vazias e decepcionado.

Não mais que eu.

Minha mãe ficou calada o tempo todo, bebericando um copo alto de café que eu desconfiava não ter café coisa nenhuma. Depois que o investigador saiu, ela foi para a cozinha. Meu pai fez menção de segurá-la, mas ela se esquivou com a agilidade de uma gata de rua. Vi um brilho de frustração nos

olhos do meu pai, algo que sumiu assim que seu olhar encontrou o meu.

- Está tudo bem. – Ele colocou sua mão sobre a minha e a apertou. Seus lábios tremeram e abriram-se num sorriso. – Sei que está tentando se lembrar e ajudar, princesa.

- Princesa? – murmurei. – Você não me chama assim desde – Não completei a frase e franzi o cenho.

Meu pai ficou imóvel.

- Desde quando?

Mexi a boca e posso jurar que a resposta estava na ponta da língua, na periferia dos meus pensamentos, mas, quando tentei capturá-la, a informação simplesmente evaporou, como fumaça ao vento. Balancei a cabeça.

- Não sei.

Ele não disse nada de imediato, mas, em seguida:

- Eu não a chamo assim desde que você tinha uns onze anos.

- Por que recomeçou?

- Ultimamente, é como se minha princesinha tivesse voltado. Do jeito como você era antes...

Ele se recostou, soltando minha mão. Cruzou os braços sobre o peito, e seu olhar passou para as janelas grandes que davam para o pátio dos fundos.

- Você não queria mais que eu a chamasse assim, e sei que vai perguntar por quê – Um sorriso fugaz e aparentemente cansado agraciou-lhe os lábios. – A última vez que a chamei de princesa foi quando você trouxe Cassie aqui pela primeira vez. Você fez questão de me pedir naquela mesma noite para não fazer mais isso.

Minhas sobrancelhas se aproximaram quando o vi deixar escapar um suspiro baixo.

- E o que tinha a ver com ela o fato de você me chamar assim?

Ele voltou a me encarar.

- Não sei. Só você sabe a resposta.

- O lance de amanhã ainda está de pé? – Carson perguntou tão logo se sentou ao meu lado na aula de biologia.

- Se você ainda quiser ajuda – respondi, confirmando com a cabeça.

Ele fez aquela cara outra vez, como se ficasse confuso e depois apreensivo. A mesma expressão que passava por seu rosto deslumbrante toda vez que ele conversava comigo.

- Quero, sim. Tenho treino de manhã.

- Tudo bem.

Eu fitava um ponto logo acima dos olhos dele. Olhar diretamente para os olhos ou lábios dele era simplesmente um convite para que as emoções confusas e frustrantes retornassem.

Aproximando sua cadeira da minha, ele se inclinou por cima do meu ombro e riu. Senti um calafrio na espinha.

- O que está desenhando? O Pé Grande?

Com os dedos paralisados em volta da caneta, olhei feio para o desenho. Era um esboço muito mal feito de um cara.

- Acho que isso aqui em volta dele são sombras, e não pelos – expliquei.

- Ah, entendi agora.

- Sinceramente, não sei por que estou desenhando isso. – Rindo de vergonha, abaixei a caneta e olhei para Carson. Ele estava tão, mas tão perto, e era inebriante. – Bom, agora sei que não sou uma artista.

- Nisso eu vou ter de concordar com você. – Endireitando-se na cadeira, ele observou meu desenho. Era só a silhueta de um cara, sombreado a tinta. Eu não havia respeitado os contornos. Acho que isso explicava por que tinha imaginado que eram pelos. – Mas inda resta uma esperança.

Naquele exato momento, decidi que gostava da maneira como ele sorria com um lado só da boca.

Um sorriso torto, mas perfeito.

- Você ficou tão calado no caminho para a escola hoje cedo.

Carson tirou um cacho rebelde da frente da testa.

- Tenho uma prova importante de história.

- Está preocupado com as provas?

Ele riu baixinho, esticando o corpo esbelto e longilíneo sob a bancada branca.

- As provas sempre me preocupam porque, se eu não passar numa delas, minha média vai pro espaço.

- Vai se sair bem. Você é tudo de bom, então... – Tapei a boca, horrorizada e sem saber ao certo de onde saíram aquelas palavras.

Carson olhou para mim, e um sorriso vagaroso começou a repuxar-lhe os lábios.

- Bom, vou ter que concordar de novo com você.

Meu rosto ardia como se eu tivesse ficado muito tempo ao sol. Abaixei a mão.

- Não acredito no que acabei de dizer.

- Tudo bem. – Ele deu uma risadinha. – Posso fingir que não ouvi.

- Seria ótimo.

Um olhar malicioso e travesso se insinuou em seus olhos azuis e escuros.

- Mas não vou esquecer.

Foi aí que a senhora Cleo entrou no laboratório, carregando uma pilha de papéis. Os braceletes pesados em seus braços robustos tilintavam a cada um de seus passos. Olhei para a frente da classe, resistindo à vontade de abrir um sorriso idiota, e encontrei os olhos da Candy. Ela arqueou uma sobrancelha e, com a boca, deu forma à pergunta: “Carson?”. A maneira como seu lábio se retorceu ao pronunciar o nome dele foi uma obra de arte. Olhando de relance para Carson, fiquei contente ao ver que ele não havia reparado nela.

Depois da aula, Candy só faltou me arrastar para banheiro mais próximo e ficou parada na frente da porta, com os braços cruzados sobre o busto de seu vestido de tricô. Fui atropelada pelo cheiro persistente de cigarros desinfetante. As pichações nas paredes pareciam completamente ininteligíveis.

- Certo, Sammy, o que é que está rolando entre você e o cucaracha?

A raiva explodiu em mim feito um tiro de espingarda.

- Ele tem nome. E isso foi de uma grosseria absurda e revoltante.

Seus cílios cheios tremelicaram.

- Desculpa. – Ela jogou as mãos para o céu. – Meu Deus. Como você anda *sensível*. Tudo bem, o Carson é um gato. Ninguém pode tirar isso dele, e também serve para dar umas voltinhas, mas é o filho do seu *jardineiro*.

Cerrei os punhos.

- Ele também é muito inteligente, um baita arremessador, pelo que ouvi dizer, e gente boa.

Candy ficou de queixo caído.

- Ceeeerto, mas e o Del? Vocês dois vivem o romance de conto de fadas que todo mundo gostaria de ter... Principalmente a Verônica. Enfim, já se esqueceu dele?

Ai... Ai, droga. Eu *tinha* me esquecido do Del.

- Não tem nada a ver com o Del.

A porta do banheiro se abriu e Candy girou nos calcanhares para estapeá-la com toda a força.

- Caramba! – veio uma voz surpresa do outro lado.

- Tem gente – Candy disparou. – Procure outro banheiro. – Cara a cara comigo, ela jogou os cabelos por cima do ombro. – Como você acha que o Del vai se sentir quando souber que a namorada dele estava olhando com cara de “assanhada” para outro garoto?

- Eu não estava, não. – Dei um passa à frente, sentindo o rosto em chamas. – Carson e eu somos só amigos.

- Desde quando? Sei que você não se lembra de nada, mas você e Carson são dois mundos

diferentes. Ele *detestava* você. E o sentimento era recíproco.

Aquelas três palavras me atingiram no peito com mais força do que deveriam.

- Ele me detestava?

Ela sorriu para mim como se eu fosse uma criancinha que acabara de tentar enfiar o dedo na tomada.

- Você gosta dele?

- O que? – Levei a bolsa ao ombro e fui até o espelho logo acima da pia, fingindo estar mais preocupada em retocar o brilho labial. – Já disse que gosto dele como amigo.

O rosto dela apareceu por cima do meu ombro, e seus olhos eram felinos.

- Que bom saber disso, porque seria muito esquisito se você estivesse a fim dele.

- Por quê? – Tampei o frasco de brilho, resistindo à vontade de jogá-lo na cara dela. – Só porque ele não é rico?

Ela franziu o nariz.

- Não. Porque ele ficou com a Cassie numa festa de verão passado e fez a mesma coisa com a Lauren. Carson é um galinha.

Naquela mesma noite, eu tinha um garoto na minha cama. A senhora Messer insistia para que eu fizesse coisas normais todos os dias, coisas que poderiam trazer minhas lembranças à tona. E, considerando-se que eu não era mais virgem, ter Del no meu quarto tinha de ser algo familiar.

Meus pais estavam em alguma espécie de leilão fechado na Filadélfia e eu não fazia ideia de onde Scott estaria. Poderia estar em qualquer lugar daquela casa enorme e eu não ia nem saber.

- Por que não foi fazer compras com as garotas? – Del perguntou, esticando-se ao meu lado.

Encolhi um ombro só e virei a cabeça na direção dele. Seus olhos pareciam chocolate quente, mas eu tinha a impressão de que podiam ser mais frios e insensíveis.

- Eu queria passar algum tempo com você.

Del pareceu se contentar com aquilo, e era a verdade. Passar algum tempo a sós com ele só poderia

ajudar. Aparentemente, éramos um casal de contos de fada, e eu queria me lembrar disso... queria *sentir* como era. Naquele exato momento eu não sentia nada. Não fiquei sem ar, não tive palpitações nem senti um calor arrebatador que... Não queria pensar nele, não depois do que descobrira a respeito *dele*.

Ele tinha transado com a Lauren.

E com a Cassie.

De olhos bem fechados, encarei uma série atroz de palavrões. Não ai pensar nele. Sério. Não estando com o Del. Era tão errado, que eu nem sabia por onde começar, e eu não precisava ter minha memória intacta para entender isso.

Estendi a mão e percorri toda a mandíbula dele com as pontas dos dedos. Sua pele era macia. Eu me perguntei quantas vezes já tinha feito aquilo no passado.

O simples roçar dos dedos não disparou nada dentro de mim, mas deve ter sido um sinal para Del. Seus cílios se abaixaram e ele ergueu o torso, apoiado em um cotovelo, pairando acima de mim, sem me tocar, mas presente, ali tão perto.

Engoli em seco e recolhi a mão de volta ao meu peito. Fiquei sem ar, mas não por estar excitada. O medo e a ansiedade me castigavam. Uma interrogação, se formou em seus olhos, como se ele não tivesse certeza de que seria certo fazer o que estava fazendo.

Mas eu queria que ele o fizesse. Poderia me ajudar a lembrar. Eu precisava lembrar, daí quem sabe eu recordasse o que acontecera com a Cassie.

Acenei afirmativamente e me obriguei a sorrir, mas senti um tremor nos lábios

Del levou a boca ao meu pescoço, acariciou minha pele com a ponta do nariz. Meus dedos se enterraram no edredom e eu apertei os lábios, restando a palavra que queria gritar. *Pare*.

Quantas vezes já tínhamos feito aquilo? Um bocado, imaginei. Por que eu não ia querer trocar beijos e fazer todo tipo de estripulia com alguém como ele? E o que ele estava fazendo naquele momento não chegava nem perto do que já tínhamos feito antes. Por que diabo eu não me lembrava *disso*?

Fechei os olhos, torcendo para o meu coração parar de bater tão rápido. Aquela batucada no meu peito não era agradável. Seria um ataque cardíaco? Meu Deus, que bobagem. Eu não estava tendo um

ataque cardíaco. Mas bem que eu queria que fosse um. Aí teríamos de parar.

E bem lá, no pior momento possível, eu pensei em Carson. Por que Del não podia ter aqueles olhos azuis e brilhantes? Ou, que droga, ser tão paciente quanto Carson tinha se mostrado na cafeteria, na casa da árvore e na sala de aula? Não importava com quem ele tinha transado antes, eu duvidava que Carson estaria tateando desajeitadamente os botões da minha blusa. No mínimo, ele teria reparado que meus braços tremiam e que meus dedos tinham se cravado com tanta força no edredom que já estavam brancos. Tudo bem. Não era lá muito justo com o Del. Tinha sido minha a ideia.

Meu coração voltou a pular dentro do peito, por isso eu me concentrei na televisão. Era a ESPN reprisando um jogo da temporada anterior. Uma partida de beisebol. Vá entender Segunda parte do terceiro tempo *inning*. Os Atlanta Braves rebatiam. Dois *strikes* e um *ball*. O rebatedor teria de mandar ver. Fui tomada por uma sensação vertiginosa ao perceber que eu sabia tanta coisa sobre beisebol.

A mão de Del me arrastou de volta ao meu próprio corpo. Estava logo abaixo do meu umbigo. Seus dedos roçaram minha pele por baixo do cós da calça jeans. Respirei rápido e abri os olhos.

- Del? - Seus beijos molhados desceram pelo meu pescoço, passaram pelo meu ombro. E a droga da mão dele continuava se esgueirando para baixo. Não me contive, fechei as pernas e repeti o nome dele.

Ele levantou a cabeça e me encarou com olhos castanhos e turvos.

- Que foi, gata?

- Eu... Eu não me lembro de nada disto – sussurrei.

- Rápido demais?

Eu fiz que sim, e Del me fitou por um momento, depois me beijou com delicadeza. Só um roçar de seus lábios nos meus, pressionando bem de leve.

Fiz uma careta mesmo assim, e ele viu. Aparentemente magoado. Ele se afastou um pouco e recolheu a mão. Me senti um lixo.

- Sinto muito. De verdade, sinto mesmo. Eu...

Eu não o conhecia. Esse era o problema. Era como ficar com um completo estranho. Ele saiu de cima de mim e apoiou-se num dos cotovelos.

Seus olhos se voltaram para tela da tevê. O rebatedor tinha sido eliminado.

- Achei que era para isso que a gente estava aqui. Para ajudar você a se lembrar. Foi ideia sua.

- Eu sei. – Eu me sentei e abotoei rapidamente a blusa. Abraçando os joelhos, olhei para a tevê. – Sinto muito, de verdade.

Fez-se uma pausa, e eu o ouvi suspirar.

- Tudo bem. Não tem importância. Vamos... tentar de novo mais tarde.

A ideia de tentar de novo mais tarde me deu vontade de vomitar.

- Tudo bem? – Del baixou a mão pesada sobre meu ombro.

Inesperadamente, minha visão se acinzentou. O peso da mão dele me arrastou para baixo, me fez atravessar o colchão e, de uma hora para outra, eu não estava mais no meu quarto.

E sim caindo, sem parar, girando no escuro. Uma torrente ascendente de ar gelado e úmido, apoderando-se de mim, me puxando cada vez mais para baixo. Eu caía tão rápido, que mal conseguia respirar. Meus pulmões estavam congelados, meus pensamentos se repetiam.

Vou morrer. Vou morrer. Vou morrer, como ela.

Meu corpo parou, não por causa do impacto, mas simplesmente parou. O céu negro assumiu uma coloração leitosa e opaca. Acima de mim, havia árvores pintadas de cinza. Debruçadas, partidas ao meio, estendendo para cima de mim seus galhos nus, que se abriam feito dedos afilados. Abaixo de mim, água corrente.

Tudo estava morto, morto, morto.

Uma coisa caiu, passou por mim num borrão vermelho. Gritos... Gritos que me deixaram arrepiada, berros que me enregelaram a alma. E, depois, nada além de silêncio.

De repente, Del estava debruçado sobre mim, de olhos esbugalhados. Ele segurava meus ombros e me sacudia. Minha cabeça bamboleava.

- Sammy! Sammy, pare com isso!

Pisadas fortes fora do quarto, a porta se abriu. Scott estacou, de rosto vermelho e olhos apertados.

- O que está acontecendo? Por que ela estava gritando?

Del pulou para longe de mim.

- Não sei. Ela estava bem, aí fez uma cara esquisita e começou a gritar.

Scott pairou acima de mim.

- Sam, diga alguma coisa.

Pisquei devagar, concentrando-me no rosto dele.

- Vou morrer.

- O que? – Ele se sentou ao meu lado e me ergueu. Fiquei meio sentada, meio apoiada nele. – Por que diz isso, Sam?

Fitei aqueles olhos idênticos aos meus: castanhos, com um pouco de verde em volta da íris. A preocupação contornava os olhos dele com linhas duras.

- Eu me lembro de ter pensado isso – eu disse.

Ele arregalou um pouco os olhos, e eu senti a cama afundar sob o peso de Del

- Lembra-se de mais alguma coisa? Sua memória voltou?

- Lembro que caí.

Recuei um pouco e olhei para baixo. Metade dos botões da minha blusa estava enfiada na casa errada. Ótimo. Sem dúvida Scott tinha reparado nisso.

- E havia água, mas é só.

Scott baixou os ombros, decepcionado... Ou aliviado?

- Mas é importante. Você devia contar isso para o investigador. Ainda tem o número do telefone dele?

- Para quê? –Del perguntou. – Não temos como saber se é uma lembrança mesmo ou só uma alucinação. Ela não precisa passar por isso.

- Por que acha que é uma alucinação? – perguntei, ao mesmo tempo desconfiada e temerosa.

Um olhar acanhado se insinuou no rosto dele.

- Sua mãe comentou que você andava... vendo coisas.

Eu queria matar minha mãe.

- Ela não anda vendo coisas – Scott gritou, pulando da cama. – Do jeito como você fala, parece até que ela é louca ou algo assim. Ela não é.

Meu rosto ardia. Del tinha razão numa coisa: eu não sabia se o que andava vendo eram lembranças de verdade. Não faziam sentido, e nem todas poderiam ser reais. De jeito nenhum eu poderia ter parado em pleno ar, e as árvores não eram cinzentas nem aqui nem no inferno.

Com o canto do olho, vi Scott olhar para Del.

- Não sei o que vocês estavam fazendo aqui em cima, mas vá um pouco mais devagar, amigão. Ela passou por muita coisa você sabe.

A mandíbula de Del estalou, como se rangesse os dentes para não precisar responder. Scott saiu depois disso, batendo a porta do quarto. Fez-se um silêncio constrangedor.

- Você acha que eu sou louca? – Perguntei bem baixinho.

- Não, claro que não... Mas acho, sim, que você está confusa, e era de se esperar que estivesse. – Ele fez uma pausa, e era perceptível que olhava para mim. – Escute, é melhor eu ir. Ligo para você amanhã, tudo bem?

Concordei, fazendo que sim com a cabeça.

Del se inclinou, me beijou no rosto e se levantou, trombando com o criado-mudo e sacudindo a caixa de música, que começou a tocar, apenas uma nota da melodia obsessiva. Ele olhou para caixa e balançou a cabeça.

- Detesto essa coisa.

- Por quê?

Ele simplesmente voltou a balançar a cabeça.

- A gente se fala amanhã.

Ele saiu e eu fui até a escrivania pegar o cartão de visita que o investigador havia deixado comigo. Trazia impresso o número do celular do policial, e ele tinha dito para que eu ligasse a qualquer hora caso me lembrasse de alguma coisa. Peguei o meu telefone, debatendo comigo mesma. E se não fosse de verdade? Eu só pareceria uma idiota. E louca.

Sentando-me na cama, fiquei olhando para o número. O risco de ser considerada idiota e louca valia a pena se isso ajudasse a polícia a encontrar Cassie. Digitei o número.

O investigador Ramirez atendeu ao terceiro toque.

- Alô?

Limpei a garganta e amassei o cartão de visita.

- Oi. Aqui é... Aqui é a Samantha Franco.

Fez-se uma pausa e, pelo som, tive a impressão de que ele colocou a televisão ou algo do gênero em “mudo”.

- Sim? Está tudo bem?

- É está tudo bem. – Era agora ou nunca. Fechando os olhos rezei para não estar cometendo um erro. – Eu me lembrei de uma coisa, mas não tenho certeza que vai ajudar.

- A esta altura do campeonato, qualquer coisa ajuda – ele disse com mau humor.

Contei o que tinha lembrado: a escuridão, a queda e a água corrente. No começo, ele ficou calado, mas aí resolveu responder. E de repente, eu me senti tão pesada, tão oprimida pelas palavras dele.

- Lá no parque estadual tem um lago que forma uma cachoeira, imagino que não se lembre nada disso, mas vamos dragar o lago no domingo.

A polícia não dragava lagos em busca de sobreviventes, e sim de corpos.

Fiquei enjoada boa parte da manhã de sábado, pois não tinha conseguido dormir direito depois de telefonar para o investigador. A operação de busca e salvamento tornara-se uma operação de busca e recuperação. Ninguém falava isso, mas eu sabia instintivamente que era isso mesmo.

Não esperavam encontrar Cassie com vida.

Pouco antes da uma, saí de fininho. Nada muito complicado, já que minha mãe ainda estava na cama e meu pai, em algum campo de golfe por aí. Enfieei as mãos nos bolsos da gracinha de jaqueta militar que encontrei no meu *closet* e fui descendo a estrada sinuosa. Era bem provável que eu perdesse a viagem. Talvez os pais da Cassie nem sequer estivessem em casa, mas eu não tinha coragem de ligar para eles, principalmente porque nenhum dos dois havia tentado entrar em contato comigo desde que eu voltara.

Podia ser mau sinal.

Cruzando o jardimzinho. Entrei na minúscula varanda da casa de tijolos à vista e bati na porta da frente. Lá de dentro veio o som de algo se quebrando, seguido de um riso grave e rouco: a risada de Carson.

A porta se abriu, e ele olhava por cima do ombro.

- Já atendi pai! Volto daqui a pouco.

Virando-se, ele me deu um sorriso torto e saiu, fechando a porta.

- Oi.

- Oi - eu repeti, dando um passo para trás.

Carson passou por mim e, como eu não saí do lugar, fez sinal para que eu o seguisse. À luz do sol, fios louros e ruivos apareciam em seus cabelos desgrehados.

- Já que você não veio de carro, não repare no meu meio de transporte.

Imaginei que ele pegaria emprestada a picape do pai ou algo assim, mas ele se deteve diante da motocicleta e tirou a 1ona azul de cima dela. Senti um friozinho na barriga.

- Não sei se eu já andei de moto alguma vez na vida.

- Não comigo. E, sério, duvido que o bonitinho do seu namorado correria o risco de estragar a cara pilotando uma moto.

Olhei para ele. Del era bonitinho e, apesar de Carson ser tudo de bom, seus traços eram mais brutos. Tirei um elástico do bolso e preendi meus cabelos num rabo de cavalo baixo. Os fios mais curtos escaparam, encaracolando-se em volta do meu rosto.

Carson me passou um capacete preto e lustroso.

- É bem fácil. Basta você se segurar firme.

Meu olhar desceu até sua cintura fina, e minhas tipas viraram geleia. Girei o capacete nas mãos, bem devagar.

- Como é que... Como sabe onde a Cassie mora? Eu nem perguntei.

- Ela costumava dar um monte de festas – ele explicou, apertando os olhos.

Troquei de pé, pensando no que Candy havia contado.

- Vocês... saíram juntos ou algo assim?

As sobrancelhas dele se aproximaram.

- Por que a pergunta?

- Uma das meninas mencionou isso. Disse que você dois ficaram.

- Estou até curioso para saber como foi que a conversa chegou em mim, mas sei lá – disse, rindo inesperadamente.

- Mas então, vocês ficaram? – insisti, sem conseguir evitar.

Ele desviou os olhos e endireitou os ombros.

- É, ficamos.

A sensação de calor intenso começou no meu baixo ventre e rastejou pelas minhas veias feito uma serpente.

- Nós dois já ficamos?

Ele virou rapidamente a cabeça na minha direção e suas sobrancelhas foram para no alto da testa. Pasmado, ele deixou escapar um “não” engasgado.

- Por que não?

Um segundo depois, ele sorriu sem mostrar os dentes e baixou os olhos.

- Boa pergunta. Talvez porque a gente não se desse bem.

Fazia sentido, e eu realmente precisava parar de fazer perguntas, mas a curiosidade havia se apossado de mim.

- Então por que ficou com a Cassie?

Carson se aproximou, e eu tive de inclinar a cabeça pra trás para não perder seus olhos de vista.

- Sinceramente? Não sei dizer. Eu estava numa das festas dela. Nós dois tomamos umas e outras. Você e ela tinham acabado de brigar por algum motivo, não sei o que foi, e ela deu em cima de mim. E foi isso.

O que eu sentia tinha nome: ciúme. De algo que não me pertencia, mas estava lá, fazendo meu sangue ferver.

- Então ela deu em cima e você embarcou? Simples assim?

Os olhos dele se estreitaram, formando meias-luas finas e vividas.

- É assim que as coisas são. Se faz você se sentir melhor eu não me lembro de muita coisa. E ela não estava com o Trey na época.

- Não me faz sentir nada. Só fiquei curiosa - desconversei, forçando o riso.

- Claro.

- E a Lauren? - perguntei antes que eu conseguisse me conter.

Parte daquela cara de quem achava tudo engraçado evaporou.

- Lauren e eu nunca ficamos. Saímos juntos uma vez, para espanto das amigas dela e das suas

também. Ela não quis sair de novo. – Ele tirou o capacete das minhas mãos. – Acabou o interrogatório?

- Sim – eu disse envergonhada.

Além da memória, eu devia ter perdido o desconfiômetro. Preocupada com a possibilidade de ele mudar de ideia, fiz menção de apanhar o capacete, mas ele recuou um passo.

- O que está fazendo? - perguntei.

- Ajudando você - ele respondeu, girando o capacete no ar.

Fiquei quietinha e esperei. Carson voltou a se adiantar e, com uma das mãos, mandou aqueles fios curtos de cabelo para trás da minha orelha. Fiquei toda arrepiada quando os nós de seus dedos roçaram minha face. Entreabri a boca quando ele repetiu o gesto, agora do outro lado. Suas mãos eram grandes, mas incrivelmente delicadas. Fiquei imaginando se ele teria tocado Cassie daquele jeito, mas afastei esse pensamento.

Carson colocou o capacete na minha cabeça e prendeu as correias sob o meu queixo. Toda vez que os dedos dele encostavam na minha pele, eu tremia.

É isso aí - ele disse, demorando seu olhar logo abaixo dos meus olhos. - Está pronta.

Antes que ele tivesse a oportunidade de baixar a viseira, segurei sua mão e tive o pior caso de diarreia verbal de todos os tempos.

- Você era a minha pergunta de segurança.

Carson piscou e deixou escapar um riso contido.

- O quê?

- Minha conta de e-mail perguntou quem era meu amigo de infância - expliquei, nervosa e desejando que minha boca tivesse um botão de desligar. - Era você.

- Interessante - ele falou, soltando a mão. Sem mais explicações, ele baixou a viseira. - Vamos.

Não foi a reação que eu esperava, mas, até aí, eu não fazia ideia do que queria que ele dissesse. Confusa, eu o vi montar na moto e dar um tapinha no banco. Engoli em seco, passei uma perna por cima da motocicleta e me sentei. Quando o rugido do motor se fez ouvir, levei minhas mãos

hesitantes à cintura dele. Por baixo do suéter, seus músculos eram rijos e firmes.

Minha boca ficou seca.

Rindo em silencio, com os ombros se agitando com a risada, Carson baixou os braços, segurou minhas mãos e puxou-as até que se encontrassem em cima do seu umbigo. O movimento espremeu meus seios contra as costas dele e deixou pouquíssimo espaço em outros lugares. O cheiro dele – sabonete e perfume cítrico – penetrava por baixo do capacete.

Fechei os olhos bem fechados. Não por causa do tranco da moto ao engrenar a marcha nem pelo medo de sair voando quando os pneus tocaram o asfalto, e sim porque cada célula do meu corpo reagia à extrema proximidade de Carson. Não era certo: a maneira como eu me aconchegava junto às costas dele quando o vento nos fustigava, principalmente considerando-se que eu não tinha sentido nem um tiquinho daquilo com o Del.

Cassie morava uns oito quilômetros depois do parque militar, seguindo por uma estrada sombreada por bordos enormes. Ao passarmos por inúmeros monumentos e pelas antigas cercas de madeira que encerravam o parque, fiquei interessada e quase pedi a Carson para parar. Quando nos aproximamos da casa da Cassie, foi como ver outra versão da minha: extensa e linda.

Carson parou e eu tirei o capacete sem pressa. Tantas perguntas passaram pela minha cabeça. O que dizer quando eu dela? Será que me receberiam de braços abertos ou me mandariam embora? E, acima de tudo, teria sido um erro ir até lá?

Intuitivamente, Carson levou a mão ao meu braço.

- Tem certeza de que quer fazer isto?

Assenti devagar ao descer da moto, e meus olhos assimilaram as paredes brancas e as persianas vermelhas. Nenhuma sensação.

- Vamos bater na porta quando você estiver preparada – Carson falou.

Por mais que agradecesse a preocupação, eu sabia que precisava fazer aquilo naquele momento. Sorrindo para ele, subi os degraus, cruzei a entrada e bati na porta. Eu sentia o calor de Carson nas minhas costas e me perguntei se um dia ele faria ideia de quanto aquilo significava para mim.

Alguns segundos depois, a porta vermelha se abriu. Um homem idoso apareceu, vestindo calças sociais e uma camisa amarrotada. Rugas profundas partiam de seus olhos azuis e esmaecidos, olhos

que se alternaram rapidamente entre mim e Carson.

Respirei rápido.

- Eu sou Sam...

- Sei quem você é - ele falou. - Estava imaginando quando ia aparecer.

Um calafrio percorreu minha espinha.

- Senhor Winchester - Carson falou, adiantando-se e colocando-se à minha frente. - Samantha não...

- Se lembra de nada? – ele o interrompeu, sem que seus olhos deixassem meu rosto. - Foi o que o tal investigador de polícia nos disse. - Uma ruga profunda e implacável surgiu entre suas sobrancelhas. - Se está aqui para ver a mãe da Cassie, ela está de cama e não recebe visitas.

Eu não fazia ideia de quem era aquele homem, mas parecia velho demais para ser o pai da Cassie.

- Não vim ver a mãe dela. Eu queria pedir... para ver o quarto da Cassie.

- Para que quer fazer isso? - Ele olhou para Carson e contraiu o nariz.

- Espero que isso ajude a me lembrar dela... do que aconteceu. - Acho que entendi o que ele queria dizer com aquela cara. - Não viemos aqui roubar as coisas dela.

- Posso ficar aqui fora - Carson sugeriu, sem alterara voz. - Sem problema.

O velho bufou, mas saiu do caminho.

- Não achei que fossem roubar as coisas dela. Imagino que não se lembre de onde fica o quarto.

- Não, sinto muito - eu disse ao entrar, aliviada.

- Eu lembro - respondeu Carson, com um suspiro.

Se isso foi uma surpresa para o senhor Winchester, ele não demonstrou nada.

- Vocês têm dez minutos. Depois disso, serei obrigado a pedir que saiam. Por favor, não façam barulho.

Sem perder tempo, Carson segurou minha mão e me puxou. Passamos pelo velho, subimos três lances de escada e seguimos por um corredor.

- Quem era? - perguntei aos sussurros.

O avô da Cassie. Não é lá muito simpático. — Abriu um sorriso rápido. - Não entenda essa recepção como uma ofensa pessoal.

Olhei para a mão dele em volta da minha.

- Cadê o pai dela?

- Até onde sei, ele não fazia e nunca fez parte da vida dela. Soltando minha mão, ele se deteve diante de uma porta que ostentava o desenho de três margaridas grandes com pétalas rosadas. - A casa é do avô da Cassie. A mãe dela é bem moça, uns dez anos mais jovem que os seus pais, Sam. Junte isso ao fato de que não se sabe do pai...

- Aposto que foi um escândalo.

- Do jeito que vocês, os ricos, são? Provavelmente - ele falou, contraindo a mandíbula. - Pronta?

Fiz que sim.

Carson abriu a porta, me deixando entrar primeiro. Uma corrente de ar gelado trouxe uma fragrância de pêssego que me intrigou. Inspirei fundo, esperando que algo mais acontecesse, mas só tive uma sensação remota.

O quarto dela não era muito diferente do meu, mas, quando fui até a escrivaninha e passei os dedos pelos cadernos da Cassie, tive a impressão de que entrava numa tumba. Calafrios subiram e desceram pela minha espinha.

Carson não saiu da porta, calado e atento. Eu me detive diante de uma pilha de fotografias. Vasculhando as fotos, fiquei esperando que uma lembrança surgisse. Eram fotos nossas na praia, na escola e numa estação de esqui. Nossas combinavam: rosa claro. Em algumas delas, estávamos com nossas amigas. Reconheci a foto da véspera de Ano Novo por causa do vestido que ela usava.

Ela estava sentada nas coxas do Del. Os dois tinham sorrisos enormes e piegas estampados no rosto.

Fiz uma careta e mostrei a foto ao Carson.

- Não faço ideia de quem bateu esta foto. Eu? O Trey?

- Não sei - Carson respondeu, erguendo as sobrancelhas.

Ela abraçava o pescoço do Del, e os dois estavam de rostos colados. A mão dele segurava o quadril da Cassie.

- Tão à vontade, esses dois. Chega a dar medo – murmurei.

- Está com ciúme? - ele perguntou.

- Não.

Suspirei, devolvendo as fotografias à escrivania. Ao da cama havia um criado-mudo pintado de vermelho-sangue. Cor interessante para se escolher, mas foi a caixa de música que me chamou a atenção. Andei até lá, peguei a caixinha e me virei para o Carson.

- Tenho uma destas no meu quarto. Toca a mesma música.

- Muitas garotas têm caixas de música, né?

- Sim, mas esta é idêntica. - Eu a devolvi ao criado-mudo, achando aquilo muito esquisito. - Eu era amiga da Cassie quando pequena?

- Não. - Ele passou a mão pelos cabelos. – Quer dizer, todos cresceram na mesma roda, mas você só ficou íntima da Cassie por volta dos onze anos.

Ganhamos caixas de música idênticas naquela época? Tive a impressão de que éramos grandinhas demais para isso.

Peguei um unicórnio de pelúcia que cheirava a madressilva e fui dar uma olhada no *closet*.

A cada minuto que passava, minha frustração crescia. Eu, provavelmente já tinha estado naquele quarto milhões de vezes e não havia ali nada que me parecesse familiar. Minhas mãos se fecharam quando passei ao centro do quarto, olhando para o edredom vermelho que pertencia à melhor amiga, da qual eu tampouco me lembrava.

Joguei o unicórnio sobre a cama. Lágrimas alfinetaram meus olhos. O buraco sem fundo na minha cabeça continuava igual. Vazio Vasto. Todas as minhas lembranças desapareceram, foram roubadas. Era como um estupro, só que não havia ninguém a quem atribuir o crime. Minha mente era um turbilhão.

- Não me lembro de nada, droga. - Minha voz saiu seca, um sussurro rouco.

- Tudo bem. - Ele levou a mão à base das minhas costas. - Pode demorar algum tempo.

Um tremor percorreu todo o meu corpo, e detestei a sensação. Fraca. Indefesa. Perdida. Girei nos calcanhares, tirando do rosto os fios soltos de cabelo.

- E se eu nunca me lembrar? Vou viver o resto da minha vida deste jeito? Com um pé num passado do qual não consigo me lembrar?

Ele arregalou um pouco os olhos ao inclinar a cabeça para frente.

- Sei que é duro engolir isto no momento, mas, se nunca recuperar a memória, você vai poder fazer uma coisa que a maioria das pessoas nunca terá a chance de tentar.

- O quê, por exemplo? - Cruzei os braços. – Repetir um monte de primeiras vezes?

- É isso. - Carson segurou meus braços e seus olhos esquadrinharam os meus. - Você pode recomeça. Experimentar de novo todas as coisas. A gente sempre quer uma oportunidade de fazer tudo outra vez, mas você tem essa chance.

Eu não estava preparada para ver a coisa com tanto otimismo.

- E a Cassie? Não acho que ela vá ter a chance de fazer tudo outra vez.

Ele baixou as mãos e os olhos.

- Essa é a parte mais dura de enfrentar.

Saímos antes que o avô da Cassie nos pusesse para fora. Eu não queria voltar para casa tão cedo, por isso Carson sugeriu que almoçássemos. Ele estacionou a moto na rua em frente a um cemitério que devia ter o mesmo tamanho da cidade. Havia turistas por toda parte, fotografando o velho orfanato e os fundos da casa de Jenny Wade, o local onde morreu a única vítima civil da batalha de Gettysburg. Ao entrar no bar ao lado do orfanato, logo atrás de Carson, quase tive vontade de me juntar aos turistas.

Eu me sentia como eles, a não ser pelo fato de que eu era turista da minha própria vida.

Carson escolheu um reservado nos fundos e me passou o cardápio. Ele ficou me observando com

cara de curiosos.

- Que foi? - perguntei.

Ele balançou de leve a cabeça.

- Se alguém tivesse me dito, um mês atrás, que eu estaria almoçando com você, eu teria dito a essa pessoa para parar com as drogas pesadas.

Dei risada e voltei minha atenção para o cardápio.

- Não sei se isso é bom ou ruim.

- Acho que nem uma coisa nem outra. Só quis dizer que você nunca teria saído comigo assim.

- Mas nós éramos grandes amigos.

- Na infância - ele disse, tamborilando a beirada da mesa com os dedos. - Faz anos que não nos tratamos com civilidade.

Comecei a me lembrar das coisas que me contaram que eu dizia para ele, e meu rosto foi ficando quente.

- Eu era muito má.

- Você tinha seus momentos - ele falou despreocupado.

Olhei para ele sem erguer muito as pálpebras.

- Sabe o que eu não entendo? For que você é tão legal comigo agora se eu tratava você tão mal?

A luminária baixa fazia os olhos brilhantes de Carson cintilarem.

- Como eu disse, você tinha seus momentos.

- Momentos de bondade?

Carson deu de ombros, e não achei que fosse arrancar mais alguma coisa dele. Talvez eu não tivesse momentos de bondade, mas aí ele suspirou.

- Quando a Cassie não estava por perto e Marte e Júpiter se alinhavam, você chegava a ser como antes.

Um sorriso fraco repuxou meus lábios.

- Uau. Precisava de tudo isso para eu ser legal?

O sorriso de Carson não durou muito. Vários segundos se passaram.

- Quando minha mãe... Quando ela faleceu, dois anos atrás, você foi ao funeral. Scott também. Claro que ele foi, mas eu não esperava ver você lá. Seu pai também foi, mas você não estava com nenhum dos dois. E depois disso, já em casa, você voltou a me surpreender.

- Voltei? - murmurei, sem tirar os olhos de cima dele.

Ele acenou afirmativamente, bem devagar.

- Tinha um monte de gente lá em casa. Minha mãe tinha muitos amigos. Ela adorava você, por falar nisso. Ele voltou a erguer um dos cantos da boca quando seu olhar se fixou no cardápio. - Você a visitava, sabia? Quando vinha o pessoal do Programa de Assistência Domiciliária e quando eu não estava em casa, você a visitava. Acho que você não queria que eu soubesse, por isso nunca toquei no assunto, mas sei que minha mãe gostava disso, e eu... eu também gostava. Mas então, depois do funeral, eu precisava fugir de tudo aquilo e pensar.

- Você foi até a casa na árvore? - perguntei, lembrando-me do que ele havia me contado antes.

- Fui - ele respondeu baixinho. - Não fazia nem vinte minutos que eu estava lá e você apareceu do nada. Subiu na árvore e entrou na droga da casa. Não disse nada, mas se sentou ao meu lado e...

- E o quê?

Parecia que eu escutava a história de outra pessoa e fiquei fascinada. Ele se recostou e esfregou o queixo com a palma da mão.

- Você simplesmente me abraçou. Sei lá, durante um bom tempo. Não disse uma palavra e foi embora. Nunca falamos sobre isso. Às vezes eu me perguntava se tinha realmente acontecido.

Meu coração saltitou, e o alívio relaxou alguns dos músculos tensos nos meus ombros. Era bom saber que eu me redimia às vezes.

- Meus sentimentos pela sua mãe, Carson.

Ele voltou a acenar com a cabeça.

- Bom, como eu disse, você tinha seus momentos.

Percebendo que era só isso que eu arrancaria dele, cruzei as pernas e voltei a olhar para o cardápio.

- Quando aqui ainda era o Spiritfield's, eles tinham as melhores fritas com queijo de todos os tempos. Scott e eu costumávamos brigar por elas.

- Sam? - fez Carson, inspirando ruidosamente.

Abri a boca e ergui os olhos. Como eu podia saber?

- Não sei por que disse isso.

Ele continuou a olhar para mim, e fragmentos do que eu havia dito flutuaram no meu cérebro. Quase podia nos ver: meu irmão e eu, muito mais jovens, sentados num reservado exatamente como aquele, trucidando uma massa gosmenta de batatas e queijo.

Fiquei toda empolgada. Quase me levantei.

- Eu me lembro de ter comido aqui com o Scott.

- Faz anos que deixou de ser o Spiritfield's, Sam.

Concordei avidamente com a cabeça, e um sorriso largo repuxou meus lábios.

- Não me lembro de outras coisas, mas já é um começo, né?

- É um começo - ele sorriu, mas a alegria não chegou a seus olhos.

Antes que eu perguntasse por que, a garçonete apareceu para anotar os pedidos e, delirante por ter uma lembrança clara e nada perturbadora, não quis abusar da sorte. Pela primeira vez havia dias, senti que eu tinha feito algum progresso. Dediquei-me a almoçar com Carson, rindo das piadas e histórias que ele me contava sobre nossa infância, deixando-me levar pela louca enxurrada de sentimentos toda vez que nossos olhos se cruzavam ou nossos dedos se tocavam acidentalmente. Eu não conseguia parar de sorrir e, quando chegou a hora de voltar para a moto, ele não precisou me forçar a abraçá-lo.

Fiz isso sem pestanejar.

Chegando à casa de Carson, percebi que eu relutava em descer da moto e ir para a minha casa. Era como levar duas vidas: a da velha Sammy e aquela que acontecia naquele exato momento. Essa

sensação, no mesmo instante em que Carson desceu da moto e se virou para mim, foi pra lá de desconcertante.

Sem dizer nada, ele soltou a fivela sob meu queixo e tirou delicadamente o capacete da minha cabeça. Seus olhos estavam escondidos, protegidos pelos cílios cheios e indecifráveis.

Eu queria agradecer por ele ter me acompanhado naquele dia, contar que eu tinha me divertido apesar do motivo que me levou a ir até a casa da Cassie, mas as palavras sempre morriam na minha boca. Fomos apanhados de surpresa por uma tensão forte, estranha, morna e vertiginosa quando ele colocou o capacete sobre a moto. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas a tensão aumentou, deixando-me sem fôlego e melindrada.

Carson levou as mãos aos meus quadris e não teve dificuldade para me tirar de cima da moto e me botar no chão, mas não me soltou. Suas mãos continuaram apertando meus quadris. Uma carência desconhecida ganhou vida, algo que eu não entendia inteiramente. Minha pele parecia quente, formigava. Sua respiração regular provocava os cabelos na minha têmpora. Minha pulsação disparou. O que eu sentia era errado. Eu sabia disso, porque devia ter acontecido com o Del, e não com o Carson. Mas o que eu sentia era tão assustadoramente verdadeiro. Como uma mancha de cores vivas num mundo cinzento, escuro e sem graça.

Bem devagar, Carson abriu os dedos e deu um passo para trás. Seu peito se ergueu vivamente e, quando ele falou, sua voz saiu rouca e grave.

- Tenho que ir.

Ainda muda, concordei com a cabeça.

Ele baixou os olhos até os meus lábios e deu mais um passo para trás.

- A gente se vê, Sam.

Aturdida, eu me coloquei a caminho de casa. Uma coisa latejava nos cantos mais remotos da minha mente. Houve um momento, quando o hálito quente de Carson roçara minha pele, que tudo pareceu certo, mesmo estando errado. E, mais do que isso, pareceu *familiar*.

Aconteceu durante a segunda aula da segunda-feira. Eu estava ocupada fingindo prestar atenção quando, na verdade, estava pensando em Carson e no que havia se passado entre nós no sábado. Teria sido só imaginação minha? Será que ele percebeu? Com tudo que estava acontecendo, aquilo tinha realmente alguma importância?

E um coral de toques de celular começou a soar, um bipe após outro. O senhor Campbell interrompeu a aula e suspirou.

- Desliguem os celulares, gente.

Ninguém escutou. Olhei de relance para Verônica enquanto fuçava minhas coisas à procura do telefone que emitia sons agudos. Ela foi mais rápida e sacou o celular da bolsa como se fosse um revólver.

Verônica, mesmo bronzeada, ficou branca como um fantasma. Ela ergueu a cabeça e se virou para mim, de olhos esbugalhados e úmidos.

Começou um burburinho que se espalhou pela sala de aula feito uma onda. O torpedo era da Lauren e tinha apenas oito palavras. Oito palavras que deveriam ter mudado tudo, mas uma parte de mim já esperava aquilo.

Talvez eu já soubesse.

Encontraram o corpo da Cassie. Ela está morta.

O resto daquela manhã passou feito um borrão. Cassie estava morta. Era só nisso que eu conseguia pensar. Estava morta. E uma parte de mim já esperava aquilo; ansiava, quase. O medo e a tristeza formaram um caroço no meu peito. Era um nó apertado, impossível de desatar.

Carson ficou atordoado durante toda a aula de biologia, perguntou uma vez se eu estava legal e depois não disse mais nada. Del me esperava ao lado do meu armário. Ele me arrastou rígida e inflexível pelos braços e murmurou uma frase solidária com voz embargada.

Pensei na foto dos dois juntos: Cassie sobre as coxas dele, a mão de Del nos quadris dela.

Cassie, a melhor amiga de quem eu não me lembrava, a morta.

As pessoas estavam encarando. Como eu detestava aquilo.

Deixei Del me levar para fora da escola. Ninguém nos deteve. Todos os rostos pelos quais passávamos espelhavam um misto de susto e consternação. Todos a conheciam, quisesse ou não. Meio aturdida e insensibilizada, imaginei se lamentavam a perda ou simplesmente o fato de que a morte não dava a mínima para as coisas insignificantes como a idade.

- Você não sabia? Medo e popularidade andam de mãos dadas – uma voz suave e feminina sussurrou no meu ouvido.

- Vamos mandar em todo mundo com pulso de ferro.

Eu me virei bruscamente, ofegante. Meus olhos percorreram todo o recinto. Não havia ninguém ali.

- Venha – Del falou, olhando preocupado para mim. – Vamos sair daqui.

Seguindo-o por toda a escola, eu não parava de olhar por cima do ombro. Teria realmente escutado aquela voz ou foi só uma lembrança, tentando se libertar?

Talvez eu estivesse enlouquecendo para valer. Era uma possibilidade... ou algo provável.

Havia diversos bancos de concreto no pátio atrás da escola, entre o campo de futebol americano e um prédio bem menor, para a recreação. Todo mundo que eu conhecia estava lá, todos sentados nas superfícies duras e frias.

Verônica, Candy e Lauren tomavam um dos bancos. Scott e Julie ocupavam outro, e Carson tinha

um só para ele. Eu me sentei com o Del, totalmente ciente de que ele segurava minha mão e de que Carson empertigou, voltando a sua atenção para o campo atrás de nós. Tive de resistir à vontade de me afastar do meu namorado. Ele não merecia aquele tratamento frio, não da minha parte.

- Não posso acreditar que ela morreu – Verônica foi a primeira a falar, fungando com afetação. – Quer dizer, o tempo ia passando e ela não aparecia, e eu sabia que ia acabar desse jeito, mas torcia para que acontecesse com ela o que aconteceu com a Sammy.

Que ela simplesmente desse as caras em algum lugar.

Lauren enxugou as pálpebras inferiores com os dois dedos e apertou uma gigantesca bolsa branca contra o peito.

- É tão horrível pensar que ela ficou lá...

- Na água – Candy murmurou, estremecendo e passando os dedos pelos cabelos sem parar. – Acho que nunca mais vou nadar naquele lago.

Julie arqueou as sobrancelhas ao olhar de relance para Scott, que apertava os lábios. Eu me perguntava por que os três estavam ali. Sabia que não eram íntimos da Cassie nem de qualquer uma das outras meninas. O que mais eu não sabia? Tudo, pelo jeito.

- Alguém comentou em que condições... ela estava? – perguntou Verônica. – Será que vão deixar o caixão aberto?

Scott se recostou, balançando a cabeça.

- Ela estava no lago. Quem sabe há quanto tempo? Caixão aberto provavelmente é a última coisa que vai passar pela cabeça das pessoas.

Verônica estreitou os olhos.

- Só estou dizendo que a Cassie não ia querer que ninguém visse, a não ser que estivesse...

- Ela era a garota mais bonita da turma – eu murmurei.

- O que disse? – fez Del, apertando a minha mão.

Tive um calafrio. Mais uma vez, eu não fazia ideia de onde aquelas palavras tinham saído. Estavam todos me encarando, esperando uma explicação. Balançando a cabeça, desprendi minha mão.

- Nada menos que perfeita. – Verônica ficou de pé, alisando as calças jeans escuras. – É exatamente o que a Cassie teria dito. O que você teria dito. Você... se lembrou de alguma coisa?

Unindo as mãos, resisti à vontade de roer as unhas.

- Não.

- Então por que disse aquilo? – ela quis saber, de olhos acesos.

- Não sei... às vezes as palavras simplesmente surgem do nada.

Olhei para o Del, mas ele fitava as próprias mãos.

- Tipo assim, como um tique nervoso? – ele disse, rindo mais forte.

- Não é um tique nervoso, seu babaca.

- Que foi? Ele ergueu os olhos e o sorriso desapareceu.

- Eu sei que não é. Qual é, relaxe. – Ele estendeu o braço na minha direção, mas eu mudei de lugar no banco. – Sam, foi só uma pergunta.

- Uma pergunta idiota – disse Carson, entre dentes.

Os olhos de Del se estreitaram, formando pequenas fendas.

- Por que é mesmo que você está aqui?

- Boa pergunta – Carson resmungou, mas se inclinou para trás, esticou as pernas e cruzou os braços sobre o peito largo. Ele não arredaria o pé tão cedo.

- Espera. Por que o Trey não está aqui? – perguntei.

Candy tirou uma lixa de unhas da bolsa.

- Ele não veio à escola hoje. Acho que está doente ou algo assim.

- Será que ele já soube? – Julie perguntou, abraçando meu irmão a apoiando a cabeça no ombro dele.

- Claro que sim. – Candy revirou os olhos, lixando uma de suas unhas. – Todo mundo já sabe.

Julie olhou para a garota como se quisesse socar a cara dela. Eu queria socar alguém, só que de frustração.

- Sabem o que eu acho esquisito? – Julie falou, fechando os olhos.

- Acho que estamos prestes a descobrir – resmungou Candy, movendo a lixa para a frente e para trás.

- Deixa disso, Candoca – Carson falou.

Candy mostrou-lhe o dedo médio, com a unha perfeitamente lixada.

- O que você acha esquisito? – perguntei, ignorando os dois.

- Fora o fato de que a Cassie não chegaria perto do lago nesta época do ano? Ela nadava muito bem. – Julie abriu os olhos e os dirigiu a mim. – A menina era meio peixe.

Verônica voltou a se sentar, agora na beirada do banco, mais perto de Del.

- Bom, duvido que ela tenha ido lá para nadar.

- Não foi isso que a Julie quis dizer – falei, lembrando-me da visão em que eu caia. Se a Cassie estivesse no lago, ela conseguiria nadar, certo?

Del limpou a garganta.

- Lá existem umas valas de retorno que são um inferno e alguns trechos bem fundos, mas ela conhecia o lago e sabia quais áreas evitar.

- Então talvez ela já estivesse... desacordada antes de cair na água. – Ou morta, mas não consegui dizer isso.

- Bom, só estando lá para saber – Disse Verônica, arrancando a lixa das mãos de Candy e enfiando-a na bolsa. Que coisa mais irritante, para não dizer anti-higiênica.

- Como assim, anti-higiênica? Só estou lixando as unhas.

- É nojento. Pedacinhos das suas unhas voando por toda parte. – Verônica estremeceu como se aquilo fosse mais perturbador que um corpo no lago. – Acho que caiu um pouco em cima de mim.

Sorrindo diante do absurdo da situação, ergui os olhos e encontrei os de Carson, que refletiam a luz. Quando olhei para o outro lado, percebi que Del nos observava. Senti uma pontada de culpa.

- Alguém a viu naquele dia?

- Fora você? – disse Verônica, e não havia como não perceber aquele tom de voz.

- O que você está querendo dizer, Verônica? – eu perguntei, me recostando no banco.

- Não quero dizer nada, Sammy. – Tirou da bolsa um par de óculos de sol de tamanho exagerado e levou-o ao rosto.

- É óbvio que ela estava com você. Você foi encontrada andando pela estrada que leva ao lago.

- Ela sabe disso – Scott falou, inclinando-se para a frente. Escorria desprezo da voz dele. – Mas ela tem amnésia, ou você não sacou isso ainda? Se ainda estiver confusa, posso definir o termo para você.

- Sabe, estou com Del nessa. O que vocês estão fazendo aqui? – Verônica perguntou, erguendo os olhos.

- Estamos aqui porque alguém precisa ficar do lado da minha irmã – ele devolveu.

Aquilo me surpreendeu... e foi uma surpresa boa. Pelo que diziam, faltava a mim e a Scott. – Del pareceu ofendido. – Sempre estou do lado da sua irmã.

Scott estreitou os lábios.

- É quase uma piada, vindo de você.

- Ei, chuchu – Julie falou, puxando o braço dele.

- O que você quer dizer com isso, hein? – Del indagou.

- Del, se eu fosse você, ficava aí no seu canto e de boca fechada. – Carson se espreguiçou, mas estava todo tenso, preparado. – É um conselho.

Do que eles estão falando, caramba?

- Eu a vi – a vizinha de Lauren se intrometeu antes que Del conseguisse responder, e aquelas palavras, pronunciadas tão baixinho, fizeram com que todos se calassem.

Meu coração foi parar na garganta.

- Viu?

Lauren ficou de bochechas rosadas.

- Vi. Foi por volta das sete da noite. Ela deu um pulo lá em casa para deixar uma bolsa que eu tinha emprestado, a minha Dolce & Gabbana. Ela estava... muito irritada com alguma coisa.

- Você não sabe com o que ela está chateada? – perguntei.

Lauren balançou a cabeça, de olhos no chão.

- Ela não quis me contar. Acho que tinha algo a ver com um cara aí. Vocês sabem como ela ficava quando as coisas não iam bem nesse departamento.

- Certo. – Del ficou de pé e enfiou as mãos nos cabelos. – Que importância tem saber por que ela estava chateada? Não muda nada.

Olhei fixamente para ele.

- Tem razão. Não muda o fato de que ela está morta, mas pode nos ajudar a descobrir o que aconteceu com ela.

Del esfregou o queixo.

- Mas ela estar chateada com um cara ou sei lá o que não tem nada a ver com o que aconteceu com você.

- Como você sabe? – Scott perguntou, e foi um argumento válido.

- Não é só o que aconteceu comigo – falei. – É o que aconteceu com a Cassie também. Qualquer informação...

- E daí, você vai bancar a detetive mirim: - Verônica perguntou, alternado rapidamente o olhar entre mim e Del.

Se eu já não soubesse, diria que Verônica concordaria com praticamente qualquer coisa que Del dissesse. Tentando encontrar paciência, eu a ignorei.

- Lembra-se de alguma outra coisa? Por exemplo, que roupa ela estava vestindo?

- Ela usava aquele vestido vermelho. O de tricô – Lauren respondeu.

- o Prada falso? – disse Candy, erguendo o queixo.

Eu teria revirado os olhos diante do desdém na voz de Candy não fosse o fato de que, todas as vezes em que eu vira Cassie, ou me lembrara dela (se é que as visões eram lembranças), ela estava usando um vestido vermelho. Só podia significar que eu não estava condenada à camisa de força: boa notícia.

- Você está bem, Sam? Carson perguntou.

Eu o tranquilizei com um aceno de cabeça e deixei a conversa continuar sem mim. Del acabou se sentando ao meu lado de novo e me abraçou. Encostei a cabeça no ombro dele e fechei os olhos. Minha mente era um turbilhão. Um dia antes de nós duas desaparecermos, Cassie estava fora de si. Por si só, aquilo não me dizia nada, mas o fato de ela estar usando o mesmo vestido com o qual eu sempre a via era apavorante. E, além disso, era difícil lamentar a perda de alguém de quem eu não me lembrava, mas que, pelo jeito, tinha sido uma parte complicada da minha vida. Havia momentos em que eu quase experimentava a perda, a dor quase me consumia e me deixava deprimida. Aí a tristeza passava e era substituída por certa confusão e a necessidade de me afastar de toda aquela gente, de ficar sozinha.

Quando voltei a abrir os olhos, Carson havia unido as pontas dos dedos da boca, o que chamou minha atenção para seus lábios. Nossos olhos se encontraram numa fração de segundo e ele os virou para o outro lado. Del estreitou o abraço, e um tipo diferente de culpa veio à tona. Sentindo-me puxada em várias direções, eu me endireitei e abri certa distância entre nós.

- Ok – Julie falou, esticando as pernas e se levantando. - Vou dizer o que, aparentemente, ninguém mais quer dizer.

- Que você, na verdade, só está com o Scott por pena? Carson Falou sem entonação alguma.

- Rá – Scott riu.

- Não – disse Julie, suspirando. – Vocês acham que a Cassie foi...assassinada?

Nosso disparatado grupo ficou calado. Minha pulsação acelerou. Assassinada. Fazia sentindo. Se a Cassie nadava tão bem, ela não teria se afogado, e ainda havia eu. Seria possível que eu tivesse presenciado o que acontecera com a Cassie? E, se fosse isso mesmo, será que o assassino teria tentado me dar o mesmo fim?

Não. Poderia ter sido um acidente. Mas, então, o que acontecera comigo? As duas tinham se acidentado? Ela morreu. E eu sobrevivi.

Ergui os olhos. Carson estava me observando outra vez. Uma preocupação vívida escurecia ainda mais seus olhos. Eu me perguntei se ele teria percebido a mesma coisa que eu... se todos eles teriam. Quando olhei de relance para as garotas – para as minhas amigas –, havia algo nos olhos delas que nada tinha a ver com preocupação comigo. Por um minuto, eu não quis acreditar, mas não havia como confundir aqueles olhares tenebrosos..

Desconfiança.

Minha mãe estava trancada em seu quarto quando Scott me deixou em casa depois da escola. Com a casa toda só para mim – até ele voltar do treino de beisebol, e meu pai, do trabalho –, tive tempo de sobra para ruminar tudo o que tinha acontecido.

Cassie estava morta, muito provavelmente assassinada. E eu tinha visto tudo. As visões – lembranças fragmentadas – tinham de ser pistas do que havia acontecido. Eu só precisava montar o quebra-cabeça.

Encolhida no banco junto à janela do solidário, fiquei olhando para o jardimzinho e a estrada que se estendia depois da cerca de pedra. Meu livro de história continuava fechado aos meus pés. Eu roía a unha. Carson tinha me visto fazer a mesma coisa na aula de biologia e havia me dito que era um hábito que eu sempre tivera. Então era uma antiga parte minha que, por algum motivo, ficara comigo.

Voltei a pensar na Cassie.

Ela estava irritada no dia em que desaparecemos, provavelmente por causa de um garoto. Trey, o namorado com quem ela vivia terminando e reatando e que, convenientemente, havia ficado doente no dia em que seu corpo foi encontrado? Eu teria ido vê-la, obrigação de amiga? Mas o que tinha

acontecido depois? O que explicaria o sangue nas pedras, Cassie gritando na minha cara e a sensação de cair?

E por que fomos no encontrar justamente no parque estadual?

As lembranças não podiam ser alucinações. Eu não estava louca, mas, quanto mais revirava as coisas na minha cabeça, mais estranha eu me sentia. E ainda havia dois bilhetes...

A luz do sol refletiu no teto de um carro branco que subia a entrada dos automóveis, o que chamou minha atenção. Eu me endireitei e tirei a mão da boca quando o veículo apareceu por inteiro. Não era o Bentley do meu pai e ainda era cedo para ser o Scott.

O carro parou na frente da casa, ao lado da fonte espalhafatosa. Um homem saiu e abotoou o blazer. Óculos escuros escondiam seus olhos, mas reconheci os cabelos pretos e engomados, a testa larga.

O investigador Ramirez acabara de chegar.

- Merda – murmurei, pulando o banco. Cruzando bem depressa o labirinto de arcadas e cômodas que, aparentemente, nunca eram usados, fui correndo até o outro lado da casa antes que ele acordasse minha mãe. Abri a porta, ligeiramente sem fôlego.

- Investigador?

Ele tirou os óculos de sol, enfiando-os no bolso de cima do paletó.

- Senhorita Franco, teria alguns minutos?

Dei um passo para o lado e olhei de relance para trás.

- Claro, mas minha mãe está dormindo, e meu pai, trabalhando.

- Tudo bem. Só quero fazer algumas perguntas, é extraoficial. – Ele entrou, e seus olhos assimilaram o foyer, sem deixar passar um detalhe que fosse. – Algum lugar onde possamos sentar e conversar?

Eu duvidava que alguma coisa que eu dissesse a um investigador de polícia fosse extraoficial, mas não tinha nada a esconder e queria ajudá-lo. Eu o levei à pequena sala de estar, sentei-me no sofá e ele ficou com a cadeira reclinável.

- Tem a ver com a Cassie? – perguntei, entrelaçando as mãos.

Ramirez fez que sim.

- Imagino que já esteja sabendo?

- Sim. Não se falou em outra coisa hoje na escola.

- E como está lidando com isso?

Como eu estava lidando com isso? Quase tive vontade de rir, mas imaginei que não seria decente.

- Bem, eu acho.

Ele levantou um dos cantos da boca.

- Eu queria repassar algumas coisas. Para ver se você lembra de algo. Tudo bem?

- Sim. – Peguei a almofada com o bordado delicado e a coloquei sobre minhas coxas. – Eu quero ajudar.

- Ótimo. – Lá veio o sorriso torto outra vez. – Cassie foi encontrada no lago, alguns metros cachoeira abaixo, emaranhada em... – Ele parou e eu senti o sangue se esvaír do meu rosto. – Bom, os detalhes não importantes. No momento, não sabemos ao certo qual foi a causa da morte, mas, de acordo com a investigação preliminar, não parece ter sido afogamento.

- Cassie nadava muito bem. – Apertei a almofada. – Foi o que suas... minhas amigas disseram hoje.

- A mãe disse que Cassie era uma nadadora excelente e conhecia muito bem o terreno do parque estadual e as trilhas que levam até as cachoeiras – ele disse, concordando devagar com a cabeça.

- Mas estivemos lá à noite – eu falei, franzindo o cenho. – Del me contou que fiquei com ele naquele dia até depois de escurecer.

- Sim, falei com ele quando você ainda estava desaparecida. – Ele se debruçou, deixando as mãos caírem entre os joelhos. – Tem alguma ideia de por que vocês duas subiriam lá à noite? Por mais que você e a Cassie conhecessem o terreno, seria perigoso. Um escorregão...

Engoli em seco, com dificuldade.

- Não sei por quê, de verdade, e passei o dia todo tentando entender. Lauren... Lauren Cummings

disse que a Cassie estava chateada. Pode ser a gente tenha subido lá para conversar, papo de menina.

Papo de menina parecia uma idiotice até mesmo para mim, mas eu estava sem ideias.

- Também falei com a Lauren, mas, se entendi bem, vocês não tinham o hábito de ir ao lago durante a noite... pelo menos não nesta época do ano. – Ele fez uma pausa e me olhou nos olhos. – Agora, quando nos falamos, você disse ter tido... a sensação de cair e de ter ouvido barulho de água. Seria possível que estivesse perto das cachoeiras?

- Acho que sim, mas nem sequer sei onde fica a cachoeira... agora. Ou como chegar ao lago.

Ele inclinou a cabeça para um lado e baixou os olhos por um segundo.

- Lembra-se de mais alguma coisa? Mesmo que pareça um detalhe insignificante, pode ser útil. E você que ajudar, certo?

- Sim. – Percebi que segurava a almofada como se fosse um escudo e a empurrei para um lado. – Já falei das pedras. Já as vi antes, só que recobertas com alguma coisa que parece sangue, mas eu... não tenho certeza. Sei que não é muito.

- Não. Já é alguma coisa. – Ramirez sorriu apertado. – Algo mais?

Baixei os olhos, mordi o lábio. Se eu contasse a ele que tinha visto a Cassie, era bem provável que isso me fizesse parecer maluca.

- Samantha, qualquer coisa ajudaria.

Passos pesados retumbaram pela casa toda, anunciando a chegada do meu pai.

O investigador Ramirez se levantou e começou a se virar para a passagem em arco.

Meu pai entrou feito um tornado enfurecido, com a cara vermelha de raiva e os olhos apertados, fulminando o investigador.

- O que está fazendo aqui?

- Tudo bem, pai. Ele só queria fazer umas perguntas.

- Não, não está tudo bem. Ele levou as mãos aos quadris e jogou as abas do paletó para trás. – Vou precisar explicar as leis para você, Ramirez?

- Conheço muito bem as leis, senhor Franco – ele retrucou sem entonação.

- Ah, é? – A voz do meu pai tinha algo de duro e inflexível que eu certamente já tinha ouvido antes. Provavelmente quando meti o carro na árvore. – Não pode falar com a minha filha sem que um dos pais dela ou um advogado esteja sempre. Nunca.

- Meu senhor, não se trata de uma investigação formal e sua filha aceitou responder...

- Minha filha é uma adolescente, só tem dezessete anos. – Meu pai se adiantou, muito mais alto que o investigador. – Você disse que era extraoficial? Tenho certeza de que sim. Ela não sabe como são as coisas, mas eu sei.

Ergui as sobrancelhas. Comecei a sentir um aperto no estômago. Eu tinha feito mal em conversar com o investigador? Mordi o polegar e olhei ora para um dos homens, ora para o outro.

- Pai, eu estava...

- Nem mais uma palavra, Samantha – ele falou, e seu tom de voz foi como uma brisa gelada em contato com a minha pele. – Se quiser interrogar minha filha, faça-o com minha permissão e aviso prévio. Caso contrário, da próxima vez que chegar a vinte metros da minha casa, vai precisar de um mandado.

Fiquei de boca aberta. Um mandado? Para que precisaria de um mandado? Eu não era um dos suspeitos. Suspeitos precisavam de mandados. O pânico fez minha barriga doer quando eu me levantei, de pernas bambas. Eu era um dos suspeitos?

O investigador Ramirez limpou a garganta e, ao falar, demonstrou estar clamo e nada impressionado com as ordens do meu pai.

- Entendo, senhor Franco. Vamos torcer para não chegar a isso. Não precisa me mostrar a saída.

Meu pai cruzou os braços e, sem dizer nada, o investigador Ramirez saiu. Voltei a me sentar, tonta.

- Pai, ele só estava me perguntando umas coisas. Não foi nada demais.

Ele cruzou a sala e se abaixou até ficar à altura dos meus olhos.

- Você não entende como a polícia trabalha, princesa. É só uma criança e, depois de tudo que aconteceu, será fácil para eles confundirem e manipularem você.

Fui tomada por uma raiva indignada.

- Não sou idiota. Só porque não me lembro de nada, isso não faz de mim uma criança indefesa. Ele só me fez umas perguntas a respeito da Cassie. Eu quero ajudar a polícia.

- Eu sei. – Ele suspirou e estendeu o braço para tirar minha mão da boca. – Você ainda rói as unhas. Sua mãe detesta isso.

- Desculpe – murmurei, apertando os joelhos.

Ele se levantou e foi até o consolo da lareira. Suas costas estavam anormalmente rígidas.

- Sei que não é idiota, Samantha. Você é esperta, mas não quero que volte a falar com a polícia, tudo bem? Não seu eu não estiver por perto. Entendeu?

- Por quê? Qual é o grande problema? Não tenho nada a esconder.

Ele deu meia-volta, alisando os cabelos com uma das mãos.

- O grande problema é que, muito provavelmente, você foi a última pessoa a ver a Cassie... Provavelmente estava com ela...quando seja lá o que for aconteceu.

- Eu sei! E é por isso que preciso falar com a polícia.

- Não. É por isso que não pode falar com a polícia!

Ele levou a mão ao peito e, de repente, fiquei com medo de que ele sofresse um ataque cardíaco. Meu pai parecia em boa forma, mas imaginei que estaria sob forte tensão por causa do trabalho... e por minha causa.

- A última coisa que deveria fazer é falar com a polícia. Neste exato momento, se por acaso ela tiver sido vítima de um homicídio, você é a principal suspeita.

Suspeita? Assassina? Aquilo que eu havia visto nos olhos de Veronica e Candy de repente fazia muito mais sentido. Desconfiança. Mais tarde, naquela mesma noite, eu andava pelo quarto, com o coração batendo forte e de barriga vazia. Pensar em comida me dava vontade de vomitar, por isso não jantei. Suspeita. Assassina.

As palavras eram estranhas para mim. Não no sentido de que eu não entendia o que significavam, e sim porque não conseguia associar a mim seus significados. As palavras bombardearam todos os meus nervos, feito minúsculos cacos de vidro, rasgando-os, expondooooo-os.

Meu pai realmente achava que era por isso que o investigador Ramirez tinha-me feito perguntas? Porque ele achava que eu poderia ter matado a Cassie? E minhas amigas pensavam a mesma coisa? Não era possível. Não fazia sentido. Era óbvio que eu também tinha saído machucada. Como se já não bastasse o fato de que tudo que me definia, tudo que eu sabia, havia se perdido.

E eu nunca seria capaz de matar uma pessoa. Não sabiam disso?

Ainda havia uma chance de tudo não ter passado de um acidente bizarro. O pouco que eu sabia já bastava para entender que fariam uma autópsia para determinar causa da morte.

Parei diante do espelho do closet, engoli o nó medo em minha garganta antes que a coisa me consumisse. Meu reflexo me devolveu o olhar, o rosto pálido em contraste com meus cabelos cor de canela. Sem maquiagem, eu parecia bem mais jovem que nas fotos. Havia nos meus olhos um brilho arisco que eu duvidava que a antiga Sammy exibiria.

- Eu nunca machucaria a Cassie – falei, pois precisa ouvir alguém dizer aquilo, mesmo que fosse eu.

Meu reflexo inclinou a cabeça e arreganhou os lábios num arremedo de sorriso.

- Mentirosa.

Ofegante, cambaleei para trás, tropecei no ursinho idiota que estava no chão. Bati o quadril na lateral da cama. Senti uma explosão de dor viva e minha pulsação passou a martelar desvairadamente.

Não havia ninguém no espelho agora.

Tremendo, recolhi as pernas e me levantei. O movimento sacudiu a cama e o criado –mudo. Já em mau estado por causa da pancada que Del lhe tinha dado, a caixa de música caiu no chão, emitindo duas notas fracas e fragmentadas que me tiram sentir calafrios.

Apanhei a caixa e a virei de lado. A tampa de uma abertura no fundo havia se soltado quando a coisa tinha caído, e o buraco era grande o bastante para acomodar metade de um baralho. Parecia vazio e, atordoada, eu o fechei e devolvi a caixa ao criado-mudo.

Uma sensação nauseante começou a se formar na boca do meu estomago quando me virei, tirando os longos fios de cabelo do meu rosto. Um formigamento intenso desceu pelas minhas costas e, de uma hora para outra, eu me sentia muito quente e o quarto parecia excessivamente pequeno.

Meu reflexo tinha falado comigo.

Era oficialmente coisas de doido.

Recomecei a andar de um lado para outro, evitando meu reflexo só para caso de ele decidir ter outra conversa inesperada. O que tinha acabado de acontecer não podia ter sido uma lembrança, e não havia como explicar o fato de nenhuma outra maneira, a não ser como um bom e velho Delírio.

Eu havia me imaginado chamando a mim mesma de mentirosa depois de ter afirmado que não era capaz de machucar uma pessoa. Que legal. Legal mesmo. Empurrando os cabelos para trás das orelhas, fiz força para inspirar fundo, mas o ar ficou entalado no peito. Eu precisava sair do quarto e talvez de casa, por isso escancarei a porta e disparei para o corredor.

Ao contornar a quina de uma parede, trombei em cheio com um corpo duro feito pedra, com força suficiente para o coitado soltar um grunhido e cair no chão. Desequilibrada, caí por cima Dele. Num segundo, reconheci o cheiro de sabonete e perfume cítrico.

Carson.

Nossos corpos estavam em contato em todos os lugares errados. Ou nos lugares certos, dependendo de como eu quisesse ver as coisas. Não que eu achasse que era certo. Decididamente era errado, principalmente a maneira como o peito Dele parecia incrivelmente musculoso sob o meu, e sua barriga feito aço. O calor disparou por minhas veias.

A mão de Carson se fechou na minha cintura quando ergueu de leve a cabeça. Estávamos tão próximos que eu conseguia ver as pintinhas mais escuras de azul perto de suas pupilas. Tão próximos que seu hálito insuflou vida nova nos espaços vazios e escuros dentro de mim. Meu olhar desceu até

os lábios Dele, e eu queria tanto, mas tanto saber qual seria a sensação. Provar o beijo Dele. Livrar-me de todos os fios que me prendiam a velha Sammy e me perder dentro Dele. Engraçado como todas as minhas preocupações com a possibilidade de estar louca de repente voaram pela janela.

- E aí, Sam...

- Oi – murmurei. – Estava indo me ver?

O sorriso se alargou plenamente, e meu coração deixou de bater por um segundo. Ele tinha um dente lascado.

- Vim ver o Scott, na verdade, ma...

-Ops. - eu me senti a maior retardada de todos os tempos, - Então é melhor você ir.

- É, é melhor. – o olhar Dele desceu para a minha boca e sentir meu estomago apertar. - mas primeiro você vai ter de sair de cima de mim. Não precisa ter pressa. Fica a dica.

Meu rosto estava em chamas.

- Tem razão.

- Tenho – ele murmurou.

Eu ainda não tinha me mexido. Podia ser o apocalipse rolando lá fora e eu continuaria ali onde estava. Meu corpo juntinho ao Carson, a mão Dele me apertando a cintura.

Tão enredados em fosse lá o que era aquilo, nenhum de nós escutou meu irmão, até que ele disse:

- Não sei se quero saber o que vocês estão fazendo.

Carson soltou uma risadinha grave, e eu captei o som em todas as minhas células.

- Treinando luta greco-romana.

- Fala sério- Scott respondeu com secura.

Saí de cima de Carson e fiquei de pé.

- Eu trombei com ele no corredor e o derrubei. – Sentir que era necessário explicar. – A gente não estava treinando... Nem nada.

A boca de Scott tremeu, como se resistisse a vontade de sorrir.

- Tudo bem, Sam. Prefiro você e o Carson se atracando na frente de todo mundo do que você e o Del.

Fiquei de queixo caído.

- Não foi isso...

- Ei! – disse Carson, passando um braço pelos meus ombros. – Temos a permissão do seu irmão.

- Cara, você deve detestar mesmo o Del – eu disse, Ignorando o fato de que todo o lado esquerdo do meu corpo estava juntinho ao do Carson.

Scott esfregou a têmpora com a palma da mão.

- É, não gosto dele.

- Por que?

- Simplesmente não gosto- ele respondeu, aí se virou e voltou para o seu quarto.

Eu me retorci toda para sair de baixo do braço de Carson.

- Bom, vejo você...

- Ei. - ele segurou o meu braço e me deteve. – Aonde você ia com tanta pressa?

- Eu só ia ... Dar uma volta.

- São quase novembro dei de ombros, e meu estomago resolveu roncar bem naquele momento.

- Ou arranjar algo para comer. Talvez um pouco de sorvete. Vi um pote de chocolate hoje cedo. Não lembro qual foi a última vez que tomei sorvete. – Eu estava divagando, mas não conseguia parar. – Ok, não me lembro de muita coisa, então isso não conta muito. Ontem, descobrir que adoro hambúrguer sem tomate. Sem pickles, mas com muito bacon.

O sorriso de Carson foi aumentando enquanto eu falava.

- E queijo?

- Não consigo me decidir quanto ao queijo.

Sorri. Alguns dias antes, eu tinha tido um daqueles momentos com i Del. Não conseguia parar de falar e ele não havia achado nada divertido. Carson soltou minha mão.

- Então, voltando ao sorvete... Tem certeza de que viu um pote?

- Tenho.

- Quer companhia?

Meu coração ficou todo feliz com a sugestão.

- Pensei que estivesse aqui para ver o Scott

- Ele pode esperar. – Carson me cutucou com o ombro.

- Não?

Olhei para ele e resolvi que um pouco de sorvete não era um pecado capital, e a distração me faria bem.

- Com certeza.

Carson me seguiu escada abaixo e um cômodo após o outro.

Levei algum tempo para encontrar tigelas e a prataria, aí desencavei o sorvete. Carson encheu a tigela Dele com um montão de chocolate delicioso. Coloquei três colheradas grandes na minha, daí fomos sentar no bar, de frente um para o outro.

- Cadê seus pais? – ele perguntou amassando o sorvete com as costas da colher.

- Não sei onde o meu pai está, mas minha mãe estar dormindo. – eu me debrucei baixando a voz. – Acho que é só isso que ela faz. Ela sempre foi assim?

Ele ergueu os olhos ao encher a boca.

- Eu não a via muito. Ela, digamos, não gosta de me ver aqui dentro da casa, por isso geralmente tento restringir minhas visitas.

- Por quê? – perguntei, franzindo o cenho.

Ele voltou a amassar o sorvete.

- Sua mãe não me quer muito aqui na casa por causa do meu pai. – fazendo uma pausa, ele encolheu os ombros. – Ela provavelmente pensa que vou roubar alguma obra de arte.

Apertei a colher com tanta força que não me surpreenderia se ela entortasse.

- Que horror. Seu pai não é diferente do meu. Só tem empregos diferentes. Não entendo qual o grande problema.

Ele fez cara outra vez, a mesma que me fazia sentir como seu fosse um enigma que ele não conseguiria resolver.

- Sabe o que eu sempre achei engraçado?

- O que?

- Pelo que o Scott me contou, seu pai era bem parecido antes de conhecer sua mãe. Não tinha um montão de dinheiro, veio da classe operaria e tal, então eu nunca entendi como acabou casando com sua mãe.

E aí estava um enigma que eu não sabia resolver.

- Nem eu, porque minha mãe é herdeira de ...

- Uma fortuna antiga, e essa gente costuma se fechar em panelinhas. Seu pai deve ter feito alguma coisa para que ela ficasse caidinha por ele.

Comecei a sorrir ao ouvir aquilo, imaginando meu pai conquistando minha mãe com um zilhão de gestos românticos, mas aí pensei como os dois eram atualmente. Havia mais romantismo entre mim e minha escova de cabelos que entre eles dois.

Carson deu uma bela mordida no sorvete.

- Este é do bom.

Vendo-o se empanturrar, esperei até boa parte do meu sorvete derreter e comecei a mexer com a colher, transformando a sobremesa em uma espécie de pudim. Carson deu risada, e eu sorri pra ele.

- Acho que gosto de sorvete assim.

- É, você fazia isso quando era criança. Deixava sua mãe louca.

Fiquei observando o Carson, e o chocolate escorregou da minha colher, esborrachando-se na tigela.

- Éramos mesmos bons amigos?

Ele fez que sim.

- Sim, fomos...- inseparáveis por um bom tempo.

Como eu já tinha feito milhares de vezes desde que tinha descoberto que Carson era a resposta para a minha pergunta de segurança, tentei nos imaginar fazendo coisas juntos: correndo, brincando, aprontando. Infelizmente, como tudo o mais, as lembranças não estavam lá, por mais que eu tentasse. A menos que eu estivesse só tentando me enganar, acho que o que mais me fazia falta era a possibilidade de aquelas lembranças terem existido.

- Você está fazendo aquela cara- ele disse, usando a mão livre para tirar os cabelos da testa. – não está contente com alguma coisa, a companhia não está boa?

- Não, imagine- eu tranquilizei. – é só que... É um saco não me lembrar de nada. Acho que ... Eu teria adorado essas lembranças.

Os olhos Dele encontraram os meus por um segundo.

- Mas eu ainda as tenho. Se quiser, posso fazer para você uma seleção dos melhores momentos.

Um sorriso repuxou meus lábios.

- Eu adoraria.

E foi o que Carson fez. Repassou os maiores sucessos da nossa infância enquanto terminávamos de tomar sorvete.

Andar de bicicleta, subir em árvores, nadar e construir fortes com galhos: havíamos feito tudo aquilo. Por acaso eu também tinha quebrado o braço de Carson. Foi pulando de uma das pedras de devil's den e arrastando-o comigo. Ele acabou perdendo toda a temporada da liga mirim de beisebol.

Scott tinha razão: Carson e eu já tínhamos sido mais chegados.

O tempo toso, enquanto ele falava de nós, ele franzia as palparas, e eu fui seduzida por seu olhar firme, fiquei enamorada daqueles olhos que brilhavam mais que lápis-lazúli. Do começo ao fim, foi

se formando um aperto no meu peito. Em parte, era bom, porque eu tinha a impressão de que sairia voando a qualquer momento, mas havia certa tensão, com um toque de tristeza e vergonha.

- sinto muito mesmo por ter sido tão babaca com você- eu disse mais uma vez. O fato de eu ter sido gentil com a mãe Dele, e depois com ele mesmo quando ela morreu, não compensava todo o resto. – você não merecia aquilo que eu me tornei.

Carson abriu a boca, mas voltou a fecha-la. Vários segundos se passaram, aí ele se debruçou, cruzando os braços em cima do bar.

- Vou ser sincero, ok? Quando você se desculpou antes eu nem liguei. Porque era difícil acreditar que você estava falando sério. Sei disso por... Experiência própria.

Eu me encolhi e, de repente, queria não ter comido tanto. O sorvete talhou no meu estomago.

- Entendo.

- Não. Não entende. - ele me encarou. – porque sei que você realmente se sente mal por causa disso. Duas semanas atrás? Não sei, não, mas agora você está arrependida. E isso é que importante. Tudo bem? O que passou. Acabou. Deixe para lá.

Vendo e ouvindo a sinceridade em seus olhos e sua voz, senti o aperto no peito diminuir um pouco.

- Obrigada- sussurrei.

Carson balançou afirmativamente a cabeça, e passou-se mais algum tempo sem que abrissemos a boca.

- O investigador da polícia deu um pulo aqui depois da escola – contei, fitando a meleca na minha tigela. – meu pai ficou fulo, praticamente chutou o cara para fora.

- Por que?

Dei de ombros.

- Ele não gostou porque Ramirez me fez perguntas sem que ele... Ou o advogado estivessem presentes. – ergui os olhos e inspirei fundo. – meu pai acha que sou a principal suspeita para polícia.

A sobrancelhas Dele se juntaram.

- O que? Serio?

- É porque fui a última pessoa a ver Cassie.

- Mas ninguém sabe se foi isso mesmo- ele argumentou, para meu alívio. - podia ter mais alguém com vocês. E o que aconteceu com vocês duas pode não ter relação alguma. Pode ser uma coincidência bizarra. Um acidente.

- É o que eu espero- murmurei. Depois, alteando a voz, continuei:- mas, então, quem você acha que poderia estar com a gente? Quer dizer, se não tiver sido um acidente.

- Está imaginando quem poderia estar com vocês e ia querer... Machucar Cassie? Ou você? - ele se recostou, passando a mão pelos cabelos despenteados. – Meu Deus, Sam, é horrível até pensar numa coisa dessas.

- Nem me fale. – comecei a mordiscar o polegar, mas descobrir que a unha já estava roída. – poderia ter sido eu, pelo que sei.

A sobrelhas dele foram parar no alto da testa.

-O que? Você? Não. De jeito nenhum.

Fiz uma careta.

- A velha Sam me parece bem capaz de qualquer coisa e aparentemente, Cassie e eu tínhamos uma amizade esquisita. Pode ser que a gente tenha brigado e...

- E o que? Você a matou? – ele revirou os olhos e riu. - de jeito nenhum. Ok, que você não era flor que se cheirasse, mas não machucaria outra pessoa. E isso não explica como foi que você se machucou.

Não explicava e, para variar, a impossibilidade de uma coisa ter acontecido me tranquilizou. Meti os cabelos atrás das orelhas.

- Beleza. Se tivesse que apontar alguém, quem seria?

Ele me encarou, perplexo.

- Apontar alguém capaz de matar? Nossa, espero não conhecer ninguém assim.

- Eu sei, mas, se tivesse de apontar alguém que quisesse machucar a Cassie, quem seria?

Piscando, ele desviou os olhos.

- A lista de pessoas que tinham raiva dela é enorme, mas matá-la? Acho que não.

- Carson...

Ele xingou baixinho ao olhar para mim.

- Tudo bem. Tem o Trey. Eles tinham um relacionamento de merda. E aí temos pelo menos cem pessoas da escola que provavelmente se imaginaram uma ou duas vezes empurrando a Cassie na frente de um ônibus.

- Que legal – comentei, franzindo o nariz.

- Escute, você não se lembra Dela. Sam. Cassie era uma...

Vou colocar a coisa de outro jeito: ela tinha pouquíssimos bons momentos. Era terrível com o pessoal que não tinha dinheiro, nem carros de luxo, que não passava verão no iate, o que é absurdamente ridículo se você pensar bem, porque ela não teria nada se não fosse o pai e da mãe Dela. Não só isso, ela era manipuladora. - todo mês, ela escolhia uma nova vítima, alguém de quem fingiria ser amiga, porque tal pessoa tinha alguma coisa que ela precisava. Ela era legal com a pessoa, e o resto da sua turma fazia a mesma coisa, e aí, quando conseguia o que queria, Cassie humilhava a coitada em público, de um jeito ou de outro. Teve uma vez que ela fez a escola inteira acreditar que Sandy Richards era lésbica.

Sandy fazia aula de história comigo. Era quietinha. Eu gostava Dela.

- E daí que ela fosse lésbica? Quem daria bola para isso?

- Ninguém, mas Cassie fez parecer que Sandy estava obcecada com ela, e que dava em cima Dela. Tudo mentira, e tenho certeza que metade da escola sabia disso. Mas ninguém peitava a Cassie. – voltando a se recostar, ele cruzou os braços. – porque ninguém peitava você e todo mundo sabia que, se mexessem com a Cassie, mexiam com você.

O aperto voltou, comprimindo meus pulmões.

-Por que você acha que a Cassie era desse jeito?

- Não faço ideia, mas ela era... Ela não batia bem. - ele virou a cabeça e contraiu os músculos da mandíbula. – exagerava um pouco na farra de vez em quando... E começava a chorar sem motivo. Trey costumava dizer que ela era complexada por causa do pai, mas quem vai saber?

Complexada por causa do pai? Matutei um pouco, lembrando que, pelo jeito, ela tinha pai ausente. Aí perguntei algo que provavelmente não deveria ter perguntado.

- Por que eu me comportava dessa maneira?

Ele voltou a piscar e arregalou os olhos.

- Meu Deus, Sam, como eu queria saber, mas não sei. Seus pais eram legais com você. E o Scott também, e, apesar de você ter mudado quando começou a andar com a Cassie, não dá para jogar a culpa toda nela. Você escolheu fazer o que fez.

-Eu sei. – baixei os olhos. Cassie e eu éramos terríveis juntas, hein?

Ele soprou longamente e, quando ergui os olhos, Carson fitava as janelas francesas.

- Era estranho, como duas pessoas se juntassem e trouxessem à tona o que havia de pior uma na outra. Se soubessem que alguém tinha um podre, você se aproveitavam disso. Sempre oportunistas... E havia muita gente com um bocado de motivo para não gostar de vocês. Mas machuca-las. Aí é diferente.

Voltei a sentir vergonha, queimando-me feito ácido. Dei uma última bocada no sorvete derretido, arrependida por ter tocado no assunto. Carson olhou para mim e riu baixinho.

- Que foi? – eu perguntei, largando a colher na tigela.

- Tem sorvete no seu queixo.

- Tem? – limpei o queixo. – saiu?

Balançando a cabeça, ele estendeu a mão por cima do bar e afagou meu lábio inferior com o polegar. Inspirei fundo e perdi o folego. O polegar se demorou ali, logo abaixo do canto da boca, mas os outros dedos se espalharam sob meu queixo. Minha pele Delicada sentiu os calos daqueles dedos e estremeci de prazer. Nossos olhos se encontraram e esperei que ele recolhesse a mão, porque àquela altura, o pingo de sorvete já devia ter sumido, mas ele não removeu.

Em vez disso, o polegar subiu um tiquinho, seguindo a linha do meu lábio inferior. Inspirei ruidosamente, mas, como da outra vez, o ar se perdeu em algum lugar. Fui tomada por uma onda vertiginosa de calor.

- Mais sorvete? – disse, engoli em seco

Um sorriso torto espalhou-se pelos lábios.

- Claro.

Parte do meu cérebro simplesmente desligou. Colocando as mãos na beira do bar, eu debrucei e parei de pensar em qualquer outra coisa que não fosse a sensação eletrizante que produzia em mim a um simples contato. Eu não sabia bem o que estava fazendo, mas meu corpo tomou a iniciativa. Minha pulsação era um tambor, e meu coração foi parar nas nuvens quando a mão Dele deslizou até a maçã do meu rosto.

Era errado, mas também parecia incrivelmente certo. Alguém pigarreou. Pulei para trás e quase cair do banco, horrorizada, vi minha mãe de pé sob um vaso de Samambaia, com um copo cheio de líquido vermelho numa das mãos.

- É tarde, Carson – ela falou com frieza nos olhos e na voz. – já está na hora de ir para casa.

Carson disfarçou um sorriso rápido para mim e se levantou.

- Desculpe, senhora franco, não vi que era tarde.

Ela acenou brevemente com a cabeça.

- Vejo você na escola, Sam- ele disse, olhando para mim por cima o ombro.

Meu rosto parecia em chamas quando me levantei. Eu queria leva-lo até a porta, mas ele tinha sumido atrás de uma quina de parede. Segundos depois, uma porta abriu e fechou. Eu tinha consumido o todo o tempo Dele: Carson nem sequer tinha ido ver o Scott.

- O que está fazendo, Samantha?

-Tomando sorvete- respondi depois de inspirar fundo.

- Não se faça de boba.

- Não estou me fazendo de boba, mãe. Eu estava tomando sorvete com o Carson. Qual o problema?
– dei as costas para ela e apanhei as tigelas, levando-as até a pia.

- Não que...

- Não sei mais se conheço você – ela disse lacônica ao colocar o copo no bar. – duas semanas atrás, não estaríamos aqui tendo esta conversa.

- Sim e, duas semanas atrás, eu era uma víbora. – que aparentemente tinha uma escola inteira cheia de inimigas. -portanto, se o fato de eu ser uma pessoa legal é uma grande decepção, você vai ter que se acostumar.

- Não tem nada a ver com você ser legal.

Ela me seguiu até a pia, derrubando as tigelas que eu levava nas mãos. Uma Delas acertou o aço inox e rolou de lado, a outra se partiu em dois grandes cacos de louça. Atordoada, ergui os olhos para encara-la. Ela completou:

- Você vai arruinar sua vida se envolvendo com esse tipo de garoto.

Recuei.

- Mãe, a gente só estava conversando.

- Não foi o que me pareceu. – ela estava corada, quase a mesma cor de sua blusa de seda. Garotos como ele...

- Não há nada de errado com o Carson! – passei por ela, sem vontade de discutir. Não que eu já não tivesse problemas suficientes sem me meter numa batalha verbal com ela. – eu estou cansada...

- Não cometa o mesmo erro que eu – ela disse baixinho, quase inaudível, dilatando as narinas.

Arregalei os olhos, espantada.

- O que? O que quer dizer com isso?

- Não importa. – seus calcanhares bateram no piso de madeira de lei. – não vou deixar que você se complique ainda mais. Já basta...

- Já basta o que, mãe?? – eu me virei feito um raio. Pro diabo a ideia de não brigar. Eu fervilhava por dentro, e a coisa transbordando até que só me resto a raiva. – ainda sou uma vergonha para você? Todos os seus amigos estão comentando? só que agora estão comentando que aconteceu comigo... Ou com a Cassie? Deve ser tão horrível para você.

Ela estreitou os olhos.

- Tem certeza de que não recuperou a memória? Porque isso me parece terrivelmente familiar, Samantha.

- Parece? Ótimo.

Tentei passar por ela, pisando duro, mas, droga, ela foi mais rápida e me interceptou.

O arrependimento escureceu ainda mais as pintinhas vermelhas nos olhos Dela.

- Desculpe, docinho. Você não tem culpa de nada. Não importa o que tenha acontecido ou o que tenha feito, você não tem culpa de nada.

Fiquei absolutamente pasma e minha mãe se virou. Ouvi quando ela parou diante do armário de bebidas e percebi que levou a garrafa. Atordoada, sai da cozinha e vi meu pai parado ali.

Ele virou o rosto para o outro lado, de olhos fechados e cenho franzido.

- Samantha...

- Ela acha que fui eu? – minha voz saiu miúda, rouca. – ela acha que eu fiz coisas com a Cassie?

- Não. - seus olhos se abriram de repente, arregalaram-se- não, ela não pensa assim. Só está cansada e toda essa tensão...a afetou. Sua mãe não está...- ele balançou a cabeça – ela não pensa assim.

Legal da parte Dele tentar me convencer, mas não acreditei

- Você acha que fui eu?

- Não, filhota, não acho que você teve algo a ver com o que aconteceu- ele falou, tentando sorrir, em vão. - é tarde. Suba. Amanhã é outro dia.

Por um instante, só conseguir olhar fixamente para ele, incrédula e indiferente. O choro foi se formando no fundo da minha garganta e, quando conseguir me mexer, passei voando pelo meu pai. Não sabia ao certo do que estava fugindo, mas não importava para onde ia. As palavras da minha mãe ainda me perseguiam quando me despi e me troquei, com as mãos tremulas.

Eu me sentei na cama e levei as pernas até o peito. Descansando a cabeça sobre os joelhos, passei a respirar fundo, o que nada ajudou a aplacar o pânico crescente. Carson podia ter acreditado que eu não seria capaz de fazer uma coisa daquelas, mas o que eu devia pensar se minha própria mãe achava que sim?

A senhora Messer tinha um lance com os óculos. Ela os colocava no rosto quando começava a falar, tirava-os antes de começar a frase, aí mordiscava uma das hastes. Nos primeiros cinco minutos de nossa sessão de quarta-feira, ela já tinha completado o ciclo cinco vezes.

Deslizei na poltrona, sufoquei um bocejo com a mão. Ela havia passado a maior parte do nosso tempo juntas conferindo os informes enviados por meus professores.

Ela enfiou os documentos numa pasta e os colocou de lado.

- Como já esperávamos, nenhum dos professores demonstrou qualquer preocupação. Na verdade, agora você está prestando mais atenção às aulas.

- Bom, pelo menos uma coisa boa.

Ela sorriu sem mostrar os dentes.

- Como vão as coisas em casa?

- Tudo bem – respondi, e minhas feições bem disciplinadas ficaram sem expressão.

Óculos no rosto.

- Sua mãe me contatou ontem. Ela queria saber como você está se adaptando a tudo.

Erguendo-me na poltrona, fechei rápido a boca. Minha mãe não falava comigo desde o acesso de raiva na segunda à noite. E, por mim, não era um problema.

- Ela ligou?

- Sim. Ela está preocupada porque você anda tendo dificuldades para relacionar as coisas anteriores ao...incidente com sua vida agora. – Óculos na mão. – Quer falar sobre isso?

Meus dentes doíam de eu tanto contrair a mandíbula.

- Acho que ela é que não aceita muito bem meu jeito de ser hoje.

- Algo a ver com um garoto...? – perguntou a senhora Messer, mordiscando uma das pontas dos

óculos.

Meu rosto ficou em chamas.

- Eu estava tomando sorvete com um garoto e ela surtou.

Não dava para acreditar que minha mãe tinha ligado para ela! Minha mãe não havia cumprido a promessa de ligar para um terapeuta de verdade, mas já era bem ruim ter contado o ocorrido para a orientadora educacional. Agarrei os braços da poltrona e inspirei fundo.

- Não sou mais a mesma pessoa que eu era *antes* do incidente. E, quer saber? Acho que foi bom. Antes, eu era uma víbora.

Voltando a colocar os óculos, ela repuxou os lábios como se realmente quisesse sorrir. Não os sorrisos falsos e apertados que ela sempre me dava.

- Nem, se serve de consolo, eu expliquei a ela que mudanças de personalidade eram esperadas.

- Aposto que ela adorou ouvir isso – resmunguei. – Ela pensa que eu...

- Ela pensa o quê, Samantha?

Comecei a roer a unha do polegar e, ansiosa, tamborilei o chão com o pé. Senti uma vontade absurda de contar todos os meus segredos.

- Não sei. Ela tem vergonha de mim. Acho que sempre teve.

- Tenho certeza de que não é verdade – disse a orientadora, me observando. – Conseguiu se lembrar de mais alguma coisa?

Concentrando-me no retrato do menininho com cara e querubim sobre a escrivaninha, encolhi os ombros.

- Só umas coisinhas aqui e ali, fragmentos, e eles não fazem muito sentido. Não tive nenhuma enxurrada de lembranças, mesmo fazendo tudo que você me disse. Pensei... pensei que a notícia sobre a Cassie acionaria alguma coisa, mas não acionou.

- E como está lidando com a notícia sobre a Cassie? Ainda se sente indiferente?

Eu detestava quando ela falava aquelas coisas, embora entendesse o que ela queria dizer. Como eu não conseguia me lembrar da minha amizade com a Cassie, era difícil sentir o mesmo pesar que

todos sentiam com sua morte repentina.

- Estou tentando me lembrar dela.
- Não foi isso que eu quis dizer – ela falou.
- Posso perguntar uma coisa? – recusei-me a responder, voltando a roer a unha.

A senhora Messer fez que sim com a cabeça.

- As pessoas que começam a recuperar a memória veem...coisas esquisitas?

Ela piscou os olhos bem devagar por trás dos óculos.

- Que tipo de coisas esquisitas?

Voltei a encolher o ombro.

- Sei lá. Veem coisas estranhas e ouvem vozes?

Ela tirou os óculos e, dessa vez, fechou-os.

- Algumas lembranças podem voltar como vozes ou imagens que talvez pareçam estranhas. Se você pudesse me dar um exemplo...

Esperei para ver se ela voltava a colocar ou morder os óculos, mas, como ela não fez nada disso, tive certeza de que eu a tinha arrancado de sua zona de conforto. Mau sinal. Só pelo fato de que ela não brincava mais com os óculos, supus que ver e ouvir coisas esquisitas não era normal.

Como eu não entrei em detalhes, ela mudou de assunto, mas eu sabia que ela voltaria a insistir, talvez na sexta.

- O funeral da Cassie é na segunda. Pode ser difícil...para você...
- Ou pode ser que me ajude a lembrar de alguma coisa.
- Pode ser – ela concordou, rabiscando seu bloco de notas.

Minha sessão chegou ao fim, e tive de correr até meu armário para não me atrasar. A primeira coisa que vi ao abrir a porta de metal foi um bilhete: papel amarelo, dobrado em triângulo. Olhando ao redor antes de abri-lo, eu me certifiquei de que não havia ninguém por perto.

Aqueles bilhetes me deixavam atarantada. Droga, eles me assustavam. Se tivesse sido eu...se eu tivesse feito algo com a Cassie e, de alguma maneira, me machucado também, como explicar aqueles bilhetes? O que era pior? Ser responsável pela morte da Cassie ou a possibilidade de o criminoso ainda estar à solta? A mesma pessoa que agora perseguia com um suprimento infinito de papel de carta?

Eu não tinha a resposta. Suspirando, desdobrei o papelzinho.

Você sabe por que ela estava no lago.

Parte de mim queria rir quando dobrei o bilhete, juntando-o ao outro dentro da minha bolsa, mas uma apreensão familiar revestiu minha garganta. Obviamente, eu não sabia por que ela estava no lago. Fosse lá quem deixasse aquelas coisas, a pessoa precisava se inteirar um pouco mais da minha situação, o que levantava uma pergunta mais importante.

Quem estava deixando aqueles bilhetes e quanto a tal pessoa sabia?

Fechando o armário, eu me virei bem na hora em que Del entrou no corredor e veio na minha direção. Senti uma pontinha de culpa quando me lembrei da vontade absurda que eu tinha tido de beijar o Carson.

Del passou o braço pelos meus ombros e beijou meu rosto antes de recuar, repuxando de leve meu rabo de cavalo.

- Que cara cansada. Você está legal?

Ajeitei os cabelos, envergonhada.

- Eu não me esforcei muito na hora de me aprontar hoje...

- Tudo bem. – Ele segurou minha mão e saímos andando pelo corredor. – Todo mundo sabe que que você passou por maus bocados e, com a notícia sobre a Cassie, ninguém espera muita coisa.

Arqueei a sobrancelha, mas não disse nada. Paramos na frente da sala onde eu teria aula de matemática, ele se despediu com um beijo...dessa vez, na boca. Não foi ruim. Foi um beijo cálido e seco, delicado. Até mesmo paciente, mas os dedos dos meus pés ainda se contraíram pelos motivos errados.

Del recuou, vasculhando meus olhos.

- Tem certeza de que é só cansaço?

Fora os bilhetes misteriosos, a possibilidade de eu ter algo a ver com o que havia acontecido à Cassie e ideias malucas, minha vida amorosa era problemática. Eram tantas complicações, e eu ainda desejava o cara errado – o *melhor amigo* do meu irmão – enquanto meu namorado esperava pacientemente eu voltasse ao normal.

Eu precisava entender o que sentia pelo Del, se é que ainda tínhamos alguma esperança, porque não era justo fazê-lo me seguir feito cordeirinho. Se eu não era mais a garota que se apaixonara por ele, não era certo continuar com aquela... aquela farsa.

Ruminando minhas opções durante as aulas da manhã, eu ainda não tinha ideia do que fazer. Não sabia o que me fazia *hesitar*. Medo de abrir mão de uma das últimas coisas que me ligavam à minha antiga vida? Minhas antigas amizades praticamente não existiam mais, o que fazia de Del o último vestígio da velha Sam. Incapaz de decidir como eu me sentia nesse caso, acabei deixando esses pensamentos de lado e me concentrei na Cassie. O bilhete mais recente não trouxera nada de novo, mas havia me indicado a direção correta.

Eu precisava ir ao lago.

Talvez, ao vê-lo, uma lembrança crucial fosse acionada.

Talvez isso me ajudasse a lembrar um detalhe importante. Por mais egoísta que fosse, a necessidade de saber o que havia se passado não era mais só por causa da Cassie. Precisava provar a mim mesma que eu não era a responsável pelo que tinha acontecido. Com ela e comigo.

Um plano foi se formando na minha mente e, antes de voltar à mesa das minhas amigas para almoçar, eu já estava a meio caminho de implementá-lo. Parei na mesa do meu irmão.

- Posso pegar seu carro emprestado depois do treino?

- Não sei, não – ele respondeu, erguendo de leve as sobrancelhas.

Eu me sentei, pronta para implorar.

- Prometo que não vou deixar acontecer nada com o carro. Só preciso fazer uma coisa depois da escola.

- O quê? – ele perguntou, semicerrando os olhos.

- Uma coisa aí – falei. – *Por favor, Scott.*

Julie sorriu para o namorado.

- Não consigo lembrar quando foi a última vez que a ouvi pedir por favor. Acho que você vai ter que deixar.

- Você não está ajudando. – Scott se recostou, com os olhos ainda voltados para mim. – Por que não deixa a Julie levar você aonde quer ir?

- Não posso – ela acrescentou rapidamente e corou. – Não que eu não que eu não queira, porque, tipo, eu quero andar mais com você, Sam.

- Tudo bem – respondi, um pouco melindrada, embora não tivesse planejado levar alguém comigo. No entanto, ela parecia realmente querer ser minha amiga outra vez.

Aparentemente aliviada, ela sorriu.

- Tenho de trabalhar no teatro depois da escola. É a minha vez hoje.

- Ô, saco, esqueci. – Scott suspirou. – Ok, então. Volto pra casa antes das cinco. Pode pegar o carro emprestado, e juro que, se alguma coisa acontecer com a minha belezinha, é o seu que vai ficar na reta.

Extasiada, dei um pulo e me debrucei sobre a mesa para abraçá-lo.

- Você é o máximo.

Meu irmão ficou de queixo caído. Ele balançou a cabeça, mudo, quando me despedi de Julie, igualmente espantada, e me dirigi para os fundos da lanchonete. Só quando larguei a bandeja ao lado de Lauren foi que percebi que Carson não estava na mesa com eles. Na aula de biologia, ele havia se comportado como se nada tivesse acontecido entre nós, e provavelmente era melhor assim. Pelo menos até eu descobrir o que fazer com o Del.

Havia dias que não me sentia tão bem. Era como se finalmente tivesse um propósito na vida, algo para investigar, em vez de ficar sentada e aturdida. Enfiei os dentes no que imaginava ser presunto fatiado.

- Então, vi você falando com a Julie. – Verônica cutucava o rótulo de sua garrafa de água. – Vocês se beijaram e deram uns pegas?

- Na verdade, ela estava falando com o irmão dela – Lauren comentou, olhando nervosa para mim, ora para Verônica.

- Não entendo por que seu irmão está com essa menina – Candy falou. – Decididamente, ele está fazendo caridade.

Refreei a raiva que crescia dentro de mim e disse:

- O que há de errado com a Julie? Ela é muito bacana e meu irmão gosta dela.

- O que há de errado com ela? – Candy olhou para Verônica, do outro lado da mesa. – o pai dela trabalha numa tabacaria no centro da cidade. E não estou dizendo que ele é o dono do lugar e trabalha lá, e sim que trabalha lá feito um escravo para receber salário mínimo.

- Ah, é? – Fingi espanto. – Putz, não acredito que deixaram a Julie frequentar essa escola.

- Não é? – Candy concordou com a cabeça.

Lauren abafou uma risada com a mão.

- Foi sarcasmo – Verônica explicou, com o rosto vermelho. – Meu Deus, como você é imbecil.

- Não sou idiota – Candy cruzou os braços magros e deu uma risadinha. – Ok, no quesito inteligência, posso não ser a última bolacha do deserto...

Eu a encarei.

- É a última bolacha do pacote.

Ela deu de ombros.

- Que seja.

- Mas então, animadas com o baile de formatura? – Lauren perguntou, tentando fazer baixar a tensão à mesa.

- Falta, tipo, menos de um mês. Papai vai me comprar um vestido champanhe...

- Cale a boca – Verônica cortou. – Ninguém quer saber da droga do seu vestido.

- Ei! Não fale assim com ela. – Apertei o garfo. Que bom que era de plástico, porque minha

vontade era de cravá-lo na boca da Verônica, que eu desconfiava ter passado por uma bela plástica. – Meu Deus.

A pele bronzeada de Verônica assumiu um tom desagradável de vermelho.

- Certo. Agora você foi maldosa Sammy.

- Eu?

Baixei o garfo, perplexa. A irritação toda ferveu e derramou. Fui dominada por uma raiva cada vez maior.

- Não sou eu que estou fazendo pouco de uma pessoa só porque os pais dela não são ricos ou porque ela não veste roupas de tamanho infantil. Vocês é que estão.

- Ok. Vou ser franca com você. – Ela se virou para mim, unindo as mãos sobre as coxas. Com o colarinho da blusa por cima do suéter cinzento, ela parecia estar prestes a fazer um sermão. – Entendo que você teve uns problemas aí...

- Que eu não me lembro de nada? – contra ataquei.

- Que seja. Mas não é desculpa para a maneira que você vem se comportando. Se continuar a se vestir como uma mendiga e...

- O que há de errado com as minhas roupas?

Eu estava usando calças jeans e uma camisa, pelo amor de deus. Muitas das minhas roupas eram boas demais para usar na escola e, sério: por que eu iria querer usar uma droga de saia ou vestido todos os dias?

Ela fez aquela cara de “Dããã...”

- E se continuar falando com *aquele tipo* de gente... – Imaginei que *aquele tipo* seria qualquer um com uma renda média familiar abaixo dos seis dígitos. – Vai virar catadora de lixo na pirâmide social. E vamos ter problemas sérios.

Nossa pequena discussão estava chamando a atenção da garotada ali perto, e eu poderia ter simplesmente ter ficado quieta ou me levantado para ir embora, mas não consegui. Estava tão cansada...daquilo tudo: os olhares, a falsidade, a maneira como, Verônica e Candy se comportavam, como se eu não tivesse perdido só a memória. E talvez fosse mais que isso, a frustração de não saber

nada e ficar o tempo todo confusa.

De um jeito ou de outro, eu não aguentava mais aquelas vacas.

- Quer saber, nós já temos problemas – falei.

- Ah, é? – ela disse, apertando os olhos.

- Se recuperar a memória significa me tornar uma vaca que nem você, estou fora.

Algumas pessoas pararam de comer. Outras engasgaram com o que tinha na boca. Meu corpo inteiro ardia de raiva e eu queria falar mais umas coisas, mas peguei a bandeja e me levantei.

- Nem pense em se sentar aqui outra vez – Verônica disse, estufando o peito.

- Por mim, está ótimo. – rebati.

- Você vai se arrepender – ela disse, inspirando bem fundo e gritando na cadeira.

- Já me arrependi, meu bem.

Não esperei que ela respondesse. Contornando a mesa, fui para frente da lanchonete. Todos os olhos voltados para mim, mas eu não me importei. Tirei um peso do peito. Eu estava livre: não precisava mais me entrosar com gente que não tinha nada a ver comigo. Fui esvaziar a bandeja na lixeira, e a adrenalina me deixou mais animada. Uma parte de mim queria voltar para lá correndo e raptar a Lauren. Era a única pessoa descende da panelinha.

De saída, olhei de relance para a mesa do meu irmão. Eles estavam muito afastados para ter nos ouvido, mas os cochichos que se espalharam pela lanchonete já haviam chegado até eles. Julie me viu e sorriu, apoiando o queixo no ombro do meu irmão.

Com o tempo de sobra até o fim do almoço, fui até meu armário. Ao virar no fim do corredor, travei.

Carson estava encostado num armário, em frente à biblioteca, só que do outro lado do corredor, de costas pra mim. Uma garota morena e bonita sorriu quando ele lhe passou uma mochila, que devia ser dela. Fora um zumbido irracional nos meus ouvidos, só consegui escutar a risada rouca que fez os dedos do meu pé se contraírem do *jeito certo* quando ele levou a bolsa no ombro.

Fui atingida no peito por uma dor forte que despedaçou meu coração. Eu não tinha direito àquela

dor, nem às labaredas que cresciam dentro de mim, mas tive vontade de trombar com os dois e obrigá-los a abrir pelo menos um metro e meio de distância um do outro.

E de jeito nenhum, nem sonhando, eu faria uma coisa daquelas. Talvez a velha Sammy fizesse, mas, até aí, a velha Sammy, em geral, não gostava do Carson.

Dei um passo para trás e, de repente, foi como assistir a dois atores num aparelho de tevê preto e branco, exceto que a garota diante dele ...era *eu*. Eu estava na ponta dos pés, cara a cara com ele. No começo, achei que eu o estivesse beijando, porque estava *bem* perto mesmo, mas aí ouvi a mim mesma, escutei falar uma versão cinza e sem vida de mim.

- *Vi você – escarnei. – Vi você com a Diana. Sei o que você fez.*

Carson jogou as mãos para o alto, rindo sinistramente.

- *Para variar, metendo o nariz onde não devia. Você não faz ideia do que viu, Sam.*

Rindo, joguei os cabelos por cima do ombro.

- *Ah, nós vamos acabar com você, Carson. Você só...*

Fosse lá o que mais eu tivesse dito, esqueci o que era. Dei de cara com o armário, e o estrondo me arrancou da visão. Eu só sabia que a garota que estava realmente na frente dele era Dianna, mas o motivo daquele confronto com Carson era desconhecido. Quem éramos “nós”? O que eu o tinha visto fazer com Dianna que poderia ser usado como ameaça?

Carson olhou por cima do ombro, unindo as sobrancelhas ao me ver.

- Sam?

Recuando, balancei a cabeça, confusa. A transição da lembrança – ou da alucinação – para o que estava realmente acontecendo deixou minha mente a mil por hora, tentando se adaptar. Fora a minha reação ao vê-lo com uma garota.

- Desculpe. Eu... não queria interromper nada.

- Espera. – Carson falou, me detendo. – Está tido bem?

- É, claro, tudo bem – respondi, acenando afirmativamente com a cabeça.

Ele apertou os olhos e se virou para Dianna.

- Você pode esperar um segundo?

- Claro – ela disse, tirando o celular da bolsa, toda interessada no aparelho de uma hora para outra.

Ele veio até mim, estendendo a mão como se quisesse me tocar, mas se deteve antes de estabelecer contato.

- Sam, o que aconteceu? – ele perguntou em voz baixa. – Você está sangrando.

- O que?

Olhei para baixo. A manga do meu suéter estava arregaçada até o cotovelo, revelando dois arranhões feio de onde brotavam minúsculas gotas de sangue. Meu braço latejava.

- Devo ter... me arranhado.

Ele pegou minha mão e engoliu em seco.

- Como é que você faz uma coisa dessas e não percebe, Sam? É...

Doideira? Soltei minha mão.

- Tenho que ir.

- Sam...

- Ela está esperando você – sussurrei, me afastando de costas. – A gente se fala depois.

Ele contraiu a mandíbula ao me olhar de lado.

- Certo. Pode *contar* com esse depois.

Não entendi bem o que aquilo queria dizer, mas fiz que sim com a cabeça. Forçando um sorriso vacilante, dei meia-volta e me dirigi ao banheiro mais próximo. Havia um peso no meu peito, que foi se espalhando pelos ombros. O fundo da garganta ardia quando larguei a bolsa perto da pia e abri a torneira.

Como fui fazer aquilo comigo mesma sem perceber ou sentir os arranhões até aquele momento? E quando tinha acontecido? Engoli saliva com dificuldade, e meu estômago se revirou quando enfiei o braço debaixo da torneira. A pele esfolada ardeu, aumentando ainda mais a pressão já avassaladora das lágrimas por derramar. A água corrente ficou vermelha até se transformar num rosa desbotado

em contraste com a pia de porcelana.

Erguendo o queixo, fitei meus próprios olhos assustados. Meu coração se atirava contra a caixa torácica. O que a senhora Messer teria a dizer a respeito de pessoas que se arranhavam com tanta força a ponto de dilacerar a pele? Provavelmente a mesma coisa que teria a dizer a respeito de reflexos no espelho que falavam por vontade própria. Uma risada entrecortada me escapou da boca. Eu duvidava que as duas coisas estivessem dentro da gama esperada de mecanismos de compensação.

Respirei, mas o ar ficou entalado. Decididamente, havia algo errado comigo.

Errado para louco nenhum botar defeito.

Quando Scott voltou para casa depois do treino de beisebol, peguei minha bolsa e, a caminho da garagem, anotei rapidinho as instruções de como chegar lá. Eu tinha umas duas horas até escurecer, por isso dei um jeito de escapar da maioria das perguntas do Scott. Senti-me mal por ser curta e grossa com ela, principalmente porque estava me emprestando o carro, mas eu não tinha muito tempo.

Levei pouco mais de quarenta minutos para chegar à Michaux State Forest e encontrar a casa de veraneio. O bom senso me dizia que, se era para começar em algum lugar, seria ali.

Cortando bem devagar a estradinha de cascalho, eu me debrucei sobre o volante quando uma cabana de troncos de dois andares apareceu. Duas portas de garagem ficavam sob a varanda elevada, e toda a fachada da casa era só janelas. Havia um trecho limpo de terreno na frente, e árvores sufocavam os fundos da casa. Estacionando o carro, apertei as chaves na mão a saí do veículo.

Trêmula, inalei o aroma de pinho e solo fértil. Havia algo mais naquele cheiro: molhado, familiar.

A maioria das casas que eu havia visto no caminho no caminho tinha varandas fechadas com tela, mas aquela tinha um deque em vários níveis. Eu me dirigi à escada, e meus tênis foram esmagando cascalho e gravetos quebrados. Tentei imaginar os verões que eu já havia passado ali, percorrendo aquela mesma trilha dez nas de vezes. Os degraus rangeram a cada um dos meus passos, ressoando e me fazendo estremecer. Havia um vaso de barro grande e vazio num canto. Subi o segundo lance de escada até o deque principal, que parecia circundar a casa inteira.

Como eu já esperava, a porta da frente estava trancada. Esgueirei-me pela varanda, acompanhando a balaustrada. Havia uma latinha cheia de bitucas de cigarro que pareciam meio recentes. Meus pais disseram que a casa estava fechada desde setembro do ano anterior, mas eu duvidava que as bitucas tivessem conservado a cor durante tanto tempo.

Alguém havia estado ali? Eu fumava?

Balançando a cabeça, fui até os fundos da casa e ouvi uma correnteza tranquila que me deixou inquieta, agitou o abismo onde viviam minhas lembranças. O som...

Água.

Fiquei animada. Eu conhecia aquele barulho: *o lago*. Descendo às pressas a escada nos fundos, quase deslizei encosta a baixo até a área densamente florestada. O chão estava coberto de pedrinhas e galhos caídos e, apesar de eu não me lembrar conscientemente do terreno, encontrei o caminho com facilidade. Talvez eu já tivesse passado por ali antes? Não havia outra explicação. Sem conhecer o bosque atrás da casa, qualquer um provavelmente quebraria o pescoço andando por lá à noite. Tirando os galhos nus e baixos do caminho, eu me dirigi à origem do barulho.

Mais adiante, havia um barco atracado. *Anjo*. Reconheci o barco de uma de minhas fotografias no meu mural. Subi o ancoradouro e fui apanhada de surpresa quando a coisa oscilou sob o meu peso. Meu olhar se estendeu para além do barco, e inspirei forte.

O lago era de um azul intenso e acetinado e maior do que eu esperava. A superfície ondulava suavemente com a brisa, guardando uma vida inteira de segredos em suas profundezas. Ia até onde a vista alcançava, fazendo uma curva lá adiante. Ergui os olhos e não encontrei nenhum lugar nos arredores que explicasse porque eu me lembrava de ter sofrido uma queda. Só havia árvores cheias de brotinhos e barcos atracados por toda a volta do lago.

Enfiando as mãos nos bolsos do meu abrigo, atravessei a prainha artificial, seguindo o contorno da margem. O investigador Ramirez havia mencionado uma cachoeira, que me parecia o lugar mais provável de onde alguém poderia cair.

Esfreguei a manga que cobria os arranhões no meu braço, tentando não pensar em como foram parar lá. A areia deu lugar ao barro, formando uma trilha bem castigada. As árvores começaram a se acotovelar nas margens do lago e, quanto mais eu avançava, mais alto ficava o som de água corrente. Contornei devagar um carvalho grande e estaquei.

A água despencava de um penhasco grande e rochoso, martelando a lago seis metros abaixo. Era

branca e espumosa e passava borbulhando por pedras pontiagudas e irregulares que se projetavam do lago. Quando ergui os olhos, fui tomada por uma vertigem. Estendi uma das mãos às cegas e me apoiei numa árvore.

Uns trinta metros acima das cachoeiras havia rochedos. Não era uma queda suave desde lá de cima. Pedras grandes se projetavam da encosta, erguendo-se entre arbustos cerrados e árvores menores. Um riacho serpeava colina abaixo. Era difícil acreditar que alguém sobreviveria àquela queda. Havia pelo caminho muitos obstáculos para quebrar os ossos de uma pessoa. Mas, se fosse empurrada... A pessoa não colidiria com a encosta e –percorri o temido penhasco com os olhos – teria ido parar no lago lá embaixo.

Senti nos ossos que eu estava certa, e foi desalentador. Empurrada...Cassie só podia ter sido empurrada. E eu? Caí com ela, do mesmo jeito? Estremeci ao relembrar a sensação de cair... e cair. Tinha de ser.

Os rochedos não reacenderam nenhuma lembrança dentro de mim, mas eu sabia... eu simplesmente sabia que tinha sido ali que a coisa toda havia se desenrolado. Tinha de haver outro jeito de chegar lá em cima. O aclave era muito íngreme e duvidei que eu o tivesse escalado. Eu precisava de alguém se soubesse andar ali, que pudesse me levar lá em cima. Talvez o Scott... Carson? Senti um calor nas entranhas o pensar nele. Talvez ele soubesse andar ali, mas pedir ajuda dele não fazia sentido, principalmente depois de vê-lo com Dianna...

Crec!

Fiquei paralisada. Que foi isso? Tensa, preendi o fôlego e prestei atenção. Os passarinhos cantavam, os galhos balançavam lá do alto, mas não foi isso que ouvi.

Crec! Mais um graveto se partiu, seguido alguns segundos depois pelo mesmo ruído, o som inconfundível de passos. Os cabelinhos da minha nuca se eriçaram e meu coração pulou dentro do peito, martelando minhas costas.

Ouvi o barulho outra vez, agora mais próximo.

Girei, esquadrinhando as árvores. Podia ser qualquer um: alguém fazendo uma caminhada ou se exercitando. Agucei os ouvidos, mas não ouvi nada. Nem mesmo sons naturais. A floresta inteira havia mergulhado num silêncio de morte.

Uma mancha escura passou voando atrás de uma árvore mais adiante. Captando o movimento com o canto do olho, percebi que era uma figura alta e, decididamente não tinha forma de urso.

- Olá? – chamei, apertando as chaves do carro entre os dedos.

Não houve resposta, e não consegui ver o que ou quem era. Forçando meu coração a desacelerar, comecei a voltar para a casa de veraneio. Não tinha avançado nem dois metros quando escutei algo se partir atrás de mim. Girei nos calcanhares, de olho na escuridão que se formava entre as árvores.

A silhueta disparou de uma árvore para outra. Era *um homem*, de preto. Levava o boné bem enfiado na cabeça, escondendo o rosto. Senti uma faísca de esperança, que foi logo extinta pelo pavor. Não podia ser o Carson. Ele não ia se esconder atrás das árvores e teria respondido quando chamei.

Uma pessoa normal teria respondido quando chamei.

Dedos gélidos percorreram minha espinha. De peito apertado, dei um passo para trás.

- Olá?

Nada.

Com a garganta seca, dei meia-volta e apressei o passo. Podia ser qualquer um, também podia ser o responsável pelo que havia acontecido comigo e com a Cassie. Não quis arriscar e olhei por cima do ombro. No começo, não vi nada, mas aí... Ele estava vários metros atrás de mim, fora da trilha, caminhando a passos largos e rápidos, ganhando terreno.

Parei.

Ele estacou.

Avancei um passo... Ele fez a mesma coisa.

Nada... nada de bom. Campanhas de alerta soaram. O instinto assumiu o controle e saí correndo. Mais alto que meus pés batendo no chão e que meu coração retumbando, eu o ouvi atravessar estrepitosamente os arbustos. Atrás de mim, me perseguindo...

Disparei por entre as árvores, levantando terra e pedrisco. O medo paralisou minha respiração, eu empurrava os galhos que dilaceravam meus cabelos. A ponta do tênis ficou presa numa raiz exposta e eu tombei para frente, amortecendo a queda com as mãos e os joelhos. As pedras cortaram minhas mãos, rasgaram o brim das calças e esfolaram meus joelhos. Gritei ao sentir a dor aguda.

Minha vista escureceu. A cor das folhas caídas e o castanho barrento se apagaram, ficaram cinzentos. *Agora não, Deus, por favor, agora não.* Tarde demais: fui absorvida pela visão.

Eu me arrastava no chão: uma encosta pedregosa e escorregadia. Pedras e grumos de terra se soltavam, bombardeando meu rosto. Eu estava entorpecida, só o instinto me movia. Nada doía. Eu subia com a força das mãos, mas meus dedos escorregaram. Agarrando-me desesperadamente às pedras, a qualquer coisa ao alcance das mãos, deslizei alguns metros, perdi o pouco progresso que havia feito. Minhas mãos estavam cinzentas, mas fios vermelhos ralavam-lhes as costas, empastando meus dedos. Unhas se partiram.

Tomando ar, pisquei e a cor voltou ao mundo. Olhei por cima do ombro. Duas pernas cobertas por jeans preto estavam a menos de um metro de mim. O pavor que senti foi como um soco no estômago. Usando os braços e as pernas, me ergui do chão, ignorei a dor e corri.

Pareceu uma eternidade até os barcos aparecerem e meus pés pisarem na areia. Não tive coragem de olhar para trás ao correr na direção do bosque que separava o lago da nossa casa. Minha respiração era uma sequência de coices no peito quando me desvencilhei do emaranhado de galhos e contornei a varanda a toda velocidade. Gritei ao ver o carro de Scott. Levantando o cascalho com as pontas dos pés, contornei a frente do automóvel e finalmente olhei para trás.

Ninguém.

Girei e esquadrinhei as árvores de troncos grossos. Ele podia estar envolvido em qualquer lugar, esperando para dar o bote e fazer... fazer o quê? Terminar o que tinha começado? Mas por quê? Quem era ele? Levei a mão à maçaneta e a porta do carro se abriu. Eu o tinha trancado ao sair? Não me lembrava.

Entrei e apertei rápido o botão que trancava todas as portas. Afundei no banco, inspirando tão fundo que meu corpo inteiro estremeceu. Enjoada e tonta por causa da adrenalina, eu me sentia como se estivesse tomando energéticos demais.

Abri os olhos e levei as mãos trêmulas ao volante, olhando de relance para o banco do carona. Um papelzinho amarelo, dobrado em triângulo, descansava sobre o assento. Meu coração pulou dolorosamente.

Aquilo não estava no carro antes.

Estendi as mãos trêmulas e apanhei o papelzinho, desdobrando-o rápido. Uma frase apenas, escrita com a mesma letra de criança que eu já conhecia tão bem quanto a minha própria caligrafia.

Você sabe quem matou a Cassie.

Joguei o bilhete dentro da bolsa e liguei o carro. Saindo da pista de cascalho, manobrei o carro e tomei a estradinha, com os cabelos da nuca arrepiados.

Respirando sempre fundo e com regularidade, tomei a estrada principal. Não podia me dar o luxo de pensar no que tinha acabado de acontecer. A hora de surtar ficaria apara depois, quando eu não estivesse dirigindo a” belezinha” do meu irmão. Eu estava tateando a procura do botão de volume do rádio, pois queria abafar meus pensamentos, quando ergui os olhos.

Só vi a silhueta escura do homem no banco traseiro, um rápido vislumbre no retrovisor. O mundo virou, arremessando-me de um lado para outro atrás do volante.

Ah, meu Deus.

Ele estava dentro do carro.

O pavor ribombou por todo o meu ser feito uma trovoada no céu negro e ameaçador, tirando-me o fôlego. Tudo aconteceu tão rápido. Cogitei parar, pular fora do carro e sair correndo, ou meter o pé no freio. Mas não sei o que fiz. Minha pele exalava pânico por todos os poros. Meu cérebro disparava sinais inúteis. Uma buzina soou, aparentemente a quilômetros de distância, e eu não conseguia respirar.

Ele estava dentro do carro.

Um grito se ergueu das profundezas do meu corpo quando as trevas fecharam o cerco, e aí o *tal* som – metal retorcido, dilacerado – suprimiu meu berro. Atirada para um lado numa fração de segundo, fui arremessada de volta no instante seguinte e bati a cabeça no volante. Uma dor violenta, ofuscante e paralisante trespassou meu crânio. Estilhaços de vidro perfuraram minha pele.

E, em seguida, o nada.

Um bipe persistente e irritante me atirou num mundo no qual minha pele parecia esticada demais, seca demais. E todas as partes do meu corpo doíam como se eu tivesse me engalfinhado com um caminhão. Meus olhos se entreabriram só um pouquinho: as luzes se mostraram muito duras. Gemi, querendo desaparecer mais uma vez nas trevas.

- Sam? – A Cama afundou ao meu lado. - Sam, está acordada?

A voz do meu irmão me arrastou de volta, obrigando meus olhos a se abrirem. O rosto dele pairava sobre o meu bloqueando parte da luz. Sombras escuras se formavam sob seus olhos. Os cabelos estavam uma bagunça. Espetados em toda e qualquer direção.

-Lembra de mim? – ele perguntou com um sorriso débil.

- Lembro – respondi com a voz rouca e uma careta.

Tentei erguer o braço, mas alguma coisa repuxou minha mão senti dor. Tubos por toda parte, ligados a uma droga de aparelho. Molhei os lábios.

- O que aconteceu... o que aconteceu?

-Você sofreu um acidente de carro. – Ele passou lentamente a mão pelos cabelos. – Nosso pai está lá fora, conversando com os médicos. A polícia acha que você perdeu o controle na autoestrada.

Eu fiz força para me sentar, fraca demais para erguer a cabeça.

- E o outro carro? Alguém saiu machucado?

- Não tente se sentar. Deixe comigo. – Scott pegou um travesseiro extra em cima de cadeira e deslizou delicadamente os dedos sob a minha cabeça, levantando-a para enfiar o travesseiro embaixo de mim. – Foi de raspão. Está todo mundo bem.

Minha cabeça reclamou por ter se mexido, assim como o resto do meu corpo.

- Seu carro... Ah, meu Deus, sinto muito.

Scott voltou a se sentar, revirando os olhos e fixando-os no fino cobertor de hospital.

-Não estou nem aí pra droga do carro. Já dei um jeito nisso. Amanhã de manhã chega o carro alugado. – Ergueu os olhos e encontrou os meus. – Como está se sentindo?

-Como se tivesse sofrido um acidente – eu disse, erguendo a mão livre tão logo descobri que ela não estava conectada a nada. Toquei a cabeça com todo o cuidado. Havia ataduras na minha testa. – Está...tão feio assim?

- Nada muito grave. Você não usa muito o cérebro mesmo né?

Dei risada e gemi em seguida.

- Ai

-Você está toda machucada e provavelmente vai sentir dor durante um bom tempo, mas vai sobreviver.

- Que bom. – Fechei os olhos, com vontade de me mexer, mas sabendo que não seria boa ideia. Alguma coisa aguardava na periferia dos meus pensamentos. Algo que eu não conseguia definir muito bem. Uma olhada rápida pela janela e vi que já havia escurecido. Há quanto tempo estou aqui?

Ele olhou de relance por cima do ombro e suspirou.

-São quase cinco da manhã. Você dormiu esse tempo todo. Ah, meu Deus.

- Acho que ouvi o médico dizer que ia segurar você aqui por hoje, para ficar em observação depois de todo...o resto. – Ele voltou a sorrir, mas havia algo mais. Cautela. Daí que você está liberada da escola o resto da semana. Mandou bem. Eu queria rir e brincar, mas o sorriso dele me incomodava.

- Você ficou aqui o tempo todo?

Scott fez que sim.

- O escroto do Del passou aqui pouco antes do fim do horário de visitas. A Julie também. – Ele fez uma pausa, é um sorriso de verdade repuxou-lhe os lábios. – E, depois que mandei um torpedo para Carson, ele apareceu aqui em menos de dez minutos. Não gostou nada porque não o deixaram ficar.

- Carson – murmurei.

- É, ele... Ficou realmente preocupado, maninha. Vou precisar levar uma conversa com ele a respeito disso. –Um olhar transtornado carcomeu o sorriso provocador. – Sam, os socorristas e a

polícia disseram que você não parava de falar uma coisa quando eles chegaram ao local do acidente. Algo a ver com...

Meu pai entrou no quarto, o retrato perfeito do sócio do mês do clube de campo. Nem um fio de cabelo sequer fora do lugar. Ele foi direto para o outro lado da cama e sorriu pra mim.

- Como está se sentindo, princesa? – perguntou, tirando os cabelos de cima da minha testa enfaixada.

- Bem. – Olhei de relance para meu irmão, calado de uma hora para outra. – Cadê a mamãe?

Sorriso do meu pai vacilou.

- Ela passou aqui mais cedo, mas está em casa... descansando.

Pisquei os olhos para refrear as lágrimas. Minha mãe não tinha ficado. Eu estava no hospital, ligada a aparelhos, e minha mãe em casa descansando. Meu corpo todo doía, e minha mãe nem sequer estava ali. E eu queria tanto...De repente eu precisava tanto que ela me dissesse que eu estava bem.

Talvez ela não conseguisse mais olhar pra mim, acreditando que eu tinha algo a ver com a morte da Cassie... e então tudo voltou numa enxurrada.

A ida até a cabana, a procura pelo lago e os rochedos acima das cachoeiras, o homem me perseguindo, o bilhete... o carro. Meu coração começou a bater com força e o aparelho reproduziu o mesmo ritmo.

Voltei a fazer força para me sentar, mas Scott e meu pai me imobilizaram.

- Vocês não estão entendendo – ofeguei, com a cabeça latejando. – Havia alguém dentro do carro. Estava no banco de trás. Eles o pegaram?

Meu pai empurrou delicadamente meus ombros para baixo e limpou a garganta.

- Samantha, não havia ninguém dentro do carro.

Minha testa doía.

- Não. Vocês não estão entendendo. Ele me seguiu pelo mato e deixou um bilhete dentro do carro...

- O que você estava fazendo lá na casa de veraneio? – Os olhos do meu pai cruzaram com os meus.

Olhei para Scott e engoli em seco. E daí se eu estava lá? Será que não entendiam?

- Pensei que, se fosse até lá...eu me lembraria do que aconteceu. – Minha garganta parecia uma lixa. Todo som que eu produzia era um sussurro seco. – Pai, ele me perseguiu. E depois estava dentro do carro. Foi por isso que eu bati.

- Quem é ele? – Scott perguntou.

- Scott – meu pai o advertiu.

O rosto do meu irmão ficou vermelho.

- Sam, quem estava seguindo você?

-Não sei quem era ele. – Pressionei o espaço entre as sobrancelhas com a palma da mão. –Não vi bem a cara dele, mas ele anda me deixando bilhetes. – Os olhos do Scott se iluminaram quando ele entendeu do que eu estava falando. – Guardei o bilhete na minha bolsa... Cadê a minha bolsa?

Ai Scott olhou para nosso pai, que balançou a cabeça.

- Que foi? – eu quis saber.

-Docinho, é melhor você descansar um pouco. – Meu pai segurou minha mão, afastando-a do meu rosto. – Está ficando agitada.

Puxei o braço. Senti um aperto no peito.

-A bolsa ainda está no carro?

-Não – Scott respondeu, desviando o olhar. – A bolsa não saiu do seu quarto. Não estava com você.

-O quê? – Minha cabeça nadava em confusão. Não fazia sentido. – Não pode ser. Eu estava com a bolsa e guardei o bilhete dentro dela.

Scott balançou a cabeça, com tristeza na voz.

- Sam, a gente teve que pegar sua bolsa porque você não tinha nenhum documento de identidade quando a polícia chegou ao local. Não estava com você.

Senti frio ao encará-lo, mas comecei a transpirar.

-Não havia ninguém no carro. – Meu pai colocou sua mãe sobre a minha.

Não. Não. Não

- Ele estava no banco de trás. E estava me seguindo. Eu não... – Uma enfermeira de cara azeda entrou, sem dizer nada, e foi até os tubos conectados ao cateter intravenoso. Trazia uma agulha na mão. O pânico se aninhou nas minhas entranhas. – O que ela está fazendo? Pai?

- Ela só vai aplicar um remédio para dor. – Ele deu umas tapinhas na minha mão. – Está tudo bem.

Eu a vi pressionar o êmbolo. Um líquido entrou borbulhando no cateter. Ela saiu sem olhar para mim nem dizer nada. E eu achava que as enfermeiras deviam se legais.

-Pai ...

- Você precisa descansar.

Eu não queria descansar. Queria que acreditassem em mim. Virando a cabeça encontrei os olhos preocupados do meu irmão.

-Scott, tinha alguém me seguindo lá na cabana. E alguém esteve lá. Havia bitucas recentes de cigarro e...

- Amor, eram minhas. – Meu pai passou a mão pelo alto da cabeça. – Às vezes vou até lá pra fumar. Sua mãe não sabe. Larguei o cigarro há anos, mas com tudo que anda acontecendo...

Eu o encarei.

-Mas... Mas havia alguém dentro do carro. Ele me assustou e foi por isso que perdi o controle.

-Sam, as portas do carro estavam trancadas quando a polícia chegou lá. - Scott falou, de olhos baixos. As palavras seguintes foram ditas com cuidado e vagar. Não havia como ele ter trancado as portas depois de sair do carro. O computador de bordo queimou. Tiveram de cortar as portas para chegar a você.

Ah, caramba, o carro dele.

- A seguradora já está...

- Havia alguém dentro do carro – cortei meu pai. Minha voz subiu de tom e falhou. Tinha sido tudo muito real para ser uma alucinação. E tive uma visão: A lembrança de ter rastejado.

Como era possível eu ter uma visão dentro de uma alucinação?

-Não imaginei nada disso! Não é invenção minha.

Meu pai se recostou. Parecia desamparado.

-Sei que não está inventando, docinho. Não tenho dúvida de que você acredita ter visto alguém no carro.

Inspirei forte, entendo o que ele deixou por dizer.

- Não sou louca.

Ele fez um ruído estranho e pareceu preste a estourar, prestes a se desfazer em milhares de pedaços.

-Eu sei, filhota. Você não é louca.

E entendi na mesma hora, quando ele desviou os olhos e contraiu um músculo da mandíbula, que ele não acreditava no que dizia.

Eles me deram alta na quinta-feira à noite e saí levando comigo a receita para os analgésicos e instruções para pegar leve nos dias que se seguissem. Não fosse o incidente que tinha me lavado ao hospital semanas antes, eles provavelmente não teriam me segurado tanto tempo.

As Rosas vermelhas enviadas pelo Del foram colocadas na escrivaninha do meu quarto, enchendo o recinto com seu perfume fresco e revigorante. Entrevi uma cesta menor atrás do vaso, com peônias de um rosa vivo. Eram da Verônica e das meninas.

Minha bolsa estava sobre a cadeira em frente a escrivaninha: as chaves de casa, carteira e celular enfiados lá dentro. Despejei tudo no assento. Nenhum bilhete.

Fiquei enjoada.

Como eu poderia ter alucinado tudo aquilo? Minha pele parecia dormente, e os pensamentos, abafados. Os analgésicos ainda circulavam pelo meu corpo. Arrastando os pés, fui até banheiro. Sem a atadura, o machucando roxo brotava do contorno do couro cabeludo e se espalhava pela minha têmpora esquerda. O vidro havia feito cortes minúsculos nos meus braços. Nada tão ruim quanto os arranhões que eu mesma havia, e infligido na quarta-feira.

Formou-se um nó na minha garganta, e eu o engoli. As palmas das mãos estavam em carne viva. Ao vestir devagar uma regata e os shorts do pijama, vi que meus joelhos não estavam muito melhores. Pelo menos toda aquela história de eu ter caído era verdade.

Atordoada, escovei os dentes duas vezes e me arrastei até a cama. E na cama fiquei, obrigando-me a fechar os olhos. Minha mãe veio me ver. Não disse muita coisa, mas suas unhas normalmente benfeitas estavam roídas até os talos.

- Que bom que você está bem – ela disse, seguindo na direção da porta.

Eu não disse nada.

- Eu... eu amo você doçura.

- Não havia nada que eu pudesse dizer. As palavras estavam na ponta da minha língua. Brigássemos ou não, lembrasse-me dela ou não, eu ainda amava, mas não saiu nada. Ele me fitou com olhos cansados e tristes e saiu.

Ela me achava capaz de matar uma pessoa. Não era preciso nenhum salto da imaginação para supor que ela também pensava que eu era louca.

Scott veio me ver pouco antes das dez, mas não falei com ele. Fingi dormir, e ai dormi mesmo. Para dormir, eu não precisava pensar. Pensar me levava a questionar meu estado mental.

Algun tempo depois, uma coisa macia acariciou meu nariz. O perfume m e fez lembrar a primavera e o começo do verão. Abri os olhos. Uma das rosas do Del está bem na minha cara, mas os dedos bronzeados que seguravam o talo cintilante não pertenciam ao meu namorado.

O sorriso convencido de Carson se abriu mais um pouquinho.

- Bom dia, flor do dia.

- É você mesmo?

- Sim, sou eu. Por que a pergunta? – ele disse, baixando a rosa.

Explicar que tinha alucinações vívidas provavelmente não era a melhor estratégia. Pisquei os olhos para me livrar do sono e, tão logo meu cérebro assimilou o fato de que era mesmo o Carson ali comigo, senti uma agitação no peito. Decidi ir de?

- O que você está fazendo aqui?

Ele se recostou na cabeceira da cama, esticando as pernas compridas. Tinha tirado os sapatos, meias xadrez à mostra.

- Queria ver você. Que susto nos deu Sam. Outra vez.

- Desculpe-me- resmunguei ao me sentar na cama.

Fui tomada por uma onda de vertigem quando agarrei o edredom e o puxei até o pescoço. Olhando de relance para o relógio, vi que eram pouco mais de dez da manhã.

-Faltou a escola?

-É.

Ele depositou a rosa sobre a coxa e cruzou os braços atrás da cabeça.

- Como entrou aqui?

O sorriso convencido estava de volta, e foi difícil olhar para outra coisa que não fosse sua boca absolutamente beijável.

- Meu pai está trabalhando na sala de jogos, instalando o piso novo. Esperei seu mar sair e entrei de fininho.

Eu o encarei.

Certa indecisão se insinuou em seus olhos de um profundo azul celeste.

-Scott sabe que eu estou aqui.

Eu não tinha palavras para descrever a enxurrada que ia ganhando volume dentro de mim, aumentando a cada inspiração. As emoções rodopiavam e tremulavam feito aves em ascensão, palpites, esperançosas e tão perturbadoras.

- Eu... posso ir embora se você quiser.

- Não – eu disse sem demora. – Não. Não precisa ir embora. Só estou surpresa.

Seus olhos encontraram e prenderam os meus.

-Seus pais não queriam deixar ninguém ver você. – Ele fez uma pausa e desviou os olhos. Sua postura perdeu involuntariamente um pouco da informalidade, contraindo-lhe os bíceps. – O Scott está preocupado.

A decepção fez com que eu enterrasse a mão fechada no edredom.

- É por isso que está aqui? Porque meu irmão está preocupado?

Carson virou rápido a cabeça na minha direção, de sobrancelhas baixas e expressão grave.

- Sam, estou aqui porque eu estava preocupado.

- Ah. – Corei e baixei os olhos até os lábios dele. Droga. – Eu estou legal.

- Mesmo?

O ar de seriedade continuou enquanto ele esquadrihava meu rosto.

Fiz que sim.

Lentamente, ele baixou os braços e estendeu as mãos, passando os dedos como todo cuidado pelo machucado feio na minha testa.

- O que aconteceu?

Aquele contato breve e delicado me deixou toda arrepiada.

-Sofri um acidente de carro.

Ele assumiu um ar brincalhão e colocou os braços atrás da cabeça.

- Isso eu já sabia.

Mordi o lábio ressecado e olhei para a cadeira. O conteúdo da minha bolsa ainda estava lá. Nenhum bilhete. Nenhum, homem no banco traseiro do carro. E Havia uma boa chance de ter existido nenhum homem no mato.

Com a garganta seca, dei uma espiadela nele.

- Me espera?

Carson arqueou uma sobrancelha.

- Não vou a lugar nenhum.

Minha mente ficou confusa com a felicidade que aquilo trouxe ao meu coração e ao meu corpo. Assentindo com a cabeça, afastei o edredom, desci da cama e fui para o banheiro. Escovei os dentes e lavei o rosto rapidamente. Quando sai do banheiro, Carson estava onde eu tinha deixado. Peguei a garrafa de água em cima da escrivaninha e tomei duas aspirinas em vez dos analgésicos. Comecei a perguntar se ele queria beber alguma coisa, mas ele tinha um energético no chão ao lado da cama.

Os olhos dele me seguiram de volta para a cama e só então percebi que eu usava apenas shorts minúsculos e uma camiseta fina. Tive a impressão de a velha Sammy teria andado mais devagar ou rebolado, mas eu corri para cama e me enfiei debaixo da colcha decorativa, e não do edredom, vermelha só pés à cabeça.

Carson deu uma risadinha.

- Calado – resmunguei.

Ele ficou de lado, de frente para mim, com os olhos travessos brilhando.

- Que foi? Gostei do visual.

Revirei os olhos e me aconcheguei.

-Você veio aqui falar do meu pijama?

- Não, mas até que serve para puxar conversa. – Carson desceu um pouquinho e ficou esticado bem ao meu lado. A colcha era a única coisa que nos separava, e era tão estranho estar deitada ali na cama, ao lado dele. Estranho, mas gostoso. – Vai me contar o que aconteceu?

- Meu irmão disse alguma coisa?

Carson sorriu de leve.

-Não.

O Impulso estava de volta, como havia acontecido na sessão com a senhora Messer na quarta. Eu queria...precisava contar para alguém, e havia um certo grau de confiança explícita no caso do Carson. E ele estava ali porque se importava. Del poderia ter entrado de fininho se realmente estivesse preocupado. Não era justo, eu sabia disso, mas era a verdade.

Carson estava ali.

Mesmo depois de eu ter passado uns cinco ou seis anos maltratando o garoto. Ele já tinha visto o que havia de pior em mim. Para ele, meus defeitos eram óbvios feito um fio desencapado.

Minha inspiração foi breve.

-Acho que estou louca.

Parecia que Carson esperava que eu dissesse várias coisas, mas não aquilo. Seus olhos ficaram apertados.

— Você não está louca.

A sinceridade na voz dele me deixou com um nó na garganta.

— Você não faz ideia do que anda acontecendo comigo.

— Então me conte — ele falou com os olhos fixos nos meus.

E foi o que fiz. Conteí tudo: os bilhetes, tudo o que tinha acontecido no lago e depois no carro. Conteí até mesmo que minha mãe desconfiava de mim e, o pior de tudo: falei das alucinações. Quando terminei, tinha me livrado de um peso tão grande. Nada havia sido resolvido nem estava melhor, mas senti como se finalmente conseguisse respirar pela primeira vez desde que tinha voltado a mim, andando naquela estrada solitária e desconhecida. Minha expectativa era que Carson me desse uns tapinhas na cabeça e saísse correndo.

Ele não fez nada disso.

— Não está louca — ele disse veementemente.

— Não? — As lágrimas que vinham se acumulando final mente foram derramadas, correndo pelo meu rosto. — Não sei mais diferenciar o que é real do que não é.

Ele se aproximou um pouco mais, afastando as lágrimas com o polegar.

— Escute, tem que haver uma explicação para muitas dessas coisas. Você disse que o Scott viu o primeiro bilhete, certo?

E eu vi você com o papel amarelo naquele dia na aula de biologia. Esses bilhetes existiam.

— Mas e o outro no carro? Eu nem sequer tinha a bolsa comigo e poderia jurar que estava lá.

— Escute, não estou descartando a tensão. Quando minha... quando minha mãe morreu, meu pai pensou ter feito um monte de coisas que não fez. Um dia ele deixou o carro ligado e jogou a culpa

em mim. Chegou a escrever recados, listas de coisas para fazer, e depois esqueceu que escreveu. — Ele apanhou mais uma lágrima. — E você disse que o cara era, tipo, um borrão preto?

Assenti, fungando.

— Na aula, outro dia, você estava desenhando um vulto escuro. Acho que é o seu inconsciente fazendo força para se manifestar. O cara no mato e no carro: pode ser uma lembrança.

Ele contraiu um músculo da mandíbula, mas seus olhos, de um azul tão vívido que pareciam violeta, continuavam inacreditavelmente meigos.

— Você não sabe o que aconteceu. Pode ser que alguém tenha realmente perseguido você. As alucinações poderiam ser lembranças.

— Meu reflexo no espelho falando comigo é uma lembrança? — fiquei vermelha apesar de já ter contado aquilo para ele.

— Como eu falei, algumas dessas coisas provavelmente se devem à tensão, e você não precisa ficar envergonhada — ele disse com toda a delicadeza. — Você passou por muita coisa, Sam. E está se pressionando demais a lembrar, para ajudar a Cassie. — Ele fez uma pausa, segurando meu rosto. — Por favor, por favor, pare de chorar.

O pedido sentido e feito em voz baixa me bateu fundo e me deixou de coração apertado. Concordei com a cabeça e fiz o possível para segurar as lágrimas. Foi difícil, considerando que ele estava se portando com perfeição em relação àquilo tudo.

— Obrigada — falei, enfim, quando as lágrimas cederam e ele recolheu a mão. — Obrigada de verdade. Não me sinto mais tão... louca agora.

Um sorrisinho repuxou-lhe os lábios.

— Que bom.

Meu peito voltou a se agitar, fiquei de costas na cama, inspirando profundamente e com regularidade. Eu tinha contado a ele a visão a respeito da Dianna e queria saber do que se tratava, mas achei melhor não forçar a barra.

Carson fez a mesma coisa: ficou de costas na cama. Vários segundos se passaram sem que

disséssemos nada. O silêncio me acalmou, nem um pouco constrangedor.

— Você realmente acha que subir os rochedos vai ajudar?

— É — suspirei, limpando o rosto úmido com as palmas das mãos. — Acho que sim. A senhora Messer vive sugerindo que eu visite lugares familiares.

— Posso ir com você — ele se ofereceu. Conheço bem o terreno. Você também costumava saber como andar por lá.

Eu costumava saber um monte de coisas. Virando a cabeça para ele, sorri.

— Se você pudesse... seria ótimo.

— O escroto do Del não vai ficar doido da vida? — ele disse, arqueando zombeteiramente uma sobrancelha.

Boa pergunta. Encolhi um ombro só.

— Acho que não, mas é melhor não chamá-lo assim.

— Você liga se ele fica doido da vida ou não? — Carson falou com uma risadinha.

Eu tinha a resposta na ponta da língua, mas a reprimi e mudei de assunto.

— Duvido que meus pais me deixem sair de casa neste fim de semana, mas, quem sabe, depois da escola...

— Quando quiser, é só me dizer.

— Pode deixar.

Voltei a fitá-lo, percorrendo lentamente, com o olhar, os ossos largos da face e a boca entreaberta. Parte de mim entendeu na mesma hora que eu nunca me cansaria de olhar para ele, mas era muito, mas muito mais que isso. Carson me fazia sentir normal, sã. Valia mais que qualquer coisa que eu pudesse dizer ou fazer para retribuir o gesto.

— Obrigada por vir me ver. De verdade.

Ele voltou a sorrir, deixando à mostra o dente lascado, e fiquei sem ar.

— Sem problema. Estou surpreso por você ainda não ter me chutado para fora.

— Sério? Pois não deveria. Gosto de você — eu disse, corando. — Acho que eu não devia admitir uma coisa dessas, mas gosto. Gosto de você e não consigo entender por que não vi isso antes.

Ele me observava, e não havia surpresa na expressão dele, só curiosidade. Rolou na cama e ficou de lado. Seu joelho pressionou minha perna, separados apenas pela colcha. Ali tão perto, ele fazia a cama parecer muito menor.

— É esquisito — ele disse por fim. — Algumas coisas em você, eu reconheço. Sua... audácia é familiar. A maneira como simplesmente diz o que pensa.

Naquele exato momento, eu pensava na doideira que era sentir a perna toda formigando e em como nada naquele mundo conseguiria me fazer desviar os olhos. Nossos rostos estavam a poucos centímetros um do outro. A distância era deliciosa e torturante. Eu não tivera nenhuma daquelas sensações com o Del. Aquilo tinha de significar alguma coisa.

— E aí tem esse lado completamente diferente, que é novo. — Ele ergueu um canto só da boca. — O engraçado é que essa nova versão da Sam me faz lembrar como você era quando criança.

Meu olhar mergulhou até os lábios dele. Eram tão cheios, tinham um aspecto tão macio.

— E isso é bom?

O sorriso de Carson se apagou.

— É diferente.

— Ah. — Voltei a fitá-lo nos olhos, imaginando se eu conseguiria seduzi-lo a me beijar e sem saber ao certo se eu deveria desejar algo assim. levando-se tudo em consideração. — Não parece ser bom.

— Diferente é bom. — Ele inspirou entrecortadamente e desviou os olhos.

Quando percebi que ainda olhava para o perfil dele, obriguei meus olhos a se voltarem para as estrelinhas no teto.

— Meu primeiro beijo foi com você — ele disse baixinho. Quase pulei de susto e também por ter gostado horrores de escutar aquilo.

— Comigo? Foi bom? Foi o meu primeiro beijo também?

Por favor, diga que sim. Por favor, diga que sim.

Carson inclinou a cabeça para trás, rindo em silêncio e de ombros convulsos.

— A gente tinha dez anos, então espero que tenha sido o seu primeiro beijo.

Dez anos? Meus ombros caíram. Novinhos demais para que tivesse alguma importância.

— A gente estava brincando de “verdade ou desafio” ou outra coisa idiota assim — ele acrescentou, baixando o queixo para olhar para mim. — Seus pais nos pegaram no flagra. Sua mãe surtou, mas seu pai deu risada.

— Posso imaginar — comentei, franzindo o cenho.

Ficamos ali sentados durante algum tempo e, mais uma vez, não foi um silêncio desconfortável nem cheio de pena. Só duas pessoas capazes de se sentar — ou deitar — lado a lado, em paz. Era perfeito.

— É melhor eu ir? — Carson perguntou, e seu hálito sassaricou na minha testa.

— Não quero que vá... ainda — eu disse, balançando a cabeça.

Ele pareceu entender e não insistiu. Alguns minutos depois, ele se mexeu e, antes que eu sentisse a frieza mordaz da decepção, ergueu o braço e esperou. Meu coração martelou minhas costelas quando percebi o que ele me oferecia. Tonta e sem ar eu me arrastei na direção dele e, bem devagar, apoiei a face em seu peito. Houve uma pausa tensa e pesada, aí ele me abraçou, fechando seus dedos sobre o meu ombro.

Eu não sabia o que fazer com as mãos, mas ele cheirava de leve a roupas limpas e água de colônia: uma fragrância que lhe era peculiar. Por fim, encostei as mãos unidas no flanco dele e Carson teve um ligeiro espasmo. Preocupada com a possibilidade de ter feito algo errado, ergui o queixo e preendi mais uma vez a respiração.

Carson olhava para mim, e nossas bocas estavam a poucos centímetros uma da outra. Cílios negros feito fuligem escondiam seus olhos, mas eu os sentia, sentia sua força. E a carência que havia neles, como se fosse minha: era minha.

E, de repente, eu não dava a mínima para o fato de todo mundo acreditar que eu não sabia mais

quem eu era, porque, com ele — com Carson —, eu sabia quem eu queria ser e era só isso que importava.

Ele produziu um ruído baixo no fundo da garganta e se aproximou, pressionando a testa contra a minha. Minha mão parecia saber o que fazer. Eu a levei ao rosto dele, meu polegar afagou a pele abaixo dos seus lábios, e ele estremeceu ao sentir esse leve contato. Parecia que eu nunca tinha feito aquilo antes, mesmo que Del alegasse que já tivéssemos feito tudo antes.

Era minha primeira vez... Na minha lembrança. Com Carson, e parecia ser a coisa certa.

Meu polegar encontrou seu lábio inferior e o gume afiado de seus dentes roçou minha pele. O ato foi estranhamente íntimo, cru e sensual. Pisquei e fechei os olhos, aguardei meu segundo primeiro beijo.

Carson segurou minha mão e a afastou delicadamente.

Não foi o que eu esperava. Droga. Abri os olhos, confusa.

— Por quê?

— Por quê? "Por quê" são suas palavras preferidas agora, é?

— Havia humor no que ele disse, não irritação nem frustração — Você ainda é um terror.

Quando Scott tinha me dito aquilo antes, não parecera ser uma coisa boa, mas Carson fez aquilo soar carinhoso, divertido. Sorri.

— Quero que você me beije.

Seus olhos se acenderam com paixão, e algo dentro de mim sabia como reagir aquilo. A borda da colcha escorregou pela minha coxa e eu avancei, fazendo nossos torsos se tocarem. Em todos os pontos de contato entre nossos corpos, minha pele esquentou de uma maneira que me parecia completamente nova.

De repente, seus olhos escureceram e ele contraiu a mandíbula.

— Sam...

— Carson?

Carson fechou brevemente os olhos. Ai ele rolou por cima de mim, apoiando seu peso num braço,

e foi tão rápido que o ar saiu dos meus pulmões numa torrente violenta. Ele me fitava de cima para baixo, e seus olhos eram como um mosaico de todos os azuis possíveis.

— Não devia me pedir uma coisa dessas.

Havia menos de dois centímetros entre nós, e foi difícil dar foco aos meus pensamentos.

— Eu sei.

Ele estendeu a mão, removendo as mechas de cabelo do meu rosto. Seus dedos se demoraram em contato com minha pele, escorregando pelo meu queixo. Fitando os lábios dele eu precisava saber como seriam. Que gosto teriam. Inalei com força e meu peito voltou a tocar o dele. Fui tomada por uma enxurrada vertiginosa de sensações e, mais uma vez, fiquei impressionada com a sensação de que aquela era a coisa certa a fazer.

Carson baixou a cabeça e meu coração vacilou. Ele pressionou seus lábios contra minha testa, depois contra a têmpora, um gesto largo a me roçar a maçã do rosto, aí ele me deu um beijo perversamente casto no canto da boca. E falou no espaço morno entre nossos lábios.

— Não posso beijá-la se você não é minha, Sam.

Senti uma vontade absurda de fazer beicinho, e Carson deve e ter percebido, porque ele riu baixo e segurou meu queixo. Baixou o corpo, tocando o meu, deixando claro que não concordava com o que saía de sua boca. Desejando que a colcha não estivesse entre nós, eu me mexi debaixo dele. Seus olhos se fecharam e a mão ao lado da minha cabeça se enterrou no colchão quando ele contraiu a mandíbula. Voltei a mexer os quadris e a brutalidade do arrepio que me fustigou inteira me deixou ofegante.

Carson voltou a encostar a testa na minha.

— Sam, você está realmente dificultando as coisas pra alguém que quer ser um cara decente.

Levei as pontas dos meus dedos ao rosto dele, e seus cílios se ergueram.

— E se eu não quiser que você seja um cara decente?

— Quero ser um cara decente com você. — Respirou mais uma vez. — Você merece.

Ah.

— Não gosto do Del — ele admitiu, me fitando olhos nos olhos. — Ele é um escroto e você sempre mereceu algo melhor, mas não sou um desses caras. Pelo menos estou tentando não ser um deles com você.

— Mas o Del não é meu dono.

Ele ergueu as sobrancelhas ao se afastar. Seus dedos encontraram a corrente de prata no meu pescoço. Prendi a respiração quando os nós de seus dedos roçaram minha clavícula e de segurou o coração da Tiffany's entre nós dois.

— Não é o que isto está dizendo.

A primavera nos saudou com uma chuvarada breve na manhã em que Cassie foi enterrada, mas aí as nuvens escuras se abriram faltando uma hora para o funeral e o sol voltou a brilhar, iluminando a grande casa funerária. Não cancelaram as aulas, mas bem que poderiam ter feito isso, pois parecia que todos os alunos estavam ali, arrastando os pés pelo passadiço que separava a parte antiga do cemitério da nova. Todos vestiam um mar de preto. Alguns usavam calças sociais pretas, outras haviam desenterrado vestidos de lesta da mesma cor.

A cerimonia... foi o que eu esperava, e até pior. Foram tantas lágrimas, vindas até mesmo das pessoas que, na minha imaginação, Cassie nunca teria tratado bem. Várias vezes tive de reprimir a vontade de me levantar e sair correndo. Era difícil respirar lá dentro. Era difícil até mesmo pensar por causa das reminiscências e da música. Mas, já que Del apertava minha mão com força e meus pais estavam atrás de mim, me vigiando feito dois gaviões, não tive coragem de me mexer.

Pela centésima vez, fechei os olhos ressecados e inspirei. A tristeza pela perda da garota de quem eu não me lembrava crescia dentro do meu peito, mas não se libertava. Da mesma maneira que eu não conseguia me libertar. Olhei para os dedos de unhas benfeitas que envolviam os meus e, no meio de toda aquela tristeza, senti culpa. Culpa por não ser capaz de derrubar uma lagrima... por segurar a mão daquele garoto depois de ter, dias antes, pedido a outro rapaz que me beijasse. Minha vida era uma bagunça, mas, quando meus olhos foram atraídos pelo mogno lustroso do caixão entendi que minha vida, por mais bagunçada que estivesse, era melhor que vida nenhuma.

Havia tulipas em volta do caixão e um retrato repousava num canteiro de cravos-de-amor. Eu não entrara na fila para postar homenagens, mas dava para ver a foto de onde eu estava.

Era uma foto nossa.

Estávamos sentadas num dos bancos da escola, de costas uma para a outra, dizendo xis para a câmera. Era a primeira vez que eu via a foto, e parecíamos mais jovens, nossos sorrisos eram verdadeiros, de certo modo solidários.

- Eu bati aquela foto - Del sussurrou no meu ouvido ao me flagrar olhando para o retrato.

Assentindo com a cabeça, soltei minha mão. Vasculhando a frente da igreja, avistei a mãe da Cassie. Só soube que era ela porque a mulher soluçava, segurando um porta-retratos contra o peito durante

toda a cerimônia. Fiquei de coração partido ao vê-la.

Mesmo chorando, Cate Winchester era linda. Jovem. Seus cabelos castanho-claros tinham um corte bem curto e elegante, destacando-lhe os malarres altos e o pescoço gracioso. Havia nela algo da fisionomia da Cassie: os lábios e a constituição esbelta.

Fez-se um momento de silêncio e o pastor voltou ao púlpito. Minha nuca formigava. Eu me retorci no banco e meu olhar deslizou até a fileira lá no fundo. Meus olhos encontraram os olhos escuros do investigador Ramirez.

— Samantha — minha mãe sussurrou, chamando minha atenção. Ela parecia mortificada. — Vire-se.

Scott revirou os olhos.

Mordendo o lábio, eu me virei para a frente da igreja. Del largou sua mão pesada no meu joelho e o apertou, fazendo-me pular. Verónica me lançou um olhar por cima do aro de seus óculos de sol e foi descendo. Seus lábios cheios se afinaram, e ela olhou obstinadamente para o outro lado.

Inspirei fundo e baixe a cabeça para rezar. Palavras familiares ressoaram por toda a igreja. A mão de Del foi subindo pela minha coxa, e meu corpo se trancou. Não só por ser algo tão absolutamente indecente que eu mal sabia por onde começar, mas também porque, em algum momento do último fim de semana interminável, eu havia decidido que nós dois precisávamos levar uma conversa séria.

Sem aviso, minha visão se embotou, ficou cinza. A igreja, o caixão, a mão boba de Del: tudo se desfez, restando apenas

Cassie e eu.

Ela se jogou cima de uma cama. A dela.

— Pare de reclamar. Você tem sorte de ter um pai que quer fazer parte da sua vida.

Revirei os olhos, sentando-me na beirada da cama e fitando os dedos dos meus pés. Havia um frasco de esmalte vermelho na minha mão. A todo o resto faltava vida e vibração. Olhei por cima do ombro.

— Pode ficar com ele.

— Sério? — Ela rolou e ficou de lado, jogando os cabelos compridos por cima do ombro magro. — Fico, sim. E com esse suéter super gracinha que você está usando. Ah, já que estamos nisso, posso

ficar com o Del também?

A irritação se acendeu e cresceu dentro de mim feito uma erva daninha.

—Você nem sequer tenta esconder o fato de que sempre quer as minhas coisas. E não vai ficar com o meu suéter.

Rindo desavergonhadamente, ela me observava com a curiosidade de um gato.

— Mas posso ficar com o Del? Que medo!

Meus olhos se estreitaram quando rosqueei a tampa do esmalte. Ao me levantar; coloquei o frasco sobre o criado-mudo e apanhei a caixa de música.

— Você bem que ia gostar, né?

Ela pulou da cama e arrancou a caixa de música das minhas mãos. Apertando-a contra o peito, ela me deu um sorriso afetado.

— Você não está realmente a fim dele, mas não libera o cara.

Por um instante pensei que ela fosse me bater na cabeça com a caixinha.

— Vou embora — eu disse.

Cassie gargalhou.

— Não fique puta, Sammy. Isso realça as marcas de expressão em volta da sua boca. Não vai querer envelhecer prematuramente

— Não me enche — retruquei, a caminho da porta.

Ela se jogou na minha frente e me segurou os braços. Os olhos dela, mais verdes que os meus, se encheram de arrependimento.

— Não fique brava comigo, Sammy. Eu não estava falando sério. Você sabe, né?

Passei todo o meu peso de um pé para outro. Parte de mim queria empurra-la longe. Ela achava que eu não desconfiava de nada... que eu não sabia. Mas outra parte de mim, bem, essa tinha pena dela. Afinal eu entendia a Cassie melhor que ninguém. Sabia por que ela fazia aquelas coisas, até mesmo para mim: sua melhor amiga.

— Por favor? — Ela foi da ponta dos pés aos calcanhares e voltou.

Obrigando-me a sorrir, concordei com a cabeça.

— Ok. Não estou brava com você.

Cassie soltou um gritinho e me abraçou.

— Sabe, quando estivermos velhas e feias, ainda vamos ser grandes amigas.

Eu dei risada.

— Se não nos matarmos até lá.

Sentindo o sangue se esvaír do meu rosto, fui arrancada abruptamente daquela recordação quando a mão de Del deslizou entre as minhas coxas. Inspirando forte, segurei o pulso dele e o impedi de continuar.

Ele me deu um sorriso inocente.

Enojada, joguei a mão dele de volta. Minhas mãos tremiam quando ajeitei o cabelo, concentrada no banco à minha frente.

— Que é que está acontecendo? — Del perguntou em voz baixa.

— Além do tato de você passar a mão em mim durante um funeral? — sussurrei de volta. — Eu me lembrei de uma coisa.

Ele se afastou um pouco, e seus olhos se arregalaram.

— Do quê?

Verônica estava nos encarando, por isso baixei ainda mais a voz, mas eu tinha certeza de que ela escutava o que eu dizia.

— Eu estava conversando com a Cassie no quarto dela.

— Nada demais, então — Del falou, erguendo as sobrancelhas. Não para ele, mas era a primeira vez que eu me lembrava de algo normal a respeito da Cassie. Mas qual seria a minha desconfiança em relação a ela e o que eu sabia que era capaz de explicar seu comportamento? *A trama se complica.* Meus lábios se contorceram e senti um friozinho na barriga ao lembrara última coisa que eu havia

dito.

— *Se não nos matarmos até lá.*

Depois do funeral, todos se amontoaram no estacionamento. A cerimônia à beira do túmulo era só para a família. Esquadrinhei a multidão à procura dos meus pais.

Minha mãe estava ao lado do Bentley, mordendo os lábios e olhando fixa e incisivamente para o meu pai, ainda no cemitério. Ela conversava com o avô de Cassie, que parecia tão infeliz quanto antes, quando eu e Carson tínhamos ido visita-lo. Apertando a mão do homem mais velho, meu pai se virou para a senhora Winchester. Os lábios dele se abriram num sorriso solidário e triste, aí o rosto da senhora Winchester se contraiu e ela voltou a irromper em lágrimas.

Fui obrigada a olhar para o outro lado.

Meu olhar voltou a pousar sobre minha mãe. Pareceu-me estranho – e rude – que minha mãe não tivesse oferecido as condolências. Olhando por cima do ombro, pensei ter visto a cabeça morena e familiar de Carson, mas ele desapareceu rapidinho.

Del passou um braço pelo meu ombro.

— Pronta?

Vi meu irmão semicerrar os olhos ao se fixarem no braço de Del. Se eu estava pronta? Não. Mas Del e eu precisávamos conversar.

— É, estou pronta.

Acontece que eu não tive muito tempo a sós com meu namorado. Uma turma enorme foi para a “fazenda” do pai dele depois do funeral. A fazenda, na verdade, era só um celeiro convertido numa espécie de clube para playboys.

O andar térreo estava tomado por sofás megafofos em volta de uma tela de tevê do tamanho de um carro-forte. Havia um bar onde eu supus que antes ficavam os estábulos e, no momento, estava em pleno uso. No andar de cima, o loft havia sido dividido em três quartos de hóspedes.

Também estavam em uso.

Sexo, álcool e morte pareciam andar de mãos dadas. Talvez fosse a maneira de as pessoas lidarem com a coisa. Deixar-se perder diante de algo tão definitivo quanto a morte tinha lá seu apelo.

Só que eu já estava perdida.

Um garoto trombou comigo e fui ainda mais para um canto. Tudo aquilo talvez fosse a minha praia meses antes, mas, naquele momento, eu só queria desaparecer parede adentro.

Era tudo tão barulhento: a música, a conversa, o riso.

Scott não estava em lugar algum, tinha sumido com Julie e Carson.

Carson.

Eu tinha pegado no sono ao lado dele na sexta-feira e, quando acordei mais tarde, ele tinha ido embora. Não havíamos nos falado desde então.

Apertando o copo vermelho de plástico de encontro ao peito, colei na parede, esquadrinhando a multidão enquanto tentava fazer meu coração desacelerar.

— Achei você — Del gritou, passando por um casal que aparentava estar num concurso para ver quem conseguia beijar durante mais tempo sem precisar tomar fôlego. — Procurei você por toda parte.

Olhei para a garrafa de Jack Daniels na mão dele. O celeiro não era tão grande a ponto de você perder uma pessoa lá dentro.

— Eu estava aqui.

Del se inclinou, estampando-me no rosto um beijo molhado que fedia a álcool.

—Por que está aqui no canto sozinha? Verónica e Candy estão ali adiante.

Verônica e Candy estavam num dos sofás, cercadas por garotas que eu não conhecia. Lauren não tinha vindo. Havia decidido ir para casa depois do funeral. Eu não podia culpá-la.

— Você parece tão solitária — Del falou, passando um braço pelos meus ombros ao se inclinar ainda mais. Pegou uma mecha dos meus cabelos com sua mão livre, enrolando-a no dedo. — Suas amigas sentem sua falta, Sammy.

Eu queria sentir a falta delas, queria de verdade, mas a única que eu conseguia tolerar era a Lauren, e ela nem sequer estava lá. Ergui os olhos para encarar o Del, assimilando os dentes certinhos, o queixo quadrado e o nariz aristocrático. Tudo nele era perfeito, desde as mechas mais claras e estrategicamente posicionadas nos cabelos penteados com todo o cuidado até as pontas de seus sapatos. Era fácil perceber o que tinha me atraído nele. Quem não se sentiria atraída por ele? Mas não senti nenhuma agitação no peito.

— Venha — ele falou, trombando comigo. — Vamos para algum lugar mais reservado.

Reservado? Meu coração ficou desacorçoado quando olhei para o loft lá em cima. Precisávamos conversar, mas não num daqueles quartos, e não com ele estando obviamente bêbado.

Ele bebeu um gole direto da garrafa e franziu o cenho.

Mas... você não está fazendo nada aqui embaixo. Só fica encostada aí na parede feito...

— Feito o quê?

Escapei do braço dele e coloquei meu copo sobre a mesa ao nosso lado.

Del virou a cabeça para o lado, contraindo a mandíbula.

— Não sei. Só não é você. Eu geralmente tenho de arrastar você para longe das pessoas para termos um tempinho só para nós.

A irritação crescia dentro de mim, meus olhos ardiam.

— Caso não tenha reparado, eu mudei.

Ele deu uma risada seca e bebeu mais um pouco.

— É, eu reparei.

A culpa varreu o aborrecimento, porque eu tinha mudado, não o Del. Não era certo culpá-lo por isso. Troquei de pé.

— Del, sinto muito.

Ele terminou de beber o resto do uísque e jogou a garrafa numa lata que transbordava lixo.

— Não estou bravo. Só que é difícil. Você é uma pessoa totalmente diferente e, por mais que se esforce, eu sei que não está sentindo.

Ergui de leve as sobrancelhas. Opa. Certo, talvez tivesse chegado a hora de conversarmos. E talvez fosse mais fácil do que eu pensava. Ele já sabia que as coisas não eram como antes. Avancei e só parei quando faltavam poucos centímetros para nos tocarmos.

— Estou tentando, de verdade, mas...

— Só precisamos tentar um pouco mais. Eu sei.

Ah. Não... Não era aí que eu queria chegar.

— Del...

— Sammy, ainda amo você, mesmo que não seja a mesma. — Ele me segurou pelos ombros, trazendo-me para junto do peito e apoiando seu peso na parede. Olhos vidrados encontraram os meus. — Nascemos um para o outro. E já passamos por coisas bem piores.

A música martelava os meus ouvidos quando eu o encare

— Passamos? Achei que tivéssemos um relacionamento perfeito, Del.

Ele me fitou.

— E tínhamos... temos!

— Então me diga pelo que passamos.

Ele abriu e fechou a boca.

— Sammy, não vamos nos apegar a essas coisas. Diga-me o que preciso fazer para isso dar certo, e eu farei.

— Não. Quero que você me conte, porque tenho o pressentimento...

— Ah, ela tem um pressentimento! — A voz aguda de Verônica elevou-se acima da música e da conversa, seguida por sua risadinha. — Isso me lembra uma coisa.

Eu me virei e vi Verônica a menos de um metro de nós. Ela cambaleou para um lado. Alguém baixou o volume da música. Meus olhos encontraram a responsável. Candy. Fui tomada pelo pavor e meus músculos travaram.

— Você teve um pressentimento durante o funeral, não foi? — A voz de Verônica ressoou alto, cheia de falsa curiosidade.

Todo mundo parou. Dezenas de olhos estavam em cima da gente, e de repente o celeiro parecia muito pequeno. Recuei e topei com a parede. Del havia se deslocado para o lado, de olhos baixos. Ele fez uma cara que retesou suas feições. Primeiro achei que era preocupação, mas aí percebi que era vergonha.

Eu estava sozinha.

— Aí, conta pra gente: como são os pressentimentos? — Candy se juntou à conversa, jogando por cima do ombro sua cortina cintilante de cabelos loiros. — É como os médiuns naqueles programas de tevê?

Uma garota gargalhou. Outras deram risadinhas.

Eu me abracei. Tinha vontade de me enfiar num buraco.

— Acho que não.

— Não? — Verônica se apoiou no encosto de um sofá, estreitando seus olhos felinos. Então, como é que é?

A raiva foi se acumulando pouco a pouco dentro de mim. Porque faziam aquilo? Sim, era óbvio

que tínhamos nos afastado, mas me colocar naquela situação?

— Não quero falar sobre isso.

— Por que não? — Candy perguntou com voz chorosa, mas seus olhos faiscavam de malícia. — Todo mundo aqui está morrendo de vontade de saber como é não ter a mínima ideia de quem a gente é. E, uau, como é ser a última pessoa a ter visto Cassie com vida. Como é?

— Parem com isso — Del falou, finalmente. Tinha encontrado outra garrafa e a apertava numa das mãos. — Estão deixando a Sammy envergonhada.

Ou era eu quem o envergonhava?

Candy revirou os olhos, e um garoto de cabelos escuros chegou por trás dela, abraçando-lhe a cintura minúscula. Quase não o reconheci. Ele cochichou alguma coisa no ouvido dela, sem tirar os olhos de cima dos meus. Sorriu. Candy deu uma risadinha, encaixando seu corpo no dele,

— O que aconteceu no funeral? Verônica perguntou, mordiscando o lábio.

Virei a cabeça rapidamente na direção dela.

— Não vou falar sobre isso aqui, Desculpe-me.

— Ô, maldade, Sammy. Todo mundo quer saber como é — Ela se virou, erguendo a voz. — Certo?

Ouvi gritos de encorajamento e as pessoas começaram a tagarelar ao meu redor. Foram fechando o cerco, os olhos cravados em mim. Eu me vi caindo outra vez, mas não de um rochedo. Eu tinha estado no topo da pirâmide social, acima deles, mas agora estava despencando, batendo em cada degrau durante a queda. Machucada e abalada, senti a pressão aumentar no meu peito.

Vá saber quantos deles tinham esperado aquele dia chegar? E eu poderia culpá-los? Não. Eu provavelmente havia aterrorizado metade daquele pessoal. Vasculhei o mar de rostos a procura do meu irmão... do Carson. Meu olhar pulava de um para outro, voltava. O coração deixou de bater e pensei ter visto o rosto da Cassie... sorrindo para mim. Feliz. Empolgada.

Eu não conseguia respirar.

O sorriso de Verônica se alargou.

— Tudo bem. Você não quer falar sobre isso. É compreensível. Mas sabe o que eu ouvi dizer?

— Não — acho que sussurrei.

— Quando você detonou o carro do seu irmão... Mike Billows disse que você não parava de falar que tinha alguém dentro do carro com você, só que não tinha ninguém lá. Ela ergueu a voz. — Ele disse que você era louca... Sam Insanidade, acho que ele disse.

Louca. Sam Insanidade. As palavras ricocheteavam dentro do meu crânio. Por um momento, os

rostos ao meu redor saíram de foco. Eu era louca. Não tinha ninguém no carro. E como ela sabia? Olhei para o Del, mas ele ainda fitava o chão. Um segundo depois, lembrei quem era Mike Billows: um garoto da minha turma de biologia que fazia trabalho voluntário no corpo de bombeiros.

— Vendo coisas, é? — Candy falou com fingida simpatia. — Deve ser um saco.

— Comporte-se — disse Trey, dando-lhe um tapa no quadril. Ela soltou uma risadinha.

— Ou quem sabe você sempre foi louca, só não sabíamos disso — Verónica continuou. Eu queria pular no pescoço dela, mas não consegui me mexer. — Tem certeza de que não se lembra da última vez que viu a Cassie... com vida?

Inspirei forte. Alguns sorrisos sumiram de certos rostos. Trocavam olhares, já não tinham tanta certeza se assistir à minha desgraça era engraçado ou divertido.

Uma loira atravessou a multidão de adolescentes, jogando gente para todo lado. Julie lançou um olhar para Verónica e zombou:

— Você está bêbada ou é uma patricinha burra mesmo?

— Como ê? — devolveu Verónica, arreganhando um dos lábios — Não pode ser comigo.

Julie foi para cima dela.

— Tem razão, são várias patricinhas burras aqui dentro. Mas estou falando com você. Aí, qual é o seu problema?

De repente, a música voltou com um estrondo, abafando o que as duas garotas estavam dizendo, mas parecia uma conversa acalorada. Eu ficaria em dívida com a Julie... uma bela dívida. Mas tinha de sair dali. As paredes marrons e escuras do celeiro giravam. Senti forte náusea.

Del fez menção de me segurar.

— Sammy...

Eu me liberei dele com um empurrão e, a muito custo, atravessei o grupo mais próximo, todos agora de olhos fixos na briga de meninas prestes a acontecer.

— Ei! — gritou uma garota. — Olhe por onde anda.

— Desculpe — murmurei, de olhos grudados no chão.

Outro corpo bloqueou meu caminho. Dei um passo para o lado. Quente demais... Eu estava quente demais. Havia corpos por toda parte, me encurralando, me sufocando. Perfume em excesso... barulho em excesso. Meu coração martelava as costelas, os pulmões se espremiavam. Eu precisava sair, tomar ar fresco. A pressão aumentou e se instalou no meu peito, cortando o suprimento de oxigênio. Os pensamentos dançavam, as paredes se inclinaram.

— Você a matou? — murmurou uma voz.

Eu me virei.

— Quem disse isso?

O garoto mais próximo arqueou as sobrancelhas, resmungando baixinho, e deu meia-volta.

—Você matou a Cassie? — falou a voz atrás de mim.

Girando outra vez, tentei respirar. Os rostos saíram de foco. Os cantos do meu campo visual ficaram escuros. Um tremor me subiu pelas pernas. Eu ia desmaiar bem ali, na frente de todo mundo. Que vexame...

Uma mão forte encontrou a minha naquela confusão de gente e a apertou com delicadeza. Aquele perfume — o perfume dele — me cercou. Inspirei fundo, expandindo os pulmões. Erguendo a cabeça, meus olhos encontraram aqueles surpreendentes olhos azuis.

Carson tinha um ar soturno.

— Quer dar o fora daqui?

16

Na velha picape vermelha do pai do Carson, que tinha um leve cheiro de charuto, eu me recostei no banco e continuei respirando profundamente, apertando a barriga com as mãos unidas. Minha pulsação tinha finalmente começado a desacelerar.

- Se eu soubesse o que estava acontecendo, teria entrado antes - Carson disse baixinho.

Engoli em seco.

- Não é... problema seu, e está tudo bem.

- Não devia ser problema seu e não está tudo bem. - Ele se esticou e puxou delicadamente as minhas mãos, soltando -as. - Você está bem?

- Estou. -Deixei escapar um suspiro entrecortado. Acho que tive um ataque de pânico. Pensei ter ouvido...

- Ouvido o quê? - Ele afagou minha mão, depois a cobriu com a sua.

Com ele me tocando daquela maneira, eu provavelmente admitiria quase qualquer coisa. Virei a cabeça na direção dele. Uma delicada corrente elétrica faiscava entre nós dois

- Achei que alguém tivesse me perguntado se eu matei a Cassie, mas eu estava... ouvindo coisas. - Forçando uma risada fraca, olhei pela janela. A garotada saía em filas pelas portas do celeiro. Del entre eles. – Ou pode ser que um deles ache que eu a matei.

- Não, acham, não.

Lancei lhe um olhar apático.

- Se antes eu já não tinha muitos fãs, agora então...

Os lábios dele se. Contorceram.

- Bom. Se pensarem isso, são uns idiotas, - ele soltou minha mão e ligou o motor da picape, que

ganhou vida com um ronco, - E aí, quer que eu leve você para casa? Ou quer que eu vá buscar o Scott?

- Para falar a verdade, você tinha algum plano para hoje à noite? Não quer fazer alguma coisa comigo?

- A resposta é sim e sempre, e provavelmente já há um bom tempo - ele respondeu, arqueando uma sobrancelha. - Seu olhar baixou até os meus lábios. - Mas, a menos que toca tenha botado o escruto do Del para escanteio, vou ter que recusar.

Meu rosto ardeu, e minha barriga ficou quente diante da provocação.

- Hã, não foi o que perguntei, mas é bom saber.

- Hum. Não foi? - Os lábios de Carson se abriram em um meio sorriso - Então o que foi?

Imagens de nós dois juntos ocuparam minha mente durante mais alguns segundos.

- Você não quer me levar lá até os rochedos?

- Posso fazer isso. - Carson mudou a marcha. A mão dele roçou a minha coxa e eu me sobressaltei com o contato - Mas você provavelmente vai querer trocar de roupa primeiro

As imagens ainda estavam lá, muito mais detalhadas que antes. Nós nos beijando. Nos tocando. Conversando.

Carson me olhou de soslaio. Um sorriso deliberado e presunçoso separou-lhe os lábios.

- Sam.

Pisquei

- Trocar de roupa. Entendi.

Ele deu uma risadinha ao trocar a marcha mais uma vez; tocando de leve minha perna com o lado da mão. Eu duvidava que tivesse sido acidental. Aí ele passou o braço por cima do encosto do meu banco e virou a cabeça para mim. Como eu o encarava, o movimento nos colocou à distância de um beijo. Meu coração pulou na garganta. Por um instante, pensei que ele ia esquecer toda aquela história de cara decente e mandar ver. Um segundo depois, percebi que ele estava dando ré.

Constrangedor.

Carson me olhou nos olhos e piscou. Soltei o ar que estava segurando, tão ciente da presença dele que eu tinha a impressão de que ia sair correndo a qualquer momento. E ele sabia disso. Aquele meio sorriso presunçoso não saiu da cara dele o caminho todo para casa.

Entrei de fininho e vesti rapidamente roupas mais apropriada para uma caminhada. A casa parecia vazia' mas não fiquei muito tempo lá para descobrir se era esse O caso, duvidando que meus pais achariam interessante eu sair com o Carson. Paramos na casa dele, e ele trocou de roupa, livrando-se do traje social. Voltando em menos de dois minutos, ele vestia calças jeans e um suéter leve.

O percurso até o parque estadual foi acidentado. A picape chacoalhava, e o celular escapuliu por entre os meus dedos caindo no assoalho. Eu me abaixei para pegar e minha mão bateu numa coisa macia, que eu ergui junto com o telefone.

Era um boné. O boné preto que eu já o vira usar antes.

Uma imagem do homem no mato passou diante dos meus olhos. Ele usava um boné preto. Mas era... era só uma lembrança ou uma alucinação induzida pela tensão. Não poderia ser...

- É seu? - eu disse com voz rouca.

Carson olhou de relance para mim, de sobrancelhas erguidas.

- É. Tenho isso há anos. Eu coloquei o boné sobre o painel, descartando rapidamente o medo irracional. Seguindo pela estradinha de terra estreita, olhei para ele.

- Tentei falar com o Del antes de a Verônica pegar no meu pé.

Ele me olhou de soslaio.

- Sam, não quero ser o responsável pelo fim do namoro vocês.

- Não é - eu disse com toda a sinceridade. - As coisas não são mais as mesmas entre mim e Del, e não tem nada a ver com você.

- Beleza. - Ele tamborilou um dedo no volante. - Ele falou do namoro para você?

- A não ser que nosso namoro era perfeito? Não - respondi, balançando a cabeça. Carson deixou escapar uma risada engasgada.

- Ele disse isso? Uau.

- Que foi? - Fiquei interessada na mesma hora.

- O namoro de vocês estava longe de ser perfeito. - Entramos numa estradinha acidentada e coberta de cascalho, e agora o sol batia bem na nossa cara. Ele estendeu a mão, apanhou o boné e o colocou na cabeça. - Vocês eram como a Cassie e o Trey, brigavam o tempo todo.

- Está falando sério?

- Estou. - Ele apertou os olhos e fez uma curva fechada à direita. - Vocês não terminavam e voltavam como o Trey e a Cassie fazem o tempo todo, mas brigavam que era uma loucura.

Afundi no banco. Del havia mentido para mim, e eu tinha acreditado nele: acreditara naquele romance perfeito de conto de fadas. Sentindo-me uma idiota, olhei furiosamente pela janela. Havia sinais mais que suficientes de que as coisas não eram perfeitas. Os olhares das meninas, os atos falhos do Del.

- Tudo bem aí? - ele perguntou.

Cerrei os punhos.

- Estou puta da vida é um saco eu não me lembrar de nada, mas mentir pra mim? Ele se aproveitou de mim. Estou me sentindo uma idiota.

- Você não é idiota, Sam.

Apertando os lábios, balancei a cabeça. Talvez eu não fosse idiota, mas tinha me revelado inacreditavelmente ingênua.

Quantas outras pessoas estavam mentindo para mim? E a respeito do que? A respeito de coisas que eram muito mais graves do que meu atual relacionamento com Del, sem dúvida alguma. Meu peito doía diante das possibilidades. E se eu fosse uma delinquente juvenil homicida e todos os indícios fossem óbvios? E ninguém queria me contar?

Paramos quando a estrada acabou, bloqueada por uma corrente e uma placa maltratada que demarcava propriedade particular.

Carson desligou o motor e se recostou olhando para mim.

- Tem uma trilha que, na verdade, vai direto da casa dos seus pais para os rochedos. Só sei disso porque ajudo meu pai a fazer umas coisas na casa de veraneio. Mas você chegaria lá mesmo à noite.

Olhando ao redor e nada vendo além de mato cerrado, era difícil imaginar andar por ali a noite sem ser devorada por um urso.

- De quem é?

- Do estado, eu acho. Não tenho certeza, mas você e o Scott costumavam vir aqui um bocado quando eram mais jovens – ele fez uma pausa. — Eu vinha junto quando seus pais deixavam. Você adorava ficar na beirada dos rochedos. Deixava-nos dois malucos.

Sorri de leve.

- Então este lugar tinha algum significado para mim?

- Acho que sim.

Estendo a mão na direção da porta, inspirei fundo.

- Pronto?

- Dá para esperar um segundo? - Carson perguntou tirando o boné. Ele passou uma das mãos pelos cabelos, depois jogou o boné no painel. - Tem uma coisa que eu preciso contar pra você.

O desânimo se agitou dentro de mim, e meu coração foi parar no pé. Nada de bom saía de declarações como aquela. Soltando a porta da picape, eu me virei para ele.

- O quê?

Ele olhava para a frente, de olhos semicerrados e mandíbula contraída.

- Não fui totalmente sincero com você em relação a algumas coisas.

Abri a boca, mas nada saiu dela, a não ser um suspiro entrecortado. Meu peito voltou a doer, mas era diferente desta vez. Tinha o meu coração como centro, apreensivo e em carne viva, feito uma ferida exposta. Uma parte de mim não queria saber em relação a que ele não tinha me dito a verdade, mas eu não podia — não queria — fugir daquilo. Endireitando os ombros, eu me preparei para ouvir fosse lá o que ele tivesse a dizer.

- Certo - eu disse enfim. - Pode contar. Seu olhar deslizou na minha direção.

- Lembra quando eu disse que meu primeiro beijo foi com você?

- Eu fiz que sim e ele deixou escapar um longo suspiro.

- Bom, o meu último beijo também foi.

Inclinei a cabeça para um lado, sem saber ao certo se tinha ouvido direito. Dentre todas as coisas que eu esperava que ele dissesse, aquela não chegava nem perto do fim da lista.

- Como assim?

A boca de Carson se contorceu num meio sorriso minúsculo que logo se apagou.

- Eu vi você na noite em que desapareceu.

Esforçando-me para não subir no banco e esganá-lo, agarrei os joelhos, sentindo as alfinetadas da raiva.

- Por que não me contou?

- É complicado. E eu sei... sei que não é uma boa desculpa. Eu contei à polícia, daí minha surpresa que nunca tenham contado a você. - Ele desviou os olhos, contraindo e fixando o músculo da mandíbula. — Mas o que aconteceu entre nós...

- Inspirei forte. "Entre nós" só podia significar uma ou duas coisas. Se de mentisse para mim a respeito *daquilo*... Bom, a pressão que aumentava na minha garganta e atrás dos meus olhos já dizia tudo.

- O que aconteceu?

- Eu estava com o Scott, assistindo a um filme no porão. Eram quase dez da noite quando saí. A casa estava totalmente às escuras. Acho que nem seu pai estava em casa. Saí pelos fundos passando pelo solário, só para o caso da sua mãe estar por ali. Não vi você logo de cara. - Ele franziu a testa e correu ai ponta dos dedos pelo rosto. - Mas escutei: você estava sentada num daqueles malditos bancos de janela, chorando. Eu devia ter dado as costas e seguido na direção oposta, mas não consegui ir embora. Não com você ali chorando.

Relaxe os dedos que apertavam meus joelhos e aliviei um pouco a tensão. Carson não era o tipo de cara capaz de deixar Para trás uma garota chorando. Relembrando o que eu sabia a respeito daquela noite, senti um gosto amargo na boca.

- Fiquei com Del até as nove.

Carson concordou lentamente com a cabeça.

- Perguntei se estava bem, e você se levantou e acendeu a luz. Não estava usando o... colar. Ai deduzi que tinha brigado feio com ele.

- Ele disse que eu tinha tirado o colar para tomar banho depois de... hã...

Ele arqueou uma sobrancelha

- A menos que você tenha o hábito de chorar depois de fazer sexo, tenho a impressão de que não foi por isso que o tirou.

A exasperação deixou meu corpo todo vermelho. Não era nem de perto a conversa que eu queria levar com o Carson.

- Ok, bom argumento. Continue.

- Bom, você fez o que sempre fazia. Veio para cima de mim e começamos a discutir, mas foi diferente. - Ele recostou a cabeça no banco, fechou os olhos. - Você ficou fula comigo, mas ainda chorava. E eu nunca tinha visto você daquele jeito. Nem sei onde eu estava com a cabeça, mas segurei você... para consolar você ou algo assim, e você se jogou em cima de mim.

- Eu me joguei em cima de você?

Ele ergueu um dos cantos da boca.

- Você me beijou. Do nada. Simplesmente me lascou um beijo no banco.

Ah, meu Deus. Afundei no banco. Eu não era só uma menina malvada, como também tinha violentado o Carson. Legal.

- Fiquei espantada no começo... aí retribuí o beijo. – Ele voltou a suspirar. – Foi bem forte... Furioso na verdade. E meio excitante também. Aí você recebeu um torpedo, me empurrou e saiu pisando duro. Foi a última vez que eu vi você.

Sem ideia de como reagir aquilo, olhei fixamente para ele. O fato de eu estar irritada deve ter algo a ver com o Del, mas o alerta no celular... Cassie? Meus pensamentos se demoraram nisso por um minuto e logo voltaram o fato de que eu beijara o Carson.

- Por que não me contou isso antes? – perguntei em voz baixa.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, me olhando nos olhos, um olhar cristalino.

- Não me leve a mal, mas não é algo que me orgulho. Você não estava usando a droga do colar, mas, até onde eu sabia, você ainda estava com Del. E não sou muito fã de pegar a namorada de outro cara. Sei qual é a minha reputação... Talvez você não se lembre.

- Ouvi falar – resmunguei.

Carson riu alto.

- E você estava irritada. Merda, seria a mesma coisa que me aproveitar de você. Minha mãe teria me dado um cascudo se ainda estivesse viva.

Sorri de leve ao ouvir aquilo, mas aí pensei na Candy e o Trey. Será que já estavam de estripulia antes de Cassie e Trey terminar o namoro? Provavelmente não era muito importante naquele momento, mas havia algo naquela possibilidade que me incomodava.

- Você está com raiva de mim? – ele perguntou baixinho.

Boa pergunta. Eu não sabia ao certo como deveria me sentir. Del havia mentido para mim. Minhas amigas haviam mentido para mim. E agora Carson também. Uma parte de mim entendia por que Carson tinha achado necessário mentir, mas não justificava nada. Desviei os olhos, levando o polegar à boca e roendo delicadamente a unha.

- Não sei.

Vários segundos se passaram aí Carson se esticou para tirar minha mão da boca.

- Devia parar com isso.

Fiquei vermelha.

- É. Acho que... é um tique nervoso.

- Você costumava fazer isso quando criança.

- Foi o que meu pai disse. - A mão dele ainda segurava meu calor de seus dedos era agradável, apesar da mentira. - Quer dizer, então, que eu beijei você?

- Foi.

- E você retribuiu o beijo? - eu disse, concordando lentamente com a cabeça,

- Foi.

Mandando-lhe um olhar de soslaio, eu ergui as sobrancelhas

- Bom, você gostou apesar de não ser motivo de orgulho?

Um sorriso repuxou-lhe os lábios e um brilho malicioso deu um tom escuro de azul aos olhos dele.

- Ah, sim.

Percebi que meus lábios reagiam ao sorriso dele.

- Bom, isso tudo me deixa tão brava com você – soltei a mão e fiz menção de abrir a porta da picape. – E agora, pronto?

Carson fez que sim e saímos da picape. Ele foi até a corrente e ergueu o metal enferrujado a uma altura suficiente para que eu conseguisse passar com facilidade por baixo. Ele tomou a minha frente e eu o segui, ruminando a nova descoberta. Para falar a verdade, eu não sabia mesmo como me sentia diante do fato de que ele havia mentido para mim. E essa nem sequer era a parte mais importante do relato dele.

Por que eu estava chorando depois de sair da casa de Del?

Del tinha mentido a respeito do nosso namoro. Isso era fato, mas a respeito do que exatamente? Tínhamos terminado? Foi por isso que tirei o colar que ele tinha me dado? E, o mais importante, nosso rompimento tinha algo a ver com Cassie?

Mais uma vez, o retrato de Cassie e Del passou pela minha mente. Mas dessa vez... foi diferente. Havia sentimentos ligados à imagem. Raiva. Decepção. Eu sabia que havia outros, fora do alcance, esperando que eu somasse dois mais dois.

Cassie.

Del.

Parei ao lado do arbusto espinhento quando fui atropelada por uma onda de emoções alheias. Cassie e Del...

Percebendo que eu havia parado, Carson retrocedeu.

- Ei, tudo bem?

- Tudo. Eu só... Não sei. - Como explicar o que eu sentia... pensava? Joguei a cabeça para trás. Um céu intensamente azul aparecia por entre os galhos. - Você acha que tinha alguma coisa entre a Cassie e o Del?

- Eu realmente não sei – Ele disse, encostando-se numa árvore. – mas sei que os dois seriam capazes de algo assim.

- Por que eu seria amiga de alguém como ela? Como eu conseguia namorar alguém como Del? – Antes mesmo q ele respondesse, deduzi tudo. A revelação não era nenhuma novidade, mas doía feito picada de marimbondo. – Por que eu era igualzinha a eles.

Carson afastou a arvorezinha e me tomou pela mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

- Não, não era não. Nem sempre, e não é mais. E isso conta.

Olhei para ele.

- Segundas chances, certo?

Ele fez que sim e recomeçou a andar, sempre segurando a minha mão com firmeza. Tentei não pensar naquilo.

A trilha que percorríamos não era exatamente uma trilha. Era um trecho irregular de terreno que foi subindo até sermos obrigados a soltar as mãos para não perder o pé. Grumos de terra e pedrinhas soltavam, rolando colina abaixo atrás de nós. Por fim, deixamos arvores para trás e atravessamos um trecho de relva.

Separando-me de Carson, fui devagar até a beirada dos rochedos. O vento frio e úmido açoitou meus cabelos, jogando-os para trás. A cachoeira lá embaixo tinha o topo das árvores como anteparo e, como eu suspeitava, o paredão era escarpado e pedregoso.

Esperei a vertigem de atingir, mas ali na beirada, percebi que a altura não me incomodava. Na verdade, havia algo de emocionante em estar ali, tão alto.

- Acho que ainda sou viciada em adrenalina – falei.

O riso de Carson saiu forçado.

- É até bom ouvir isso, mas você não podia recuar um pouquinho e sair da beirada?

- Ele ficara perto das árvores e me perguntei se ele teria medo de altura.

- Acha que poderíamos ter caído daqui e por acaso, eu sobrevivi?

- É possível já vi doideiras maiores. Ou ela poderia ter pulado.

Virando-me, olhei fixamente para ele. Eu ainda não tinha pensado naquilo.

Os olhos de Carson se afastaram dos meus, estreitando-se para focar no vazio que se estendia além do topo das árvores.

-É só uma possibilidade - ele disse baixinho. - As pessoas fazem essas maluquices o tempo todo.

Mas tudo o que eu sabia a respeito da Cassie me dizia que ela não teria feito aquilo. Não sozinha... Engoli em seco, incapaz de aceitar a ideia que se formava.

- Está sentindo... ou lembrando alguma coisa? - ele perguntou.

Balancei a cabeça, desapontada. Nada vinha à tona, a não ser mais perguntas e confusão. Retrocedendo até o aglomerado de árvores à direita, comecei a roer uma unha. Pinheiros grandes contornavam as rochas que brotavam do chão e, passadas as pedras, não havia nada além da queda... a queda que eu necessariamente tinha sofrido.

Dizer que eu tinha sorte de estar viva era muito pouco.

O tempo passou em silêncio. Carson continuava do outro lado, deixando-me à vontade para ficar ali o quanto fosse preciso. Eu me encostei a uma árvore, os olhos focados na beirada do penhasco. Estava prestes a desistir e a dizer-lhe que era e melhor voltarmos, mas aí senti um calafrio, como dedos gélidos descendo-me pela espinha. Foi o único aviso.

Não foi como as visões que eu vinha experimentando. Nenhuma película cinza, não vi nada. Só senti... ouvi meus próprios pensamentos, como se o passado até então subjacente ao presente tivesse ressurgido na superfície.

Num piscar de olhos, Carson estava na minha frente, o rosto contraído de preocupação.

- O que foi? Minha boca se digladiou com urna resposta e meu coração acelerou.

- Não era para eu ter vindo aqui.

- Naquela noite? - ele perguntou.

Fiz que sim, me virei para a árvore, passando a mão pelo tronco áspero. Tocar a árvore me fez sentir como um daqueles médiuns de programas de tevê, aqueles que Verônica havia mencionado, mas eu só sabia que tinha estado ali, bem ali.

- Acho... que eu estava me escondendo atrás destas árvores. É como se não fosse para eu estar aqui, mas eu estava. Sei que isso tudo não faz sentido.

- Está tudo bem. – Carson me seguiu, contornando a árvore.

Fechei os olhos mas não vi nada.

- Ela me queria aqui... a Cassie. Ela queria que eu os visse juntos.

- Visse quem, Sam?

Balancei a cabeça, frustrada, e abri os olhos.

- Não sei, mas acho que eu sabia que ela queria que eu os visse... que eu soubesse.

E sei que tem a ver com um cara... um cara com quem ela queria que eu a visse. Carson deu um passo para trás, inspirando forte. Nossos olhos se cruzaram, e a sensação de frio voltou a subir pela minha espinha.

Ele estendeu o braço e segurou minha mão.

- Sam, você sabe com quem ela estava?

- Não, mas acho que faço ideia.

A cara que ele fez mostrava que estava pensando a mesma coisa que eu, e era terrível: de cortar o coração, a ponto de me deixar desalentada e tonta. As coisas se encaixaram, uma pista perturbadora depois da outra.

- Del — murmurei.

Nascemos um para o outro.

Não foi isso que Del disse? E, a julgar pelo pouco que eu tinha visto do mundo dele e do meu, havia muitas expectativas em torno do nosso namoro.

Seria o suficiente para justificar um assassinato, para manter um caso amoroso em segredo? Segunda ou terceira geração de adolescentes ricos, exatamente como a realeza...

Tantas vezes eu tinha tentado tocar no assunto da Cassie, e era visível que isso o incomodava, que ele se recusava a falar dela. A lembrança recentíssima de Cassie me perguntando se poderia ficar com o Del veio à tona e ficou ali. Será que estavam transando e ela queria que eu soubesse? Havia atraído nós dois para os rochedos, e Del, sem saber que eu estava lá, tinha empurrado a Cassie?

Fiquei enjoada.

A viagem de volta à casa de Carson foi tensa e silenciosa. Ficamos os dois completamente absortos com nossos pensamentos tenebrosos. Ele estacionou a picape na entrada de Automóveis e desligou o motor. Quando ele me encarou, vi que seus olhos estavam tristes, os lábios apertados.

-Não consigo acreditar. Por mais que não goste dele, não consigo imaginá-lo fazendo algo assim.

Eu tampouco queria acreditar.

-Pode ter sido um acidente.

Ele passou as mãos pelos cabelos.

-Certo. Se foi um acidente, e você? Ele empurrou acidentalmente a Cassie e, logo depois, você?

-Não sei – murmurei roendo minha pobre unha.

E a queda de Cassie não fazia o menor sentido quanto mais eu pensava naquilo. A primeiríssima lembrança que eu tinha era de ver sangue nas pedras; as lajes cor de areia que cobriam o rochedo.

-E Del não tem colhões para fazer algo assim – Falou Carson, mais para si mesmo.

Fiz uma careta, mas aí meu coração parou por um segundo.

-Eu tinha colhões para fazer algo assim?

Carson deu risada, depois arregalou os olhos.

-Está falando sério? Está achando que você empurrou a Cassie por causa do Del? – A incredulidade distorcia seu tom de voz. – Sam, você não é assassina. Não é e nunca foi.

-E se eu estivesse louca da vida? E se o Del tivesse ido embora e eu confrontado a Cassie? E as coisas degingolaram? – Quanto mais eu pensava naquilo, mais eu queria vomitar. – Juntas, nós éramos meio que explosivas, né? Pode ser que eu a tenha empurrado acidentalmente.

-Você não fez isso, Sam. – Ele agarrou meu pulso e afastou minha mão da boca. – Você não é esse tipo de gente.

Nunca foi. E, além disso, não explicaria o que aconteceu com você. Você a empurra, se arrepende e pula? Não foi você.

-É um bom argumento.

Ele suspirou e soltou meu pulso.

-Você não está acreditando. Por quê? Porque tem visto coisas... Porque um bando de adolescentes idiotas anda falando do que não sabe? Isso não faz de você uma louca, nem uma aberração e muito menos uma assassina. Você é uma boa pessoa. Nunca duvide disso.

Estufei o peito diante daquelas palavras, e meus olhos se encheram de água. Sem pensar, eu me inclinei por cima do câmbio e estampeei um beijo rápido no rosto dele. Carson se empertigou por um segundo, depois virou a cabeça, deixando seus lábios tão perto do meu rosto. Um estremecimento percorreu o corpo.

-Obrigada – murmurei, provavelmente pela centésima vez.

Ele balançou afirmativamente a cabeça e engoliu em seco com tanta força que ficou visível.

-É sério, Sam. Não digo isso só para fazer você se sentir melhor.

A cada palavra que ele pronunciava, seus lábios roçavam meu rosto, me fazendo estremecer. Relutantemente recuei.

-Eu sei.

Um sorriso tímido apareceu.

-Posso pedir um favor?

-Qualquer coisa.

-Eu realmente não acho que Del seria capaz de fazer algo assim, mas tome cuidado. – Olhou-me nos olhos. – Por favor

-Vou tomar.

Eu não queria que ele se preocupasse, mas conversar com Del era algo que eu precisava fazer. E o sorriso tímido continuava na cara de Carson, mas nunca chegou aos olhos dele. Ele estava preocupado e tinha bons motivos para isso. Se não tinha sido eu, então quem quer que fosse o assassino devia estar preocupado com a possibilidade de eu recuperar a memória.

Mais tarde, naquela noite, depois de vestir calças de moletom confortáveis e um abrigo que deixava a barriguinha de fora. – algo que eu tinha encontrado no closet -, eu me sentei na cama e tirei o colar da Tiffany's. Segurando-o no alto, de modo que a luz do teto produzisse reflexos no ouro branco, tentei me lembrar da primeira vez que eu o havia tirado.

Nada me ocorreu: nenhuma emoção, nenhum pensamento. Suspirei, deixando o colar sobre o edredom.

O som de passos no corredor chamou minha atenção. Ergui os olhos, vi a sombra do corpo primeiro, antes de a pessoa chegar à porta aberta. Não era alguém que eu esperava ver.

Del.

Prendi a respiração quando ele se deteve na porta e se encostou ao batente. Eu não fazia ideia de onde meus pais estavam e tinha certeza de que Scott estava no porão.

-Como foi que entrou aqui? – Perguntei.

Ele inclinou as sobrancelhas.

- A porta da frente estava destrancada.

- E você simplesmente foi entrando?

Uma frieza havia se insinuado na minha voz, contra a minha vontade.

- Foi. – Ele tinha a confusão estampada na cara ao entrar pé ante pé no meu quarto. Ainda vestia as mesmas calças escuras e a camisa social que tinha usado no enterro. – Desde quando isso é... O colar?

– Ele parou um pouco antes de chegar à cama. – Você o tirou?

Apanhando o colar, ignorei meu nervosismo.

-Eu estava só dando uma olhada.

Seus olhos cintilavam, não tão vidrados quanto lá no celeiro, mas ele ainda cheirava à álcool.

-Larguei a festa.

-É?

Apertei o pingente de coração e o metal pinicou a parte mais carnuda da palma da minha mão.

- Você está com raiva. Eu sei. – Ele se sentou na beirada da cama, torcendo meio corpo para ficar de frente para mim. Seus olhos estavam grudados na minha mão. – Verônica e Candy estavam só zoando com você.

Ergui as sobrancelhas.

-Zoando comigo? E você simplesmente... – Deixei a coisa por dizer. O que ele tinha feito ou deixado de fazer não era o problema, nem sequer era importante. – Del...

-Não fiz nada. Eu sei. E devia ter feito as duas pararem. – Inspirou, massageando o queixo com a palma da mão. – Sinto muito. Não gosto de ver você constrangida ou magoada.

Bufei de cansaço e me pus a observá-lo. Não havia como não vê-los juntos, Del e Cassie, mas seria ele o responsável por tudo aquilo? Meus instintos me diziam que não, mas como eu poderia confiar neles? E nem sequer era por isso que o namoro precisava acabar.

Deixando escapar um suspiro, ele se espalhou na cama, deitado de lado.

-Não gosta do colar, Sammy? Se não gostar, poso comprar outro... Um colar melhor... Com

safiras? São suas joias prediletas. Bom, eram...

Meus dedos se afrouxaram em volta do pingente.

-Não precisa de outro colar.

Ele ergueu aqueles olhos cheios de incerteza e me fitou.

-Então me diga o que tenho de fazer para deixar você feliz. Posso levá-lo àquele restaurante na Filadélfia, que prepara o sushi do jeito que você gosta. Ou podemos passar o fim de semana nas Poconos. Tenho certeza que seus pais deixariam.

Fiz uma careta. Não havia nada que ele pudesse fazer. Mesmo que ele não tivesse mentido a respeito do nosso namoro, mesmo que eu não tivesse minhas suspeitas, o rompimento era inevitável. Havia dias eu já sabia que precisava terminar com ele. Eu simplesmente não sentia o que deveria sentir quando estávamos juntos. Não sentia falta de ar. Nem uma mínima agitação no meu peito. Nenhum friozinho na barriga só de ouvir o nome dele. Eram coisas que eu sentia por outro garoto...e não havia nada certo naquilo.

Del deve ter visto tudo nos meus olhos, porque ele se sentou na cama e esquadrinhou meu rosto.

-Podemos fazer dar certo.

-Acho que não podemos, não – falei baixinho

Ele desviou o olhar, balançando de leve a cabeça.

-É por causa do que aconteceu hoje?

-Não, não mesmo – gaguejei. Eu já tinha feito aquilo antes? Se tivesse, será que tinha me saído tão mal na ocasião quanto estava me saindo naquele momento? – Sinto muito, de verdade. Eu simplesmente não...

-Podemos dar um jeito nisso. – Ele voltou a se virar para mim, e seus olhos estavam tão escuros que pareciam quase pretos. – Você só precisa de um pouco mais de tempo.

Enfrentei o seu olhar.

-O tempo não vai mudar nada. Não é isso que sinto por você. Poderíamos ser bons amigos, mas...

-Não quero ser seu amigo. – Ele se afastou bruscamente, arregalando os olhos. – Não acredito que

você vai fazer isso depois de tudo.

Aquilo doeu mais do que eu esperava. Fechei os dedos em volta do seu pulso e virei a palma da mão para cima.

-Não – ele sussurrou. – Sammy, não faça isso...

Meus olhos se encheram de água quando coloquei minha mão sobre a dele e apertei o colar contra sua palma aberta. No instante que minha mão tocou a dele, estremeci. A lembrança veio com tanta rapidez que fiquei tonta, uma película cinzenta e fosca recobriu meus olhos.

-Nem pense em jogar a culpa em mim! – gritei.

-Não estou! Cristo! – Ele se jogou de costas na cama, apanhando o controle remoto. – Não sei porque você está

Fazendo tanto estardalhaço por causa disso. Você curtiu a coisa toda

Meus olhos foram anuviados pelas lágrimas quando olhei para baixo. A humilhação não bastava para explicar o que eu sentia ao repassar as fotos no celular dele. Fotos anexadas a torpedos que ele havia mandado para o Trey, que, por sua vez, as havia repassado para todo mundo.

Eu me sentei na beirada da cama. Fui tão idiota, tremendamente idiota. Queria morrer.

Ele cutucou minhas costas com seu pé descalço.

-Não fique chateada comigo por causa disso, ok?

Não ficar chateada? Todo mundo tinha visto aquelas fotos. Não era à toa que, na manhã daquele dia, Verônica estava com cara de quem tinha adquirido toda a coleção de primavera da Prada. E eu apostava que Cassie tinha ficado igualmente empolgada. Naquele instante eu odiava todos eles.

Resmungando baixinho, Del se sentou e abraçou minha cintura.

-Escute, os caras todos estão achando isso sexy pra caramba. Estão com inveja de mim.

Eu me resetei. Os caras todos: a equipe inteira de beisebol não para de trocar aquelas fotos. A humilhação oprimia meu peito, me deixando sem ar. Meu irmão tinha me visto fazer... Fazer aquilo? E o Carson também?

Eu me desvencilhei do abraço e fiquei de pé.

-Tire as mãos de mim.

-Ok. – Del falou, revirando os olhos.

-Não acredito que você fez isso. – Joguei o celular longe. O telefone bateu no assoalho de madeira de lei, quicou e se espatifou. Fui tomada por uma sensação mórbida de justiça quando a tela se apagou.

Del pulou fora da cama e apanhou o celular.

-Droga, Sammy! Tem ideia de quanto isto custa?

-Tem ideia de quanto foi constrangedor para mim? – Brinquei com o pingente de coração do colar.
– Se é que você dá a mínima...

Ele ergueu os olhos, agora semicerrados. Livrando-se do telefone, ele veio até mim, ameaçador.

-Você não devia ter feito isso.

Engolindo em seco, recuei.

-Odeio você – sussurrei.

-Não odeia, não – Ele agarrou minha mão e a apertou tanto que o coração se enterrou na minha palma. Fiz uma careta. – E não venha com esse papinho furado de que vai terminar comigo. Sabe que não vai. Então esqueça a coisa toda.

Fui arrancada da lembrança porque não conseguia respirar. Os braços de Del me envolviam, apertando-me forte contra o peito dele. Eu sentia o seu coração bater tão rápido quanto o meu.

-Sammy, diga alguma coisa. – ele falou – Droga, você está bem?

Uma fúria intensa foi crescendo dentro de mim. As fotos misteriosas que minha mãe tinha mencionado estavam explicadas. Minha voz saiu num sussurro entrecortado.

-Tire as mãos de mim.

Ele ficou paralisado.

-Sammy...

A raiva me aquecia por dentro, impetuosa e explosiva.

-Tire as mãos de mim! – gritei, me desvencilhando do abraço subitamente frouxo. Pulando da cama, eu me afastei dele com a respiração totalmente irregular. – Você me fotografou fazendo aquilo com você?

Del ficou de boca aberta e sua expressão era de susto.

-Você se lembra?

-Como pôde? – eu quis saber, sentindo a humilhação como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Todo mundo tinha visto aquelas fotos. Todo mundo. – Como foi que concordei com uma coisa dessas? Qual é o problema comigo, droga? Não acredito que ainda fiquei com você, Cristo!

-Você se lembra de tudo? – Ele se levantou e deu um passo na minha direção

-Não chegue perto de mim! – Recuei mais um pouco e bati na parede. – Não preciso me lembrar de mais nada. Já foi o suficiente.

O alívio passou tão rápido pelos olhos dele que eu pensei ter imaginado o que vi. Agora havia fortes indícios de apreensão.

-Sammy, você me perdoou por isso.

Ri com estridência.

-Então eu sou uma idiota, porque, se bem me lembro, não gostei nada do que você fez.

Ele passou as mãos pelos cabelos, puxando as pontas.

-Não foi minha culpa. Trey pegou o meu celular e viu as fotos. Ele enviou para o celular dele, daí em diante, foi uma doideira.

-E isso por acaso alivia sua barra? – Eu tive de fazer força para não enfiar o pé bem no meio das pernas dele.

Eu sabia que você tinha tirado as fotos, Del? E nem pense em mentir pra mim!

Del olhou para o outro lado e, com isso, não precisou dizer mais nada. Fui tomada pelo asco, e me apeguei a isso, era melhor ter nojo dele do que de mim mesma. Como pude ficar com ele depois de tamanha traição? E eu tinha a sensação de que ele havia falado a verdade: eu o tinha perdoado.

Eu queria vomitar.

-Saia daqui. – Falei com a voz trêmula.

Ele virou rapidamente a cabeça na minha direção.

-Você está exagerando. Só precisa se acalmar. Nós podemos...

-Não vem com essa de “nós”! Desta vez, todo aquele “papo furado de que vou terminar com você” é pra valer. – Del avançou mais um passo e eu gritei – Saia!

-Sammy, sinto muito. Foi errado o que eu fiz. Entendi. Mas podemos conversar a respeito.

Fui tomada por uma sensação perversa de déjà vu. Quantas vezes já tínhamos estado na mesma situação? Ele aprontava. Eu ficava louca da vida. Nós brigávamos.” Fazíamos as pazes”. Mas desta vez era diferente, eu era diferente.

-Por favor, vá embora – eu disse, muito mais calma.

Ele abriu a boca, mas passos retumbaram pelo corredor.

Um segundo depois, Scott passou correndo pela porta, com o rosto vermelho. Ele olhou de relance para o Del e para mim.

-Que diabos está acontecendo aqui? – Ele quis saber.

-Não é da sua conta – Del respondeu, demonstrando irritação.

Meu irmão entrou no quarto e cerrou os punhos.

-Fala sério? – Ele me lançou um olhar breve, sagaz e furioso. – Por que você estava gritando, Sam?

-Quero que ele vá embora – eu disse, cruzando os braços.

Um sorriso soturno aparece no rosto de Scott.

-Então é melhor puxar o carro, Del.

A irritação deu lugar à raiva, e isso me fez lembrar a fúria subjacente ao desespero na primeira recordação que tive dele. Eu sabia que Del não estava acostumado a levar um fora.

-Não faça isso, Sammy. – ele disse, com aquele mesmíssimo olhar, mas eu não entendia sequer por

que ele queria que aquilo desse certo.

Não importava. Eu não ia recuar. Mesmo antes de me lembrar das fotos, eu já tinha me decidido. Aquilo só consolidava minha decisão.

-Por favor, vá embora.

Del deu um passo na minha direção, e foi a gota d'água.

Meu irmão atravessou o quarto feito um raio. Por um breve segundo, não entendi o que ele ia fazer, aí o vi preparar o braço. Seu punho acertou em cheio o rosto de Del, e o garoto caiu feito um saco de batatas, batendo com um baque pesado no chão.

Scott baixou o punho.

-Você não tem ideia de há quanto tempo eu queria fazer isso.

Esperei lá embaixo enquanto Scott fazia Del voltar a si e o tirava de casa. Acontece que Scott havia ficado no porão o tempo todo e trancado a porta logo depois de chegar em casa. Ou seja, Del havia mentido mais uma vez e muito provavelmente tinha uma chave. A primeira coisa a fazer na minha lista seria pega-la de volta.

Scott me aconselhou a deixar que ele cuidasse disso.

- Vai me contar o que aconteceu? – ele perguntou tirando do refrigerador um saco de ervilhas congeladas.

Eu me sentei no bar, sentindo meu rosto arder.

- Eu me lembrei de uma coisa.

- Uma coisa tão importante que você resolveu dar um pé na bunda dele. – ele jogou o saco sobre os nós vermelhos dos dedos e fez uma careta. – Conta ai.

- Bom, eu já ia terminar com ele antes de me lembrar.

Ele sentou diante de mim, de sobrancelhas erguidas.

- Tem a ver com o Carson?

- Não! – Meu rosto ficou ainda mais em brasa.

- Tudo bem. – Um sorriso largo apareceu na hora.

- Então o que foi que pegou?

Roendo a unha do dedo mindinho, eu dei de ombros.

- As coisas entre nós não são mais como antes. Daí eu decidi terminar o namoro. Quando devolvi o colar para ele, eu me lembrei... de uma coisa que aconteceu.

Ele ergueu de leve as sobrancelhas.

- Ele tirou umas ... fotos – eu disse com um suspiro.

Scott contraiu todo o rosto, como se estivesse prestes a vomitar encima de mim.

- Aquelas fotos...

Sem chance de que ele não tivesse visto nem ouvido falar delas. Afundei a cabeça na bancada e suspirei.

- É tão constrangedor. Eu não fazia ideia! Quer dizer, eu não sabia que ele tinha tirado as fotos, e aparentemente o Trey as descobriu e mandou para todo mundo, mas mesmo assim...

Scott soltou um palavrão.

- Você não sabia que ele tinha tirado as fotos?

- Não – gemi.

Mais um palavrão explosivo me fez pular de leve.

- Eu perguntei a você sobre aquelas fotos, Sam, porque fiquei puto. Você agia como se não fosse nada. Se eu soubesse, teria nocauteado o cara há muito mais tempo.

Ergui os braços, impotente, com o rosto ainda colado na bancada.

- É, bom, parece que eu “esqueci a coisa toda”.

Vários segundos se passaram até ele falar.

- Acho que vou detonar o outro olho dele.

Por mais que aquilo me animasse, ergui a cabeça.

- Não. Deixa pra lá. Acabou... Terminamos. – Cobri o rosto com as mãos. – Poxa, como vou colocar a cara na rua novamente?

- Sam, isso aconteceu uns sete meses atrás.

- E daí? Acabei de lembrar. – Voltei a gemer. – É horrível.

- Todo mundo já esqueceu, considerando-se todo o resto – ele falou com ternura.

- É, porque acham que eu matei a Cassie ou sou louca. – Baixei as mãos. Scott me observava, parecia estar achando graça e, ao mesmo tempo, oferecendo sua solidariedade. Olhei feio para ele, aí

vi como seus dedos estavam inchados sob o saco de ervilhas. – Está doendo?

- Valeu a pena – ele respondeu, dando de ombros.

- Obrigada – falei, me remexendo em cima do banquinho – Sei que eu era uma merda de irmã...

- Pode parar. – Ele acenou com a mão que não estava machucada, olhos fixos no saco de ervilhas. –

Vamos voltar à tal história de todo o mundo achar que você matou Cassie. Julie me contou o que as meninas disseram na festa de hoje. Você sabe que estão bancando as idiotas. Ninguém pensa isso.

Olhei para ele com displicência. Ele mudou de assunto perguntando o que Carson e eu tínhamos feito depois de sair do celeiro. Quando lhe contei que subimos os rochedos para ver se isso estimularia minha memória, fiquei com impressão de que a vontade dele era das com o saco de ervilha na minha cabeça.

- Os Rochedos são perigosos – ele resmungou ao se levantar. Levou o saco de ervilhas até a lata de lixo e se virou – Você não deveria subir lá.

Franzi o cenho.

- Por que não? Pode me ajudar a lembrar.

Ele jogou as ervilhas fora e foi lentamente abrindo o punho.

- Por que precisa se lembrar? Não vai mudar nada. Cassie continuará morta.

- Sei disso. – E não entendia por que ele era tão contrário à ideia. – Mas preciso saber o que aconteceu. Provavelmente não foi acidente e ela merece que se faça justiça.

- Cassie merecia um monte de coisas – Scott falou, revirando os olhos.

Fiquei de boca aberta.

- Scott! Isso não foi legal.

Ele me devolveu o olhar que eu havia lhe lançado pouco antes.

- Você não se lembra dela. Você não tem ideia de como ela era doida. E você era ótima antes de começar a andar com ela. Desculpe por não estar em frangalhos. – Ele fez uma pausa, expirando rispidamente. – Certo, não foi legal. – Ergueu os olhos para o teto. – Desculpe, Cassie, onde quer que esteja.

Desci do banco.

- Preciso saber a verdade. Preciso dar um fim nisso. Só então vou poder tocar o barco.

Os olhos dele encontraram os meus durante alguns segundos, aí ele ergueu as sobrancelhas, não para zombar de mim, e sim por estar preocupado.

- E se você não gostar da verdade, Sam? E se isso só piorar as coisas?

Era a pergunta que valia um milhão. A sensação de ter feito algo errado ressurgiu, envolvendo minhas entranhas, apertando-as até eu ter certeza de que logo teria úlcera de proporções épicas.

- Então vou ter que encará-la – eu disse enfim, voltando a me sentar. – Mas preciso saber. Seja isso bom ou ruim.

Scott olhou para o outro lado, enterrando os dentes no lábio inferior. Dava para ver que a conversa o incomodava, e eu sabia que a preocupação dele era a minha bisbilhotice para desenterrar algo com o qual eu não seria capaz de lidar. Tentei mudar de assunto.

- Quer dizer, então, que nosso pai não está em casa?

- Perguntei, e ele balançou a cabeça. – Ele não fica muito aqui, né?

- Provavelmente está no escritório. Ele passa um bocado de tempo lá. – Scott largou o corpo no banco ao meu lado e apoiou o queixo na mão intacta. – Volta para casa tarde.

- E nossa mãe está sempre na cama? – perguntei, virando-me para ele.

- Ela está praticamente se escondendo no quarto, mas é isso aí.

- Foi sempre assim?

Scott ergueu as sobrancelhas, aparentemente pensando na pergunta.

- Nos últimos cinco anos, sim. Eles mal se falam e só ficam alguns minutos na mesma sala.

- Por que ainda estão juntos? – Falei baixando os olhos.

- Quer uma resposta séria? - Quando fiz que sim ele riu baixinho. – Antes de perder a memória você sabia por quê.

- Sabia?

Ele concordou com a cabeça.

- Mamãe não vai se divorciar por causa do falatório das pessoas, a menos que continuar casada com ele possa ser ainda pior. Papai sabe disso e nunca vai deixa-la, porque... Bom, ela é dona dele.

- Dona dele? – eu disse, franzindo o cenho.

- Ele não tem nada sem a mamãe. – Scott riu, mas foi uma risada seca. – Todo o nosso dinheiro está do lado dela da família, e tenho certeza de que fizeram um acordo pré-nupcial bem sacana em que ela fica com tudo em caso de divórcio e ele só com que o tinha antes de casar, que não era muita coisa.

- Mas nosso pai trabalha. – Balancei a cabeça. – Mesmo que se divorciassem, ele teria o dinheiro que ganha trabalhando.

Scott riu com afetação.

- Você está esquecendo uma coisinha importante nessa história. Papai trabalha para a família da mamãe. Caso se divorciem, papai seria demitido, e nosso avô tem influência suficiente para impedi-lo de conseguir outro emprego do mesmo nível numa financeira.

- Droga – sussurrei.

- E se fosse ele, eu preferiria viver nas ruas, numa caixa de papelão, mas papai gosta deste estilo de vida. Ele não dava a mínima para o que as pessoas pensavam quando erámos crianças, mas agora... Ele sabe que a mamãe liga para isso, então aguenta qualquer coisa para segurá-la.

- Ah – eu disse, me recostando.

Depois disso, Scott e eu fomos um para cada lado. Voltei lá para cima e fechei a porta ao entrar no quarto. Exausta depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, eu só queria dormir. Meu cérebro ainda passava lentamente tudo o que eu descobriria e, mesmo com a lembrança das fotos de volta, eu sabia que ainda havia outras do meu namoro com o Del. Tinha de haver um bom motivo para eu ter ficado com ele depois de uma coisa como aquela. Eu era capaz de enumerar algumas pessoas que talvez pudessem me dar uma ideia clara e brutal de como era nosso relacionamento, mas, tirando essa gente, era bem restrito o número de pessoas que discutiriam o assunto comigo.

Será que Del e eu estávamos seguindo os passos de nossos pais? Casar por dinheiro. E por que esperavam isso de nós? Não fazia sentido, porque nós dois teríamos acesso a nossas próprias

fortunas.

Fui ao banheiro e apanhei a escova de dentes. Vislumbrei meu reflexo no espelho. Manchas escuras haviam aparecido sob meus olhos. Ao Espremer um pouco de creme dental sobre a escova, desviei os olhos por um, talvez dois segundos.

Cassie me devolveu o olhar, com sombras idênticas sob os olhos.

Ofegante, eu me joguei para trás. A escuridão sob os olhos se espalharam pelas maçãs perfeitas de seu rosto, seguindo o percurso de suas veias, como se alguém tivesse lhe injetado tinta. Não consegui desviar os olhos quando ela abriu a boca num grito mudo que arrepiou todos os pelos do meu corpo.

Não é real. Não pode ser real. Fechei os olhos bem fechados, contei até dez e voltei a abri-los. A imagem no espelho era a minha.

Respirando forte, apoiei a mão na pia e baixei a cabeça, tonta e nauseada. Vários segundos se passaram até eu ter certeza de que não ia vomitar.

Joguei a escova de dentes na pia e saí do banheiro, abalada até a alma. Puxei as cobertas e comecei a subir na cama, mas aí vi a ponta de uma coisa amarela saindo de baixo da caixa de música sobre o criado-mudo.

Meu coração capotou, eu sentei e estendi a mão, apanhando a caixa de música. Um pedaço amarelo de papel dobrado em triângulo retribuiu meu olhar feito uma cobra preparada para dar o bote. Uma enorme parte de mim queria devolver a caixa ao seu lugar, cobrindo completamente o papelzinho.

Em vez disso, com ar entalado no peito, peguei o bilhete e devolvi a caixa de música ao criado-mudo. Meus dedos estavam entorpecidos ao desdobrar o papelzinho, que revelou a caligrafia infantil.

Ele não pode saber que você se lembra.

Ele não pode saber que você se lembra?

Quem não podia saber? A pergunta manteve acordada boa parte da noite, apesar de eu estar exausta. E ainda havia outra grande pergunta: quem estava deixando aqueles bilhetes e por quê?

Quando amanheceu, mal consegui sair da cama e tomar um banho. A viagem até a escola com Carson e Scott foi silenciosa, mas imaginei que aquilo não duraria muito tempo.

E eu tinha razão.

Cochichos e olhares demorados me receberam no exato momento em que passei pelas portas duplas. A notícia do meu acidente e do fiasco da festa no celeiro haviam chegado àqueles que não estiveram lá. Parecia que todos sabiam a respeito do cara no banco de trás que não poderia ter existido.

Dirigindo-me ao meu armário, vi Del no fim do corredor. Parecia saído na mão com um pugilista profissional e que tinha perdido.

O olho esquerdo inteiro estava inchado e fechado, a pele recoberta por um hematoma azul arroxeado que parecia dolorido. Ele também recebia muitos olhares.

De cabeça baixa, apanhei rapidamente meus livros da manhã e corri na direção oposta.

Não me safei.

- Sammy – Del chamou, não muito atrás de mim.

Como o coração na garganta, continuei andando. A última coisa de que eu precisava naquele momento era um escândalo. As pessoas já tinham motivos suficientes para falar de mim.

- Droga – ele grunhiu, me alçando na escadaria. Segurando meu braço, ele me deteve. – Vai simplesmente me ignorar?

Eu me virei, inspirando forte. De perto, o olho roxo era ainda pior, mas havia certo brilho no olho bom. Um brilho que me gelou por dentro, me deu vontade de sair correndo.

- Precisamos conversar – retruquei balançando a cabeça.

Ele se inclinou, deixando a cabeça a poucos sentimentos da minha. Seu hálito cheirava a menta.

- Você me deve pelo menos a chance de me explicar, principalmente depois do que seu irmão fez.

O pavor que eu sentia foi rapidamente substituído por irritação, e soltei meu braço, sem me importar com o que as pessoas pensariam. Eu devia a ele?

- Não devo nada a você. Del.

Ele soltou o ar e disse:

- Sei que está brava, e entendo, mas só quero conversar. Você não pode simplesmente romper comigo e deixar por isso mesmo. Não pode tomar uma decisão dessas sem me dar a chance de consertar as coisas.

Fiquei de boca aberta, dei um passo para trás e bati na quina de uma vitrine cheia de placas e medalhas.

- Escute, sinto muito. O Scott talvez não devesse ter batido em você, mas a decisão é minha. Não preciso de sua permissão.

Ele contraiu o músculo da mandíbula.

- Não foi o que eu quis dizer. Sei que você não precisa da minha permissão. Você está deturpando o que eu disse.

Bem na nossa frente, algumas pessoas tiraram os celulares do bolso e começaram a mandar torpedos. Desanimei um pouco, sabendo que, quando começasse a primeira aula, a notícia já teria se espalhado por toda a droga da escola.

- Del, não quero falar sobre isso. Talvez mais tarde...

- Mais tarde? Promete? – Ele voltou a segurar minha mão. – Prometa, e eu acredito. Certo? Porque, de todas as pessoas, sou eu sempre quem lhe dá cobertura. Sammy, você só não percebeu ainda.

Abri a boca, mas nada saiu dela. O desespero que ele emanava cobriu minha pele feito uma substância suja e gosmenta. Por que aquela ânsia toda para salvar o namoro? Já não era grande coisa antes e nem aqui nem no inferno era algo pelo qual valesse a pena lutar, agora que eu havia perdido a memória.

- Tudo bem aí? – A voz da senhora Messer saiu do nada.

- Samantha?

Del soltou minha mão, e eu me virei, engolindo em seco.

- É, tudo bem.

- E com você? – disse, voltando seus olhos escuros para Del.

Ele fez que sim e recuou um passo, antes de dizer:

- Tudo ótimo.

- Então vão para suas aulas – ela respondeu friamente. Voltando-se para mim, Del abriu um sorriso com canto da boca, que saiu desengonçado por causa do olho roxo.

- Mais tarde.

Eu não disse nada quando ele girou nos calcanhares e foi embora, a passos largos. O asco ainda estava a flor da pele e começava a se aprofundar. Apertando com força alça da bolsa, fiquei arrepiada.

- Tudo bem mesmo, Samantha? – senhora Messer perguntou baixinho, detendo-se ao meu lado.

Balançando afirmativamente a cabeça, fiz o possível para manter a regularidade da voz.

- Sim. A gente só estava conversando.

O olhar dela não deixava passar nada.

- O estado do rosto dele é algo com que eu deva me preocupar?

- Não – eu disse, chacoalhando a cabeça. – Tenho de ir.

- Vejo você amanhã de manhã – falou a senhora Messer, concordando com a cabeça.

Não havia como escapar daquelas reuniões, mas era melhor que a outra opção: um psiquiatra de verdade. Correndo para a aula eu me sentei à carteira segundos antes de o sinal tocar. A aula de inglês não foi ruim. Era a aula seguinte que me deixava apavorada.

Verônica estava me esperando quando entrei e me dirigi à carteira onde eu me sentava desde que havia voltado para a escola. Esticou um braço magro para não me deixar passar.

- Não pode se sentar aqui.

Por um segundo, brinquei com a ideia de agarrá-la pelos cabelos já danificados por tanta tintura e chapinha e arrastá-la até o chão.

- Por que? – indaguei.

Ela contorceu os lábios num sorriso gélido que me pareceu estranhamente familiar. Em sua carteira, Candy riu desdenhosamente.

- Senhor Dase? - ela ergueu a voz, balançando o braço para frente e para trás – Senhor Dase?

- Que foi Candy?

- O senhor podia pedir à Sammy para se sentar em outro lugar? – ela implorou – Não estamos à vontade sentadas perto dela.

Senti minhas bochechas queimarem quando dezenas de rostos se viraram para mim. Um deles se destacava: o gótico.

Eu esperava que ele estivesse adorado o fato de eu levar o troco por todos os anos de maus tratos a que eu o havia submetido. Em vez disso, seus olhos amendoados pareciam simplesmente tristes atrás dos cabelos preto e espetados.

O senhor Dase ergueu as sobrancelhas.

- Por que não se sentem à vontade, Candy?

- Tudo bem – eu falei, odiando o tremor na minha voz ao me dirigir a uma carteira vazia nos fundos. – Posso me sentar aqui atrás.

Satisfeito com a solução, ele voltou a folhear seus papéis, mas, com o canto do olho, vi Verônica lançar um olhar mordaz para Candy.

- Senhor Dase – Candy choramingou, balançando o braço outra vez.

Eu me sentei e segurei as beiradas da carteira.

- Sim? – fez o senhor Dase, suspirando.

Candy se empertigou na carteira, estufando o peito e arqueando as costas.

- Não quero que ela se sente atrás de mim – baixou a voz até parecer uma atriz ensaiando nos palcos. – O senhor sabe que ela foi a última pessoa a ver Cassie viva, né?

Meus dedos doíam de tanto apertar a carteira. Beleza. Era isso então. Havia uma boa chance de eu machucar uma delas ou duas delas.

A expressão do nosso professor continuou displicente.

- Tenho certeza de que você está perfeitamente segura aí onde está.

Ele passou a fazer chamada e isso obrigou Candy a se calar, mas o mal já estava feito. Fervilhando de raiva e vergonha, eu não absorvi nada do que foi tratado na aula. Quando o sinal tocou, tive que fazer um grande esforço para sair da sala sem confrontá-las. O riso das duas me acompanhou por boa parte das minhas aulas.

Na de biologia, imaginei que Candy ficava quieta sem Verônica e por perto, e me perguntei se o papel de dar ordens um dia tinha sido meu, e não de Verônica. Obrigar as outras garotas a fazer maldades terríveis só por despeito ou tédio.

Agora eu acreditava em carma. Meu dia de bosta ficou um pouco melhor quando Carson entrou na sala. O sorriso no meu rosto não saiu forçado nem fraco. Saiu largo e idiota: verdadeiro. Ele não devolveu o sorriso ao se sentar ao meu lado, e a sensação de felicidade murchou.

- Por que Scott deixou o Del com um olho roxo? Ele não quer me contar.

- Ah. – Não foi o que eu esperava. Olhando de relance para a frente da sala, vi que Candy tentava escutar. Apertando a caneta para não transformá-la numa arma de destruição em massa, tomei o cuidado de falar em voz baixa. – Del não fez nada.

- Não? – ele me questionou com a voz baixa e ameaçadora. – Porque eu estou pensando o pior e se for isso mesmo, ele vai ter mais um olho roxo até o fim do dia.

Arregalei os olhos.

- Não... Não, nada disso. Eu terminei com ele, aí me lembrei de uma coisa que ele fez. A gente se exaltou um pouco depois disso e ele não queria ir embora. Scott, digamos, cuidou disso.

- Como assim ele não queria ir embora? – Havia raiva cintilando em seus olhos azuis, com uma necessidade feroz de me proteger que me fez querer sorrir feito uma imbecil.

- Não é nada demais, na verdade. Agora está tudo bem. – Com a exceção do fato de que Del achava que poderia negociar nosso relacionamento.

Carson não pareceu acreditar muito, mas ele se aproximou, pressionando o joelho contra o meu.

- Do que foi que se lembrou?

- Hã, é meio constrangedor.

- Eu aguento – ele disse, sorrindo.

Minha boca tremeu.

- Tenho certeza de que você aguenta, mas não sei se eu aguentaria. – Fiquei a observá-lo enquanto ele esperava e suspirei ao perceber que ele não ia desistir. – Tenho certeza de que você já sabe. Tem a ver com... umas fotos num celular.

Ele arqueou uma sobrancelha e aí se recostou ao deduzir o que era.

- Seria por acaso algo que aconteceu há uns sete meses?

Eu assenti, e todo o meu rosto ficou quente.

- É, bom, eu não fazia ideia de que ele tinha fotografado tudo enquanto... acontecia. – Concentrando minha atenção na nuca de Candy, continuei quase agoniada. – Não sei por que o perdoei na ocasião. Não consigo sequer entender. É nojento.

- Então você não achou que estava tudo bem?

- Pelo que me lembro, não mesmo. Fiquei putíssima. – Olhei para ele sem erguer as pálpebras – Então... você viu as fotos?

Ele me observou durante tanto tempo que chegou a ser ridículo. Uma emoção breve e indiscernível passou rapidamente por seu rosto.

- Vi.

- Ótimo. – Empurrei um fio de cabelo para trás da orelha, em busca de uma maneira urgente de mudar de assunto. – Achei outro bilhete ontem à noite, depois que Del foi embora.

- E o que dizia?

Ele também pareceu ficar aliviado com a mudança de assunto. Saquei o bilhete e o mostrei para ele. Mais uma vez, outra expressão indistinta apareceu enquanto ele lia.

- Seria legal saber quem é “ele” – disse, dobrando o papel e devolvendo-o – Quem você acha que está deixando esses bilhetes?

- Não sei – murmurei, enfiando o bilhete na bolsa. – Teria de ser alguém com acesso a minha casa, o que realmente limita a quantidade de suspeitos.

Carson concordou, e não tivemos mais tempo de discutir possíveis suspeitos. A aula começou e

tivemos de estudar o crescimento celular em plantas, dividindo o microscópio. Meu braço formigava toda vez que nossas mãos se tocavam ao trocarmos as lâminas.

Depois da aula, ele me acompanhou até o armário e esperou até que eu estivesse pronta para ir à lanchonete. Não sei dizer se ele estava de olho no Del ou se, tanto quanto eu, só não queria sair do laboratório de biologia.

Ao nos aproximarmos das portas e do recinto lotado, eu parei.

- Vou para lá em dois minutos.

- Ok.

Ele pareceu relutar em entrar, mas eu sorri e ele concordou com a cabeça, passou por mim e desapareceu.

Aguardei pela única pessoa que eu esperava que seria franca comigo, ignorando os olhares de quem passava por mim. Avistei Julie mais adiante. Ela vinha pelo corredor, e a saia comprida ondulava em volta dos seus tornozelos a cada um de seus passos. Ao me ver, seus lábios se abriram num sorriso, que logo se apagou quando agarrei o braço dela.

- Oi – ela disse, olhando ao redor. – Que foi?

- Podemos conversar num lugar mais reservado?

Julie fez que sim com a cabeça, e seu rabo de cavalo acompanhou o movimento.

- Podíamos ir para o laboratório de informática. Não fica ninguém lá na hora do almoço.

Perfeito. Eu a segui pelo corredor, passamos pela biblioteca e entramos no laboratório gelado e silencioso. Ela largou a bolsa numa cadeira.

- O que foi?

Inspirei fundo e aí disse uma coisa que já deveria ter dito havia dias, se não semanas.

- Não quero que pareça uma obrigação, mas antes de mais nada, sinto muito por tudo que eu tenha dito ou feito para você. – Senti o calor se insinuando nas maçãs do meu rosto. – Não foi correto, por zilhões de motivos, e tenho essa sensação de que você provavelmente era minha única amiga de verdade e que eu estraguei tudo.

Julie hesitou.

- Sam, eu poderia ficar uma semana inteira enumerando todas as merdas que você aprontou, mas, sinceramente? Você não é a mesma pessoa. Quando Scott me disse que você tinha... que tinha mudado, eu não acreditei, mas vi que era verdade no dia em que você se sentou à nossa mesa, e ainda é verdade. Está no seu jeito de falar, de se portar e olhar para as pessoas. Você me faz lembrar a pessoa que costumava ser, e isso já é mais que suficiente como pedido de desculpas. E, se qualquer maneira, é coisa do passado. Já deixei para lá.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não foi exatamente um “discurso de perdão”, mas chegou perto, e eu aceitei.

- Beleza. Quero perguntar uma coisa e quero que você seja sincera.

Julie segurou a ponta do rabo de cavalo e começou a enrolá-la nos dedos.

- Ok.

- Eu me lembrei de uma coisa ontem à noite, tem a ver com o Del e eu. Ele tirou umas fotos minhas...

- Aquelas fotos em que você está fazendo um boquete nele feita estrela de filme pornô?

Fiz uma careta.

- É, obrigada, mas eu não sabia que ele estava tirando as fotos. Acho que vi as imagens no celular dele e estourei.

- Você não sabia? – Ela se recostou na beirada da escrivaninha e apertou os olhos. – Mas ele é um babaca mesmo.

- Foi o que pensei – Eu me apoiei na mesa ao lado dela.

- Mas eu o perdoei e não sei por que teria feito isso. Eu esperava que você pudesse me dizer...como eu era quando namorei o Del.

- Ah, uau. – Julie piscou. – Sinceramente?

Fiz que sim. Ela soltou uma risada breve.

- Nem sequer tenho certeza se você o amava de verdade ou se era, sei lá, esperado que vocês

ficassem juntos. Suas famílias são as mais ricas do condado. Os dois eram populares e bonitos. As pessoas pressupunham que vocês ficariam juntos. Bom, era você ou a Cassie, quando a mãe dela voltou e morou aqui, mas não acho que alguém tenha realmente cogitado a possibilidade antes de ela crescer um pouco mais.

- Ela queria namorar o Del?

- Ela queria tudo que você tivesse, se quer saber. – Ela continuava enrolando os cabelos na mão. - Para ser sincera era assustador como ela tentava se parecer com você. Sempre achei que faltava muito pouco para ela aprontar com você, no *estilo Mulher solteira procura*. E o Scott também achava.

- Então você acha que eu só estava com Del porque era o que todo mundo esperava? – Meu cérebro se rebelou contra essa ideia. Todas as razões que ela havia enumerado eram tão fúteis que chegava a ser patético, droga.

- Acho que sim. – Ela se virou para mim, inclinando a cabeça de lado. – Quando éramos mais jovens, na escola, você era apaixonada pelo Carson.

Senti um aperto na barriga ao ouvir o nome dele.

- Vocês dois estavam sempre juntos, mas aí a Cassie entrou em cena – ela disse, quase com tristeza. – E depois o Del.

Vergonha e culpa se misturaram no meu estômago, e eu baixei o queixo.

- Não entendo onde foi que perdi o rumo. Como pude simplesmente me afastar das pessoas e aceitar o que o Del fez?

- Não acho que você tenha aceitado. Você agia como se tivesse – Ela suspirou. – Mas eu sabia que não. Você ficou envergonhada quando as fotos começaram a circular. E eu ficava furiosa de ver você agindo como se estivesse tudo bem. Era muita submissão, e eu tinha vontade de bater em você. Sério.

- Devia ter batido.

- Vou me lembrar disso da próxima vez – disse Julie com uma gargalhada.

Sorri.

- Não podem ter sido só a Cassie e o Del que me fizeram mudar.

- Não acho que foi. – Ela se afastou da bancada. – Acho que sua mãe teve muito a ver com isso. Ela detestava nossa amizade, porque não sou sócia do clube de campo ou sei lá o quê. – Ela revirou os olhos. – E só Deus sabe como ela me odeia porque Scott me ama. Seu pai parece levar numa boa, ou pelo menos finge muito bem. Mas, então, você ficou igualzinha à sua mãe. Não sei como foi que Scott saiu tão diferente. – Ela soltou o rabo de cavalo, jogando-o por cima do ombro, e pegou a bolsa. – Você agiu como seus pais, Sam. Eles fariam qualquer coisa para manter a pose. Mesmo que tivessem de mentir para não perder prestígio, e foi o que você fez quando as fotos apareceram. Você agiu exatamente como eles, e tenho certeza de que, se sua mãe achasse que conseguiria, só para garantir que o filho não namorasse mais uma plebeia, ela faria isso.

Minha vontade era dar risada, mas não tinha certeza se ela estava brincando.

Quando cheguei da escola, minha mãe esperava por mim com uma taça de cristal cheia de vinho na mão. Da maneira como ela retorcia a boca de insatisfação, eu sabia que não era boa coisa. Fui para a pequena sala de estar, larguei a bolsa e o corpo sobre o sofá.

Ela me seguiu.

- A mãe do Del me ligou hoje à tarde.

Peguei uma revista e fingi não fazer ideia do que ela estava falando

- O papo foi bacana?

- Não foi, não - ela disse, sentando-se na poltrona de couro. - Ela me contou que o Scott bateu nele. E que você terminou o namoro. Eu garanti a ela que não passava de um mal-entendido.

Fiz aquela cara.

- Você não quer saber por que o Scott bateu nele? - Eu a vi bebericar o vinho e senti uma onda de raiva. - Ele não queria ir embora. Foi depois de eu tentar romper com ele e descobrir sobre aquelas fotos, mãe.

A mão dela tremia ao deixar a taça sobre a mesinha de lado.

- Samantha...

Virando-me para ela, eu queria que ela entendesse como eu me sentia. Talvez eu quisesse que ela me visse como eu era no momento.

- Mãe, eu não sabia que ele tinha tirado as fotos. E não achei que estava tudo bem.

Ela piscou, alisando as calças de linho com uma das mãos.

- É bom saber disso. Detestaria pensar que você não se importava com uma coisa tão... vulgar.

Vulgar não era a única palavra que eu usaria. Nojenta. Ultrajante.

- Então você deve entender por que não posso ficar com ele.

- Amor, o que ele fez não foi bonito, mas ele cometeu um erro. - Ela colocou a taça de vinho no consolo da lareira. - Todos cometem.

Calada pelo espanto, eu a encarei.

Passando os dedos pelos braceletes dourados que lhe contornavam os pulsos, ela se sentou, toda empertigada.

- Seu pai... Ele cometeu erros. E não estaríamos casados há tanto tempo se não tivéssemos aprendido a perdoar.

Fui saindo aos poucos do meu estupor.

- Del tirou fotos enquanto eu fazia nele um bo...

- Sei disso, Samantha. - Ela franziu o nariz. - Mas esse incidente já foi há tanto tempo. Tenho certeza de que ele se sente muito mal por ter feito isso. Ele só pode se sentir muito mal.

Não acredito que você consiga aceitar que eu o namore depois disso tudo.

Minha mãe suspirou.

- Não gosto do que ele fez, Samantha, mas ele é jovem e é homem. Só Deus sabe que não será a última estupidez que ele fará na vida.

- Será a última estupidez que ele fará comigo!

Ela me ignorou.

- Você tem todos os motivos para ficar chateada com ele. Não a culpo, mas acho que devia conversar com ele. A mãe dele e eu estávamos comentando que, depois... bem, depois de tudo, faria bem a vocês dois um tempinho para voltarem a se conhecer sem todas essas influências externas deixando você confusa.

Havia uma boa chance de que, voltando da escola, eu tivesse feito a curva errada e ido para na terra dos doidos. Uma parte de mim tinha vontade de rir do absurdo que era minha mãe defender o Del por ter feito alto tão baixo, mas a outra parte, a parte mais substancial, não conseguia decidir se estava aborrecida ou transtornada.

- Influências externas que me deixam confusa? eu disse enfim.

Ela assentiu. - Bom, entre a Cassie e a perda da memória, é compreensível que você levasse algum tempo até...

- Por que você quer tanto que eu fique com o Del? - eu a interrompi. - Não entendo. Isso é normal? As mães costumam se meter tanto assim?

Algo passou rapidamente por seus olhos, rápido demais para que eu conseguisse identificar.

- É importante para o seu pai e para mim que você namore alguém capaz de cuidar de você e que seja da mesma envergadura.

Havia mais alguma coisa. Eu sabia que sim, mas, como tudo o mais, estava muito além do meu alcance. Sem saber se era realmente importante, deixei para lá.

- Mãe, não vou voltar para o Del. Tenho tanto nojo dele que até as minhas células querem distância.

Pegando a taça, ela me observou por cima da borda de cristal.

- Você não tem passado muito tempo com suas amigas.

- Minhas amigas são babacas.

- Samantha! - ela exclamou, me olhando como se eu a tivesse ameaçado com uma faca.

Resisti à vontade de sorrir.

- É verdade. E pode esquecer que eu também não vou reatar com elas.

- Acho que está exagerando. - Ela terminou o vinho e sorriu. Em nada arranhou a beleza frígida de seu rosto. - Você tem a tendência de exagerar.

- Elas estão me chamando de *Sam Insanidade* e insinuando que eu tive algo a ver com o que aconteceu com a Cassie.

- Minha mãe se retraiu. Talvez eu devesse ter aliviado a mão e não revelado daquela maneira minha derrocada social. Tarde demais. - Daí que eu não estou exagerando, não.

Ela abriu a boca, mas aparentemente resolveu pensar duas vezes antes de falar. Eu a observei naquele raro momento em que ela de fato parecia estar pensando em vez de beber e se decepcionar comigo.

Enrijeci.

Tão logo esse último pensamento se formou, senti aquela onda de familiaridade e angústia. Entendi no mesmo instante que eu já tinha estado diante dela naquela mesma situação. A de não querer decepcioná-la e não saber como fazer isso ou mesmo se isso seria possível.

Lágrimas idiotas ardiam no fundo dos meus olhos, e eu baixei o olhar. Minha mãe cerrou o punho livre. Os nós de seus dedos estavam brancos. Senti um aperto na garganta.

- Sei que está decepcionada...

- Não, amor, não estou. - Ela veio se sentar ao meu lado, mas eu continuei cabisbaixa, porque não sabia ao certo se ela mentia.

E, como se uma peça do quebra-cabeça se encaixasse, de repente entendi que a decepção que ela sentia não se dirigia só a mim, mas também a ela mesma. Era algo que eu já devia saber antes daquela noite nos rochedos.

- Amor, eu só quero o melhor para você. Só isso. - Ela fez uma pausa para tirar uma mecha de cabelos do meu rosto. - E você está seguindo um caminho que eu não sei se é o melhor para você. Romper com o Del, afastar suas amigas...

Era a coisa certa a fazer, mãe - falei, balançando a cabeça.

Ela hesitou.

- E você tem andado bastante com o Carson, né?

Ergui a cabeça e ela recolheu rapidamente a mão.

- E daí?

- O pai dele limpa o escritório do seu pai para ganhar um dinheirinho extra, Samantha. Não é alguém para você namorar.

- Bom, não estou namorando o pai dele, estou? - falei rispidamente. A discussão toda era ridícula. - Nem sequer estou namorando o Carson.

- Mas gosta dele.

- Sim. Gosto mesmo, mãe. Não sei por que você tem um problema com isso. Você se casou com o

papai! Ela arregalou os olhos. Eu a tinha pego. - Ele não tinha dinheiro.

- Seu pai cursava Yale quando eu o conheci. É diferente.

- Diferente como? - eu quis saber. Ele não tinha dinheiro mesmo assim, e Carson vai para a Penn State.

Ela não respondeu de imediato e, quando o fez, não foi o que eu esperava.

- Seu pai... Fie me virou a cabeça, Samantha. Seu olhar ficou distante e a máscara que ela usava caiu. Quase consegui imaginar como ela devia ser quando conheceu meu pai.

- Nos encontramos por acaso, numa festa, e ele era diferente de todos os rapazes que eu conhecia. E, como estávamos na mesma universidade, supus... Bem, supus que ele fosse como eu. Meu pai não ficou nada contente quando a verdade veio à tona e talvez eu devesse ter...

Talvez ela devesse ter escutado o pai dela? Minha mãe não disse isso. Mas eu sabia que era nisso que ela estava pensando e não tinha certeza de como devia reagir àquilo.

Inspirando de leve, ela balançou a cabeça.

- Você merece alguém que possa lhe oferecer o mundo numa bandeja, alguém que não dependa de outras pessoas. Está me entendendo?

Eu achava que sim.

- Mas o dinheiro não nos oferece o mundo numa bandeja, mãe. Não tudo.

Ela abriu a boca, mas outra porta também se abriu em algum lugar da casa. Os passos de meu pai soaram pesados e rápidos. Minha mãe se virou para a porta e, no instante em que ele entrou, com as sobrelhas escuras quase unidas e a mandíbula cerrada, percebi que não era boa coisa.

- O que foi, Steven? - minha mãe perguntou, levantando-se, mais uma vez fria e arredia como sempre.

Meu pai olhou para ela. Depois para mim. Parecia que ele tinha passado os dedos pelos cabelos um bocado de vezes, como no dia em que ele havia entrado no meu quarto no hospital.

- Joanna, não entre em pânico. Vai ficar tudo bem. É só uma formalidade.

Ela cruzou os braços magros à altura do peito.

- Não foi uma maneira lá muito tranquilizadora de começar.

- Precisamos levar a Samantha à delegacia de polícia — ele disse, apontando os olhos mais uma vez para mim, e sorriu. Minha garganta ficou seca. — O investigador Ramirez quer fazer umas perguntas, e o Lincoln já está lá nos esperando.

O zumbido nos meus ouvidos abafou o que minha mãe disse. Lincoln era o advogado da família.

Eu me levantei de pernas bambas, e engoli em seco, com força.

- Pai - gemi.

Ele estava bem na minha frente, segurando delicadamente meus ombros.

- Está tudo bem. Eles só querem fazer umas perguntas.

- Mas eles já me fizeram perguntas, várias e várias vezes. E nunca me fizeram ir até *lá* antes. - Olhei por cima do ombro dele. Minha mãe tinha se afastado para um canto e apertava as têmporas com os dedos.

- Não a quero lá dentro sozinha - minha mãe falou, me surpreendendo. - Eu vou...

- Não. - Meu pai aprumou os ombros. — Fique aqui. Eu cuido disso.

- Mas por que tenho de ir até lá? - perguntei.

Mais uma vez. Ele tentou sorrir.

- Porque é assim que o procedimento legal exige que eles façam as coisas, amor. É melhor darmos a impressão de que não temos nada a esconder.

- Não temos nada a esconder.

Antes, quando Ramirez tinha nos visitado, meu pai não havia se mostrado nem um pouco disposto a discutir o que quer que fosse com o investigador. Alguma coisa tinha mudado.

A sala de interrogatório não tinha nada a ver com o que aparece na televisão. Não tinha aquele espelho que só reflete a luz de um lado; era só uma salinha pequena, com quatro paredes vazias, uma mesa e três cadeiras.

Thomas Lincoln, um advogado fora de série, estava sentado perto de mim e do investigador

Ramirez, que nos observava do outro lado da mesa. Havia um bloco de notas diante do policial e uma canela que ele não parava de girar nos dedos. Eu não conseguia deixar de olhar para a caneta. Diante do meu advogado eslavo o mandado autorizando a busca que ocorria naquele exato momento. Os policiais estavam passando um pente fino na minha casa, bagunçando as finas baixelas de porcelana da minha mãe.

Ela devia estar sofrendo um AVC naquele exato momento.

Sei que eu estava prestes a ter um também, principalmente já que meu pai havia ficado fora da sala. Ele tinha sido autorizado a entrar, mas Lincoln aconselhou veementemente que não fizesse isso.

Eu só pensava nos bilhetes, que estavam na minha bolsa que estava comigo. Como é que eu ia explicar os bilhetes se resolvessem vasculhar minha bolsa? Ah, sim, eu não fazia ideia de quem os deixava, mas eram esquisitos, não? É, nada bom.

- Você vai ler os direitos da Samantha? — Lincoln perguntou, recostando-se em sua cadeira.

Ramirez bateu com a caneta na mesa e disse:

- Eu só quero fazer umas perguntas e, a menos que a senhorita Franco confesse alguma coisa, não vejo por quê. A esperança se acendeu no meu peito.

- Ah. Entendi. Você só queria tirá-la de casa para fazer a busca - Lincoln falou. - Ai, se encontrassem alguma coisa ela já estaria aqui.

Minha esperança morreu numa explosão de chamas.

O investigador o ignorou e voltou seus olhos cansados para mim. Eu duvidava de que a lista de adolescentes suspeitas de homicídio por aquelas bandas fosse extensa. Aquilo devia incomodá-lo.

- Antes que eu passe às perguntas que quero fazer, você descobriu ou lembrou alguma coisa desde a última vez que nos falamos?

Ramirez provavelmente não queria ouvir que minhas amigas e meu ex-namorado eram uns babacas.

- Nada - eu disse, contando uma meia mentira. Nada do que eu tivesse me lembrado era concreto ou fazia o menor sentido. - Mas estou tentando. Fui à casa da Cassie e.

- Samantha, você não é obrigada a contar isso a ele - Lincoln me informou, tocando meu braço.

Eu me recostei e cruzei os braços.

Ramirez olhou de relance para o advogado, dilatando as narinas como se tivesse sentido um cheiro ruim.

- Senhorita Franco, pode terminar o que ia dizendo.

- Sugiro que não - Lincoln falou.

Confusa, olhei ora para um dos homens, ora para o outro.

- Não é nada demais. Fui à casa da Cassie uma vez e cheguei a ir ao lago e aos rochedos. - Lincoln se empertigou ao meu lado, mas, sério, eu não tinha feito nada de errado indo *aqueles lugares*. - Eu esperava que me trouxessem alguma *lembrança*, mas não foi o que aconteceu.

- *Por* que achou que poderiam trazer? - Ramirez perguntou.

- Minha orientadora educacional disse que eu deveria me *cercar* de coisas familiares, mas não está funcionando.

- Interessante - ele murmurou. - Você foi até lá sozinha?

Travei.

- Eu fui ao lago sozinha.

- Foi quando sofreu o acidente de carro? - Eu fiz que sim e ele rabiscou alguma coisa. - E das outras vezes? Estava sozinha?

A necessidade de mentir e proteger o Carson parecia irracional, mas eu não queria tocar no nome dele. Só que o avô da Cassie tinha nos visto.

- Um amigo foi comigo à casa da Cassie e mais tarde também, quando voltei aos rochedos.

- E quem era esse amigo?

Roí a unha.

- Carson Ortiz.

Ele assentiu e não consegui deduzir o que aquilo queria dizer.

- Alguma outra coisa que queira me contar?

Olhei de relance para o Lincoln, que dava a impressão de querer tapar minha boca com *silver tape*.

- Não.

- Muito bem. - Faltava calor humano ao sorriso de Ramirez. – Há uma ou duas coisas que eu gostaria que você respondesse ou comentasse, e, assim que meus colegas retornarem, você será liberada para voltar para casa, tudo bem?

Nervosa, fiz que sim com a cabeça.

- Recebemos o laudo da autópsia da Cassie, enviado pelo legista. - Ele reparou que eu fiquei arrepiada e continuou.

O laudo da toxicologia mostra que ela tomava antidepressivos e tinha fentermina no organismo.

- Fentermina? perguntei.

- Remédio para emagrecer - Lincoln explicou, reajustando o botão ainda fechado sobre a barriga saliente. - Fora o fato de que a maioria das adolescentes desconhece o termo, minha cliente sofre de amnésia dissociativa, como você bem sabe. Não sei aonde quer chegar.

— Sei disso, mas eu esperava que a informação talvez lhe soasse familiar - Ramirez respondeu, e alguma coisa em seu tom de voz me deu a impressão de que ele não estava totalmente convencido de que eu tinha amnésia. E eu estava certa.

- Andei pesquisando um pouco esse... esse transtorno. Parece que é as pessoas fingirem...

Meu queixo caiu.

- Não estou fingindo!

Lincoln apertou meu braço: uma advertência.

- Investigador Ramirez, concordamos em vir aqui e responder às suas perguntas, mas, se é para fazer insinuações a respeito da condição clínica da Samantha, uma condição que vários médicos podem atestar, então a entrevista termina aqui.

- Não sugeri que ela estivesse fingindo, e sim que é possível fazer isso - ele falou. Para mim, era mentira, mas vamos lá. - Não há nada de mal em perguntar - ele continuou. - Não quando se trata do

homicídio de uma moça.

Eu me retesei.

- Então ela foi mesmo assassinada? Não foi um acidente?

O investigador fez uma cara estranha. Ele se debruçou, apoiando um cotovelo na mesa, com a caneta na mão.

- Não. Não foi acidente. A autópsia mostrou que não.

A sala girou para a esquerda e fechei os olhos bem fechados. Doía toda vez que eu respirava. Assassinada. Eu não precisava mais imaginar e reimaginar o que poderia ter acontecido. Ela tinha sido assassinada.

- Quero saber o que aconteceu - minha voz saiu miúda e rouca.

A mão no meu braço sofreu um espasmo.

- Samantha, não sei se você quer mesmo saber.

Abri os olhos, e os dois homens olhavam fixamente para mim. Uma parte de mim estava nauseada, não queria saber, mas eu a reprimi até onde foi possível.

- Eu preciso saber.

Fez-se uma pausa.

- A autópsia mostra que não havia água nos pulmões. Ela não se afogou.

Senti um tiquinho de alívio. Morrer afogada era horrível.

- Então o que aconteceu?

- Os resultados mostraram que Cassie muito provavelmente morreu graças a um traumatismo craniano fechado. – Raminez começou a bater a caneta na mesa, concentrando no meu rosto seu olhar analítico e treinado. - Ela já estava morta antes de chegar ao lago.

- Mas ela poderia ter caído, certo? - Olhei de relance para Lincoln. Ele parecia apoplético, de cara vermelha e tudo mais.

A caneta de Ramirez ficou Imóvel.

- Os peritos foram até lá. Não há como uma pessoa evitar a encosta e cair no lago sem pular, ser empurrada com força ... ou arremessada. E é muito improvável que ela tenha despencado e rolado do rochedo acima da cachoeira.

- Foi o que pensei.

Minha voz saiu rouca. Droga. Quem diria que estar certa podia ser um saco?

- Samantha - Lincoln se interpôs. - Volto a insistir para você ficar calada.

O investigador caiu em cima feito um bando de cachorros' na cola de um gato manco.

- Como assim, foi o que pensou?

- Não responda - aconselhou Lincoln, bufando.

Eu o ignorei.

- É só que, quando fui aos rochedos, me ocorreu que seria difícil cair de lá até o lago sem... ser empurrada. E eu devo ter caído, porque me... me lembro de subir em alguma coisa.

- Achei que não se lembrasse de nada... - O investigador foi incisivo.

Rangi os dentes ao perceber a impressão que aquilo devia ter causado.

- Não é uma lembrança nítida, são só fragmentos e uma sensação. Nem sequer sei se é real.

Ele me observou durante alguns segundos.

- Essa lembrança de subir em alguma coisa? Acha que são rochedos?

- Acho que sim. - Baixei os olhos. - Não me lembro mesmo de mais nada. - Ou seja, fazia sentido. Ergui as pálpebras, enfrentando seu olhar penetrante. - Eu queria me lembrar, de verdade. Ninguém mais quer saber o que aconteceu naquela noite tanto quanto eu.

- Fora a mão de Cassie - ele me corrigiu, recostando-se. Seu olhar tenebroso voltou-se para o advogado. - Obviamente, vocês duas estiveram no rochedo. Já estabelecemos isso como fato. Uma de vocês sobreviveu. A outra morreu. Resta a pergunta: havia uma terceira pessoa, senhorita Franco?

Deixei escapar o ar que, sem perceber, eu vinha prendendo.

- Não sei.

Quando cheguei em casa, meu quarto estava uma bagunça. Saber que estranhos haviam revirado minha gaveta de calcinhas e sutiãs me deixava arrepiada. Eu me senti invadida. Nada havia ficado a salvo na busca. Nem mesmo minha cama. O que eles achavam que eu esconderia ali? Levaram meu notebook também. Perícia forense. De acordo com Ramirez, iriam devolvê-lo em uma semana.

Torci para não ser viciada em pornografia e ter me esquecido disso.

Levei uma boa parte do começo da noite arrumando meu quarto. Principalmente porque minha mãe não parava de entrar e sair, me atrapalhando. Pálida e desacorçada, ela me deixou sozinha e voltou logo depois, me trazendo um sanduíche de frios. Aquilo me surpreendeu e também me assustou. Dava para ver que ela não parecia preocupada com o que os amigos esnobes iam pensar depois de tudo aquilo.

Preocupada, sim, mas desta vez era comigo.

Aquilo não me fez sentir melhor. Porque eu sabia que havia uma razão para me preocupar. O interrogatório - hã, a sessão de perguntas — degingolou logo depois de Ramirez ter indagado quem seria a terceira pessoa. Ele continuou repetindo as mesmas perguntas de maneiras diferentes, tentando fazer com que eu caísse em contradição. Ficou evidente que ele acreditava que eu estava fingindo ou omitindo alguma coisa.

Lincoln usou suas fichas. Ele queria provas. O investigador Ramirez abriu o jogo. Eu tinha sido a última pessoa a ver a Cassie. A “perda de memória” era minha única defesa, a única coisa a “obstruir a justiça”. As provas que a polícia tinha eram circunstanciais, mas pessoas foram condenadas por muito menos. Lincoln, mais tarde, disse p^{ara} mim e para meu pai que nunca chegaria àquele ponto. Eu queria acreditar nele, mas minha paranoia já atingia proporções épicas.

Uma de vocês morreu. A outra sobreviveu.

Andando para lá e para cá por todo o quarto até tarde da noite, eu era uma pilha suarenta de nervos quando me enfiei debaixo das cobertas, cobrindo a cabeça feito uma criança.

Ali, na segurança e no isolamento do meu casulo de tecido, eu me pus a raciocinar.

Cassie foi assassinada. Teve o crânio esmagado antes de a atirarem do rochedo. Ou talvez durante a queda. Em todo o caso, ela foi empurrada. Os indícios que apoiavam a hipótese de ela ter pulado eram poucos ou inexistentes. Era óbvio que a polícia não acreditava em suicídio. Não havia água nos pulmões. Uma ou outra coisa tinha acontecido: eu a acertei com alguma coisa e a empurrei, depois caí dos rochedos sei lá como, ou havia outra pessoa lá, responsável por tudo. Alguém que bateu na Cassie com alguma coisa, jogou-a do rochedo e depois fez a mesma coisa comigo... Ou pelo menos tentou. Ou talvez ela tivesse batido a cabeça ao cair.

Uma de vocês morreu. A outra sobreviveu.

Sei lá por quê, nunca me senti tão próxima da Cassie. Ainda estávamos ligadas pelo mistério daquela noite, uma lembrança que eu não conseguia acessar.

Em algum momento, cochilei e sonhei com os rochedos, com a Cassie e uma terceira pessoa que nunca entrava diretamente no meu campo visual, escondendo sua identidade. Acordei pegajosa por causa do suor e com as cobertas enrolada nos quadris. Havia lágrimas nos meus cílios.

Passaram-se alguns minutos, e eu continuava de olhos bem fechados. Tentei contar até cem, mas só cheguei a vinte, e fiquei toda arrepiada. Um pressentimento me alertou de que havia algo sobrenatural no quarto.

O ar foi escapando lentamente pelos meus lábios; meus músculos travaram. Havia alguém no quarto comigo. Todas as células do meu corpo sabiam disso. Amedrontada demais para abrir os olhos, continuei perfeitamente imóvel. Um hálito gelado passou pela minha testa, desceu pelo meu rosto.

Engoli em seco. Meus olhos se abriram contra a minha vontade, e um grito lancinante escapou da minha garganta. Eu não estava sozinha.

Envolto em trevas, ele se debruçou acima de mim. Eu só via o peito dele, mas dava para sentir seu hálito. Não conseguia me *mexer*, não conseguia parar de gritar, e ele se afastou. Levante-se! *Acerte-o! Fuja!* Meu cérebro emitia ordens, mas meu corpo não queria obedecer.

Ele ainda estava ali, a mão gelada percorrendo meu pescoço, sentindo minha pulsação acelerada.

— Samantha — ele disse com rispidez, uma voz um tanto timiliar. — Isso não devia ter acontecido.

Aí as luzes se acenderam, me ofuscando com sua intensidade alarmante, e eu já podia me mexer. Ergui o torso e as pernas ao mesmo tempo, de boca aberta, ainda emitindo sons horripilantes. Fui abraçada de repente, e meus gritos estridentes ficaram ainda mais agudos.

- Psiu, Sam, está tudo bem. Tudo bem. Psiu, tudo bem.

Eu me esforcei para reconhecer a voz e os braços que me envolviam. Eu só via o homem pairando acima de mim, seu hálito gelado, os dedos enregelantes sentindo minha pulsação.

Não conseguia parar de tremer, por mais tranquilizadores que fossem as palavras que sussurravam ao meu ouvido.

Outras vozes finalmente chegaram até mim: meu pai, minha mãe. Era Scott quem me abraçava, tentando me acalmar.

- O que está acontecendo? – meu pai quis saber, e ele trazia uma pistola toda preta na mão.

Minha mãe se sentou ao lado de Scott e levou uma das mãos às minhas costas.

- Samantha, filhinha, diga alguma coisa.

Foram várias tentativas até eu formar uma frase coerente.

- Ele está no meu quarto, aqui de pé, perto de mim! Eu acordei e ele estava aqui.

- Quem? – Scott perguntou, recuando e me fitando nos olhos. – Quem, Sam?

Meu pai correu para as janelas do quarto e pôs-se a mexer nas trancas, enquanto eu me concentrava

no rosto do meu irmão.

- Eu não sei, mas era ele. Era ele.

Scott uniu as sobrancelhas ao olhar por cima do meu ombro.

- Era o Del?

- Não seja ridículo – minha mãe falou ríspidamente, dando tapinha nas minhas costas. – Ele não entraria aqui para assustá-la dessa maneira.

Eu me contorci, me desvencilhando dos braços de Scott.

- Não consegui ver o rosto, mas ele deve ter saído pelas janelas ou algo assim.

Pálido meu pai abaixou a pistola.

- Ah, Samantha...

- Que foi? – minha voz ficou estridente. – Ele estava aqui dentro! Estava ao lado da minha cama, ele me tocou.

Minha mãe se levantou, apertando o cinto de seu robe de *seda*. Os olhos dela encontraram os do meu pai.

— Chega de esperar, Steven. Ela precisa ver um médico.

Eu me recostei e cravei os dedos no edredom. Do que estavam falando? Quem queria saber do maldito médico? Havia um homem no meu quarto.

- Ela está bem. Foi só um pesadelo. — Scott se apressou em me defender. — Não precisam mandar trazer a camisa de torça.

- O quê? — berrei.

Camisa de força? Minha pulsação disparou.

- Scott — minha mãe falou, suspirando. — Vá para o seu quarto.

Ele a ignorou. Meu pai se sentou do outro lado, segurando minha mão com sua mão livre.

- Filhinha, as janelas e a porta da sacada estão trancadas por dentro. O alarme está ligado. Não

disparou.

- Não. Não! Havia alguém no meu quarto. — Soltei minha mão e me afastei dele. — Vocês precisam acreditar em mim. Eu estava acordada. Ele estava de pé, ao meu lado.

Ele balançou a cabeça. Um ar triste e cansado trespassava seus olhos.

- Não havia ninguém no seu quarto. Você estava sonhando ou...

-Ou vendo coisas? Como o cara no banco de trás do carro? - bradei. O pavor evaporou, dando lugar à fúria. É o que está pensando?

Minha mãe enxugou o rosto. Era a primeira vez que eu a via chorar, mas as lágrimas só me deixaram ainda mais furiosa.

- A noite foi tensa, docinho. Não estamos aqui para julgá-la, mas você precisa de ...

- Eu não preciso de ajuda!

Ok, talvez eu precisasse, mas lutei para me livrar do braço de Scott. Ele tentou me segurar, mas eu era rápida quando queria. Até podia ser que algumas das coisas que eu andava vendo não fossem reais, mas aquilo... aquilo tinha sido real.

- Acho melhor você se sentar - meu pai sugeriu ao se levantar. — Vamos conversar pela manhã.

Ignorando-o, peguei minha bolsa, que estava embaixo da escrivaninha, e a esvaziei em cima da cama. Em meio a livros, trabalhos escolares e canetas, quatro bilhetes amarelos caíram sobre a cama. Todos eles, a não ser aquele que eu havia encontrado no carro.

- O que está fazendo? - Scott perguntou, de olhos esbugalhados ao ver os bilhetes.

A coisa mais horrível me ocorreu naquele momento. E se o Scott fosse o autor dos bilhetes? Olhei para ele, realmente olhei para ele. Ele detestava a Cassie, mas... Sem chance. Descartei a ideia.

Espalhei os bilhetes pela cama.

- Pronto! Estão vendo?! Volta e meia, recebo um destes malditos bilhetes. Alguém está tentando falar comigo, me alertar.

Minha mãe deu um passo à frente, olhando por cima do meu ombro. Tampou a boca com a mão e girou nos calcanhares. Seus ombros convulsionaram.

— Que diab...? - Meu pai apanhou um dos bilhetes aquele *que dizia: Não olhe para trás. Não vai gostar do que encontrará.* — Meu Deus.

— Viu?! — *Eu* quase pulei e bali palminhas. Os bilhetes eram a única maneira *que* me restava de provar que não estava *totalmente* louca. — Isso prova que alguém sabe o que aconteceu. *Pode ser que a pessoa* que anda deixando esses bilhetes seja a mesma que estava com a gente naquela noite.

Meu pai *fechou os dedos* em volta do bilhete, danificando o *papel* já todo amarrotado.

- Por que não me procurou assim que recebeu o primeiro?

- Eu... — Olhei para o Scott na mesma hora. Ele pastou a mão pelos cabelos despenteados e baixou o queixo.

Meu pai girou nos calcanhares, e uma veia latejava em sua têmpora.

- Você sabia? Sabia o que estava acontecendo e não me contou?

- Não é culpa dele — eu o defendi. — E, sério, não é o mais importante. Alguém anda entrando aqui às escondidas, deixando bilhetes na minha cama, no meu armário da escola, na minha bolsa.

- Vou ligar para o médico de manhã — minha mãe falou, esfregando o pescoço até a pele ficar rosada. - E não tem mais conversa.

Joguei as mãos para o alto.

- Chamem o médico! Ótimo! Mas será que podemos nos concentrar no que é importante?

Scott ergueu os olhos, de lábios apertados.

- Eu devia ter dito alguma coisa quando você me mostrou o primeiro bilhete, mas eu... não quis deixar você chateada. Sinto muito.

Senti o pavor se esgueirar pela minha espinha.

- O que quer dizer?

- Os bilhetes, todos usam o mesmo tipo de papel e a letra é sua. Sua letra quando era criança - ele falou, olhando de relance para minha mãe. — É você quem escreve os bilhetes, Sam.

Eu me recusei a acreditar

- Não. De jeito nenhum. Não sou eu quem escreve os bilhetes.

- Espere aqui.

Ele se levantou e saiu do quarto.

Virando-me para meu pai, implorei.

- Não sou eu, pai. Não estou tão louca. Não tem como eu ter deixado esses bilhetes para mim mesma, Eu me lembraria se os tivesse escrito.

Meu pai abriu um sorriso tímido.

- Eu sei. Você não é louca.

Mas vi a verdade nos olhos dele. Fiquei ali sentada, aturdida e incrédula, até Scott voltar com um pedaço dobrado de cartolina verde.

- É um cartão de aniversário que você fez para mim quando fizemos sete anos. — Ele se sentou ao meu lado e o abriu. - Está vendo? - Ele apontou uma menina de cabelos compridos desenhada com bolinhas e risquinhos. — Esta é você, e este sou eu. — Ele apontou um menino sardento desenhado no mesmo estilo.

Gente, eu não tinha um pinga de talento para desenhar.

Scott deixou escapar um suspiro entrecortado ao pegai um dos bilhetes e abri-lo em cima do cartão de aniversário.

- Veja, Sam.

E eu vi na mesma hora, e meu mundo desmoronou um pouco mais. Abri a boca, mas nada saiu de dentro dela Os garranchos infantis no cartão e no bilhete eram iguais, até mesmo os DD gordinhos eram idênticos.

Minha própria letra.

- Não — sussurrei, balançando a cabeça. As lágrimas embaçaram minha vista quando ergui a cabeça. Não. Não entendo. Não me lembro de escrever nenhum deles. Não faz sentido.

Scott fechou o cartão e, ao erguer a cabeça, ele parecia tão jovem.

- Sinto muito.

- Pare de se lamentar! — eu gritei. — Pare, por favor. Eu não estou... Não sou louca.

Correndo até mim, minha mãe segurou as maçãs do meu rosto em suas mãos. Seus olhos não tinham vestígio algum de sono e embriaguez.

- Sabemos disso, amor. É só a tensão dessa coisa toda. Vamos atrás de alguém que possa ajudá-la.

Meus olhos encontraram meu pai, por cima do ombro dela.

- Você acha que eu estou louca? - perguntei, e minha voz falhou.

- Não. - Ele desviou o olhar. Um músculo se contraiu em sua mandíbula. — Nunca, filhinha, nunca.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Alguém me abraçou, não sei dizer quem, mas eu estava entorpecida. Entorpecida. Entorpecida. Os rostos dos três viraram um borrão. Era oficial. Eu via coisas, ouvia vozes, escrevia bilhetes para mim mesma e não me lembrava disso... Eu estava louca.

Na manhã seguinte, eu me levantei para ir à escola, fingindo não estar a um passo de ficar completamente *esquizofrênica*. Meu pai ainda estava em casa. Tomando uma xícara de café, ele me disse que iria me pegar depois da última aula.

Nem dez horas haviam se passado, e eles já tinham marcado uma consulta com um psiquiatra de verdade.

Scott não disse uma palavra quando entrei no carro, mas parou a meio caminho da casa do Carson.

- Desculpe. Eu devia ter dito alguma coisa antes, mas...

- Tudo bem. — Minha voz saiu sem entonação alguma e eu fiquei olhando pela janela. Ainda estava tão anestesiada por dentro, fria e sem vida. — Eu é que devia pedir desculpas. Você não tem culpa se sua irmã é maluca.

- Você não é maluca. — Ele segurou e apertou minha mão. — Vai ficar tudo bem.

Fiz que sim com a cabeça, mas não respondi. Sinceramente, não ia ficar tudo bem, não.

Scott deixou a coisa para lá e fizemos o pequeno percurso até a casa do Carson. Meu coração doía só de imaginar de que jeito ele olharia para mim se soubesse a verdade. Eles falaram de um jogo que havia passado na televisão na noite anterior o eu fiquei olhando pela janela, tentando manter meus olhos secos.

De repente, Carson apoiou o queixo no banco logo acima do meu ombro. Pegando alguns fios dos meus cabelos com as pontas de seus dedos, ele os puxou de leve.

- Você está muito calada hoje.

Scott me olhou de relance. Havia uma mensagem tácita naquele olhar, mas eu não fazia ideia do que significava. Forcei um sorriso tímido.

- Estou bem. É só sono.

Carson aceitou a explicação e mudou de assunto, mas seus olhos se demoraram no meu rosto quando nos separamos antes da primeira aula.

Passei a maior parte da manhã destruindo o que havia sobrado das unhas da mão direita. Um relógio gigantesco pairava sobre minha cabeça, tiquetaqueando os minutos que me restavam até eu enlouquecer de vez, ser presa pelo homicídio da minha melhor amiga ou levar um cala-a-boca do verdadeiro responsável peio assassinato, antes que eu descobrisse sua identidade.

Nem preciso dizer que eu não me enganava mais imaginando um final feliz.

Será que eu estava tentando me avisar sobre alguma coisa quando escrevi os bilhetes? Eu não conseguia me decidir se era culpada ou inocente. De um jeito ou de outro, eu ainda era tantã.

Para piorar as coisas, o investigador Ramirez e outro policial voltaram à escola para fazer mais perguntas aos alunos.

Verônica e Candy foram chamadas. Na aula de biologia, Carson confirmou ter sido questionado na aula anterior.

- Decididamente, estão investigando um homicídio, - Ele trazia a cabeça baixa, para que só eu escutasse o que ele dizia. - As perguntas que fizeram eram óbvias. Por exemplo, se eu sabia de alguém que desejasse mal a ela. Perguntaram até sobre você, se você tinha inimigos.

Saber que alguém estava perguntando aquele tipo de coisa me fez sentir vulnerável, como se tivessem me aberto da garganta ao umbigo e me deixassem exposta para todo mundo ver.

- Falaram comigo ontem à noite — admiti, apertando a caneta.

- Fiquei com essa impressão. Eles me perguntaram sobre aquela vez em que fomos à casa da Cassie e aos rochedos.

- Desculpe. — Incapaz de olhar para ele, eu me concentrei no livro didático. — Não queria envolver você nisso.

- Tudo bem. — Sob a bancada, a mão dele encontrou a minha. Entrelaçando seus dedos aos meus, ele apertou de leve. — Não fiquei chateado por você ter contado a eles que fomos até lá. Não fizemos nada de errado.

Ciente de que ele segurava minha mão e do formigamento agradável que me subia pelo braço, eu me perguntei se ele ainda ficaria de mãos dadas comigo se soubesse a verdade. Ou também me chamaria de Sam Insanidade, como todo mundo já fazia? Meus olhos ardiam.

A professora começou a aula, e Carson mexeu a mão, desenhando um alfabeto mudo em minha palma com seu polegar. Como se eu já não tivesse perturbado o bastante. Eu me sobressaltei algumas vezes, raspando as pernas da cadeira no chão, principalmente quando seus dedos roçavam o centro da minha mão. Carson ria baixinho, e os dois garotos na bancada da frente não paravam de se virar e olhar para nós.

No fim da aula, meu rosto estava corado e meus nervos à flor da pele, por vários motivos, e um deles era o fato de que Carson ainda segurava minha mão.

Lá fora, no corredor, ele me puxou para a parede e baixou a cabeça, olhos nos olhos.

- Quero ver você depois do treino.

Meu coração pirou de felicidade, mas chacoalhei a cabeça.

- Não sei... se devemos.

Ele ergueu só um dos cantos da boca e disse:

- Só estou pedindo para a gente passar um tempo juntos. Só isso, Sam.

- Eu sei, mas... — respondi, corando.

- Mas o quê? — O sorriso torto se alargou. — Ou está querendo sair por aí agora que ficou

solteira? Atirando para iodo lado?

Revirando os olhos, eu ri.

- Não é isso.

- Ótimo. — Ele se adiantou um passo. Nossos sapatos se tocaram. As pessoas nos observavam e, quando meus olhos encontraram os dele, percebi que eu não dava a mínima. — Eu ficaria, sei lá, decepcionado. Então, a gente se vê às oito. A casa na árvore está bom para você ou quer algo mais clandestino?

Eu sabia que era melhor dizer não.

- Beleza.

Meu terapeuta era um homem de certa idade que cheirava a fumo de cachimbo e usava óculos de armação quadrada e grossa – que supostamente eram modernos. Tinha uma cabeleira grisalha e uma barba para a qual eu não conseguia deixar de olhar. Prêmios e diplomas forravam as paredes, misturando-se a fotografias do homem caçando, segurando um gamo pelos chifres e pescando em alto-mar no seu iate.

Ele fez pouquíssimas perguntas, todas pensadas para me fazer falar a respeito de como eu me sentia, com o que me preocupava e, o mais importante, o que eu sentia antes de “me lembrar” das coisas ou de “encontrar um bilhete” endereçado a mim.

Ele escrevia em seu caderninho, e eu duvidava seriamente que fossem anotações pelo jeito como a caneta se movia. Acha que ele estava rabiscando,

A sessão deve ter durado uns trinta c três minutos.

Sai do consultório e entrei no carro do meu pai, apertando os pedaços de papel contra o peito.

Meu pai não saiu pisando fundo, para ficar o mais longe possível do consultório do psiquiatra, como eu sabia que minha mãe teria feito. Em vez disso, ele me observou atentamente.

- O que o doutor O'Connell disse?

- Não tenho esquizofrenia. Boa notícia.

Ele arqueou uma sobrancelha. Eu suspirei, entregando a ele a receita para comprar Buspar.

Ele disse que tenho transtorno de ansiedade grave e estresse pós-traumático ou algo do gênero. Os remédios devem *fazer* efeito em duas semanas. Este aqui - eu disse mostrando-lhe outra receita chama-se Lorepazam. Devo tomar se tiver uma crise de pânico ou sei lá o quê, que é o que ele acha que está acontecendo quando eu... vejo o cara misterioso.

- Cara misterioso?

- É. Foi assim que apelidei o cara que eu vejo, mas não existe. — Fiz uma pausa, lembrando o que o terapeuta tinha dito a esse respeito. — Ele acha que o cara misterioso pode ser uma alucinação induzida pela tensão ou uma lembrança daquela noite. Eu estaria me protegendo tentando não ver o rosto do sujeito.

Ai é que a coisa complicava. Se o cara misterioso fosse um produto da minha memória perdida, tomar aqueles remédios poderia impedir que eu me lembrasse dos detalhes daquela noite. Eu estava dividida entre tomá-los e me sentir normal e não tomá-los porque bloqueariam o único caminho que me restava para lembrar o que havia acontecido.

- Certo. — Ele tirou o papel das minhas mãos. — E quanto tempo vai levar para fazer efeito quando você...

- Quando eu começar a ver ou ouvir coisas? — Eu me senti mal quando ele se retraiu e desviou o olhar. — Em mais ou menos trinta minutos, vou ficar chapada, feliz e sedada.

- Samantha...

- Está tudo bem. - Mas na verdade não estava. Engoli o nó na minha garganta, detestando a ideia de precisar tomar os remédios. O médico não disse durante quanto tempo vou precisar tomá-los.

- O que ele falou a respeito dos bilhetes?

A garoa recobria o para-brisa quando eu finalmente respondi.

-Ele falou que provavelmente era o meu inconsciente tentando me contatar.

Minha risada saiu seca. O terapeuta havia perguntado como eu me sentia antes de encontrar um bilhete, se por acaso eu não me lembrava do que estava fazendo pouco antes. Ai percebi que todas as vezes em que eu tinha encontrado um bilhete tive um episódio de tontura ou uma lembrança rápida. Era supostamente nesses momentos que eu havia escrito os bilhetes para mim mesma. Ele havia comentado que, na verdade, eu era capaz de me lembrar de tudo o que havia acontecido nesses instantes, mas que ainda estava bloqueando a informação.

Suspirei.

- É como se eu tivesse um alienígena dentro do corpo. Ele explicou que a medicação pode ou não resolver esse problema.

- E as lembranças? - meu pai perguntou, segurando o volante.

- Pode ser que continuem aparecendo ou que cessem completamente, mas os remédios talvez venham a afetá-las - respondi, encolhendo os ombros.

Meu pai acenou afirmativamente com a cabeça, enfiando as receitas no bolso da frente do paletó.

- Vou deixar você em casa e passar na farmácia.

- Obrigada. – Coloquei o cinto de segurança. – Pai...

- Não há nada do que se envergonhar, amor. Certo? Não quero que comece a achar que tem algo errado com você.

- Mas tem algo errado comigo – eu disse com secura. – Lembra? Alucinações, crises de pânico e blá, blá, blá?

- Sabe o que quero dizer. – Ele ligou o carro, manobrando com todo o cuidado para sair da vaga. – Só quero que você melhore.

- Eu também.

Ele me olhou de relance, e meu coração doeu ao ver a tristeza que embotava seus olhos. Parando na saída do estacionamento ele estendeu a mão e tocou meu rosto.

- Eu só queria...

- Queria o quê, pai?

Um sorriso fraco passou rapidamente por seus lábios, ele recolheu a mão e botou o carro na rua.

- Eu só queria que você não tivesse de passar por tudo isso.

Recostando minha cabeça no banco, fechei os olhos, escutando a chuva tamborilar no teto.

- Eu sei.

Às dez para as oito, guardei os frascos de remédios ainda fechados na minha farmacinha e peguei meu abrigo. Eu devia tomar o Buspar durante o jantar, mas, como eu não tinha ideia do que aquele faria comigo, eu queria falar com o Carson sem estar dopada. Antes de levar adiante fosse lá o que estivesse havendo entre a gente, eu precisava contar a verdade a ele.

Sai de fininho pelo porão, e avisei Scott que eu ia me encontrar com o Carson. Ele daria cobertura se meus pais me procurassem.

Enfiando as mãos nos bolsos que ladeavam o zíper, segui o fino raio de luar que parecia levar diretamente aos limites do gramado. Dali continuei pela trilha, ocupada em imaginar como contaria ao Carson que eu era louca.

Quando vi a casa na árvore, Carson meteu a cabeça pela abertura do mirante. Ele usava um boné com a aba virada para trás.

- Suba.

Apesar do que estava acontecendo, eu sorria de orelha a orelha ao subir pelas tabuas. Ele estendeu o braço pela abertura e segurou minha mão quando cheguei lá em cima, me içando em seguida.

- Obrigada – falei, dando uma olhada no recinto quadrado construído para pessoas muito, mas muito mais jovens que nós.

Um cobertor grosso estava estendido no chão, e eu engatinhei até lá, sentando em seguida. Ele se sentou ao meu lado e esticou as pernas.

- Bem pensado – murmurei.

Aparentemente orgulhoso, ele sorriu.

- Achei que ficaria um pouco mais confortável.

Uni as mãos, com a garganta seca. Como começar? Não havia um manual para aquele tipo de coisa.

Carson me cutucou com o ombro.

- Eu queria pedir uma coisa.

- Beleza.

Meus dedos se enterraram nas palmas das minhas mãos.

- Eu tinha mesmo segundas intenções ao trazer você para cá, longe do seu irmão.

- Tinha? – perguntei, com o coração batendo forte.

Ele fez que sim.

- Sabe o que vai acontecer daqui a três semanas?

- Hã, abril vai acabar?

- E, isso e o baile de formatura.

Eu o encarei. Com os olhos fixos no meu rosto, ele deu risada.

- Você parece um pouco espantada.

- É que... Não parei para pensar no baile de formatura.

- Imaginei que não. – Ele se aproximou, pressionando a perna toda contra a minha. – Sei que tem um monte de coisas acontecendo e ir ao baile de formatura pode parecer idiota, mas acho que é exatamente do que você precisa.

- E?

- Sim, e tem mais uma coisa de que você precisa.

Eu precisava de um monte de coisas. Meus olhos esquadrinharam o rosto dele e, pela centésima vez, tive vontade de me bater por nunca ter percebido antes quem ele era de verdade.

- Do quê?

Carson empurrou meus cabelos para trás da minha orelha, e sua mão se demorou dobre minha face por um brevíssimo segundo.

- Que eu leve você ao baile.

Abri a boca, mas não havia palavras. Uma enxurrada repentina de imagens, convites para o baile feitos no passado, passou por mim em rápida sucessão. Esconde-esconde, um cartão enfiado num ramallete de rosas, uma faixa grande estendida acima do campo de beisebol. Todos complicados, mas, por algum motivo, Carson ter me convidado para ir à casa da árvore só para pedir que eu o acompanhasse no baile tocou meu coração.

Carson baixou o queixo.

- Geralmente eu consigo sacar as pessoas pelas caras que elas fazem, mas não tenho a mínima ideia do que você está pensando. Boa ideia? Péssima? Horrível?

Comecei a rir, mas engasguei assim que voltei a dura realidade.

- É uma ideia sensacional, mas não posso ir com você.

- Confesso, fiquei meio confuso agora. – Ele se recostou, descansando as mãos sobre os joelhos. – Você acha a ideia sensacional, mas não pode ir comigo?

- Sim. Não. – Balancei a cabeça. – Você não está entendendo.

Ele me deu um sorrisinho tímido.

- É, não estou mesmo. Dá para explicar?

- Confie em mim, você não vai querer ir ao baile comigo.

- Por que não me deixa decidir isso, Sam? Espera. – Ele começou a entender e corou. – É porque a polícia está investigando o... assassinato de Cassie? E você acha que foi você.

- Car...

- Você não matou a Cassie, Sam, ok? Enfie isso nessa sua cabecinha dura e fofa. Você não é uma assassina.

- Não é só isso. Eu... não bato muito bem.

Ele me encarou.

- E quem bate?

- Não, não nesse sentido. – Baixei os olhos, irrequieta. _ Eu não bato bem mesmo, Carson.

Ouvi um suspiro forte.

- Você está muito tensa e...

_ Tive de ver um terapeuta hoje! – falei, provavelmente um pouco mais alto do que deveria. Recolhendo as pernas junto ao peito, abaixei a voz. – Ontem à noite... ontem à noite, acordei pensando que tinha alguém no meu quarto. Pensei que ele estava me tocando. E não havia ninguém lá, Carson.

- Certo. – A voz dele saiu rouca. – Pode ter sido a tensão. Ou uma lembrança. Você disse que algumas lembranças pareciam estar acontecendo de verdade, não foi?

Eu ri, e foi a coisa errada a fazer, porque pegou mal para caramba.

- Não é só isso. Sabe aqueles bilhetes que eu vivia encontrando? Foram escritos com minha letra. Eu vinha escrevendo aqueles bilhetes para mim mesma e nem sequer me lembrava.

- Sam...

- Por favor, não diga nada para me fazer sentir melhor. – Eu me esforcei para engolir as lágrimas, limpando duas vezes a garganta. – Saí da escola mais cedo hoje para ver um psiquiatra. Vou ter que tomar remédios. É por isso que sei que tem algo errado comigo, não é só tensão.

Depois do meu discurso, houve silêncio entre nós. Eu fazia de tudo para não chorar, porque, mais do que todo mundo, o que ele pensava de mim passara a ser muito importante. O baile de formatura, decididamente, estava fora de questão. Quem ia querer levar Sam Insanidade? Nossa amizade bem que poderia descer pelo ralo. Droga, para mim já era uma surpresa ele ainda estar sentado ali.

- Ok – ele disse enfim. – Vou dizer uma coisa, eu só vou dizer uma vez, e assunto encerrado.

Ergui as pálpebras e meus cílios úmidos. Lá vem. Preparando-me para o que, sem dúvida alguma, seria a rejeição mais delicada na história da humanidade, eu fiz que sim com a cabeça e me apruntei para sair em disparada pela porta da casa da árvore.

- Eu sei que você não teve nada a ver com o que aconteceu com a Cassie. E você precisa parar de viver como se tivesse.

Pisquei, esperando o resto.

Ele espalmou as mãos nas maçãs do meu rosto.

- Não estou nem aí se você precisar ir ao psiquiatra ou tomar remédios, Sam. Estou falando sério. Isso não muda o fato de que eu sempre achei você uma pessoa incrível.

De olhos turvos, procurei no rosto dele algum sinal de que estivesse brincando ou drogado.

- Como pode dizer isso...?

- Se você passou anos se nem sequer me olhar minha cara? – Ele gargalhou. – Lembre, Sam, você tinha seus momentos. E esses momentos ofuscavam todo o resto.

- Você é perfeito – murmurei, piscando os olhos para conter as lágrimas.

Carson riu debochado.

- Estou longe de ser perfeito.

Não acreditei.

- Então, sim ou não? – ele me perguntou, descendo as mãos pelo meu rosto, roçando a curva do meu lábio inferior com os polegares, fazendo-me estremecer inteira, minimizando o fato absolutamente concreto de que eu era doida de pedra. – Vai ao baile de formatura comigo?

Ri diante de tamanho absurdo. Era oficial. Eu era louca: louca porque via coisas, deixava bilhetes para mim mesma e, no dia seguinte, estaria no consultório de um terapeuta em vez de assistir à última aula. E, ainda assim, ele queria me levar ao baile de formatura.

Outra coisa era oficial. Eu estava apaixonada pelo Carson.

Um sorriso largo e lindo separou-lhe os lábios, expondo o dentinho lascado que eu achava tão, mas tão encantador.

- Vou ter que ser sincero. Se você recusar o convite, vai ficar meio esquisito aqui em cima.

Meu peito voltou a ficar apertado, mas a sensação era boa. Recuando, segurei os pulsos dele. Uma ideia horrível me ocorreu. E se eu á fosse louca antes do incidente com Cassie, mas escondesse bem o fato? Ir ao baile de formatura parecia uma péssima ideia, mas, se eu já era louca naquela época, era louca agora também. E, se eu não tinha feito aquilo com Cassie, de que outras experiências eu estaria me privando?

- Sam...

Soltei os pulsos dele e passei os braços por seu pescoço. Carson não hesitou. Ele me abraçou a cintura e me apertou junto ao corpo.

- Isso é um sim? – Ele deu risada, enfiando o rosto nos meus cabelos.

Fechei os olhos bem fechados, torcendo para ter tomado a decisão certa.

- Sim, eu vou com você.

Na manhã seguinte, eu me virei para o Scott e fiz, provavelmente, uma das perguntas mais estranhas que poderia fazer ao meu irmão.

- Você poderia me levar para comprar vestido?

Ele engasgou com um pedaço de biscoito recheado e coberto de chocolate. Parte da coisa caiu entre o banco e o painel central do carro alugado.

- O quê?

Fiquei vermelha.

- Preciso comprar um vestido para o baile de formatura e não tenho amigas.

Abaixando-se para pegar p pedaço desaparecido de biscoito, ele me olhou de baixo para cima.

- Você... tem amigas, Sam.

- Não tenho, não. – Dei um tapa na mão dele, consegui pegar o biscoito e o joguei de volta na embalagem. – Na escola, todos me chamam de San Insanidade.

- Nem todos. – Ele me enfiou o biscoito na boca ao sair de ré da garagem, voltando a segurá-lo em seguida. – Beleza. Quem vai levar você? Olha lá, se disser que é o Del, vou dar uma surra em você.

Fiz uma careta.

- Carson me convidou.

Ele cuspiu mais um pedaço.

- E você aceitou? De verdade?

- Foi. Gosto dele. Bastante.

Scott jogou o resto do desjejum pela janela do carro.

- Cara. Uau, é a volta de Além da imaginação. – Ele me lançou um olhar enviesado. Seus olhos brilharam. – Ele é muito melhor que o Del.

- Então você não vai dar uma surra nele?

- Sei não. Acho que talvez seja necessário, sim, só uma surrinha leve. Sou seu irmão e coisa e tal.

- Claro – concordei, sorrindo.

Ele revirou os olhos.

- A Julie vai com você, na verdade, ela planejava fazer isso este fim de semana.

Brincando com a alça da bolsa, olhei pela janela e mordi o lábio.

- Não quero que você a obrigue a fazer isso. Seria constrangedor.

- Não vou obrigá-la. Durante a aula, vou perguntar se ela topa. – Ele fez uma pausa. – Prometo que, se ela não topa, não vou insistir. Beleza?

- Beleza.

Estacionamos perto da casa do Carson. Eu me debrucei, ansiosa para vê-lo. A porta da frente se abriu, e lá estava ela, com seus gloriosos cabelos molhados. Ele parecia magnífico só de jeans e camiseta lisa...

Scott pigarreou.

- Você... Você já tomou os remédios:

Sem que eu pudesse mais me concentrar em devorar Carson com os olhos, encarei meu irmão.

- Sim, tomei o primeiro hoje.

- Ainda é a mesma pessoa?

Eu tinha tomado o remédio fazia uma hora e não sentia nada diferente.

- Sim.

Scott deixou a conversa para lá no instante que Carson abriu a porta de trás. Ele entrou, largou a bolsa sobre o banco atrás de mim. Contorcendo-me no lugar, dei uma olhada por cima do apoio para a cabeça.

- Oi – Carson falou, sorrindo.

- Oi – respondi alargando o sorriso.

O motorista deixou escapar um gemido.

- Vai ser um saco.

Carson e eu sorrimos um para o outro.

- Não para mim – ele falou.

As coisas foram mais ou menos bem na semana seguinte. O investigador Ramirez não fez nenhuma outra visita, e minhas sessões com a senhora Messer foram canceladas, já que eu estava me consultando com o doutor O'Connell.

Mas eu meio que sentia falta dela e dos óculos.

Os remédios, aparentemente, estavam funcionando mais rápido do que se esperava. Nada de alucinações nem bilhetes aleatórios. Mas encontrei o bloco de papel de carta amarelo no escritório lá de casa ao procurar uns clipes. Aquilo fez cair a ficha. Foi uma noite ruim, repleta de lágrimas e frustrações.

Mas, mesmo com os remédios e as coisas se acalmando ao meu redor, eu sentia uma apreensão crescente que costumava piorar à noite, quando eu ficava deitada, acordada, contando as estrelas verdes fosforescentes no teto para me certificar de que ainda eram cinquenta e seis. Era como uma calmaria no meio do furacão, pouco antes de o caos reinar supremo. Todas as noites, depois do treino, Carson vinha “ver tevê” com o Scott, que era só uma desculpa para passar algum tempo comigo sem que meus pais surtassem. Parecia estar funcionando. E aquele intervalo de uma ou duas horas todas as noites havia se tornado algo que eu aguardava ansiosamente boa parte do dia. Nós nos sentávamos lado a lado no sofá e fingíamos assistir à tevê, e Scott fingia não estar de olho na gente feito um gavião. Carson desenvolvera uma criatividade especial para se encostar acidentalmente em mim, um roçar da mão ou da perna. Quando ele ia embora, eu queria me aninhar no colo dele e beijá-lo.

E ele ainda não tinha tentado me beijar. Nem sequer tínhamos chegado perto um do outro desde o dia em que ele tinha vindo me ver depois do acidente. Eu tinha a impressão de que de não queria apressar as coisas por causa de tudo que me acontecera, e eu não me ofendia com isso.

O baile de formatura tornou-se o foco de todos na escola.

Até mesmo Verônica e Candy tinham me esquecido e direcionado sua campanha de difamação para a competição pelo posto de rainha do baile. A cada dia que passava, eu chamava menos atenção, e estava adorando isso. Del me procurava depois das aulas, enquanto eu trocava os livros da bolsa, para me cobrar a promessa que eu não havia cumprido.

O olho roxo estava bem mais claro, mas ele parecia péssimo.

- Precisamos conversar.

Eu estava tão cansada de ouvir aquelas palavras. Peguei o livro de trigonometria e o enfiei dentro da bolsa.

- Não, não precisamos.

Dei meia-volta e me dirigi à entrada dos fundos. Ele estava bem ao meu lado, obstinado como sempre.

—Estava um falatório só ontem no treino.

Eu imaginava o que seria. Empurrei a porta e desci a escada de dois em dois degraus. Scott estava me esperando para me levar para casa antes de voltar ao treino.

—Você nem mesmo quer saber? — ele perguntou, e a raiva enfatizou suas palavras.

—Não.

Ele correu para se colocar na minha frente, bloqueando meu caminho entre dois carros.

—Qual é o seu problema? Está agindo como se não tivéssemos passado quase quatro anos juntos, Sammy. Quatro anos, e você nem sequer me olha na cara?

Podia ser que o remédio estivesse fazendo efeito antes da hora, porque eu não estava com raiva. Nem mesmo triste. Olhando para ele, eu só me sentia decepcionada. Talvez não fosse o remédio, e sim um sinal de que eu estava superando aquilo tudo.

Parecia que todo mundo estava superando a Cassie.

Levei a mochila ao ombro e fiz uma careta.

—Sinto muito. Sei que passamos um bom tempo juntos...

— Mas, já que não se lembra, você não liga? Bom, eu ligo. Eu me lembro e me importo.

— Não era o que eu ia dizer. — Suspirei, olhando de relance por cima do ombro dele. Se Scott pegasse o Del bloqueando o meu caminho daquele jeito, o cara acabaria com mais um olho roxo. — Sei que se importa com o tempo que passamos juntos e, acredite ou não, eu também.

— Ótimo. — Ele pareceu esperançoso. — Pelo menos temos algo em comum.

- Não nesse sentido. Eu me importo com você e pode ser que um dia eu o perdoe por causa das fotos, mas, mesmo que eu o faça. Não vamos voltar a namorar.

Ele tentou segurar minha mão, mas eu a afastei. Havia mágoa em seu rosto. Mas, por trás dela. Também se via teimosia e outra coisa mais tenebrosa e mais forte do que eu gostaria de imaginar. Pelo menos eu sabia que os remédios não haviam detonado completamente minha capacidade de perceber emoções.

—Não podemos ir a algum lugar conversar?

— Você tem o treino — eu disse, de boca seca.

— Dane-se o treino. Nosso namoro é mais importante que a droga do treino.

— Eu não sou a coisa mais importante. O beisebol significa um bocado para você.

— Não é verdade. — Parecia até que eu o tinha acertado na cabeça com um bloco de concreto, como se ele não pudesse acreditar que eu havia discordado. — Precisamos conversar e resolver isso.

A apreensão aumentava rápido e me deixou impaciente para me livrar logo dele.

— Preciso que entenda uma coisa, Del. Não vamos voltar. Nem agora, nem daqui a uma semana...

— É verdade, então? O que escutei no treino ontem? Que você vai ao baile de formatura com o Carson?

Eu não ia responder à pergunta, pois sabia que seria como abrir a caixa de Pandora e deixar sair um montão de gestões raivosas. Por isso, eu o contornei e apertei o passo.

Mais algumas fileiras de carros e eu me veria livre do Del. Só mais alguns passos...

- Droga, Sammy!

A raiva na voz dele me fez pular, mas não olhei para trás. Ele reduzira o fato de eu ir ao baile com o Carson a uma decisão deliberada da minha parte de trocá-lo por outra pessoa. E Carson não tinha nada a ver com o Del. Não estavam sequer no mesmo patamar.

Por que Del estava tão determinado a reatar comigo? Mais um mistério que eu não conseguia resolver nem começar a entender. Durante o almoço, na semana anterior. Verônica só faltou se sentar nas pernas dele. Era óbvio que ela gostava dele e que estava mais do que disposta a dar o passo seguinte para a amizade se tornar namoro. Uma opção muito melhor que eu por vários motivos.

Segui correndo por uma das filas de carros, passando por um jipe vermelho e empoeirado, aí uma coisa apareceu voando por minha visão periférica. Meu coração vacilou e calafrios me percorreram a espinha. Um zumbido alto inundou meus ouvidos.

Não. Não cru real.

E de novo, agora do outro lado, o vulto passou, acompanhando meus passos. O ar se congelou na minha garganta. Alucinações induzidas pela tensão: crises de pânico. Foi o que o doutor O'Connell disse que eram. Se ficasse muito chateada, eu começaria a ver coisas.

Era só isso. Não era real. Não estava ali.

De olhos lixos no sedã preto e lustroso que Scott havia alugado, enfiei a mão na bolsa para procurar o frasco de pílulas de emergência. Não havia nada ali que me ajudasse a engolir uma delas, mas eu teria de me virar. Meu coração batia rápido demais, minha vista começava a escurecer pelos cantos.

Não era real. Não era real. Não era real.

A mão de alguém se prendeu ao meu braço e me fez girar.

Meu grito ficou preso na garganta e o frasco de remédio caiu no cascalho. Erguendo o braço, eu me preparei para desferir o golpe.

— Ei! — Scott soltou meu braço. Calma aí, ninja.

Apertei meu coração apressado.

— Nossa, você quase me matou de susto.

— Estou vendo. — Ele franziu o cenho, se abaixando para pegar o frasco, e me entregou. — Gritei seu nome umas duas vezes. Você não me ouviu?

— Não. — Abalada, destampeei o frasco e peguei uma pilulazinha. — Não ouvi você, mas pensei...

— Tome. — Ele me ofereceu água. — Pensou o quê?

Engoli a pílula e fiz uma careta quando ela desceu queimando pela minha garganta.

— Pensei ter visto o cara misterioso.

Scott passou o braço pelos meus ombros, me conduzindo para o carro.

— Acho que era eu, Sam. Eu estava umas duas filas para baixo, acompanhando você.

Ótimo. Mesmo com os remédios, eu ainda não sabia a diferença entre fantasia e realidade.

- Fiquei preocupado — ele continuou, caçando as chaves dentro do bolso. — Vi o Del lá na entrada.

Ele parecia furioso.

Sem querer entrar naquele assunto, eu não respondi e esperei Scott destrancar a porta. Ainda lutando para controlar a respiração, eu me larguei no banco da frente e fechei os olhos bem fechados, esperando o bendito estupor cumprir seu papel e fazer com que eu voltasse a me sentir normal.

Para me ajudar a esquecer que nem tudo era perfeito, que Cassie continuava morta, que eu ainda era a suspeita, e a sensação crescente de que algo ruim, algo terrível me esperava logo ali na esquina.

No sábado, Julie foi lá em casa. Não para ficar com o Scott, apesar de terem colocado as línguas para trabalhar um bocado nos primeiros três minutos que ela passou lá, mas para sair comigo e comprar um vestido.

Minhas tripas eram uma maçaroca de nós apertados e cogitei seriamente tomar uma das pílulas antipático, mas consegui me convencer de que não precisava do remédio. Fiquei de língua presa e sem saber ao certo como me comportar perto de Julie; por isso, o que se seguiu foi um desfile de momentos constrangedores.

Julie dirigia um sedã enferrujado que já devia ter sido aposentado havia centenas de milhares de quilômetros. Fuçando no cinto de segurança, aspirei o perfume de frésia e hambúrguer rançoso. Era uma combinação, digamos, acolhedora.

— Beleza — ela disse, contornando a do pai de Carson. Temos duas opções. Podemos fazer compras por aqui ou ir direto para a cidade.

- Você decide. Para mim tanto faz. - Meu pai havia me dado o cartão de crédito dele. mas eu duvidava de que ele teria feito isso com tanta boa vontade se soubesse quem seria o meu par. Naquele exato momento, eles pensavam que eu iria sozinha. Teria de lhes contar a verdade aos poucos. Ela mordiscou o lábio.

- Bom, na cidade teremos mais opções, mas provavelmente muito acima do meu orçamento. Podemos fazer as duas coisas? Ela me olhou de relance. — Ou então posso só namorar as vitrines com você.

- Não. Vamos ficar por aqui. Tenho certeza de que vou achar algo que eu queira.

Julie me encarou corno se eu tivesse acabado de confessar que fui abduzida por alienígenas.

—Você tem... certeza?

— Sim. Sou totalmente a favor da ideia. — Comecei a roer a unha do mindinho esquerdo. — Falei algo errado?

— Não. — Ela piscou e mexeu no seletor do rádio. — Só que você poderia torrar um montão de dinheiro e comprar um vestido bem bacana mesmo.

Mas ela não, e isso não me parecia justo. Dei de ombros.

— Os vestidos são todos iguais, ou não?

Ela enfiou o pé no freio ao chegarmos ao fim da nossa estradinha, me jogando para a frente. Arregalei os olhos, esperando ver um animal ou alguma outra coisa no meio da pista, mas não havia nada. Ela se virou para mim bem devagar.

— Sério, você está me assustando.

Opa.

— Não no mau sentido — ela acrescentou apressadamente, - É só que você está tão, mas tão diferente. Até mesmo a Sam que eu conhecia quando éramos amigas teria exigido que fôssemos a um dos ateliês de estilistas na cidade se ela tivesse nas mãos o cartão de crédito do pai. Nem que fosse só pela diversão. - Era melhor fazermos isso então?

Eu faria, se ela quisesse. Lá no fundo, eu queria realmente que ela se divertisse e, quem sabe (só quem sabe), poderia ser o começo de uma amizade. Eu sabia que era esperar demais, mas era só o

que eu queria: que ela gostasse de mim.

Balançando a cabeça, ela gargalhou.

— Não. Ficar por aqui mesmo já está bom. Podemos comer alguma coisa depois?

Sentindo-me otimista, fiz que sim com a cabeça.

—Claro.

Gettysburg estava lotada de turistas quando estacionamos atrás de uma fileira de casas antigas transformadas em lojas diversas: presentes, padarias e vários brechós. Coloquei uns óculos de sol que eu havia encontrado e sai do carro.

As pessoas fotografavam as casas históricas e as placas comemorativas. Que aparentemente surgiam a cada três metros. Uma delas, bem perto de nós, era dedicada a um soldado morto e desconhecido. Meu coração deu uma vacilada.

—Que saco — falei.

— O quê? - Ela se virou para ver o que eu tanto olhava. — O monumento?

- Essa coisa toda de morrer e ninguém saber quem você é, de ser sepultada sem um nome... ou uma história. — Apertei os lábios. - Acho que é assim com a Cassie. Ela morreu e ninguém sabe por quê. Não há motivo algum, ela simplesmente está morta. Fim.

Julie segurou e apertou meu braço.

— A polícia vai acabar descobrindo. Sempre descobrem, de um jeito ou de outro. Será feita justiça.

Senti um friozinho na barriga e forcei um sorriso.

— É, eles sempre descobrem. Pelo menos na tevê, né?

Ela fez que sim, voltou a apertar meu braço e suspirou.

— Beleza. Descendo a rua, tem um brechó que vende vestidos antigos... Mas não da época da Guerra Civil Norte-Americana.

Dei risada e, por ora, deixei a Cassie e todo o resto para tá.

— Espero que não. Acho que não seria legal aparecer usando um vestido rodado e armado.

— Scott ficaria danado da vida. Nunca descobriria como me tirar do vestido.

— Eca — gemi.

Passando o braço por dentro do meu, ela deu uma risadinha.

— Vi um vestido lá e, tipo assim, estou economizando para comprá-lo. — Seus olhos se iluminaram com empolgação e aquela espécie de amor que só é possível quando o vestido é perfeito, e agora eu entendia por que era tão importante. — É um daqueles vestidos curtos da década de 1920, com continhas. Super coquete e lindinho. Espero que ainda esteja lá.

- Não sei o que comprar — admiti. — Nem sei do que gosto, para ser sincera.

— Bom. A Sammy malvada - ela disse, abrindo um sorriso — escolheria um modelito que mostrasse o máximo possível de peitos e pernas

— Ótimo - A campainha soou acima da porta quando entramos numa loja que era um verdadeiro labirinto de araras. — Mas e a Sammy do bem?

Julie olhou por cima do ombro, franzindo o cenho.

— Hum, boa pergunta. Como você devia ter uns onze anos, eu escolheria alguma coisa que não deixasse você com os peitos de fora. Na verdade, você não usava muitos vestidos naquela época. Você era do tipo que gostava de jeans e camiseta

— Isso ajuda um bocado — Sorri, seguindo-a até os fundos da loja, onde havia vestidos pendurados nas paredes e tomando as araras Havia algumas outras garotas ali - Então, cadê o vestido que você tanto adora?

Esticando-se toda. Nas pontinhas dos pés, ela apanhou um vestido enfiado atrás de vários modelos longos e rodados. Eu me apaixonei no mesmo instante pela peça. Prateado e reluzente, era como se tivessem costurado milhares de estrelas no vestido e, quando eu o ergui, as luzes do teto fizeram com que cintilasse.

Julie correu para se colocar ao meu lado, sorrindo.

—Eu o escondi atrás dos outros vestidos.

— Da para ver por quê. É lindo.

— Não é? — Ela parecia até mesmo querer beijá-lo. - O único problema é que, se eu comprar, fico sem dinheiro para os sapatos. E não tenho nada no meu closet que combine com esta belezinha.

Passei os dedos pelas contas intrincadas.

— Acho que tenho umas sandálias de salto prateadas que caíam muito bem com este vestido. Tem tirinhas bem finas. - Julie quase ficou besta de admiração. — E os saltos devem ter uns dez centímetros, mas, se você quiser pegá-las emprestadas, são suas.

— Acho que eu amo você - ela respondeu.

Sorrindo, eu dei de ombros.

— Você se vende fácil.

— Por sandálias de arrasar? Sim. - Ela apertou o vestido contra o peito e voltou um gritinho. - Eu já o experimentei tantas vezes que acho que o dono da loja vai começar a me cobrar aluguel. Ah! Estou pensando em usar uma peruca que guardei depois da escola no ano passado. É um Chanel curto que vai ficar perfeito.

Ela atuava em peças?

- É, vai combinar com o visual coquete.

- Sem dizer que acho que o Scott vai amar. — Os olhos dela adquiriram um brilho travesso — É como se ele me traísse consigo mesma.

Ri alto e voltei a vasculhar as araras. Tendendo mais para os vestidos longos, passei por vários pretos e vermelhos até meus dedos se deterem em um que era de uma tonalidade tão clara de verde que me fez lembrar espuma de arrebentação. Tirei o vestido da arara e o ergui.

O tecido era macio e havia uma faixa apertada da mesma cor sob o busto. A parte de cima me fez lembrar o famoso vestido de Marilyn Monroe, por causa do decote. Eu não conseguia parar do acariciá-lo.

- Ah. Combinaria perfeitamente com seus cabelos e sua pele- Julie comentou.

Meu sorriso saiu hesitante.

- Você acha?

- Sim. Devia mesmo experimentá-lo.

Levei o vestido ao balcão e esperei a atendente me deixar entrar no pequeno provador que ficava nos fundos. De costas para a janela, de repente tive uma sensação peculiar... como se, caso eu me virasse, houvesse alguém de pé bem ali.

Ignorei a sensação, observando a mulher rechonchuda atrás do balcão finalizar a compra feita por duas garotas que não paravam de rir.

A sensação persistiu. Esfreguei a nuca e minhas pernas começaram a tremer. Percebendo que não tinha trazido os remédios, eu me concentrei em manter um ritmo lento e constante enquanto Julie fuçava as bolsas de mão antigas.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, a mulher me levou para o provador e a sensação de ser observada diminuiu, desaparecendo completamente. Sentindo-me muito bem por ter assumido o controle de minha própria mente, tirei as roupas dentro do cubículo e enfiei o vestido pela cabeça.

Virando-me de lado, vi que o tecido escorregava pela minha pele nua feito cetim. A barra farfalhava à altura dos meus tornozelos e as costas eram bem decotadas... Assim como a frente. Fiquei nas pontas dos pés e imaginei a cara que Carson faria.

As maçãs do meu rosto ficaram vermelhas. - Deixe-me ver - Julie batia na porta.

Abrindo a porta, saí e girei sem sair do lugar.

— O que acha?

- Uau! - Julie sussurrou, ajeitando o tecido sobre o meu ombro. - Ficou ótimo. E realmente valoriza as crianças. Não é que valorizava?

— Exagerado?

- Nem um pouco. - Ela olhou por cima do meu ombro.

- Aqui de cima, não dá para ver nada. Seu pai provavelmente vai ficar decepcionado, mas, decididamente, o vestido vai quebrar alguns pescoços.

Dei risada, duvidando de que Carson ficasse muito decepcionado. O que ele diria? Alguma coisa ridiculamente sensual, sem dúvida. E será que finalmente me beijaria? Meu Deus, eu esperava que sim.

- Você devia prender os cabelos. - Julie levantou os fios compridos, tirando-os dos meus ombros e torcendo-os. - Mostrar o pescoço.

O vestido me ganhou, troquei rapidamente de roupa, pagamos e saímos, Julie e eu. Achei o preço um pouquinho salgado, mas imaginei que seria uma grata surpresa para o meu pai saber que eu não tinha estourado o limite do cartão.

Deixamos nossos vestidos no carro e fomos a um restaurante descendo a rua. Enquanto esperávamos nossos pratos, Julie falou de seus planos para o verão e que Scott a levaria para saltar de paraquedas depois da formatura. Seria a primeira vez dos dois. Aparentemente, eu já tinha feito aquilo, mas não me lembrava. Julie me convidou, e meus antigos interesses foram reavivados.

Estávamos quase acabando de almoçar quando Julie se recostou e cruzou os braços.

— Quer dizer que você vai mesmo ao baile de formatura com o Carson?

Acabei de comer o resto do meu cheeseburger, acenando afirmativamente com a cabeça.

— Por que isso é tão espantoso?

Ela fez aquela cara de "Dã, não é óbvio?".

— Você gosta dele ou só vai sair com o cara porque não quer mais o Del?

Uma parte de mim se irritou com a pergunta, mas eu mais ou menos entendia aonde ela queria chegar. Minha atração por Carson era espantosa. Eu era a única que não havia ficado surpresa com isso.

— Gosto dele, Julie. Eu realmente gosto dele, de verdade. E não consigo entender por que não vi isso antes.

— Posso dar algumas dicas — ela se ofereceu, toda animada.

— Não, obrigada. — Eu me recostei, sorrindo. — Mas, falando sério, acho que ele é absurdamente perfeito.

Julie deu risada e apoiou os cotovelos na mesa.

— Você gosta mesmo dele! Olhe só para as suas bochechas. Estão vermelhinhas de amor!

—Cale a boca.

Joguei nela a bolinha que fiz com o guardanapo. Ela sorriu.

- Mas eu acho ótimo. Não conte para o seu irmão que eu disse isso, mas o Carson é tudo de bom.

Ele tem aquele jeito de amante latino.

—Ah, minha nossa.

Levando as mãos ao rosto vermelho, soltei uma risadinha.

— Mas, falando sério? Carson é mesmo um cara bacana. É para pegar e não largar mais. — Ela se recostou e pegou a conta. — E sair com ele tem mais uma vantagem.

Na mesma hora, pensei em coisas não recomendadas para menores de dezoito anos.

— Dá para ser mais específica?

Seus olhos se encheram de travessura quando ela inclinou a cabeça para o lado, jogando os cabelos louros, lisos e compridos por cima do ombro.

— A cara que seus pais vão fazer quando você contar a novidade.

Fiz um ruído com a garganta, um misto de riso e gemido.

— Minha mãe vai...

—... surtar — Julie terminou a frase por mim. Havia solidariedade no seu rosto quando ela viu a cara que fiz. — Não se preocupe. Ela vai superar. Um dia. Ela levou só um ano para me tratar como gente.

— Fico bem mais tranquila agora. — Larguei o cartão de crédito na mesa. — Mas quer saber? Não estou nem aí. Pelo Carson... vale a pena fazer os dois terem um AVC.

- Só...

Baixou uma sombra sobre nossa mesa. Eu me virei com o sorriso petrificado no rosto. Quase não

reconheci os cabelos curtos, loiro e lustrosos, o rosto perfeito desfigurado por um cansaço e uma tristeza que eu não conseguia sequer começar a entender.

- Senhora Winchester - Julie falou, apurando-se. Seus olhos pularam para mim, apreensivos. - Como... como vai?

Os olhos azuis e embaçados da senhora Winchester passaram de Julie para mim.

- Muito bem, considerando-se que minha filha foi assassinada.

Meu cérebro se esvaziou. Emudecida diante daquela aparição repentina, eu só conseguia olhar para ela. A mãe de Cassie. A mãe da minha melhor amiga, Branca. Julie se mexeu. Eu queria me virar para o outro lado, fechar os olhos de desespero. Minha boca simplesmente não funcionava. E eu sabia que precisava dizer alguma coisa. Eu tinha que dizer.

Por fim, meu cérebro pegou no tranco e minha voz saiu engasgada e rouca.

- Senhora Winchester, eu sinto muito, muito mesmo pela Cassie.

O pesar escureceu aqueles olhos azuis, mas algo ainda mais forte e tenebroso se revolia atrás deles.

- Sente? As duas sentem?

- Sim, senhora. - Julie concordou. - Foi horrível.

A senhora Winchester sorriu sem mostrar os dentes. Seu lábio inferior tremeu tamanho foi o esforço.

- Vocês pareciam sentir muito mesmo enquanto compravam os vestidos.

A sensação de que me observavam era por causa dela, a mãe de Cassie? O que ela estava fazendo? Nos espionando enquanto fazíamos compras? Mas ela continuou antes que eu pudesse digerir a coisa.

- Vocês se divertiram? Curtiram fazer planos para o baile de formatura? - Seus olhos se fixaram em mim. – Imagino que você vá com o Del.

Minha boca se abriu, mas Julie se intrometeu:

- Na verdade, Sam e Del não estão mais juntos.

Ela não pareceu surpresa.

- Sam? Diga me, Sam, como é que você tem coragem de sair para comprar um vestido para o baile de formatura sabendo que minha filha está morta e enterrada?

- Eu...

- Você é igualzinha a ele - ela disse, de olhos brilhantes.

- Eu falei para ela não se meter com você, mas ela não me escutou.

Eu me retraí.

Igualzinha a quem? Sou igualzinha a quem?

O avô da Cassie apareceu de repente, agarrando o braço da senhora Winchester.

- Chega. Você está dando escândalo.

- Não dou a mínima — ela retrucou, soltando o braço.

E ela estava dando escândalo. Todos ali no restaurantezinho estavam olhando. Moradores. Turistas. Sem dúvida seria o assunto da escola na segunda-feira. Eu queria afundar no estofado e, ao mesmo tempo, queria que ela respondesse à minha pergunta.

- Acho melhor a gente ir, Sam — disse Julie, fazendo menção de se levantar.

Fiquei de pé, as pernas bambas.

- Senhora Winchester, se eu me lembrasse de alguma coisa, juro que diria...

- Como é possível você não se lembrar?

—Eu não...

Ela deu o bole e meteu a mão na minha cara. O som do tapa reverberou por todo o restaurante e o ardor que senti foi intenso. Com os olhos cheios d'água, levei a mão ao rosto, atordoada.

As lágrimas corriam desimpedidas pelo rosto da mãe da Cassie.

— Minha filhinha tinha problemas, mas não merecia o que aconteceu. Você era amiga dela, a única amiga de verdade. E ela está morta, e você sai para comprar um vestido para o baile de formatura.

Como consegue conviver consigo mesma?

A vida era dura, mas eu estava viva, e isso tinha de valer alguma coisa. Naquele exato momento, era mais dura que o normal. Quando cheguei em casa e minha mãe viu a marca do tapa no meu rosto, ela subiu pelas paredes feito lagartixa.

— Devíamos registrar uma queixa na polícia, Steven. — Ela seguia meu pai, contornando a ilha da cozinha. Pequenos fios de cabelo escapavam do seu coque, feito dezenas de minúsculos dedos delineando suas têmporas. — Que atrevimento o dessa mulher, bater na nossa filha?

Meu pai fez uma careta.

— Acho que chamar a polícia não é a melhor coisa a se fazer no momento.

— Sou obrigada a concordar, considerando que quem me bateu foi a mãe da garota que eles acham que eu matei.

— Samantha! — minha mãe girou para me encarar, horrorizada.

- Que foi? — Joguei as mãos para o alto. — É verdade.

- Você está tomando os remédios? - ela perguntou, estreitando os olhos.

- Sim - resmunguei, sentando-me no banquinho.

A um passo da porta da cozinha, Scott xeretava a conversa. Não que fosse necessário. Qualquer pessoa a dez quilômetros da casa escutaria minha mãe. Ele fez aquela cara para mim quando nossos olhares se chocaram.

Meu pai se encostou no bar, baixando a cabeça para me olhar nos olhos.

—Você se machucou?

— Não. Só estou surpresa — respondi, balançando a cabeça.

— A bochecha inteira está cor de sangue. — Minha mãe levou sua mão fria à maçã do meu rosto. — Bater na nossa filha é inaceitável.

Afastando-se da bancada, meu pai tocou a base das costas de minha mãe, mas ela logo recuou.

- Acho melhor deixarmos isso pra lá — ele falou, deixando cair a mão ao lado do corpo.

Aquilo era tão provável quanto nevar no inferno. Minha mãe parecia mais disposta a se deitar e esperar a morte do que a deixar aquilo “pra lá”, mas meu pai acabou a tranquilizando. Para minha surpresa, minha mãe não estava bebendo, ou seja, era a oportunidade perfeita para fazê-la enlouquecer de verdade.

- Então. — Falei aquilo da maneira mais irritante possível, o que me rendeu um olhar feio da minha mãe. — Hoje eu comprei um vestido para o baile de formatura.

— Ah. Minha mãe piscou e um sorriso tênue apareceu. — Comprou? No centro?

- Sim. É um vestido clássico muito bonito que encontrei num brechó. Está lá no meu quarto. - Brechó? - ela repetiu devagar.

Na outra sala, Scott engasgou com o próprio riso. Continuei de olhos fixos em nossos pais.

- Qual foi o tamanho do estrago no meu Black? - meu pai perguntou, referindo se ao cartão de crédito. Enfiei a mão no bolso e entreguei lhe a nota fiscal. Ele ergueu as sobrancelhas bem alto. — Amor, nossa filha é perfeita.

Ela bisbilhotou por cima dos ombros dele.

— Só isso? Tenho que ver esse vestido.

Inspirando fundo, bati as mãos nas coxas.

—E vou ao baile com alguém.

Os olhos verdes de minha mãe, geralmente sérios, se iluminaram, animados.

— Você e Del voltaram?

Ouvi mais um som esganado vindo da outra sala e faltou pouco para eu encher o Scott de porrada.

— Hã, não... Não voltamos.

— Então com quem você vai ao baile, princesa?

Olhei para o meu pai.

— Com o Carson.

Minha mãe inspirou fundo e ruidosamente e olhou fixo para mim. Foi quase como se eu tivesse confessado fazer parte de uma célula terrorista.

— Samantha...

- Nem vem. — Fiquei de pé, preparada para a batalha. — Quero ir ao baile com ele, e vou fazer isso. Carson é um sujeito decente e não há nada de errado com ele. E, juro por Deus, se alguém mencionar o fato de que o pai dele trabalha para nós, eu vou jogar merda no ventilador.

— Samantha! — ela gritou. — Olhe a boca.

Escolhendo aquele exato momento para se revelar, Scott entrou na cozinha batendo palmas.

—Bravo! Bravo! Apoiado e reiterado.

Minha mãe cruzou os braços.

— Scott, vá para o seu quarto.

Ele se sentou no banco ao meu lado e continuou:

— Carson é mesmo um cara decente. Melhor que o escroto do Del.

— Scott!

Ela estava perto de ter um AVC.

— Amor, acho... Acho até bom. — Quando ela começou a protestar, meu pai lhe lançou um olhar sugestivo. — Deixe Samantha tomar suas próprias decisões. Exatamente como você fez.

—Não é a mesma coisa — ela argumentou.

— Se bem me lembro, seu pai não me achava grande coisa, porque eu não tinha nascido do lado certo da cidade. - Ele sorriu, mas algo passou por seu rosto. Uma careta rápida retorceu-lhe os lábios. — E Carson é um bom garoto. Nunca tivemos problemas com ele.

Voltei a colocar meu peso nos calcanhares.

—Então está resolvido.

Minha mãe abriu a boca, mas meu pai se antecipou.

- Eles não vão se casar, pelamordedeus. Só vão ao baile de formatura. É só isso.

De repente, encarei meu pai e entendi o que ele estava deixando por dizer. Talvez fosse porque, em algum lugar, bem lá no fundo do meu ser, eu soubesse como ele agia, no que ele realmente acreditava. Aceitava o Carson não porque ele fosse tão diferente assim da minha mãe, e sim porque via a coisa como algo passageiro. Eu sabia que, se declarasse que o lance não era só uma coisa passageira, ele também subiria pelas paredes. E não importava de onde ele tinha vindo.

—Chega de falar dos hábitos amorosos da minha irmã —

Scott falou, chamando minha atenção. — Julie me contou que a mãe da Cassie disse umas maluquices.

De volta àquele assunto. Gemi.

— É, ela não parava de falar que eu era igualzinha a “ele”, e acho que ela acredita que eu sei o que aconteceu, só que estou fingindo não saber.

— Quem é “ele”? — Minha mãe franziu o cenho e pôs-se a brincar com a droga das pulseiras.

— Não sei. — Voltei a me sentar, baixando os ombros.

- Mas ela disse que tinha alertado a Cassie para ficar longe de mim.

Scott revirou os olhos e começou a reorganizar as peras e maçãs da fruteira.

— Engraçado, porque era preciso alertar todo mundo para ficar longe da Cassie.

Tirando as mãos dele do caminho, minha mãe devolveu as frutas à disposição em que ela as havia deixado.

- Eu acho mesmo que devíamos prestar queixa, Steven. A coitada obviamente é instável.

Meu pai balançou a cabeça, aturdido.

—Não precisamos envolver a polícia.

—Mas ela está fazendo alegações biza...

— Nada de polícia! — Ele bateu a mão sobre o bar e fez todos nós pularmos. Bufando com força, ele balançou a cabeça. — Vou falar com o Lincoln e deixá-lo avisado, se isso fizer você se sentir melhor.

Minha mãe o encarou, de rosto corado.

—Sim. Fará, sim — ela disse, comendo as palavras.

Olhei de relance para o Scott, que deu de ombros. Decididamente, havia uma briga a caminho, e eu queria dar o fora dali antes que a coisa explodisse. Era um saco ver os dois trocarem olhares fulminantes e saber que, em parte, a culpa era minha. Sem que percebessem, Scott e eu descemos dos bancos e saímos da cozinha. No instante em que contornamos uma parede, as vozes se altearam.

—No que acha que vai dar a briga? — perguntei enquanto nos dirigíamos para o porão.

Scott jogou uma maçã para o alto e a apanhou.

— Sei lá. — Apanhando a maçã outra vez, ele olhou para mim. — Mas eles receberam surpreendentemente bem a notícia sobre o Carson.

— É — murmurei, mas eu estava espantada com a maneira como meu pai havia reagido à ideia de envolver a polícia. Era a primeira vez que eu o via perder a calma, mas me parecia que era simplesmente porque eu não me lembrava das outras vezes.

Dois sábados depois, eu olhava fixamente para o frasco de pílulas antipático. Era como se houvesse um balde inteiro de água gelada na minha barriga, e que agora começava a congelar, espalhando dardos incoerentes de pânico e empolgação por todo o meu corpo. O doutor O'Connell tinha dito que as alucinações e lembranças eram muito provavelmente desencadeadas pela ansiedade.

E ir ao baile de formatura com o garoto por quem eu estava caidinha deixava meus nervos à flor da pele.

Girando o frasco de remédio na mão, engoli em seco. Se tomasse uma das pílulas, eu certamente não surtaria, mas ficaria totalmente anestesiada. A primeira vez que Carson segurasse minha mão, dançasse comigo ou — tomara — me beijasse, eu queria sentir de verdade, e não simplesmente passar batido. E eu estava ótima. Nada de bilhetes. Nenhuma alucinação. Nenhuma lembrança. Eu não precisava dos remédios.

Tomada a decisão, devolvi o frasco à farmacinha e fechei a porta. Meu reflexo no espelho de repente retribuiu meu olhar. Eu havia passado boa parte da tarde e do começo da noite cuidando do penteado e da maquiagem, para que ficassem perfeitos.

Uma sombra castanha e esfumaçada cobria minhas pálpebras, realçando as pintinhas verdes nos meus olhos. Como eu havia optado por um blush levemente cintilante, as maçãs do meu rosto pareciam mais altas e bem definidas. O brilho aplicado à boca dava aquele ar de “me beija”. Seguindo a sugestão da Julie, tínhamos ido juntas ao cabeleireiro naquele mesmo dia. Ele encaracolou meus cabelos, formando anéis generosos, e fez um coque alto e um belo arranjo com os cachos. Alguns caracóis pendiam soltos, emoldurando meu rosto.

Alguém limpou a garganta e eu me virei. Minha mãe estava na porta do meu banheiro, sorrindo de leve.

— Está linda, amor.

— Você acha? — perguntei, descendo as mãos pelos flancos do vestido.

— Está mesmo — ela disse, fazendo que sim com a cabeça.

— Obrigada — respondi, devolvendo o sorriso.

Minha mãe virou a cabeça, mas vi seus olhos começarem a marejar.

— Seu par está esperando lá embaixo, sendo interrogado por seu pai neste exato momento.

Arregalei os olhos e o balde de água virou uma geleira em movimento.

— Ele já chegou?

Ela recuou para me dar passagem. Apanhei minha bolsa de mão e consegui chegar à porta antes que ela me detivesse.

— Carson parece ser muito bacana, Samantha.

Surpresa, olhei de relance por cima do ombro. Não havia o que dizer. Deviam estar guerreando com bolas de neve no inferno.

— Divirta-se — ela disse. — Você merece.

— Pode deixar. — Pisquei os olhos para conter as lágrimas. Eu não queria estragar a maquiagem

de jeito nenhum. — Obrigada.

Minha mãe me acompanhou e saímos do quarto. Nervosa ao extremo, quase não desci a escadaria, mas ela murmurou palavras do incentivo o lá fui eu, me sentindo uma daquelas garotas de filmes açucarados para adolescentes.

Meu pai havia acuado Carson na sala de estar perto do foyer, e eu abri um grande sorriso. Os dois estavam de costas para mim, mas, do pouco que tinha visto de Carson até ali, metido num smoking, gostei.

Gostei bastante.

Carson deve ter escutado meus saltos baterem no assoalho, porque ele se virou, com uma caixinha plástica nas mãos. Nossos olhares se encontraram, e seu olhar me fez contrair os dedos dos pés. Aí ela baixou os olhos, e o ar de franca aprovação em seu rosto me fez desejar que estivéssemos sozinhos.

Mas não estávamos.

Meu pai pigarreou.

- Esta adorável, princesa.

- Uau — Carson murmurou, voltando lentamente a olhar para o meu rosto, deixando um rastro de calor escaldante. — Sam...

- Oi — falei, baixando o olhar até a caixa. — É para mim?

Carson engoliu em seco quando eu me coloquei ao lado dele.

Seus dedos tremeram ligeiramente quando ele tirou da caixa um lindo corsage de lírios que devia ter custado uma pequena fortuna e o colocou no meu pulso. Ergui as pálpebras e descobri que ele também olhava para mim, com aqueles olhos de cobalto intenso.

- Está linda — ele murmurou.

Um calor rubro corou as maçãs do meu rosto.

- Obrigada. Você também.

E estava mesmo. O smoking valorizava seus ombros largos e fazia um belo contraste com a pele

bronzeadas. Magnífico.

Surpreendendo-me mais uma vez, minha mãe quis tirar umas fotos. Posamos para um ou dois instantâneos, e senti um formigamento na base das costas, que ele pressionava de leve. E, o tempo todo, foi como se eu flutuasse no ar.

Escapamos depois de meu pai me dar um beijo rápido no rosto e lançar mais um olhar implacável para Carson. Lá fora, no ar primaveril de começo de noite, Carson encontrou minha mão e a apertou.

—Não sei se quero ir ao baile.

- O quê? — Deixei que ele me levasse até a picape do pai.

— Você não quer ir?

—Não sei se quero dividir você com as outras pessoas -ele disse, abrindo a porta para mim.

Dei risada.

—Sou toda sua.

— Vou cobrar a promessa. — Ele esperou que eu entrasse na picape e se debruçou, beijando-me de leve no rosto. — Vou cobrar mesmo.

Senti um leve arrepio quando o vi fechar a porta. Ele me lançou um sorriso breve e quase malicioso antes de contornar a frente da picape num trotinho. Tão logo assumiu o volante, ele se virou para mim.

— Não estou acreditando que é você mesma aqui — ele confessou, ligeiramente corado. — Que você está comigo.

Uma coisa boa me subiu pela garganta.

—Não acredito que levei todo esse tempo para estar aqui com você.

Encontramos Scott e Julie no Cashtown Inn para jantar. Conseguir reservas ali com certeza não era algo fácil, mas meu pai aparentemente havia cobrado alguns favores e arranjou para nós quatro uma mesa no salão lotado. Durante o jantar à luz de velas, tudo que vinha acontecendo ficou para trás.

Fazia um tempão que eu não ria tanto, e acho que nunca tinha me sentido tão bem como naquela noite, apreciando um jantar para lá de sofisticado com meu irmão e sua namorada, sentindo a mão de Carson em volta da minha sob a mesa.

E a garotada ali no restaurante não disse nem fez nada que indicasse problemas. Na verdade, a maioria pareceu ficar espantada quando Carson e eu saímos de mãos dadas.

- Pronta para dançar? — Julie perguntou, absolutamente de cabelos curtos e vestido cintilante.

Acenei afirmativamente, sorrindo para Carson.

- E você?

Ele se colocou atrás de mim, envolvendo minha cintura com seus braços. Baixando a cabeça até ficarmos de rostos colados, ele sorriu.

—Vou aonde você for.

— Acho que não estou gostando disso — falou Scott, olhando feio para nós.

- Ah, cale a boca. — Julie agarrou o braço dele, puxando-o para o carro. — Está na hora de cair na farra.

Resmungando, Scott se deixou levar por ela. Julie olhou por cima do ombro, formou com a boca a palavra “gostoso” e deu um tapa na bunda do meu irmão.

Dei risada e me encostei em Carson. Ele produziu um som que fez meu peito se agitar bem lá no fundo e seus braços me apertaram.

— Se não formos agora mesmo para o baile — ele falou, roçando minha orelha com os lábios —, tenho certeza de que nunca chegaremos lá.

Fui de rosto corado o caminho todo até o hotel onde celebraríamos nossa formatura. Com meu braço bem enroscado no dele, nos dirigimos para a entrada dos fundos, seguindo a cadência da música e as risadas até o salão de baile.

Eu apertei os braços dele ainda mais ao entrarmos. Candelabros pendiam do teto, a única fonte de luz a iluminar a massa de corpos em movimento. Lírios decoravam as mesinhas redondas; o que parecia ser guirlandas de rosas enfeitava o palco sob a flâmula da escola. Pequenos arbustos e árvores internas foram ornamentadas com pisca-pisca. O lugar era lindo, surreal.

Quase de imediato, os amigos vieram cumprimentar Carson. Eu sorria, adorando a facilidade que ele tinha para lidar com as pessoas, a informalidade e a amizade franca. As pessoas se sentiam atraídas por ele e, através dele, por mim também, fomos saudados por vários olhares de espanto, mas não dei a mínima. Nada estragaria aquela noite.

Julie e Scott reapareceram e, antes que Carson e eu tivéssemos a oportunidade de dançar juntos, ela me arrastou para a pista.

- Dance! — ela exigiu, jogando os braços para o alto.

Rindo, eu cedi e descobri que não dançava mal. Entrei no ritmo com facilidade e deixei a música me levar, me perdendo em sua cadência acelerada. Uma sensação de familiaridade foi se apoderando de mim e, com ela, veio uma pontada de culpa, mas me liberei dela para desfrutar o momento.

Terminamos de dançar e voltamos para onde havíamos deixado os garotos. Trombei com uma moreninha de vestido preto.

-Desculpe! — gritei, mais alto que a música.

Ela se virou, arregalando os olhos de surpresa.

- Sammy? Você veio?

- Lauren, você está ótima. — E estava mesmo. O vestido ficava perfeito em seu corpo esguio.

Eu esperava que ela me xingasse, mas ela me deu um abraço rápido.

- Você também. Veio com quem?

- Carson Ortiz. — Fiquei toda orgulhosa. Vim com ele. Piscou os olhos, mas seu sorriso não vacilou.

- Que maneiro. — Alguém gritou o nome dela, e Lauren olhou rapidamente para o outro lado antes de voltar a me encarar.

- A gente não podia sair um dia desses? Pegar um cineminha?

Seria legal eu disse, com toda a sinceridade.

- Ótimo! — Ela voltou a me abraçar. — A gente se vê.

Sorrindo, voltei para o Carson. Vi de relance a Candy se esfregando no Trey num canto escuro. Os dois pareciam um pouco bêbados. Ignorando-os, abracei Carson por trás, à altura da cintura.

—Vamos dançar?

Ele se virou, abandonando o grupo de amigos sem dizer nada. Fomos para a pista de dança, encontramos um lugar vazio. Aí ele passou um braço pela minha cintura e me apertou contra o peito. Nossos corpos se acomodaram um ao outro quando eu me pendurei no pescoço dele.

— Que bom que você me convenceu a vir — falei.

— O prazer é todo meu — Carson disse, sorrindo.

Eu estava adorando ver que ele parecia sempre saber o que dizer. Descansei o rosto no ombro dele e fechei os olhos. Durante boa parte da música, ficamos como estávamos, perdidos na melodia vagarosa e nos braços um do outro. Eu não me lembrava de outros bailes, mas e daí? Aquele já era o meu preferido, com ele, aparentemente não mais ligada a um passado do qual eu não me recordava.

— Tenho que dizer uma coisa para você — ele falou, virando a cabeça e roçando o queixo no meu rosto.

Ergui a cabeça e o olhei nos olhos.

— O quê?

—Não quero que acabe hoje.

Senti um aperto no peito.

—Não quer que o que acabe?

Carson sorriu de orelha a orelha, e percebi que não nos mexíamos mais, apesar de haver gente

dançando a nosso redor.

- Você. Eu. Juntos, não só esta noite. Por exemplo, quero levar você para almoçar amanhã. E, se você se comportar direitinho, ficar com você até a hora do jantar.

Tonta, dei risada.

— Se eu me comportar direitinho?

— Ahn-rã. — Ele pressionou a testa contra a minha, e seus lábios chegaram tão perto que foi inebriante. — E se você for realmente boazinha, espero vê-la depois do treino na segunda-feira. Aí, quem sabe um cinema na terça.

Meus olhos se fecharam.

— E como fica a quarta-feira e daí em diante?

—Vai depender de você, se for boa ou má.

—E o que vai acontecer se eu for má?

— Boa pergunta. — As mãos dele escorregaram até os meus quadris e o movimento foi acompanhado por uma fatura de calor. — Vamos ter de pensar num castigo. Ser má talvez seja bom.

Comecei a sorrir.

— E ser boa é o quê, então?

— Boa é boa. — Ele passou os lábios pela maçã do meu rosto e fiquei sem ar. — Sabe, eu meio que estava zoando dois segundos atrás. Você pode se comportar como quiser, ou não se comportar. Quero uma quarta, quinta e sexta com você. Várias, em sequência, sem interrupção.

Um lampejo de culpa ameaçou estragar o momento, feito um penetra, tentando cravar em mim suas garras, mas eu abri os olhos.

— Está me pedindo em namoro?

— Parece que sim.

Os olhos dele cintilaram.

— Bom, gosto da ideia. Provavelmente há mais tempo do que seria recomendável confessar.

Seus lábios se separaram e sua boca baixou até a minha.

O ar ficou encalacrado na minha garganta e minha pulsação rufou. Havia chegado a hora. Ele ia me beijar. Até que enfim. Todas as células do meu corpo sofriam de uma deliciosa expectativa, pois eu sabia que, mesmo não me lembrando de outros beijos, aquele ganharia de todos.

E, do nada, Scott trombou conosco.

— Acho que existe uma regra que determina a distância mínima entre os pares na dança. Não me obrigue a fazê-la valer.

Julie baixou a cabeça.

— Você só me faz passar vergonha.

Olhei feio para meu irmão, mas Carson deu uma risadinha.

— Você sabe estragar o clima, cara.

— Essa é a minha função. — Ele sorriu descaradamente e conduziu Julie para longe de nós.

Carson suspirou.

— Seu irmão...

— É um imbecil adorável? — Estragado o clima, olhei ao redor e limpei a garganta. — Acho que preciso...

Ele me beijou no rosto.

— Vou pegar alguma coisa para a gente beber.

Relutantemente, eu me desvencilhei dele e fui para a entrada. Nossa conversa havia me deixado tontinha. Meu coração fazia acrobacias e eu queria procurar a Julie a contar que Carson e eu estávamos namorando. Decididamente, um gritinho de prazer vinha se formando na minha garganta e precisava sair imediatamente. Naquele exato momento, era a primeira vez para mim, e eu flutuava no ar como se pisasse em balões.

Empurrei a porta do banheiro e, no mesmo instante, desejei ter ido a qualquer outro lugar, menos

para lá.

Junto à pia, Verônica apanhou uma folha de papel castanho e esfregou as pálpebras inferiores, limpando furiosamente o rímel. Comecei a voltar rapidinho por onde tinha entrado, mas o código de conduta feminino exigia que eu pelo menos perguntasse se estava tudo bem.

Xingando baixinho a mim mesma, deixei a porta do banheiro se fechar atrás de mim.

—Verônica, você está bem?

Ela ergueu as pálpebras.

— O que parece? Estou fantástica.

E era por isso que eu odiava o código de conduta feminino. Balançando a cabeça, eu me virei para a porta. Tinha de haver outros banheiros por perto.

— Pensei que ele realmente gostasse de mim — ela disse com voz vacilante. — Não foi uma idiotice minha? Aposto que isso deixa você absurdamente feliz.

Desacorçada, eu a encarei.

- Del?

- Quem mais? - Ela riu e cutucou a pele rosada sob os olhos. - Ele finalmente largou você, e era a minha chance. Nem a Cassie estava por perto para atrapalhar.

Eu pensei em corrigir a informação sobre quem teria largado quem, mas decidi não fazer isso.

- Ver você chorar não me deixa feliz.

Ela jogou a toalha de papel no chão e girou nos calcanhares, segurando se na beirada da pia. Os cachos elaborados no alto da cabeça quicaram no seu rosto manchado de lágrimas.

- Ele só fala de você. Que estão só dando um tempo, que vão voltar. Não aguento mais!

Fiquei estarecida.

—Nós não vamos voltar.

— Tente dizer isso a ele. - Verônica jogou as mãos para o alto. As unhas pintadas combinavam com

o vermelho do vestido. A tontura começou a se apoderar de mim. — Não que isso importe. Ele me disse que as mães de vocês estão planejando uma viagem dos dois até as Poconos para se acertarem.

Fiquei de queixo caído. Ah, meu Deus, eu queria esganar minha mãe. E eu pensando que ela havia feito algum progresso naquela noite. Ugh.

Del e eu não vamos fazer viagem nenhuma.

Verônica começou a rir, mas se engasgou. Ela fungou.

—Ah, não?

— Pode ficar com ele, se quiser. Mas, falando sério, é o que você quer?

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de sugerir que saíssemos pela rua chutando cachorrinhos.

- É o que todas querem.

- Não, nem todas. - Mais uma vez, comecei a me virar, mas parei. — Você merece coisa melhor que um cara que passa o tempo todo falando de outra pessoa.

Agarrando outra toalha de papel, ela tapou a cara.

— Por que você está sendo tão legal comigo?

Boa pergunta.

—E por que não?

Ela voltou a fungar, virando-se para o espelho.

—Que seja.

Saí do banheiro e quase trombei com a Candy e um bando de garotas. Ah, pelamordedeus... Candy levou uma das mãos ao quadril.

— Que decadência, hein? Namorando o empregadinho?

— E você que está tão a perigo que sai com o ex-namorado da amiga morta? — rebati.

Candy arregalou os olhos e os apertou logo em seguida, mas forcei a passagem e as deixei para

trás. Elas me seguiram de volta ao salão, falando porcaria o caminho todo. Eu merecia uma medalha por não me virar e bater numa delas.

— Vai chorar? — Candy cantarolou.

— O quê? — Franzi o cenho, mas continuei em frente. Já estava quase no salão... quase.

— Ou vai surtar e correr para o terapeuta?

Dei meia-volta.

Por que não tenta bancar a amiga de verdade e vai dar uma olhada lá no banheiro em vez de me seguir por aí feito um cachorrinho patético?

Candy jogou os cabelos para um lado.

- O que você está querendo dizer com isso?

— Sua amiga, Verônica. Ela precisa de uma forcinha no momento. Está no banheiro. E não está se divertindo muito.

Ela franziu o nariz como se eu tivesse lhe pedido para calcular a raiz quadrada de três.

— Você provavelmente está vendo coisas de novo, hein? A Verônica está se divertindo a valer. Vai ser eleita a rainha do baile.

Foi nesse instante que eu desisti.

—Que seja.

— Sam Insanidade! — Candy me provocou, arrancando algumas risadinhas das meninas.

—Quanta inteligência — eu disse, revirando os olhos.

Ela respondeu com um aceno de cabeça que me fez lembrar um avestruz, girou nos calcanhares e foi embora cambaleando. Sobraram as outras, e eu as encarei. Alguma coisa nos meus olhos deve tê-las feito se lembrar da velha Sammy, porque saíram correndo feito baratas.

Recusando-me a deixar que qualquer uma delas estragasse minha única noite de normalidade, entrei no salão e procurei o Carson. Eu o avistei ao lado do meu irmão e de alguns outros jogadores de beisebol e fui na direção dele.

Um corpo alto e esguio apareceu de repente diante de mim, vestindo vermelho. Num instante, os corpos em movimento, a música e as luzes ofuscantes desapareceram. O mundo ficou cinzento.

Cassie estava diante de mim.

Seu vestido bonito estava esfarrapado e pendia sem vida de seus braços medonhamente lívidos. Uma substância escura e oleosa escorria pelo seu rosto. Avancei um passo. O lado da cabeça... estava disforme, afundado.

Rachado. Em pedaços.

A bile me chegou à garganta.

— Cassie — sussurrei.

E aí percebi que ela não estava realmente de pé. Os braços e as pernas pareciam ondular preguiçosamente como se alguma coisa carregasse seu corpo. Uma parte de mim reconheceu o que eu vi: Cassie boiando no lago, o que explicava o olhar vazio como o de uma boneca.

Outro vulto surgiu entre nós, agitando os braços no ar... ou por cima das rochas. O luar se refletia no corpo esguio. O vento soprava para trás fios de cabelo compridos, e ela gritou: “Cassie!”.

Meu coração vacilou. Era eu... Eu, olhando para baixo, para o corpo da Cassie.

Alguém surgiu do escuro, estendendo os braços para a versão cimenta de mim mesma. Eu me virei, o pavor e a incredulidade estampados na cara. Meu rosto se contorceu, e eu me levantei, dando um passo para trás.

A outra pessoa era mais alta, mais forte. A frustração fervilhou dentro de mim. Não conseguia ver o rosto dele!

Ele tentou me alcançar, e pude sentir o pânico que nós dois emanávamos. Meu pé escorregou na pedra, bati os braços, tentando não perder o equilíbrio, me segurar em alguma coisa... nele. Um grito silencioso separou meus lábios e meu corpo se dobrou ao meio.

Aí eu tombei para trás, desapareci, cai no vácuo escuro que veio ao meu encontro e me puxou para baixo. Sumi.

Fui arrancada da visão quando outro corpo trombou comigo. Tonta, eu me virei.

Um rosto maldoso me encarava.

— O que você está fazendo? Saia do caminho, sua doída.

Mal ouvi as palavras e fui aos tropeços na direção das portas. Por mais horrível que parecesse, eu estava animada. Não éramos só Cassie e eu lá em cima. Havia mais uma pessoa conosco.

Aí uma possibilidade se insinuou nos meus pensamentos. A outra pessoa talvez não tivesse empurrado a Cassie. Era eu quem estava na beira dos rochedos, gritando o nome dela. A pessoa talvez estivesse lá, presenciando tudo, mas não fazia sentido. Se havia uma terceira pessoa, se ela tinha me visto, por que não procurou a polícia?

Teria feito isso se não tivesse algo a esconder.

Eu tinha que falar com o Carson.

Tirei o celular da bolsa, mandei um torpedo para o Carson, dizendo que ia sair para tomar ar, para o caso de ele começar a me procurar. Deixando o salão para trás, entrei no corredor mal iluminado que levava ao estacionamento. Meus saltos tamborilavam o assoalho, um eco constante a me fazer companhia. Coloquei a mão no vidro frio da porta, parei ao ficar toda arrepiada. Os pelinhos da minha nuca se eriçaram.

Olhei por cima do ombro, vasculhando o corredor vazio. Não havia ninguém ali, mas não consegui me livrar da sensação de que era observada. A coisa turbilhonava dentro de mim, feito tinta escura derrubada na água. Empurrei e abria a porta, saí para o ar da noite e me recusei a olhar para trás.

Ignore as sensações. Não eram reais. As lembranças eram, mas o resto era só eu tentando me assustar... ou me comunicar comigo mesma. O que me parecia estranho o absolutamente maluco.

Atravessei o estacionamento, acompanhada pelo ruído dos saltos, o todos os meus nervos pareciam omitir descargas elétricas ao mesmo tempo. Olhe para trás. Vai vê-lo. Ele está lá. Esperando e observando. Meu coração começou a acelerar tanto como quando Carson estava tão perto de me beijar enquanto dançávamos. Só não foi tão agradável.

Meu celular apitou alto dentro da bolsa, o que me fez pular e quase cair de cara no asfalto. Levei a mão ao coração disparado e deixei escapar uma risada vacilante. Morta de susto por causa de uma mensagem de texto. Nossa. Parei ao lado de uma árvore grande e tirei o celular da bolsa. O nome de Carson brilhava na tela.

Foi aí que eu ouvi os passos regulares, calculados, pesados e agourentos que fizeram minha pulsação disparar. Minhas entranhas eram uma massa gelada de nós apertados. Não é real. Não é real. Um. Dois. Três. Os passos estavam mais próximos. Minha nuca ardia, em alerta.

Eu não conseguia respirar.

Meus dedos trêmulos percorreram a tela do celular, abrindo o torpedo de Carson. JAH TO INDO. Meus pulmões se contraíram e voltaram a funcionar. Carson estava a caminho. Tudo bem. Ia ficar...

Os fios de cabelo soltos na minha nuca se agitaram. Senti Um calor por toda a pele.

A mão de alguém circundou meu braço nu, e meu coração foi parar na garganta. Abri a boca para gritar, mas outra mão a tapou com força, abafando o som.

— Não grite — ele falou.

No instante em que reconheci a voz, a raiva substituiu o pavor. Dei uma cotovelada para trás e acertei a barriga de Del com toda a força. A dor desceu pelo meu braço, mas, com um grunhido assustado, ele me soltou.

Eu me virei, pronta para usar minha bolsa de mão como arma letal.

—Qual é o seu problema?

Ele apertava a barriga, de olhos arregalados.

— Meu Deus, Sammy, não era para tanto.

Eu queria bater nele outra vez.

— Não era? Você me apanhou de surpresa e tapou minha boca! Meu Deus, achei que você ia...

Endireitando-se, ele me encarou.

— Fazer o quê? Não é possível que não tenha me ouvido chegar. Eu não estava exatamente tentando passar despercebido.

— Mas... — Mas eu pensei que não era real, só mais uma alucinação auditiva. Agora eu queria bater no doutor O'Connell. E em vez do Del, fosse um psicopata? E eu simplesmente havia ficado ali, dizendo a mim mesma que ele não era real? Balancei a cabeça. — Não importa. O que você quer?

Ele pareceu magoado.

- Só queria conversar. Você prometeu, por falar nisso.

Devolvi meu celular à bolsa.

- Não prometi nada, e você está com a Verônica...

— Não estou nem ai pra Verônica! — Uma veia pulsava em sua têmpora, e eu dei um passo desconfiado para trás. — Só vim com ela porque você estava me evitando, não me dava uma chance para falar com você.

Semanas haviam se passado e ele ainda queria reatar? Triste... e até mesmo um tantinho perturbador. Olhei por cima do ombro dele, procurando o Carson, mas o estacionamento parecia vazio.

— Você veio mesmo com o Carson? — Del perguntou. — Quer dizer, estão namorando?

Voltei rapidamente a olhar para ele. De perto, vi que as maçãs de seu rosto estavam rosadas. Irritação ou álcool?

— É. Ele me pediu e eu disse sim.

Del balançou a cabeça e passou a língua nos dentes.

— Então agora você está namorando o Carson?

Nosso relacionamento recém-rotulado parecia frágil demais para ser apregoadado aos quatro ventos, mas, antes que eu conseguisse dizer alguma coisa, a falta de uma resposta imediata pareceu cutucar um ponto sensível. Ele xingou.

— Justo o Carson? O pai dele trabalha para o seu. O cara é menos que nada.

— Ele não é um nada! — Dei um passo à frente, com as mãos trêmulas. — E não ligo que o pai dele trabalhe para o meu. Não tem importância. Dinheiro não compra bom gosto, personalidade ou decência.

- Está dizendo que o Carson é melhor que eu? — ele disse, semicerrando os olhos.

Eu não queria descer àquele nível, mas uma raiva terrível me virou do avesso.

— Sim, ele é melhor que você.

— Quer saber? Eu não teria desperdiçado quase quatro anos com você se soubesse que você ia virar essa fracassada.

— Ele deu mais um passo, crescendo para cima de mim, emanando ondas escuras de fúria. — E eu teria ficado do seu lado. Todo mundo estava chamando você de Sam Insanidade e eu apoiei você, protegi você! Não disse um A.

— Não disse um A sobre o quê?

— Sobre o quê? Não descobriu ainda? Eu sei, Sammy. — Ele sorriu desdenhosamente. — Você esquece quem é leal. Você ferrou com tudo. E você não é nada sem mim.

Eu me encolhi, tamanho o veneno em suas palavras. E o que era que eu devia saber... que ele sabia? Antes que eu pudesse exigir respostas, outra voz se intrometeu, fria e dura.

— Bom, é aí que você se engana — Carson falou atrás de Del, e nós dois pulamos. — Na verdade, ela é umas mil vezes melhor sem você.

Del girou nos calcanhares.

— Por quê? Porque está dando para...

O punho de Carson acertou em cheio o queixo de Del. Ouvi aquele som de carne contra carne e a cabeça de Del foi jogada para trás. Ele desabou feito um castelo de cartas, caiu no chão e rolou até ficar de lado, segurando o queixo.

- Sabe. Eu fiquei com inveja quando descobri que o Scott tinha deixado você de olho roxo - Carson disse, chacoalhando a mão direita. - Mas aí eu falei para mim mesmo, tenha paciência. Eu sabia que você nos daria outro motivo para levar porrada.

— Estranho esperar pacientemente por uma coisa dessas — resmunguei.

Ele me ignorou.

— Ouça bem o que vou dizer, Del. Não fale com ela. Nem sequer volte a olhar para ela. Se fizer isso, pode crer que o queixo estourado não vai ser nem fichinha perto do que vou fazer com você. Entendeu?

Em resposta, Del grunhiu alguma coisa que soou estranhamente como uma sequência de palavras de cinco letras.

Colocando-se ao meu lado, Carson se debruçou, e seus lábios roçaram meu rosto ao falar.

— Acho melhor darmos o fora daqui antes que eu bata nele outra vez.

Olhei por cima do ombro dele. Del estava se levantando do chão, buscando apoio num carro. Sem que eu olhasse, minha mão encontrou a de Carson e a apertou.

—Tem razão.

Uma parte de mim não se surpreendeu pelo tato de a noite acabar em briga. A caminho de casa, contei ao Carson do que tinha me lembrado, mas guardei para mim as palavras enigmáticas de Del,

pois não sabia o que queriam dizer. Exatamente como eu, ele pareceu animado com a novidade. No começo.

— Isso é bom. Talvez, você esteja começando a se lembrar de tudo... — Ele deixou a coisa por dizer, concentrando-se na estrada.

Eu o observei atentamente na escuridão da cabine.

— Qual é o problema?

Ele balançou a cabeça e vários segundos se passaram.

— Você se lembrar do que aconteceu é perigoso. Não quero nem pensar na possibilidade de a pessoa responsável ser alguém próximo a você, mas, se essa pessoa souber que você está começando a ligar os pontinhos...

Engoli em seco e desviei os olhos. Minhas lembranças eram perigosas, mas também eram a chave para chegar à verdade. Balancei a cabeça como se pudesse, fazendo isso, me livrar do medo que começava a grudar em mim.

— E não é só isso — ele confessou depois de algum tempo.

— Não?

— Eu me odeio só de pensar nisso — Carson falou, abrindo um leve sorriso —, porque sei como é importante que você recupere a memória, mas, se você se lembrar...

— Serei como sou agora ou como a velha Sammy? — completei a frase por ele, mortificada. — Não sei, Carson. Gosto de pensar que pelo menos tive a chance de melhorar minha personalidade, e isso não vai sumir de repente.

Ele deu uma risadinha.

— É bom ouvir isso.

- Você ainda vai gostar de mim se eu me lembrar de tudo? - perguntei, mordiscando o lábio.

Ele franziu as sobrancelhas ao olhar para mim.

- Sam, eu gostava de você antes que perdesse a memória. Você só não via isso.

- Vejo agora - murmurei. - E vou continuar vendo, não importa do que venha a me lembrar.

Ele abriu um sorriso que me aqueceu até a alma e tomou a estrada que levava às nossas casas. Inspirei fundo.

— Não quero ir para casa ainda.

O sorriso meio que ficou congelado nos lábios dele e, até mesmo no escuro, dava para ver o azul de seus olhos ficando ainda mais azul, assumindo a cor do céu no verão.

— É o fim de semana de folga do meu pai. Ele foi visitar o irmão dele em Pittsburg.

Casa vazia? Voltei a engolir em seco, mas por outro motivo.

—Você quer... ficar um pouco mais comigo?

—Você realmente precisa que eu responda?

Ri de nervoso e meus dedos começaram a brincar com as contas bordadas na minha bolsa de mão.

Ele estacionou a picape em frente à casa dele.

—Não saia daí.

— Ok — eu disse curiosa.

Lançando-me um sorriso rápido, ele pulou para fora da picape e veio até o meu lado, abrindo a porta. Aí, ofereceu sua mão com uma medida. E, simples assim, boa parte do meu nervosismo desapareceu no ar quando lhe entreguei minha mão.

— Não lembro quando foi a última vez que você entrou na minha casa — ele disse ao destrancar a porta da frente. - Faz pelo menos uns seis anos.

—Eu passava um bom tempo aqui, né?

—Praticamente todos os dias — ele disse baixinho.

Eu não tinha acesso às lembranças de nossa infância juntos, mas saber que tínhamos compartilhado aquela época aplacou o resto da minha ansiedade.

A casa de Carson estava às escuras e em silêncio. Segurando-me pela mão, ele foi me conduzindo

pela sala de estar. Eu trombei com as costas de um sofá, depois com uma escrivaninha, e várias folhas de papel esvoaçaram até o chão.

Ele me levou ao seu quarto, e meus batimentos cardíacos dispararam. Soltando minha mão, ele acendeu um pequeno abajur ao lado da cama. Não era muita luz, mas foi o suficiente para que eu avistasse uma escrivaninha no canto, uma cômoda com uma pilha de roupas dobradas em cima dela. Para o quarto de um garoto, parecia absurdamente arrumado. Deixei minha bolsa na escrivaninha.

Carson tirou os sapatos e as meias, e o paletó do smoking, pendurando-o no espaldar da cadeira. Sem saber ao certo o que fazer, tirei os sapatos e suspirei de alívio. Meus dedos, pobres coitados, estavam me matando.

Apagando a luz do abajur, ele voltou até onde eu estava e se deteve.

— Não dançamos muito.

- Não.

Ele passou o braço pela minha cintura, erguendo-me até meus pés ficarem sobre os dele, já descalços. Ri quando ele começou a se balançar, fazendo com que nós dois seguissemos um ritmo silencioso.

—É compensação suficiente para você?

— Sim. — Sorri, descansando a cabeça no ombro dele. — Prefiro assim.

— Por quê? Porque Scott não está aqui para nos sacanear?

—É um dos motivos — eu disse com uma risada.

Ele apertou minha mão.

—Eu cheguei a dizer como você está linda hoje?

Meu sorriso assumiu proporções épicas.

—Chegou, mas pode repetir se quiser.

A risada de Carson ressoou por todo o meu corpo e, com a outra mão, ele pressionou a base das minhas costas, trazendo-me para mais perto dele. Nossos torsos se tocaram, e nossos quadris, e todos os outros lugares. O rubor começou a descer pelo meu pescoço.

— Você está linda — ele sussurrou no meu ouvido, percorrendo minha espinha com a mão, descansando-a na minha nuca.

Ergui a cabeça e me afastei um pouco para ver o rosto dele. Só a luz da lua entrava pela janela acima da cama e, por causa disso, ele quase parecia irreal para mim. Lentamente, fui estendendo o braço até tocar o rosto dele com a palma da mão.

— Obrigada — murmurei.

Ele não sorriu, mas seus olhos ganharam um aspecto lânguido e resguardado que me fez contrair todos os músculos da barriga. O desejo em seu olhar condizia com o que eu sentia por dentro, e aumentou a ânsia a tal ponto que eu mal conseguia suportar, tamanha a intensidade.

- Você finalmente vai me beijar? - perguntei, tonta de expectativa, carência e milhares de outras coisas.

Ele sorriu só com um canto da boca.

—Pode ser.

Eu me aproximei, respirando o mesmo ar que ele.

—Não sei se gostei de ouvir isso.

— Eu também não — ele provocou, e seu peito subia e descia sem regularidade alguma de encontro ao meu. Soltando minha mão, ele segurou os dois lados do meu rosto e acariciou meu queixo com o polegar. Minha mão foi trêmula até o peito dele, e seu coração batia tão rápido quanto o meu.

E, quando ele baixou a cabeça, o ar de absoluta paixão em seus olhos me deixou sem fôlego. Sua boca tocou minha testa, abrindo uma trilha até a ponta da maçã do meu rosto. Estremeci em contato com ele, meus olhos se enviesaram. E, por fim, seus lábios roçaram os meus, inquisitivamente, uma, duas vezes. Meus lábios se separaram em resposta, e o beijo macio e aveludado se aprofundou, a língua dele tocou a minha, como se ele quisesse capturar minha própria essência com um simples beijo.

Ele produziu um som grave no fundo da garganta, e meus dedos se enterraram em sua camisa bem passada. Tudo desmoronou, e éramos apenas ele e eu, na maneira como nos beijávamos, na maneira como ele me segurava junto ao corpo, como se eu fosse algo precioso e inestimável.

E aí começamos a nos mexer. Suas pernas bateram na beirada da cama e ele as dobrou, sentando-se e me levando com ele. Eu tinha um joelho de cada lado do seu quadril, afundando no colchão. Nossos beijos não cessaram. Nem uma vez sequer, nem mesmo quando seus dedos alcançaram as alças do meu vestido e se enfiaram embaixo delas.

Ele se deteve e, ao falar, sua voz saiu gutural.

— Tudo bem se a gente...?

— Sim. — Também assenti com a cabeça, para o caso de uma palavra não bastar.

Os lábios de Carson pressionaram os meus mais uma vez e, com dedos trêmulos, desabotoei sua camisa, empurrando-a por cima dos ombros dele. Em contato com meus dedos, sua pele era quente, rija e macia. Minhas mãos deslizaram pelo seu peito, descendo até os músculos torneados do abdômen. Jogar beisebol durante anos fizera bem a ele.

Tudo aquilo me parecia a primeira vez, e eu me senti profundamente grata, pois não teria desejado dividir aquele momento com mais ninguém. Seus lábios deixaram os meus, percorrendo meu queixo, descendo-me pelo pescoço.

— Samantha — ele repetiu meu nome várias vezes, como se fosse uma prece ou uma maldição. Eu não tinha certeza se era uma coisa ou outra, mas, toda vez que ele falava, meu coração se revirava de tontura.

Um estremecimento abalou o corpo dele quando pousei um beijo em sua testa. Naquele instante, entendi que ele esperava, ansiava por aquilo havia mais tempo do que eu poderia ter imaginado. Seguiu-se uma forte vertigem, e eu me senti leve e pesada em seus braços, segura e abrigada. Tive vontade de rir, de ir mais devagar, mais depressa, e nunca, nunca parar. Minha cabeça era um turbilhão quando seus dedos desceram pelos meus ombros, levando com eles as alças do vestido.

Seus dedos encontraram o minúsculo zíper nas minhas costas, abaixando o devagar até os meus quadris.

Carson me deitou de costas na cama, fazendo chover beijos no meu rosto, na boca, no pescoço e nos ombros. A mão dele passou para a minha barriga, desceu mais um pouco, demorando-se ali até eu ter a sensação de que subiria pelas paredes.

Ele contornou minha coxa com a mão, enganchando minha perna em sua cintura, e nos esfregamos um no outro até ficarmos sem ar, abafados um pelo outro, sufocando juntos.

Perfeitos: éramos perfeitos juntos. Não houve um segundo de hesitação ou dúvida. Nenhuma voz incômoda no fundo da mente, e Carson havia me dado inúmeras chances de pisar no freio, mesmo antes de ele interromper a coisa para pegar o preservativo.

- Tem certeza? — ele sussurrou, com a boca na minha boca.

— Sim. — As palavras seguintes meio que saíram de mim numa enxurrada ofegante. — Amo você.

Carson travou. Não sei bem se ele chegou a respirar nos instantes que se seguiram e, quem sabe, no dia seguinte, eu teria vontade de me socar por ter dito aquelas palavras, mas, naquele exato momento, eu não tinha a menor intenção de retirar o que dissera, mesmo que fosse um exagero, mesmo que fosse muito cedo.

Ele fechou os olhos e deixou escapar uma expiração longa. - Repita.

— Amo você. — Minha voz ganhou volume, ficou mais forte. — Amo você.

Mais um segundo se passou, aí ele roçou meus lábios com a boca.

— Nunca pensei que escutaria você dizer isso.

Levei uma das mãos ao rosto dele.

—Eu pensei,

Ele abriu os olhos e os fixou nos meus.

— Amo você desde que a conheço, Sam. Tanto quanto a amo agora.

A ternura infinita em seus olhos claros fez os meus marejarem de lágrimas. Eu as contive, receando que ele não entendesse que não eram lágrimas de tristeza. Ele estremeceu por inteiro, e eu não soube dizer se era de alívio ou expectativa, aí eu parei de pensar... Ou talvez eu pensasse tanto que não era capaz de definir com precisão um pensamento ou uma sensação. Uma parte de mim se preocupava com a possibilidade de os remédios que se acumulavam no meu organismo embotarem tudo, mas não foi o que aconteceu. Foi tanta coisa, tudo novo para mim, novo e emocionante.

Quando o mundo finalmente desacelerou, meu coração ainda estava em disparada e eu ofegava, entorpecida de prazer. Com os músculos enfraquecidos e os pensamentos transformados em grandes tigelas de gelatina, sorri para ele.

Ele me deu um sorriso torto. Os cabelos escuros e úmidos estavam grudados em sua testa, ligeiramente encaracolados.

—Tudo bem?

—Perfeito — deixei escapar.

Carson me beijou e rolou para o lado, de costas sobre a cama, enfiando o braço por baixo de mim e me puxando para junto dele, de tal maneira que minha cabeça acabou descansando sobre seu peito. A cada inspiração dele, eu a sentia entrecortada em contato com meu rosto corado.

— O que eu tenho de fazer para convencer você a ficar aqui?

Dei uma risadinha.

— Não sei se meus pais achariam uma boa ideia, mas posso ficar... — Fiz uma pausa, sentindo pela primeira vez a incerteza se insinuar em mim. — Quer dizer, se você realmente quiser que eu fique um pouco mais.

Ele virou a cabeça para mim.

— Sam, não quero que você vá embora. Nunca mais. E sei que você não quer ir.

Meu peito voltou a se apertar daquela maneira idiota, mas maravilhosa, e eu poderia ter flutuado para fora da cama.

— Tudo bem.

Ele se pôs a me observar e engoliu em seco.

— Eu não estava brincando, Sam. Amo mesmo você... Faz tempo. Tomara que você...

— Eu também estava falando sério — eu disse, enroscando meus dedos nos dele. — E eu acho... Acho que já sentia isso antes, só não queria admitir.

Carson ergueu os cantos da boca. Ficamos nos braços um do outro, falando de coisas desimportantes, rindo baixinho, fazendo uma pausa para nos beijarmos, nos tocarmos, nos esquecermos só mais um pouquinho e deixando o tempo passar.

Devo ter cochilado, porque eu sabia que estava sonhando. Tinha aquele aspecto nebuloso, quase real, mas não exatamente.

Eu esperava à porta lia biblioteca da escola, com a cabeça inclinada para trás. Eu exalava satisfação, encharcando o ciúme que ardia em minhas entranhas toda vez que eu o via até mesmo olhar para a Cassie depois daquela festa.

Eu o tinha na minha mão e ia acabar com ele.

Som de passos, abri os olhos, já sorrindo por antecipação. Carson saiu e disse alguma coisa para Dianna.

Eu pulei longe da parede e fiquei bem na frente dele.

—Precisamos conversar.

Seus olhos azuis e brilhantes se avivaram, cautelosos. Ele olhou de relance para Dianna.

—A gente se vê mais tarde.

A garota assentiu com a cabeça e foi embora rapidinho. Eu ri afetadamente, inclinando a cabeça de lado.

—Como vai, Carson?

—O que você quer, Sam? — Ele começou a andar. — Tenho mais o que fazer e, apesar de ter certeza de que vai ser interessante, estou sem tempo para isso agora.

Semicerrei os olhos. Era ciúme, mas também raiva. Como era possível ele sempre me dispensar daquela maneira? Todos os caras daquela droga de escola me queriam. Todos, menos ele.

—Eu sei de uma coisa — falei.

Ele se deteve pouco antes de chegar às portas e revirou os olhos.

—E...?

—Sei que está pagando a Dianna.

—É, em troca de sexo. Me pegou.

Apertei os lábios, puta da vida por ele não ter se intimidado nem um pouco. Provavelmente tinha algo a ver com o fato de eu ter passado a maior parte da minha vida correndo por aí sem camisa com ele e meu irmão.

—Duvido que você precise pagar alguém para fazer sexo.

Mas, até aí, foi uma surpresa você ter ficado com a Cassie sem receber por isso.

Os olhos dele se fixaram nos meus, firmes e cativantes. Eu adorava e detestava os olhos dele.

—Era disso que queria falar? Que eu me enrosquei com a Cassie meses atrás?

—Não. — Cerrei os punhos. O ciúme era o cão, mas eu também era. E eu sabia que aquilo que estava prestes a fazer era errado, mas eu não estava nem aí. Simplesmente nem aí. — Mas tem a ver com fato de que você está pagando a filha do seu professor de história. Humm... — Bati um dedo no queixo. — Por que será? Ah, espera. Você e a Cassie não estão na mesma turma de história?

— É, estamos — disse Carson, cruzando os braços.

— E ela contou que você vai tomar pau nessa matéria. Aí eu me pergunto: por que será que você está pagando a Dianna?

— Nossa, não sei, mas tenho certeza de que você vai me contar.

A raiva avermelhou minha pele, afiou minha língua.

— Sei que você está pagando a Dianna para ela botar as mãozinhas nas provas do papai, e ela está ajudando você a colar.

Ele me fitou durante um longo segundo, aí deu risada.

- Ok. Você me pegou. O que vai fazer, detetive mirim?

A vontade de estapeá-lo era tanta que minhas mãos coçavam.

- A Cassie já sacou, e você sabe que ela é péssima para guardar segredo.

Ele contraiu a mandíbula.

- Tenho certeza de que um passarinho cedo ou tarde vai contar a fofoca para o diretor, e aí você sabe no que vai dar. — Então eu abri um sorriso, adorando saber que eu tinha toda a atenção dele... Por um péssimo motivo, mas era toda minha. — Esse negócio de colar na prova é levado muito a sério por estas bandas. E, pelo que ouvi dizer, na Penn State também.

Carson apertou os lábios.

—Meu Deus, Sam...

Abri a porta e sai no ar revigorante da primavera.

— *Pode ir dando tchau para aquela bolsa de estudos. Peninha.*

— *Você é uma tremenda...*

- *O que? Uma vaca? — Olhei por cima do ombro, nos olhos dele. — Magoei.*

— *Não. Você não é urna vaca. — Ele me seguiu lá para fora, escondendo os olhos. — Na verdade, é uma tristeza pensar que você não era assim.*

Não era o que eu esperava e havia de fato mágoa por trás da minha raiva.

— *Não sou uma tristeza.*

Os lábios dele se contorceram num sorriso zombeteiro.

— *É, sim. Vá em frente, Sam. Vai se arrepender.*

Levantando-me de repente, apertei as cobertas contra o peito. A pressão fechou minha garganta, me deixou de peito angustiado. As paredes escuras e recobertas de cartazes do quarto de Carson oscilaram.

Não foi um sonho. Ah, meu Deus. Foi uma lembrança. Eu sentia que sim, nos meus ossos, em cada uma de minhas células. Carson andava pagando Dianna para fazer seus trabalhos e arranjar os gabaritos das provas da única matéria em que ele não ia bem. E, de alguma maneira, eu havia ficado sabendo, contado para a Cassie e ameaçado revelar o segredo, acabando com a possibilidade de ele conseguir a bolsa como jogador de beisebol e arruinando sua vida.

Vá em frente, Sam. Vai se arrepender.

A ânsia subiu pela minha garganta. Era ele... Poderia ser ele a terceira pessoa no rochedo? Meu corpo ficou todo gelado. Não podia ser.

Ah, meu Deus...

Dentre todas as pessoas, ele tinha um motivo para nos calar. De repente, eu me lembrei da sensação de cautela em seu olhar naquele primeiro dia lá em casa, de ele nunca ter algo bom a dizer a respeito da Cassie, de que ele conhecia os rochedos tão bem quanto eu e da maneira categórica como ele

negou que eu tivesse machucado a Cassie. Os bilhetes que eu vivia deixando para mim mesma — não deixe que ele saiba que você se lembra. Será que meu inconsciente andava tentando me alertar?

Para que eu não deixasse Carson saber?

Meu coração batia forte, eu estava de estômago virado. Eu havia acabado de me entregar para ele, de dizer que o amava e... Eu nem sequer conseguia terminar o pensamento. Precisava sair dali, pensar bem, porque não podia ser ele... Qualquer um, menos ele.

Carson se mexeu ao meu lado, sentando-se na cama aos poucos.

- Que foi, Sam?

- Tenho que ir. — Minha voz saiu num sussurro rouco.

- Ok. — Ele bocejou, esfregando a testa com a palma da mão. — Acompanho você até em casa. Já é tarde.

- Não. Não precisa.

Joguei a coberta longe e achei meu vestido num amontoado de roupas.

Carson se sentou, descrevendo um arco com as pernas por cima da beirada da cama.

- Não me custa nada. Não quero que você... — Ele deixou a coisa por dizer, me vendo enfiar o vestido pela cabeça. Sorrindo, ele estendeu um braço na minha direção.

Pulei para trás, tropecei nos sapatos dele. Segurei-me na parede.

O sorriso dele desapareceu.

- Tudo bem, Sam?

- Tudo. — O pânico me esbofeteava, mas dei um jeito de subir o zíper até o meio das costas. — Está tarde. Preciso voltar, é só isso.

Ele não pareceu acreditar na minha desculpa, agora que estava bem acordado. Suas sobrancelhas se arquearam de preocupação enquanto eu procurava meus sapatos. Acabei desistindo ao ver que não conseguiria encontrá-los no escuro. Apanhei minha bolsa sobre a escrivaninha e recuei até a porta.

- A gente... se vê por aí. — A emoção travava minha garganta, mas era impossível pensar no que

tinha acontecido entre nós e no que ele talvez tivesse feito e não me desesperar.

Ele se levantou, e foi difícil manter meus olhos fixos no rosto dele.

- Ei, por que você está surtando? Sam?

Incapaz de dizer qualquer coisa sem irromper em lágrimas, alcancei a porta e saí aos trambolhões no corredor estreito. Trombando com objetos escuros, ignorei os lampejos de dor e corri para a porta da frente. Fiz uma careta ao ouvir o rangido lamuriento da porta e saí de fininho, fechando-a ao passar.

Respirei grandes bocados de ar, com dificuldade. Seixos pontiagudos se enterraram nos meus pés, depois a grama fria amorteceu meus passos. *Foi 0 Carson? Aquele tempo, tinha sido ele?* Meu coração foi varado por uma farpa após a outra.

Carson.

Meus pensamentos dançavam, desde o instante em que eu o tinha visto no meu quarto até o último beijo indelével que ele me dera antes de eu pegar no sono. Cruzando depressa o campo bem aparado, levei o punho à boca para conter o choro. Não podia ser ele. Eu confiava nele, e ele tinha sido tão legal comigo, mesmo eu sabendo muito bem que não merecia. A dúvida brotou sob a confusão, tentando se firmar, mas aquelas palavras...

Aquelas palavras tinham que ser um aviso.

- Sam!

Deixei escapar um soluço entrecortado. Não conseguia encará-lo, nem sequer olhar para ele sem antes me dar algum tempo para pensar direito.

Carson me alcançou antes que eu chegasse à metade do caminho. Segurando-me o braço, ele me fez dar meia-volta. Estava nu da cintura para cima e, na pressa de me alcançar, nem sequer havia abotoado as calças.

- O que foi, Sam? — ele quis saber, de olhos arregalados e pupilas dilatadas.

Eu tentei soltar meu braço.

- Por favor, me deixe ir. Por favor.

Ele continuou me segurando.

- Qual é o problema? A gente avançou mais do que devia? Fale comigo, Sam.

Prendi a respiração ao olhá-lo nos olhos, e mais uma farpa trespassou meu coração.

- Foi você?

- Fui eu o quê? — Ele estendeu a mão livre, afagou meus cabelos, jogando-os para trás. — Vamos conversar, Sam. Ajude-me a entender o que está acontecendo. Seja o que for, vai ficar tudo bem.

A ternura na voz dele me deu um aperto no peito. Como ele podia ser tão meigo depois do que tinha feito? Fazia tudo aquilo parecer inacreditavelmente surreal.

- Eu... me lembrei de uma coisa.

Ele exalava uma confusão tão sincera que comecei a duvidar de mim mesma.

- Certo. O quê?

- Tem a ver com você — eu falei, com a pulsação a mil. — Eu sabia que você estava pagando a Dianna... Colando nas provas de história. Devo ter contado para a Cassie, e eu... Eu ameacei você na escola, na saída da biblioteca. Você me disse que, se contasse para alguém, eu ia me arrepender.

Carson soltou meu braço e deu um passo para trás.

- Sam...

Eu tremi sob o fardo daquela única palavra.

- Eu disse a você que ia contar para o diretor.

- Você... Você acha...? — Ele passou uma das mãos pelos cabelos. — Você acha que fui eu, por causa disso?

- Havia uma terceira pessoa lá, e você... Você tinha um motivo...

Ele me encarou, e a dor, não a raiva, desfigurava seu rosto, e minha convicção começou a vacilar ainda mais.

- Não dá para acreditar em você — ele falou atordoado.

- Em mim?

Trêmula, eu me abracei.

- Sim! Você! Meu Deus, achei que... Achei que você tivesse mudado, mas essa aí é a velha Sammy. Passando de uma suposição equivocada a outra, fazendo tudo girar em volta do próprio umbigo! — Ele se adiantou um passo, e seus olhos cintilaram à luz daquele fiapo de luar. — Mas que merda, Sam!

- Mas eu vi você com ela, você estava dando dinheiro para ela e eu ameacei você. contei para a Cassie! A gente planejava contar para o diretor. — As palavras mal saíram da minha boca e percebi como eu tinha sido a pior das vacas. Sem dúvida, colar era errado, mas, nossa!

Carson me encarou, aí deu uma risada soturna.

- Você não faz ideia do que viu.

- Então me diga o que foi, porque eu não quero mesmo acreditar nisso!

Ele se retraiu e, mais uma vez, senti uma pontada de dúvida. Ele estava zangado comigo, mas não como eu havia imaginado, e havia muita mágoa em suas palavras, em seus olhos.

- Você me viu pagar a Dianna. Isso aconteceu mesmo. Mas eu a estava pagando para me dar *aulas particulares* de história.

Deixei os braços caírem.

- O quê? — engasguei.

É, foi por isso que eu paguei... Ainda estou pagando. Meu pai anda trabalhando dobrado para o *seu* pai para conseguir esse dinheiro, limpando os escritórios da firma e fazendo todo tipo de trabalho sacal para eu conseguir a bolsa de estudos.

Eu me lembrei do que minha mãe tinha dito. A culpa me fustigou com chicotes de pontas farpadas. Ah, meu Deus, como eu podia ter... errado tão feio?

- Por que não me contou quando acusei você?

- Para quê? Por que eu teria a obrigação de contar a verdade para você, justo você? Você não teria acreditado. — Ele inspirou fundo e xingou. — Meu Deus, Sam, pensou que fosse eu? Que eu

empurrei a Cassie do rochedo e depois empurrei você?

As lágrimas se juntaram nos meus olhos quando tirei do rosto os cabelos açoitados pelo vento.

- Mas você disse que eu iria me arrepender.

Carson pulou para longe de mim como se eu o tivesse es- tapeado. E talvez um tapa não tivesse doído tanto. Desde o acidente, Carson havia me apoiado e não duvidara de mim uma vez sequer. E eu duvidara dele.

- Eu quis dizer que, um dia, você ia acabar se arrependendo das coisas que fazia. Não do jeito que você está pensando... *Ei!* Você *realmente* acha que eu tinha a intenção de machucar você? Mesmo depois de eu ter dito como me sinto? — Ao ver a resposta estampada no meu rosto, ele voltou a xingar. — Eu nunca, *jamaís* machucaria você. Mesmo se tivesse contado ao diretor, ou sei lá o quê, eu não teria dado a mínima.

- Por que não procurei o diretor? Ou a Cassie?

- Não sei. — Ele inspirou, exalando forte em seguida. Prefiro pensar que você pensou melhor, mas duvido muito. Você e a Cassie sumiram naquele fim de semana.

E eu percebi que ele falava a verdade, e que eu tinha agido por impulso logo depois de recuperar aquela lembrança. As lágrimas não me deixavam enxergar quando estendi os braços na direção dele, às cegas.

- Carson, eu sinto...

- Sente muito? — Ele se esquivou, retrocedendo e chacoalhando a cabeça. — Não tanto quanto eu.

Meu coração se partiu, bem ao meio.

- Sinto muito. Estou só confusa. Eu só me lembrei...

- E supôs automaticamente que eu era capaz de fazer uma coisa dessas? Por quê? Porque pareço capaz de subornar, colar nas provas e matar uma pessoa? Sair e *transar* com você depois de ter tentado matá-la? — Havia dor nas palavras dele, como se eu tivesse arrancado a casca de uma ferida recente. — Porque a velha Sammy teria acreditado numa coisa dessas, mas pensei que ela não existia mais. Obviamente, me enganei.

- Carson...

- Não. — Ele continuava recuando, com a mandíbula toda contraída. — Não. Você ainda é a mesma Sammy de sempre. Não tão malvada como costumava ser, mas ainda a mesma. Bobagem minha achar que seria diferente.

Pedir desculpas me pareceu uma idiotice sem sentido. Eu o havia acusado de uma coisa terrível, mas não conseguia parar. Era preciso que ele soubesse como eu me sentia mal por ter feito aquilo. Corri, e meu pé se enroscou no vestido, me fazendo tropeçar.

Carson me segurou pelos braços antes que eu caísse de cara no chão duro.

- Meu Deus, Sam — ele falou entre dentes.

Apertei a testa de encontro ao peito nu dele, mal conseguia respirar por causa das lágrimas.

- Sinto tanto, tanto. É que estou tão confusa.

Ele apalpou meus braços, com as mãos trêmulas, aí me apertou contra seu corpo, enterrando o rosto nos meus cabelos. O abraço durou alguns segundos, no máximo, e ele me soltou, afastando-se.

- Vá para casa, Sam. — A voz dele saiu lacônica, engasgada. — Vá para casa.

Parada ali, eu o vi se virar e sair correndo, desaparecendo nas sombras. Uma dor aguda se formou em meu peito, percorrendo-me por inteiro. Eu poderia ter ido atrás dele outra vez, mas eu sabia... Sabia que o tinha perdido antes mesmo de tê-lo de verdade.

Quando acordei na manhã seguinte, todo o meu corpo doía, por vários motivos. Alguns eram bons. A maioria, ruim. Eu não queria abrir os olhos nem sair da cama, mas percebi que não estava sozinha.

Meu irmão estava sentado à cabeceira da cama, de pernas cruzadas à altura dos tornozelos, com o jornal matutino sobre as coxas. Caderno de esportes.

Esfregando os olhos inchados com a mão, eu fiz cara feia

- O que você está fazendo aqui?

Hum... Perguntas, perguntas. Eu também tenho algumas. — Ele dobrou o jornal, deixou-o cair no chão. O que aconteceu ontem à noite?

Eu o encarei, sem ânimo para ter uma conversa de irmã para irmão preocupado.

Ele ergueu a mão.

- É apenas curiosidade. Você ficou só uma hora no baile e saiu. Carson, pelo jeito, trouxe você para casa. Del parecia ter levado outro soco, só que dessa vez não fui eu. — Ele fez uma pausa contando cada coisa nos dedos. O anelar era o próximo. — Fui correr com o Carson hoje de manhã, e a única coisa que ele disse foi que você tinha se lembrado de umas coisas, depois não quis mais conversar. E...

- Ainda tem mais — gemi, enfiando a cara no travesseiro. Ouvir o nome de Carson me deu uma dor no peito que eu achei que nunca iria superar.

- E, apesar de você e Carson terem saído *muito* antes de mim, você entrou em casa às escondidas *bem* depois de mim. Dá para explicar?

- Não.

Minha voz foi abafada pelo travesseiro. Scott se esticou todo ao meu lado.

- Não quero os detalhes sórdidos. Prefiro não ter que vomitar o café da manhã, mas, já que o Carson sempre escondeu que era apaixonado por você...

Levantei a cabeça e me ajoelhei na cama. Os caracóis que sobraram da noite anterior caíram na minha cara.

- Ah, meu Deus. — Cobri o rosto com as mãos. — Quero morrer.

- O que aconteceu? — Ele me fez tirar as mãos da face. — Não pode ser tão ruim.

- É, sim. É mesmo. — Eu me larguei de costas na cama. Eu era terrível antes de perder a memória e continuo terrível. Acusei Carson de ser o responsável pelo que aconteceu com a Cassie e comigo.

- Ah, minha nossa, Sam, você vai ter que me dar uma explicação melhor que essa.

E dei, começando pela lembrança que me ocorrera durante o baile, e a outra, naquela mesma noite, deixando de fora boa parte do que tinha acontecido entre mim e Carson. Na minha versão dos fatos,

eu tinha caído no sono conversando com ele.

Quando terminei, Scott balançou a cabeça.

- Ele vai esquecer, Sam.

- Não vai, não.

Porque, sério, quem é que esquece uma acusação de assassinato?

- Vai, sim. Ele sabe que você passou por um bocado de coisas. É só dar um tempinho para ele.

Ergui os braços, impotente.

- Eu sou tão idiota.

- Nisso eu vou ter que concordar com você. — Scott se se levantou. — Escute, vá tomar um banho. Julie e eu vamos pegar um cinema. Venha com a gente.

Fiquei meio interessada, mas balancei a cabeça. Eu precisava de mais algum tempo para chafurdar na minha própria incompetência. Scott saiu, e eu fiquei deitada ali durante algum tempo, fitando o teto. Como eu podia ser tão imbecil? Era um talento, concluí.

Quando finalmente me levantei, a tarde já ia longe. Scott ainda estava no cinema com a Julie, minha mãe tinha ido a um encontro beneficente ou coisa assim, e eu não fazia ideia ideia de onde meu pai andava, ou até mesmo se estava em casa. Eu me arrastei até o chuveiro. Em algum momento, as lágrimas se misturaram com a água e, mesmo depois de eu me secar e vestir, meu rosto ainda estava úmido.

Eu tinha que reatar com o Carson, mas não sabia se conseguiria. Não se podia culpá-lo por não esquecer o que tinha acontecido.

Sentando-me na cama, olhei de relance para a caixa de música. A sensação de formigamento e ardência subiu pela minha espinha, e me vi atirada de cabeça numa lembrança.

Eu percorria a entrada de automóveis da casa do Del, pisando duro, o rosto tomado por lágrimas. Como ele podia fazer uma coisa daquelas comigo? E ela, então? Eu era sua melhor amiga, a única pessoa que a suportava, e ela pegava e transava com meu namorado.

Eu odiava os dois: ela, ele.

Del me alcançou.

- Sammy, sinto muito. Errei. Eu estava bêbado. Ela também.

- E isso por acaso conserta tudo? — Girei para encará-lo, com as mãos trêmulas. — Não! Você transou com a minha melhor amiga!

Ele olhou por cima do ombro, ansioso.

- Fale mais baixo. Meus pais vão...

- Não estou nem aí! — Minha voz saiu estridente. — Esperaram até eu apagar? Você se divertiu comemorando o Ano Novo com ela?

Não! Não foi assim. Juro.

Ri sem dó e ergui as mãos, enrolando os dedos no colar. Com um puxão violento, a corrente delicada cedeu e se partiu. Eu a joguei nele.

- Acabou. Desta vez é para valer.

Del ficou de queixo caído.

- Você não pode estar falando sério.

Ah, eu estava, sim. Não ligava para o que meus pais achavam ou queriam. E, de repente, ficou claro por que a Cassie queria me encontrar na casa do lago naquela noite. Ela ia confessar que tinha transado com o meu namorado. Ótimo.

- Não aguento mais essas coisas que ela faz!

Ele tentou me segurar, mas escapei.

- Sammy, você precisa se acalmar.

Balancei a cabeça e disse:

— Vou matá-la.

Tão logo saí daquela recordação, eu me vi de pé no quarto, fitando meu reflexo. O rosto da garota no espelho não tinha uma gota de sangue nas veias, e os olhos castanho-claros se dissolveram até

parecerem quase negros. Um tremor percorreu-lhe o corpo, e seu peito se encheu de ar de repente.

Ela era eu.

Retrocedendo um passo, levei os dedos à boca. Del tinha me traído com a Cassie. Seria por isso que eu tinha ficado tão incomodada com a foto dos dois na véspera de Ano Novo? Outra parte do meu inconsciente tentando se libertar, exigindo que eu reconhecesse o que aquela fotografia representava para mim? Mais uma vez, Del tinha mentido. Eu não havia tirado o colar porque queria tomar banho. Eu tinha jogado aquilo na cara dele. Tinha criado coragem e terminado o namoro. Mas aquela pequena vitória havia se perdido à sombra de tudo o que aconteceria depois.

A raiva queimava em minhas veias, como um veneno que infectasse ossos e tecidos com um mal-estar. Quando eu disse que ia matar a Cassie, acho que estava falando sério.

Cassie queria me encontrar na casa do lago e, de acordo com Carson, eu tinha passado em casa primeiro. E o motivo de eu estar chorando e ter beijado Carson agora fazia sentido.

Dei risada e me encolhi diante do som estridente.

Não me admirava que Del pensasse que eu lhe devia alguma coisa. E ele tinha razão. Ele andara *mesmo* me protegendo. Só ele sabia como eu estava irritada com a Cassie na noite em que ela morreria. Del sabia a verdade. Provavelmente não havia nenhuma terceira pessoa nos rochedos, não no sentido literal. Era só mais uma tentativa, do meu inconsciente de me informar de que uma outra pessoa sabia a verdade, sabia o que eu tinha feito.

Os bilhetes não faziam sentido, nem o fato de eu e Cassie termos ido parar no alto do rochedo, mas que importância tinha aquilo no momento?

Uma comporta de emoções se escancarou, rasgando-me como se eu fosse feita de lenços de papel. Todos aqueles momentos em que eu suspeitara de alguém — Del, Scott, Carson, ou quando acalentei a ideia de que tivesse sido um desconhecido — dançaram diante dos meus olhos.

Meus joelhos batiam, minha respiração saía em ruídos breves e irritantes. Tinha de ser eu: o tempo todo, era eu. Eu tinha um motivo para fazer mal à Cassie, mais do que qualquer outra pessoa, e aquela raiva... Aquela onda terrível de destrutividade em estado bruto continuava dentro de mim. Eu teria mesmo matado a menina? Por causa do *Del*?

Meu Deus, eu nunca tinha me odiado tanto.

Girei nos calcanhares, e as lágrimas borraram minha vista quando apanhei a caixa de música sobre o criado-mudo e a joguei no espelho. Uma nota desarticulada escapou da caixa. O vidro se desfez em dezenas de pedaços cadentes. Eu era aquele espelho, aquela caixa, destruída, fragmentada numa porção de cacos pontiagudos.

A caixa bateu no chão. A pequena bailarina de tutu se partiu, mas a base sobreviveu. Voltou a emitir um som fraco, feito um miadinho.

Um clarão iluminou minha cabeça por dentro, seguido por uma dor lancinante entre as têmporas, como se alguém tivesse enfiado ali uma chave de fenda. Eu me curvei, segurando a cabeça e imaginando se um caco de vidro sádico havia me cortado.

E foi aí que aconteceu.

A vertigem me arrebatou como ondas turbulentas arrebatando na praia e erodindo o litoral. A cada pancada, uma nova lembrança se libertava. Eu, pulando da escadaria na metade do caminho, caindo nos braços de Scott, rindo ao vê-lo berrar comigo. Minha mãe tomou o lugar dele, abraçando nu-apertado enquanto o médico examinava meu pulso quebrado, e suas palavras tranquilizadoras se perderam em minhas lágrimas. E veio outra: eu, sentada, de pernas cruzadas, na casa da árvore, diante de uma versão travessa de Carson aos dez anos de idade.

- *Verdade ou desafio!* — berrei.

- *Desafio.* — *Ele abriu um grande sorriso.* — *Desafio você a me beijar.*

Essa recordação foi levada, dando lugar ao dia em que conheci a Cassie. Eu havia ficado de tal modo fascinada por ela, era como se olhasse para meu próprio reflexo. Nós duas, fugindo dos meninos, rindo ao tropeçar, usando os vestidos e calçando os sapatos da mãe dela. Não parou, retrocedeu no tempo, avançou para os nossos quinze anos, as duas sentadas no quarto dela.

- *Você tem tanta sorte* — *ela disse baixinho.* — *Tem tudo.*

Não entendi aquilo na ocasião, mas eu a tinha visto enfiar uma folha dobrada de papel vegetal no fundo da caixa de música e selar a fenda secreta.

E aí, sumiu, perdeu-se numa maré crescente de lembranças. Minha vida, as coisas que eu havia feito e dito para as pessoas. Tudo aquilo voltou numa enxurrada. A infância passada sempre atrás de Carson e do meu irmão... *Carson*. Uma fatura de emoções me deixou de joelhos. A amizade quase obsessiva que eu tinha por Cassie e como isso havia engolido minha vida inteira. As lembranças do

dia em que fui apresentada ao Del numa festa de fim de ano da empresa, praticamente empurrados um para cima do outro por nossos pais, alfinetaram minha pele e meu coração. Era tão grande a pressão para eu ser perfeita, melhor que os outros. A raiva esvoaçava feito marimbondos irritados no meu peito. Sob aquela fachada, eu sentia tanta raiva e amargura. Estava tão desesperada para conduzir minha própria vida que me tornei a agressora, magoando os outros para poder me sentir melhor, exercer alguma espécie de controle.

Mas eu era má... porque podia. Porque ninguém se atrevia a me impedir. Não havia desculpa alguma para o meu comportamento, para o que eu deixava o Del fazer, por ter permitido que a Cassie tomasse o lugar da minha própria mãe e dirigisse minha vida. Eu havia cometido tantos, mas tantos erros terríveis, mas, naquela noite...

Eu tinha ido á cabana, presa de um misto turbulento de emoções. Acabara de romper com o Del, beijara o Carson, e minha melhor amiga era uma víbora traiçoeira. Mais um torpedo enviado por ela havia me levado ao topo dos rochedos. Tirei o telefone do bolso de trás das calças jeans só para arremessá-lo numa árvore próxima. Estava com tanta raiva, ainda mais irritada pelo fato de ter de abrir caminho pelo mato, no escuro, sem me matar. Eu não sabia o que faria quando botasse as mãos nela, mas, como no caso do Del, a amizade acabaria ali. Roubar minhas roupas e joias era uma coisa, mas meu namorado? Era a gota d água. Não queria mais saber dela.

Mas o que vi quando me aproximei da orla do bosque e os rochedos apareceram não foi algo que eu esperasse ou conseguisse de fato compreender. No entanto, o mais importante foi que eu me lembrei.

Vi o rosto de quem matou a Cassie.

Meu coração trovejava dentro do peito, fazendo o sangue pulsar tão rápido nas veias que meu estômago se revirou e as paredes do quarto pareceram girar desvairadamente.

Eu me lembrei de *tudo*.

Eu tinha ido lá porque Cassie queria. Ela queria que eu visse, e eu vi. *Entendi* por que sua mãe queria que ela ficasse longe de mim; por que Cassie foi atrás do Del e vivia me provocando, *tirando* algo de mim; por que nossa amizade era um monstrinho triste, rancoroso e vingativo que se escondia sob camadas complexas de escombros.

Acima de tudo, me esforçando para ficar de pé, fui tomada pela tristeza, que apertou minha garganta, espremeu meu coração até ele se partir num milhão de pedacinhos nojentos.

Eu mal conseguia respirar, esquecer a ferida aberta e pensar.

Cassie... Coitada...

Eu sabia quem a havia matado.

Fui cambaleando até a escrivaninha, triturando cacos de vidro com meus chinelos. Peguei o celular e acionei um dos contatos. O telefone chamou. Uma. Duas vezes. Cinco. As lágrimas borravam minha vista. Ele não ia atender. Claro que não. Eu o havia acusado de coisas terríveis, e agora que eu me lembrava de ter sido uma bruxa perversa para ele, era a última pessoa para quem eu devia ligar, mas precisava contar para alguém. Eu precisava tirar as palavras de dentro da boca, para que se tornassem reais. Elas mudavam tudo.

Foi a caixa-postal de Carson que atendeu. Fechei os olhos bem fechados e disse:

- Sou eu. Lembrei tudo. Eu sei... Sei quem matou a Cassie.

Não sei o que fazer. Por favor...

A porta do quarto rangeu ao se abrir, e eu ergui os olhos. Meu coração pulou na garganta e meus dedos se cravaram no telefone Fininho. O vulto tomou toda a porta: o mesmo vulto que eu vira em todas aquelas lembranças, olhando para mim de cima, eu deitada lá nos rochedos, tocando meu pulso,

procurando os batimentos cardíacos. O homem misterioso que me apossava era real. Talvez não no banco traseiro do carro, mas eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele havia estado no bosque, me observando, tirando minha bolsa e o bilhete do carro depois do acidente. Ele teria me abandonado duas vezes, me imaginando morta?

Senti uma dor no coração diante de tamanha traição.

- Pai? — resmunguei, tonta.

- Desligue o telefone, Samantha.

Não seria uma boa ideia desligar o telefone. Ficar parada ali era idiotice, mas eu estava paralisada. Estremeci quando meu pai veio na minha direção, lançando um olhar de relance para o espelho e a caixa de música quebrados. Ele arrancou o telefone da minha mão cerrada e desligou.

- Para quem você ligou, Samantha? — ele perguntou, enfiando o celular no bolso de trás.

- Ninguém — respondi, recuando.

Ele fez uma careta.

- Não minta para mim. Sei que estava falando com alguém. Quem era?

De jeito nenhum que eu ia contar para ele. Fechei a boca, rezando para Carson resolver escutar a mensagem e entender que era preciso chamar a polícia. Esperança ínfima, considerando que ele provavelmente apagaria a mensagem sem ouvida e, mesmo se ouvisse, ele ligaria de volta, e meu pai estava com o telefone.

- Era o Carson, né? Por quê, princesa? Por que tinha de envolvê-lo? — Esfregou as sobrancelhas, soando decepcionado, como se tivesse saído e ficado fora até mais tarde do que devia. — Vamos... Vamos ter de resolver isso; Posso dar um jeito nele.

Fui trespassada pelo medo.

- Dar um jeito nele?

Meu pai me lançou um olhar tenebroso, e eu me encolhi toda.

- Eu não saí da sarjeta e me tornei o homem que sou hoje só para perder tudo. Sacrifícios... foram necessários ao longo do caminho.

Doido... Ele parecia um doido falando.

Sacrifícios? Cassie foi um sacrifício? E eu?

- Samantha...

- Por que você a matou? Ela era...

- Eu a matei? — Ele balançou a cabeça. — Você não entende.

- Eu me lembro! — A dor e o pânico em minha própria voz me espantaram. — Vi você. Você a empurrou e...

- E ela escorregou e caiu! Bateu a cabeça nas malditas pedras! Foi um acidente, Samantha. Nunca quis que ela se machucasse. Ela simplesmente não queria me escutar! — Ele deu um passo para trás, passando as mãos pela cabeça, puxando as pontas dos cabelos. — Desde o dia em que você a trouxe para casa, voltando da escola, eu sabia que ela seria um problema. E fiz de tudo para separar vocês duas.

Fora as poucas vezes em que ele havia mencionado não gostar da nossa amizade, agora eu me lembrava. O desinteresse que ele demonstrara por minha nova amiga. Não a deixava passar a noite lá em casa, brigava com minha mãe — coitada, tão inocente — quando ela o desautorizava e deixava Cassie ficar. Os anos que ele tinha passado se esquivando da Cassie, evitando-a por completo quando ela estava por perto ou até mesmo quando falávamos dela.

Eu tinha vontade de vomitar.

- Sente-se.

Meu corpo travou e meus olhos dispararam freneticamente por todo o quarto.

Sente-se, Samantha. — O tom de voz era de quem não admitia discussão, e eu me sentei na beirada da cama, tremendo. — Você precisa me escutar. O que aconteceu com a Cassie foi um acidente. Tem de acreditar em mim, princesa. Nunca quis que ninguém se machucasse.

As lágrimas corriam pelo meu rosto. Os pensamentos se entrecortavam vertiginosamente e o pavor estabeleceu uma ponte aérea por todo o meu corpo. Eu precisava encontrar uma saída e, mesmo ele sendo meu pai, Cassie merecia que se fizesse justiça. Meu Deus, ela merecia muito mais do que sua vida havia se tornado.

Ele veio na minha direção, mas parou quando eu me encolhi. — E, principalmente, nunca quis que você se machucasse. Eu nem sequer sabia que você estava lá, até ser tarde demais.

Ergui o olhar e vi o rosto de um verdadeiro estranho. Um homem que eu nunca havia conhecido de fato, capaz de deixar uma filha para morrer depois de matar a outra.

- Ela era minha irmã.

- Meia-irmã — ele me corrigiu veementemente. — Uma noite, Samantha, uma noite com a mãe dela não faz de Cassie sua irmã.

- Mas ela era sua filha!

Ele se agachou na minha frente, inspirando fundo.

- Você é minha filha. Cassie... Cassie foi um erro.

Eu chacoalhei a cabeça e me afastei, ainda sentada na cama. Um olhar tenebroso e terrível passou rapidamente por seu rosto.

Cate e eu concordamos em manter nosso caso em segredo. Ela entendia quanto eu podia perder se sua mãe um dia descobrisse. Joanna pediria o divórcio e eu perderia tudo, Samantha: casamento, emprego, tudo pelo que trabalhei!

E as peças de um quebra-cabeça horrendo foram se encaixando, uma depois da outra. O acordo pré-nupcial: sem dúvida havia uma cláusula sobre traição que deixaria quem tivesse um caso com uma mão na frente e outra atrás. E meu pai não tinha nada sem minha mãe e o dinheiro dela.

- Não sei como a Cassie descobriu — ele continuou, levantando-se devagar. Meus pensamentos se voltaram para a caixa de música e a fenda secreta. — Mas descobriu. Ela queria que eu reconhecesse que era o pai dela, mas você sabe disso. Estava lá nos rochedos naquela noite. Ouviu tudo.

Cassie havia implorado que ele a amasse, que fosse seu pai e lhe desse tudo o que dera a mim. E eu lá, escondida atrás da árvore, assistindo a todo aquele drama. Em retrospecto, não senti medo na ocasião. Só a maldita raiva por saber que meu pai havia traído, assim como o Del, e, mais uma vez, Cassie era o pivô de tudo. Uma parte de mim chegara a sentir alívio quando meu pai se recusou, pedindo que ela entendesse que ele nunca poderia admitir publicamente que era o pai dela.

Ela não desistiu, e pode ser que tenha sido um acidente o que aconteceu. As pedras eram escorregadias e estava escuro. De qualquer maneira, eu vi meu pai empurrá-la, e ela escorregou. As

pedras ficaram vermelhas de sangue, exatamente como na minha primeira lembrança. E fui tomada mais uma vez pelo pavor que tinha sentido ao ver meu pai se ajoelhar sobre o corpo caído.

- Ela estava morta — meu pai falou, observando minha expressão. Eu verifiquei. O crânio... Ela estava morta e eu entrei em pânico.

O susto havia me paralisado. Só revelei que estava ali quando ele ergueu a Cassie... A raiva sufocou parte do medo.

- Você a atirou do rochedo como se fosse lixo!

Ele se retraiu.

- Não havia nada que eu pudesse fazer! Seria melhor todos pensarem que foi um acidente. E foi mesmo! — Os pés dele triturraram o vidro quando ele deu um passo para o lado, bloqueando a porta. — E aí você saiu correndo de trás das malditas árvores. Eu não sabia que você estava lá, não esperava que Cassie tivesse planejado que você ouvisse tudo. — A voz dele talhou. — E você escorregou nas rochas molhadas e no...

- Sangue dela — sussurrei, lembrando-me de ter gritado o nome dela, e do pavor que senti quando meus pés escorregaram, do céu capotando, do chão vindo em minha direção.

- Você caiu da beirada — a voz dele saiu rouca.

- E você me deixou lá para morrer.

A mágoa era tão profunda que cheguei a pensar que me afogaria nela.

- Não! Não. — Ele avançou, me segurando os ombros e me dando um chacoalhão. — Eu desci o penhasco e me certifiquei. Juro, achei que você não estivesse respirando. Tomei seu pulso. Não senti as batidas, e você não parecia estar respirando, e havia tanto sangue. Filhinha, pensei que você tivesse morrido.

Estremeci. Na noite em que eu havia descoberto que era eu mesma quem escrevia os bilhetes... O pesadelo que havia me feito acordar era eu me lembrando do meu pai.

Você poderia ter chamado a polícia! Poderia ter feito alguma coisa!

- Eu estava em pânico! - ele berrou, e seus dedos se cravaram nos meus ombros. - Achei que você também estivesse morta. E simplesmente entrei em pânico.

Tentei me livrar dele. O contato com suas mãos me deixava arrepiada. Ele era meu pai, tínhamos o mesmo sangue, mas ele havia cedido ao pânico e me *abandonado*.

- Em nenhum momento depois daquilo você pensou em chamar a polícia? Nem uma única vez durante todo o tempo que passei desaparecida?

Ele me olhou direto nos olhos.

- Peguei seu celular e não consegui...

- Você...

Foi aí que me ocorreu, e eu gritei. Não foi o caso de ele não *conseguir* ligar para a polícia passado o pânico. Ele não quis. O mal já estava feito e o risco era enorme. A verdade sobre seu caso extraconjugal teria vindo à tona e ele perderia tudo, isso se não o tivessem indiciado pela morte acidental de Cassie.

O dinheiro era mais importante para ele. Ura relacionamento com a própria filha não tinha sido o suficiente, e muito menos minha vida.

- Acho que vou vomitar — murmurei.

Os dedos do meu pai se afrouxaram.

- Sinto muito.

Uma pequena parte de mim acreditava nele, porque dava para ouvir o arrependimento em sua voz.

- O que passou pela sua cabeça quando me encontraram?

Baixando os olhos, ele não respondeu. Meu corpo todo estremeceu, abalado por mais um soluço.

- O que teria feito se eu me lembrasse de tudo na ocasião? - eu disse com a voz entrecortada, tentando me livrar das mãos dele. — O que vai fazer *agora*?

- Eu torcia para você não se lembrar, mas aí você começou a fuçar nas coisas, a escrever aqueles bilhetes, tentando descobrir o que tinha acontecido. — Ele parecia tão decepcionado, como se eu tivesse falhado com ele. — No dia em que foi aos rochedos, eu a segui.

Pavor e fúria se digladiavam dentro de mim para ver qual chegava a níveis mais elevados. Cerrei os punhos.

- Eu pensei que estava louca! E você simplesmente deixou que eu acreditasse nisso.

- Eu não podia contar a verdade. Você precisa entender.

- Meu pai balançou a cabeça. — Eu não estava dentro do carro, ftilhinha. Você sofreu um ataque de pânico ou algo assim, mas encontrei o bilhete e fui eu quem reporteí o acidente.

Como se isso melhorasse alguma coisa, como se o redimisse. Ele havia matado a Cassie acidentalmente e aí tinha me deixado para morrer... só para que continuasse com seu patético estilo de vida.

Ele levou uma das mãos ao meu rosto, e o asco revirou minhas entranhas.

— Você é minha menininha, princesa.

Cassie também era, mas isso não teve a menor importância. Algo se moveu atrás dele. Por cima do ombro do meu pai, vislumbrei a porta se entreabrindo. Uma sombra comprida e delgada se estendeu no chão. Fiquei sem ar ao ver uma perna de calça jeans aparecer e, em seguida, dedos bronzeados segurarem a porta.

Carson.

Eu me concentrei no meu pai, engolindo em seco e com força.

— Por que deu a ela a mesma caixa de música se não queria que ela soubesse?

Apanhado de surpresa pela pergunta, ele piscou.

- Eu dei a caixa de música para a Cate há tanto tempo. — Um sorriso apagado separou seus lábios. — Mandeí fazer as caixas na Filadélfia. Eram exclusivas. Coisa mais idiota e sentimental. — Aí ele deu risada, e o som saiu entrecortado e estridente. — Como eu ia saber que vocês duas seriam amigas um dia? Cate deixou a cidade. Nunca imaginei que ela voltaria. As caixas...

Movendo-se em silêncio atrás de nós, Carson se espremeu para passar entre a porta e a parede. Seus olhos estavam fixos em nós, eu não tinha ideia do que ele planejava fazer. Eu queria que ele saísse correndo, pois sabia que meu pai tinha armas de fogo em casa. Talvez tivesse uma pistola com ele naquele momento.

Se Carson saísse ferido daquela história toda...

- Sinto muito. — A mão do meu pai passou do meu rosto para o meu pescoço. — Nunca quis que nada disso acontecesse.

Fui sacudida por mais um estremecimento.

- Por favor, não...

Carson pisou num caco de vidro. O barulho ressoou feito um tiro de espingarda. Meu pai girou nos calcanhares, e tudo aconteceu tão rápido. Pulei quando Canon avançou correndo como se fosse derrubar meu pai, mas... Meu pai se moveu depressa. Feito um raio, para falar a verdade. Ele apanhou alguma coisa no chão e foi ao encontro de Carson.

Ouvi um berro de dor, e Carson cambaleou para trás. O sangue jorrava de seu ombro esquerdo quando ele bateu na parede. Um grito se formou em minha garganta e transbordou. Meu pai arrancou o caco de vidro do ombro de Carson e se preparou para desferir mais um golpe.

Eu nem sequer pensei no que estava fazendo.

Avancei correndo, agarrei a base pesada da caixa de música quebrada e, com mais um grito que brotou de algum lugar bem lá no fundo de mim, dei com ela na nuca do meu pai.

O caco ensanguentado de vidro caiu da mão do meu pai e suas pernas cederam. Ele desabou feito um saco de papel.

Dei um passo para trás, ainda segurando a caixa de música. — Pai? — sussurrei.

Ele não se mexeu.

Será que... eu o havia matado? Contornei seu corpo, cheguei ao Carson.

- Você está bem?

De rosto lívido e deformado, ele fez que sim e pressionou a ferida com uma das mãos.

- Não foi fundo. Pensei... que ia salvar você. — Ele deu uma risada seca e assustada. — Caramba, Sam, caramba...

Larguei a caixa no chão e coloquei uma das mãos sobre a dele. O sangue brotava por entre seus dedos, e isso revirou meu estômago.

- Sinto tanto, tanto.

- Pare com isso. - Ele segurou minha outra mão e se afastou da parede, me empurrando na direção da porta. — Você não tem culpa de nada. Precisamos chamar a polícia, mas vamos... sair daqui primeiro.

Juntos, saímos correndo do quarto e seguimos pelo corredor. Não tirei os olhos de cima dele o caminho todo. A ferida não parecia muito feia, mas o sangue continuava descendo por sua camisa cinzenta. Meu pai havia tentado atingi-lo na garganta, mas Carson foi salvo por seus reflexos. E ele muito provavelmente me salvara só pelo fato de ter aparecido. Eu ficaria feliz em passar o resto da minha vida grata por isso.

Em algum momento, meu cérebro havia se desligado e o instinto tomara as rédeas. Saia. Chame a polícia. Ache alguém para tratar o Carson. Era só nisso que eu conseguia pensar. Ele se encostou em mim e soltou o peso para poder tirar um celular do bolso.

Chegamos à porta lá embaixo, meu coração batia forte quando meus dedos se fecharam em volta da maçaneta fria.

- Parem!

Nós nos viramos. Meu pai descia a escadaria e, lá estava, a pistola, na mão dele, apontada para nós. Carson me empurrou para trás, contra a porta, usando seu corpo para me proteger.

- Não! — gritei, me esforçando para tirar Carson do caminho. Pai, não faça isso!

Ele atravessou *ofoyer*, com o braço trêmulo.

- Nada disso deveria ter acontecido! Você tem que acreditar em mim, princesa. Nunca quis que a Cassie morresse. Que você...

A arma disparou e eu gritei, abraçando a cintura de Carson. Eu esperava vê-lo tombar e cair, e o pavor de perdê-lo foi tão real que cheguei a sentir o gosto na boca.

Mas ele não caiu. Só se virou ligeiramente, tentando me afastar dali, e não entendi por quê. Eu era só confusão quando consegui dar um passo para o lado.

Meu pai estava esticado no assoalho, com a cara no chão. Uma mancha vermelha bem no meio das suas costas se espalhava rapidamente. Erguendo a cabeça, vi minha mãe de pé atrás dele, segurando um dos fuzis de caça do meu pai.

Fiquei sentada nos degraus da varanda da frente durante um bom tempo, entorpecida depois de responder a tantas perguntas. Fiquei sabendo que minha mãe havia voltado do encontro e corrido para pegar a arma quando me ouviu gritar lá em cima. Não sei o que teria passado pela cabeça dela ao ver meu pai apontando uma pistola para mim e para Carson, só sei que ela reagira. Ela tinha me protegido sem pestanejar. Não fez perguntas. Não hesitou.

Pessoas iam e vinham, tentavam falar comigo, queriam ver se eu estava bem. As luzes piscavam sem parar. Azul. Vermelho. Azul. Eram tantas vozes me encurralando. A atividade era intensa por toda parte, mesmo depois de levarem meu pai correndo para o hospital.

Estava vivo na ocasião, mas, naquele momento, eu não sabia.

Levando os joelhos ao peito, tentei me tornar o mais pequenina possível. A polícia ainda nos mantinha separadas, minha mãe e eu. Carson havia desaparecido numa multidão de socorristas e policiais. Será que o tinham levado para o hospital? Ele estava bem?

Eis que da massa de gente surgiu um vulto familiar, vindo na minha direção, e eu ergui os olhos, surpresa ao ver que ele ainda estava ali. Fora a atadura no ombro, ele parecia ótimo.

— Foi só um arranhão — ele disse, largando o corpo ao meu lado e me abraçando com o braço bom. Atordoada, reparei que meu pai não havia ferido o braço com que Carson arremessava nem estragado seu futuro. — tenho que ir ao hospital, mas precisava ver você primeiro. Tive que convencer um pess...

Eu me inclinei e o beijei intensamente.

— Obrigada.

Ele me beijou de leve na têmpora, sussurrando alguma coisa no meu ouvido, mas não escutei o que era. Houve um altear de vozes, e Scott apareceu naquele caos completo, lívido de susto, andando a passos largas em nossa direção até ser barrado pela polícia e encaminhado para o lugar onde estavam interrogando minha mãe.

Fui tomada por um estremecimento e me virei para Carson, enterrando a cara no peito dele. O que eu devia dizer ao Scott? Como esquecer uma coisa como aquela? O que meu pai havia feito, o que ele

havia planejado fazer comigo e com Carson me deixava um gosto amargo na boca.

Se meu pai sobrevivesse à cirurgia, não sei se eu ia querer saber.

A mão de Carson percorreu toda a minha espinha, me tranquilizando, apesar do tremor em seu braço. As lágrimas não paravam, mas não eram motivadas só pela tristeza: havia também um pouco de alívio. A verdade finalmente viera à tona e talvez aquilo desse um pouco de paz à família da Cassie.

Talvez um dia me desse um pouco de paz também.

Carson afastou os cabelos que cobriam parte do meu rosto.

- Tudo bem. Está tudo bem.

E ficaria tudo bem. Um dia.

Epílogo

Uma coisa em nada havia mudado, antes de Cassie morrer ou naquele momento: eu não tinha a menor paciência.

Trocando de pé, eu observava a contagem regressiva no micro-ondas feito uma ave de rapina. Mesmo quando o conteúdo do forno começou a pipocar numa sucessão veloz, ainda assim não era rápido o bastante.

Eu detestava perder os *trailers*, mesmo que fosse um DVD.

Quando os estalidos começaram a ficar espaçados, tirei o saco do micro-ondas e passei a pipoca para uma grande tigela que me aguardava em cima da bancada. Aninhando a delícia amanteigada junto ao peito, eu me virei. Fios de cabelo escapavam do meu rabo de cavalo todo bagunçado, emoldurando meu rosto.

Minha mãe estava recostada no bar da cozinha com uma garrafa de água nas mãos. Ela não tocava em nada alcoólico desde aquela noite. Eu não poderia culpá-la se o fizesse, mas ela havia se tornado uma pessoa mais forte. A mídia foi à loucura assim que a coisa virou notícia e não havia mais como minha mãe se preocupar com o que os amigos diriam. E não acho que ela realmente se preocupasse,

Um sorriso hesitante repuxou-lhe os lábios. As sombras cinzentas sob seus olhos não eram mais tão escuras quanto chegaram a ser nas semanas que se seguiram à prisão e ao indiciamento do meu pai. Ele havia sobrevivido ao tiro e se declarado culpado de homicídio culposo e mais um montão de outras acusações. De quinze anos a perpétua não parecia muito tempo, considerando-se que a vida de Cassie tinha sido levada tão cedo. Eu realmente não sabia o que sentir em relação ao meu pai. Acho que nunca soube o que deveria sentir por ele.

- Vai ver um filme? — minha mãe perguntou.

- É, já vai começar — falei, acenando afirmativamente com a cabeça.

- Então não vou segurar você aqui — ela disse, dando um passo para o lado.

Fazia um mês desde que eu havia me lembrado de tudo, desde o dia em que minha mãe dera um tiro no meu pai, impedindo-o de calar a verdade para sempre. As coisas não andaram às mil maravilhas.

Naqueles dias, houve momentos em que eu não me lembrava direito das coisas, e a frustração me açoitava, transformando-se rapidamente em raiva.

Ou os momentos em que eu não parava de pensar na Cassie e nos detalhes horrendos da noite de sua morte. Ela só queria o que eu tinha: um pai de verdade, Eu queria poder voltar no tempo sabendo o que sabia agora e ser uma amiga melhor.

No dia seguinte, ela faria dezoito anos. Eu tinha a intenção de visitar seu túmulo... com a mãe dela. Era estranho fazer algo assim depois do tapa que ela tinha me dado, mas, alguns dias depois de a coisa toda ter acontecido, eu havia me lembrado da caixa de música.

Com Scott no meu encalço, eu tinha ido à casa de Cassie e, relutante, a mãe dela me deixara entrar. Como eu suspeitava, Cassie havia escondido uma coisa importante na caixa de música. Foi na época em que ela não me deixava sequer encostar na caixa.

A caixa de música guardava sua certidão de nascimento.

A mãe da Cassie não fazia ideia de como a filha conseguira aquilo, mas foi ver o nome do meu pai relacionado como pai dela que havia desencadeado tudo. Acho que meu pai nunca soube que seu nome estava na certidão de nascimento da Cassie.

Ter nas mãos a prova de quem Cassie era de verdade, para mim, Scott e toda a nossa família, foi mais difícil do que eu esperava. Eram tantos “e se”: e se Cassie tivesse me contado antes, e se meu pai tivesse simplesmente dito a verdade e aceitado a Cassie. Tantas coisas teriam sido diferentes.

Eu tinha parado de tomar os remédios, mas ainda me consultava com o doutor O’Connell uma vez por semana. Não deixava bilhetes para mim mesma, mas acordava várias vezes molhada de suor e gritando feito uma carpideira. Eu levaria um bom tempo até voltar ao normal, mas Scott estava ao meu lado naquelas noites, e minha mãe também.

Deixei a tigela de pipoca de lado, fui até minha mãe e a abracei.

- Amo você.

Ela devolveu o abraço, rígida. Não foi o melhor dos abraços, mas estávamos nos esforçando. Nossa relação não era lá essas coisas antes de tudo acontecer, mas eu imaginava que dali em diante só poderia melhorar.

— Também amo você. — Ela afastou os fios soltos de cabelo da minha testa. — Vá. Vá se divertir.

Sorrindo, desenrosquei meus braços e peguei a tigela, Ela me seguiu com os olhos, mas não fez nenhum comentário a respeito das minhas calças de moletom gigantes ou da camiseta que já tinha conhecido dias melhores. Ela melhorava um pouco a cada dia.

Fui correndo de um cômodo a outro, virando à direita. Desci a escada dois degraus de cada vez. Ouvi risos e o burburinho de uma conversa. Alguém tinha pausado o filme para mim. Acho que eu sabia quem.

Sem conter o sorriso que se espalhou pela minha boca, contornei o sofá modulado, passei por cima de um par de pernas compridas vestindo jeans e me larguei no estofado.

Scott esticou o braço e arrancou a tigela de pipoca da minha mão.

- Valeu — ele disse. — Você é o máximo.

Julie deu uma risadinha e encheu uma das mãos de pipoca.

- Não é lá grande coisa, considerando-se a companhia.

- Que seja — ele desconversou, jogando algumas pipocas nela.

Vendo-os desperdiçar pipoca, eu me afundei no sofá e aspirei o cheiro que sempre fazia meu coração disparar: perfume cítrico e sabonete.

O braço atrás de mim deslizou pelo encosto do sofá e envolveu meus ombros, Ele me puxou para perto e baixou a cabeça, roçando a curva do meu pescoço com os lábios ao sussurrar:

- Senti saudade.

Comecei a sentir um aperto no peito, mas a sensação era boa. Inclinei a cabeça para trás e topei com aqueles olhos tão azuis que me lembravam eletricidade.

- Fiquei só cinco minutos fora.

- Então — Carson talou, baixando a cabeça. — Mais que o suficiente.

- Que meigo! — Scott resmungou.

Julie lhe deu um tapa.

- Calado! Você me fala coisas ainda mais melosas quando não tem ninguém por perto. A diferença

é que ele tem os colhões de dizer na nossa frente.

Gargalhei.

- Que seja. Eu tenho colhões — argumentou Scott. — Você sabe exatamente de que tamanho eles...

- Ninguém quer saber, cara — Carson o cortou, mas seus olhos estavam fixos em mim, como se eu fosse todo o seu mundo.

- Concordo — murmurei, estendendo o braço e correndo meus dedos pelos cabelos que se encaracolavam em sua nuca. Seus olhos se iluminaram e eu senti um calorzinho na barriga. — Beijo?

- Beijo.

Ele encostou a boca na minha e, mesmo sendo um beijo terno e nada parecido com o que ele costumava fazer quando estávamos a sós, fiquei sem ar e contraí os dedos dos pés. Sempre que nos beijávamos era como a primeira vez, todas as vezes. Não havia nada igual neste mundo.

Eu tinha certeza absoluta de que nunca haveria nada igual,

- Certo. A hora que vocês pararem de se pegar aí, podemos ver o filme? — Scott perguntou, com um ligeiro tom de irritação.

Os lábios de Carson se abriram mim sorriso ainda em contato com os meus. Ele me roubou um beijo rápido antes de se recostar.

- Ok, pode começar.

De rosto vermelho, eu me aconcheguei junto ao Carson, abraçando-lhe a cintura, Seus dedos se enroscaram nos fios soltos dos meus cabelos. O filme foi acionado com um clique, os *trailers* começaram.

As coisas não estavam às mil maravilhas, Estavam longe, bem longe disso, mas seguiam caminho, e eu não ia olhar para trás. Não com tantas coisas boas no futuro.



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES